

água da fonte

Revista da Academia
Passo-Fundense de Letras
Anos 14/15/16/17
Números 16/17/18/19
Junho de 2021
R\$ 25,00



Colina da



Av. Brasil Oeste, 792
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Gilberto R. Cunha

Vice-presidente:

Agostinho Both

Secretário-geral:

Paulo D. S. Monteiro

1º Secretário:

Antonieta Rovena G. Dias

2º Secretário:

Marcos A. B. de Andrade

1º Tesoureiro:

Luís Lopes de Souza

2º Tesoureiro:

Francisco Mello Garcia

Membros:

Adelvino Parizzi
Alberto A. Rebonatto
Carlos Alceu Machado
Carlos A. Madalosso
Daniel Viuniski
Dilse Piccin Corteze
Diógenes Luiz Basegio
Elisabeth Souza Ferreira
Elmar Luiz Floss
Fernando S. de Miranda
Getulio Vargas Zauza
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisboa
Irineu Gehlen
Ivaldino Tasca
Jabs Paim Bandeira
José Ernani de Almeida
Júlio César Perez
Luiz Juarez N. de Azevedo
Luiz Carlos Tau Golin
Marilise Brockstedt Lech
Marisa Potiens Zilio
Mauro Gaglietti
Odilon Garcez Ayres
Osvandré Lech
Pia Helena Borowski
Ricardo José Stolfo
Sueli Gehlen Froisi
Romeu C. A. Gehlen
Santina R. Dal Paz
Santo Claudino Verzeleti
Welci Nascimento

Editorial

APLetras, 83 anos em 7 de abril de 2021

A Academia Passo-Fundense de Letras (APLetras), fundada em 7 de abril de 1938, completou 83 anos de existência em 7 de abril de 2021. E, tal qual no ano anterior, em respeito ao isolamento social que ora vige em nosso País, o velho casarão da Avenida Brasil Oeste, n.º 792, não abriu a porta mais alta do Rio Grande do Sul para, conforme a tradição que lhe é cara, recepcionar convidados e brindar a data magna. E, tampouco, como de costume, prestou a sua reverência, com a entrega da Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri, a quem contribuiu para o desenvolvimento da cultura local e de direito fez por merecer esse reconhecimento.



O momento difícil que ora estamos vivendo, sob a égide da pandemia da Covid-19, como tudo na vida, passará. E, então, retroativamente, comemoraremos da forma devida os aniversários de 82 e de 83 anos dessa instituição, cuja relevância dispensa discursos laudatórios e pode ser atestada, simplesmente, pela longevidade. **NENHUMA ORGANIZAÇÃO QUE NÃO TENHA RELEVÂNCIA SOBREVIVE 83 ANOS!** Assim, ainda isolados pelas circunstâncias, conclamamos aos amantes das letras e da cultura, que, simbolicamente, ergam um brinde pelos 83 anos da Academia Passo-Fundense de Letras.

O segredo da longevidade da Academia Passo-Fundense de Letras foi, nos

últimos 83 anos, ter sabido respeitar a pluralidade, seja de credos políticos ou religiosos, de paixões clubistas ou interesses de corporações profissionais, que, historicamente, grassaram e ainda grassam entre os ocupantes das suas 40 cadeiras. A **INDIFERENÇA ÀS DIFERENÇAS** (excluindo-se aquelas que avultam à dignidade da pessoa humana; evidentemente) sempre foi um valor muito caro para a instituição. E cabe a cada membro desse sodalício, que hoje ostenta a honorável distinção de acadêmico, zelar para que continue sendo assim; apesar do momento propício a cismas das mais variadas naturezas.

Não, a Academia Passo-Fundense de Letras não esteve paralisada em 2020. E nem estará em 2021! Ações que não dependiam de encontros presenciais foram realizadas, estão e continuarão a ser levadas adiante em 2021, pela intermediação de plataformas online, enquanto persistir a pandemia da Covid-19 e seus riscos inerentes. A edição de edição da revista **ÁGUA DA FONTE** que ora está sendo publicada é fruto desse esforço.

São poucas as instituições, no Brasil e no mundo, que atingem a longevidade de 83 de existência. Vida longa para a Academia Passo-Fundense de Letras!

GILBERTO R. CUNHA
Presidente APLetras

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 14/15/16/17, n. 16/17/18/19, jun. 2021

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras
Anos 14/15/16/17 – Números 16/17/18/19 – Junho de 2021

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo D. S. Monteiro

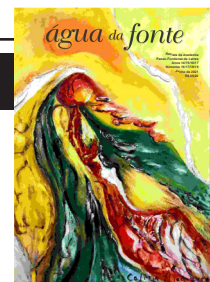
Capa: Celina Scussel Madalosso (Vitória, óleo em madeira com textura, tamanho 40 cm x 30 cm)

Arte-final e diagramação: Everaldo Lemos Siqueira

Fotos: arquivos APLetras, IHPF e autores

Tiragem: Edição Online (PDF).

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



O Poeta Serrano

Tenebro dos Santos Moura (1906-1994), no grupo dos poetas gauchescos, quer seja pelo vocabulário ou pela temática que versejou, é o arquétipo do Poeta Serrano. Tenbro foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras e é autor de um livro: QUERÊNCIA.

Tenebro dos Santos Moura: O POETA SERRANO, o livro, lançado como parte das comemorações da Semana do Município de Passo Fundo, em 2018, é um tributo da Academia Passo-Fundense de Letras à memória e à obra daquele que, seguramente, foi, e ainda é, o mais importante poeta gauchesco de Passo Fundo.



Visita do presidente da Academia Rio-Grandense de Letras



O presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, Rafael Ban Jacobsen, participou da sessão solene de encerramento do Ano Acadêmico 2018, realizada na sede da APLEtras, em 14 de dezembro de 2018.

80 anos da APLEtras

Os 80 Anos da Academia Passo-Fundense de Letras foram comemorados com um jantar de confraternização entre os acadêmicos e seus familiares. O encontro, realizado no dia 22 de novembro de 2018, foi no restaurante Mangos.



(FOTOS: ARQUIVO APLETRAS)

Sante Uberto Barbieri 2019: Mirian Postal



A artista plástica Mirian Postal Garbelotto, pela reconhecida contribuição à cultura de Passo Fundo, foi agraciada com a Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri, concedida anualmente pela Academia Passo-Fundense de Letras. A cerimônia de entrega foi realizada no dia 5 de abril de 2019. Na ocasião, também receberam a Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira: Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Santo Claudino Verzeleti e José Ênio Serafin.

Requiescat in pace

Não podemos ignorar, todavia, as perdas de pessoas queridas nesses tempos difíceis. Entre tantas: as mortes do acadêmico André Agostini (Dedé) e do ex-acadêmico Bona Garcia. Antonieta Rovena Gonçalves Dias teve de suportar a perda do amado Vilson Sebastião da Luz, Ivaldino Tasca do irmão Ivo Tasca, Marisa Zilio do neto Benício, Adelvino Parizzi do filho Rogério e, ainda, em 2021, as mortes dos casais de amigo da APLEtras, Édison e Clea Nunes e Tânia e Pedro Du Bois. Os nossos respeitos aos que sentiram mais intensivamente a dor dessas perdas.

Diretoria 2020-2022

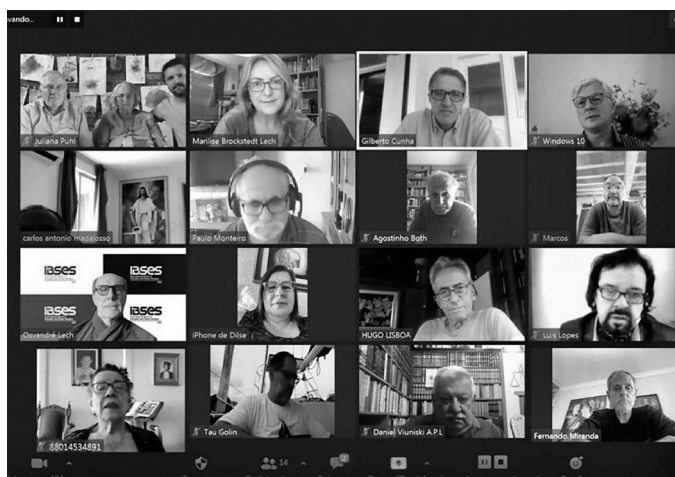
Em eleição realizada na sede do sodalício das letras locais, em 7 de dezembro de 2019, foi eleita, por unanimidade, a diretoria que comandará a agremiação no biênio 2020-2022: acadêmicos Gilberto Cunha (presidente), Agostinho Both (vice-presidente), Paulo Monteiro (secretário-geral), Antonieta Rovena (primeiro secretário), Marcos de Andrade (segundo secretário), Luis Lopes de Souza (primeiro tesoureiro) e Francisco Mello Garcia (segundo tesoureiro). E para a Comissão de Conatas e Patrimônio: acadêmicos Adelvino Parizzi (presidente), Alberto Rebonatto (relator), Ivaldino Tasca (conselheiro titular) e, como suplentes, Marilise Lech, Marisa Zilio e Osvandré Lech.

Encontros com os candidatos a prefeito



Em 2020, por intermédio da Plataforma Zoom, a Academia Passo-Fundense de Letras teve a oportunidade de apresentar sugestões e discutir com os candidatos a prefeito de Passo Fundo as suas propostas de governo, especialmente para a esfera cultural. Atenderam ao convite do sodalício, os candidatos: Pedro Almeida (03/10/2020), Márcio Patussi (10/10/2020) e Juliano Roso (17/10/2020).

Sarau de Natal da APLetras



Para encerrar o Ano Acadêmico 2020, no dia 19 de dezembro, o Sarau de Natal da APLetras. Na ocasião, os acadêmicos, livremente, puderam expressar as suas emoções sobre o difícil ano de 2020 para o mundo.

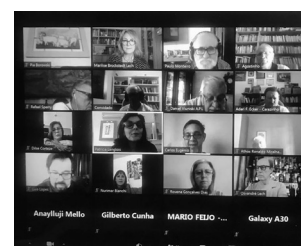
34ª Feira do Livro de Passo



A Academia Passo-Fundense de Letras participou da 34ª Feira do Livro de Passo Fundo. A APLetras assumiu o painel LITERATURA EM FOCO, levado ao ar, no dia 2 de dezembro de 2020, pelos canais da Feira do Livro no Facebook e no YouTube. Participaram do painel os acadêmicos Gilberto Cunha, Agostinho Both, Marilise Lech e Dilse Corteze.

Academias de Letras em tempos de pandemia

A Academia Passo-Fundense de Letras organizou uma Webinar para discutir o tema ACADEMIAS DE LETRAS: OS SEUS PROPÓSITOS E SUAS AÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA. Llevada a cabo no dia 24 de outubro de 2020, contou com a participação do presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, Rafael Ban Jacobsen, da direção do Instituto Estadual do Livro e de representantes de academias de letras do Estado.



Sumário

Madeireiros e construtores, pelos pincéis de Klenia Sanchez.....	5
EENAV - 90 anos.....	7
A aviação comercial em Passo Fundo.....	9
Pandemia.....	11
Você sabe o meu valor.....	13
Os três as da comida: alimento, afeto e arte.....	14
Tudo se vincula ao magistério da lei e ao império da justiça.....	16
IOT celebra 40 anos de ensino no HSVP	17
Dourada flor.....	20
Roberto Rossato e o Plantio Direto no Brasil	21
Marear	22
Sérgio Lângaro - Amor à Medicina	23
Atualidade de Alberto Pasqualini.....	24
Passo Fundo das Missões:.....	27
Estudo Histórico do Período Jesuítico	27
Por isto que sou de maio.....	29
Gaúcho Doador. Doe Sangue, mostre teu valor!	30
Um Psit em nossa vida.....	35
Tributo aos Du Bois.....	36
Tributo a Édison Nunes.....	37
Escolhendo poesias.....	38
A Pesquisa.....	40
Para o Dedé.....	43
Clube Social e Político Pinheiro Machado - O Clube.....	44
Maria Lagartixa.....	46
Wifi	46
Palavras incentivadoras	47
Comenda Francisco Antonino Xavier e Oliveira – 2019.....	48
Muita luz, olhos e ouvidos abertos para a ampliação do horizonte de expectativas!.....	48
Sem o domínio dos sentidos.....	52
Sem ofensas ao Senhor.....	56
Política e jornalismo estudantil na década de 1950.....	59
Artista da capa:.....	63
Celina Scussel Madalosso	63
O advogado, o juiz, o bispo e a música do Maracanã.....	64
Devaneios de um amante só.....	65
O Camões para Chico Buarque.....	66
Deus e a humanidade.....	67
O menino que queria	69
ser médico.....	69
Passo Fundo se despede do fotógrafo Olir Tamagnone.....	73
Apontamentos sobre a Belle Époque passo-fundense.....	75
Como usar melhor o tempo.....	78
O barbeiro de Borges.....	79
Dois mil e vinte.....	81
Pandemia do ão.....	81
Relatório: Minha história acadêmica e a gestão da APLetras 2018-2020.....	82
O Garoto de Ouro.....	86
Homenagem a Édison Nunes.....	87
O Dia Seguinte.....	88
Chá de “Pata de Vaca” é bom para diabetes, Doutor?.....	89
Emendando retalhos.....	90
Liberdade existe?.....	91
Academia Passo-Fundense de Letras – 80 Anos.....	92
Para um amigo que partiu.....	93
No sarau dos meus fantasmas	94
Histórico da realização das Semanas das Letras da Academia Passo-Fundense de Letras.....	96
João da Silva Belém.....	98
20 de março: Dia Mundial da Agricultura e a deusa Ceres.....	99
Antonio Augusto Meirelles Duarte ⁽¹⁹³⁴⁻²⁰¹⁹⁾	100
Deputado Lourenço Pires, um lutador e um vencedor....	102
Encadear.....	103
Mudança de planos	104
Amável amante.....	105
Afeto ou apego e vice versa.....	106
Um pouco de poesia romana.....	108
Como nove bombas atômicas.....	110
Trezentos mil.....	111
Enfermeiras.....	111
Confraria.....	111
Nestor Tangerini: um neoparnasiano de Niterói.....	112
O meio que me falta.....	113
Identificando Talentos:	114
Um Projeto ambicioso.....	114
Amarelo.....	116
Eu vim, eu vi e eu conquistei – <i>Veni Vidi Vici</i>	120
Não sei.....	121
Bona Garcia	122
A Era Vargas.....	123
A educação dos filhos.....	124
Tempos sequer imagináveis.....	125
Todos os Direitos Humanos são Iguais.....	126
A produção brasileira de alimentos, com sustentabilidade.....	127
Gatinha pode,	132
vaquinha e porquinha não!.....	132
O escravo	134
O infausto dogma do “tratamento precoce” da Covid.....	135
As virtudes femininas, a Psicologia Positiva e o bem-estar na pandemia.....	136
Meu novo vizinho e filosofia.....	137
Os malabaristas do sinal vermelho	138
Como não morrer por dentro!.....	138
Tiradentes: mito ou herói?	139
O poema das mil e uma traduções.....	140

Madeireiros e construtores, pelos pincéis de Klenia Sanchez

GILBERTO R. CUNHA

Entre o final dos anos 1980 e começo dos anos 2000, quem passasse pela Travessa Wolmar Salton, não tinha como deixar de reparar na beleza de um painel afixado na parte frontal do prédio de número 35 daquela pequena via que liga a Rua 15 de Novembro com a Rua Teixeira Soares, em Passo Fundo. O prédio é o edifício Irma Helena, nome dado em homenagem à matriarca do clã Salton local e esposa do político e empresário passo-fundense Wolmar Salton, e o mural era uma obra da artista plástica Maria Klenia Nunes Sanchez. Digo era, pois, no começo dos anos 2000 (entre 2003 e 2005, provavelmente), por ocasião de uma reforma do edifício Irma Helena, os condôminos optaram por cobrir o aludido painel, que ocultava o quadro de força do prédio, com uma espessa camada de tinta. Eis que uma decisão simples e legitimada pela convenção do condomínio, uma vez que tomada por quem de direito, ditava a sentença de morte de uma obra



Klenia Sanches e Gilberto Cunha junto ao que restou do painel original Madeireiros e Construtores depois de removida a pintura que o recobriria no começo dos anos 2000. Passo Fundo, RS. (Foto: M. A. B. Andrade, 2019).

de arte. Houve quem tivesse lamentado e quem nunca se apercebeu do acontecido.

A obra de Klenia Sanchez era um retrato da saga da família Salton, madeireiros e construtores por origem, expresso pelo traço de uma artista singular. Os elementos do mural realçavam a fase que a madeira era a prioridade para

a edificação de casas pré-fabricadas. Depois, deixa bem evidenciada a fase da construção de prédios de alvenaria. Outros elementos, como toras de madeira empilhadas, pinheiros em pé, sol e pessoas, representando energia e vida, complementavam a obra.

Em 2008, uma nova reforma do edifi-



Painel Madeireiros e Construtores depois de restaurado por Klenia Sanches. Passo Fundo, RS. (Foto: G. R. Cunha, 20/10/ 2019).



Equipe de voluntários que colocou o painel *Madeireiros e Construtores* no auditório da Academia Passo-Fundense de Letras, Passo Fundo, RS. (Foto: M. B. M. Pimentel, 20/10/ 2019).

cio Irma Helena. Tomei conhecimento, por intermédio da síndica do prédio, que as portas do quadro de força, que, abaixo da pintura externa, albergavam a obra de Klenia Sanches, seriam substituídas por novas. Solicitei a doação das peças de madeira cujo destino era um contêiner de entulho de restos de construção. Fui atendido no meu pedido e com o auxílio de um colega de trabalho, Jorge Cerbaro, levamos, na camionete dele, as cinco lâminas de maneira para serem guardadas num depósito na casa do acadêmico Odilon Garcez Ayres, nas imediações do bosque Lucas Araújo. Essas lá permaneceram até 2014, quando foram transportadas para um novo local, na casa do acadêmico Paulo Monteiro.

Os anos foram passando e eu sempre em busca de uma maneira de remover a tinta e revelar a pintura oculta. Mas as tentativas nunca evoluíram para algo concreto. Até que, em 2019, o marceneiro Roque Gonzales Nascimento sugeriu que passássemos ácido naquelas portas e ver o que apareceria. Autorizei a operação. Roque Gonzales passou uma demão de ácido nas pranchas de madeira. Ele não sabia o que procurar. Ele não conhecia a pintura original. Eis que, num final de tarde, ele me chamou para ver o que estava acontecendo, pois, em uma das pranchas, apareceram uns riscos estranhos, umas linhas diferentes. Levei a única foto que eu tinha do Edifício Irma Helena, tirada em 25 de novembro de 2000, e a partir dela passamos a identificar aqueles que seriam os traços remanescentes da pintura original. Removida a camada de tinta, procuramos a



Fachada do Edifício Irma Helena onde aparece o painel original *Madeireiros e Construtores*, de Klenia Sanchez., Travessa Wolmar, 35, Passo Fundo, RS. (Foto: L. M. Costamilan, 25/11/2000).

autora da obra, Klenia Sanches, para ver a possibilidade de restauração.

Desnecessário dizer que Klenia Sanchez, que não havia se conformado com o destino que havia sido dado a sua obra, resolveu restaurar e, ao mesmo tempo, recriar a peça original, que fora totalmente desfigurada pela cobertura de tinta e pelos anos de deterioração das placas de madeira.

Os painéis de madeira foram levados para a Academia Passo-Fundense de Letras, onde Klenia Sanches, com o apoio do marceneiro Roque Gonzales, passou a trabalhar intensivamente na restauração/recriação da antiga pintura

do edifício Irma Helena.

Alguns meses depois, o resultado foi materializado num magnífico mural de 4 m x 2m, pesando quase 200 kg, que, no dia 20 de outubro de 2019, com o apoio de 12 voluntários, foi colocado no auditório da Academia Passo-Fundense de Letras, onde permanecerá, supõe-se eternamente, à disposição do público que visitar o sodalício das letras locais.

A civilização venceu a barbárie!

(Gilberto R. Cunha é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2020-2022.)

EENAV - 90 anos

(FOTOS: ARQUIVO IHFP)



IZABELA NASCIMENTO DE MATTOS

Década de 1920, o Brasil entra num período de transformações. Era a última década da Primeira República, conhecida como República Velha. Os anos 20 foram marcados por uma política de superação de anos de atraso e o país se afastava, cada vez mais, das raízes agrárias. Grandes rupturas acontecem nesse período, novos hábitos, novos atores, sociedade em ebulição. As camadas urbanas exigindo direitos. Momentos de grande efervescência cultural, social, política e econômica. Um período de entusiasmo e preocupação pelos problemas educacionais. O Brasil precisava superar o analfabetismo. A democratização do ensino, a gratuidade e obrigatoriedade eram questões discutidas pela sociedade. Através das políticas públicas o governo acreditava que multiplicando escolas o Brasil estrariam no caminho das grandes nações. A educação era um fator de desenvolvimento. Assim no final da década de 1920 o Rio Grande do Sul começa a investir na ampliação e criação de novas escolas no interior do estado.

Criar Escolas Complementares para formação de professores no interior do Estado possibilitaria o acesso a novos profissionais que até então precisavam se deslocar até a capital, Porto Alegre, para estudar. Passo Fundo, assim como outras cidades polo na época, recebe a Escola Complementar. Sua finalidade era desenvolver o ensino elementar e formar professores para carreira do magistério.

No dia 5 de março de 1929, por decreto do então Presidente do Estado Getúlio Vargas, era criado o Colégio Complementar de Passo Fundo, hoje denominada Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, a EENAV. Nada mais empreendedor e avançado para a cidade que receber uma escola de formação de professores.

Ter uma Escola Complementar, na época era um avanço para o município, que estava ascendendo, ela era fruto da mobilização do poder público, comunidade, lideranças locais e políticas públicas daquele momento histórico.

Nesses 90 anos a Escola Complementar, hoje EENAV se agigantou assim como Passo Fundo. Na época, o município era administrado pelo Intendente Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, que des-

pontou na política em 1908, eleito várias legislaturas, como Deputado Estadual e Deputado Federal, foi intendente de Passo Fundo por dois mandatos. Um político influente, de visão e preocupado com a educação, foi dele a iniciativa de ceder o prédio do Clube Pinheiro Machado (hoje Academia Passo-Fundense de Letras) para a instalação da Escola Complementar. Após seu falecimento, 16 de março de 1956, seu nome é escolhido para denominar o Ginásio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro em 1958.

Passo Fundo entra nos anos 20 com uma atmosfera mais urbana. A cidade que recebe a Escola Complementar se espalhava, novos bairros e vilas são criados para abrigar a população que crescia (bairros Cruzeiro, Vera Cruz, Petrópolis), nesse período a área urbana totalizava 867 hectares. Um significativo crescimento urbano, vez que a sua população ainda era na sua maioria, rural. No clima de remodelação ocorre o embelezamento da cidade com calçamento das ruas do centro urbano, e no entorno das praças Marechal Floriano, Tamandaré a General Neto até a estação ferroviária, Av. Brasil, da Praça Tamandaré até a Praça da República (hoje praça Tochetto). O centro da cidade, em

torno da praça Marechal Floriano, nos anos 30 instalam-se restaurantes, cinemas, cafés. Conclusão da ponte do Rio Passo Fundo feita em concreto e alvenaria, substituindo a antiga de madeira. Construção da barragem do Taquarí para atender as necessidades da cidade e das indústrias. “Nossa população cresce a olhos vistos, a riqueza pública aumenta, o comércio e a indústria se expandem, atraindo novos elementos de prosperidade e grandeza.” (Relatório da Intendência, O Nacional 19-1-1929) A área territorial do município era vasta, Carazinho, Marau, Sarandi, Tapera, Não Me Toque pertenciam a Passo Fundo, a sede era um núcleo urbano forte. Assim o município estava em pleno desenvolvimento e nesses 90 anos a EENAV oportuniza aos passo-fundenses e também, toda a região do planalto médio engrandecer suas comunidades.

Voltamos ao tempo. A Escola Complementar de Passo Fundo começa suas atividades no mesmo ano de sua criação. Um aviso publicado no jornal “O Nacional”, o então diretor, Reynaldo Haeuer comunica a data do exame de admissão para 1º de abril de 1929.

Ao longo de sua história a escola recebeu outras denominações. Em 1943 a Escola Complementar passa a se denominada Escola Normal Oswaldo Cruz. Até esse ano 14 turmas já tinham sido diplomadas num total de 236 alunos e funcionou em três diferentes prédios: Clube Pinheiro Machado até 1932; Câmara de Vereadores (hoje Teatro Múcio de Castro) até 1940 e Prédio da Antiga CEE, av. Brasil 908 até 1946.

Em 1946 foi autorizada a ampliação

da escola e o funcionamento do Ginásio, passando a ser chamado Ginásio Estadual Oswaldo Cruz, incorporando a ENOC (Escola Normal Oswaldo Cruz). Nesse ano passa a funcionar no prédio do Grupo Escolar Protásio Alves, na Av. Brasil.

Em 29 de novembro de 1958 o Ginásio e a Escola Normal são desmembrados e o Ginásio passa a ser chamado: Ginásio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. As duas escolas, ENOC e GENAV funcionam juntas no mesmo prédio, nas dependências do Grupo Escolar Protásio Alves. No ano seguinte, 1959 as duas escolas passam a ser administradas por uma única direção.

Em 14 de junho de 1960 o governo estadual modifica a denominação de Ginásio para Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, mais lembrado por CENAV e juntamente com a ENOC- Escola Normal Oswaldo Cruz mudam-se para o seu prédio próprio, o “Gigante da Praça Tamandaré”, que assim era chamado, na época.

O terreno onde o novo prédio da escola foi construído, na rua Paissandú esquina da Praça Tamandaré, foi doado pela prefeitura municipal. Em 12 de junho de 1954, realizou-se uma solene cerimônia do lançamento da pedra fundamental do novo prédio da escola, com a presença o Governador do Estado Gal. Ernesto Dornelles, o então prefeito Daniel Dipp e outras autoridades. O prédio passa a abrigar a Escola Normal Oswaldo Cruz e o Ginásio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, com a direção da professora Terezinha de Jesus Langone.

Em 1975 houve a unificação das duas

escolas ENOC e CENAV passando a se chamar Escola Estadual de 1º e 2º graus Nicolau de Araújo Vergueiro, EENAV. A denominação atual, Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro perdura desde o ano 2000.

Um grande marco para a história da escola foi a inauguração do prédio próprio. Em 1960 isso foi concretizada. Uma escola ampla com mais de 3.867 metros quadrados, três pavimentos, um projeto inovador para a época. Em 1976, na direção do Prof. Jesus Almeida a comunidade escolar inicia uma mobilização para a construção de um ginásio de esportes que só foi concretizado em 2002.

Tu, ó EENAV, és lar seguro do estudante, que em ti encontra, saber e força para ir a diante...., assim diz a letra do hino da escola. Fragmento do passado nos vem à lembrança sobre a vida escolar na EENAV. Os corredores de ladrilhos vermelhos, desfiles de 7 de setembro, educação física nas quadras de esporte, a banda.... Pessoas e situações que tocam profundamente a vida de seus estudantes A memória afetiva que guardamos dos tempos de escola. Tudo está ligado a um espaço de experiência que nos constitui e ajuda compreender quem somos. A alma da escola são as pessoas que nela vivem, inúmeros professores, funcionários e alunos, fizeram da EENAV uma referência para a comunidade local e regional até os dias de hoje.

(Izabela Nascimento de Mattos é ex-aluna da EENAV e membro do Instituto Histórico de Passo Fundo.)



A aviação comercial em Passo Fundo

WCAPELLI, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>>, VIA WIKIMEDIA COMMONS



JABS PAIM BANDEIRA

O dia 6 de novembro de 2020 foi uma data histórica para Passo Fundo. Nesse dia foi autorizado, pelo governador, o início das obras de ampliação de nosso aeroporto regional, que irá transformá-lo no terminal mais importante do interior do Estado, como a capacidade da pista, estação de passageiros mais ampla e digna dos usuários.

Esta obra é por demais importante para toda a região, pois Passo Fundo, além de ter uma tradição cultural pelo transporte aéreo de passageiros, existe uma abrangência territorial, compreendida desde Santo Ângelo e Concórdia, chegando a estender até Chapecó de onde migravam passageiros para o nosso terminal. Hoje Chapecó tem um aeroporto super moderno, com diversas companhias ali operando.

Nossa cultura nesta modalidade, data do final de 40 e início de 50, onde tínhamos operando duas companhias aéreas, com Douglas DC-3, a Varig e Savag, as quais operavam no aeroporto de São Miguel, posteriormente migraram para

o aeroporto regional Lauro Kurtz.

Esses voos ligavam diariamente Passo Fundo a São Paulo e Porto Alegre, servindo o seguinte itinerário: Porto Alegre, Carazinho, Passo Fundo, Erechim, Joaçaba, União da Vitória, São Paulo. Iniciava pela manhã, partindo da Capital e vice versa.

Com 15 anos de idade trabalhei na Savag, primeiramente como entregador de encomendas nas residências, lembro da família Birman, residia na Avenida Brasil, com Quinze de novembro, onde eu entregava uma encomenda diariamente, era pão, que vinha de Porto Alegre.

Depois passei à despachante, acompanhava os passageiros, fazia o embarque no aeroporto São Miguel, que tem até hoje a pista empedrada. Tinha que fazer o cálculo do peso do avião, quando chegava com os passageiros, fazendo uma previsão de quanto pesaria, levando em consideração o peso dos passageiros que vinham da última escala, mais o combustível, somado aos passageiros que embarcavam. Havia um limite de peso, caso ultrapassasse não poderia decolar.

Muitas vezes coloquei nos 1.200 metros de pista, abaixo de água, lampiões, para que o comandante visualizasse a

pista. Desembarcavam os passageiros, depois vinha para cidade, as vezes com as vestes molhadas, dirigia-me para o Instituto Educacional, onde estudava a noite.

Houve um desastre aéreo, com avião da Varig, vindo de São Paulo, caindo em São João, antes de Marau, onde morreram diversos passageiros, inclusive o Bispo de Uruguaiana, Don Felipe de Nadal.

Depois, um pequeno vácuo, quando a Varig e Savag, foi encampada pela Cruzeiro do Sul, começaram a se desfazer dos Douglas DC-3, adquirindo aviões mais modernos, como o Costeletion, nos deixando por um período sem o transporte aéreo.

Já na década de 70, o governo federal, para incentivar a Embraer, na fabricação de aviões Bandeirantes e depois o Brasília, criaram a aviação regional, subsidiando as passagens, facilitando o hábito das pessoas em usarem o transporte, viajando a preços módicos.

Então foram escolhidas algumas cidades, como Pelotas, Bagé, Santa Maria e posteriormente Passo Fundo.

Na oportunidade que surgia a notícia, dessa modalidade implantada pelo go-

verno federal, com éramos representante da Varig, comercializávamos passagens para embarque em Porto Alegre, nosso aeroporto deixava a desejar, pois estava abandonado.

Então, em companhia de meu sócio Bruno Borella Borges, conseguimos retro escadeira, cedida pelo então Prefeito Guaraci Barroso Marinho, juntamente com o operador, fomos patrolar a pista. Lembro que o Bruno foi para cabine da máquina, orientando o mesmo naquele serviço.

A Varig criou uma subsidiária, a Rio Sul, equipando-a com aviões Bandeirantes da Embraer e recebeu autorização para operar no Sul do País, abrangendo São Paulo, inclusive Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Conseguimos para Passo Fundo, a Rio Sul, somente no governo do Prefeito Edu Villa de Azambuja, em voos para Porto Alegre, Passo Fundo e São Paulo, com aviões Bandeirantes, de 15 lugares, depois foram substituídos por aviões Brasília, também fabricados pela Embraer.

Mais tarde com as dificuldades que o governo Lula criou para Varig, começou a passar por serias dificuldades, inclusive sua subsidiária Rio Sul. Esta começou a vender os aviões Brasília, suspendendo voos de Pelotas e Rio Grande.

Senti que iriam também suspender os voos para Passo Fundo, iniciei um movimento com a Câmara de Vereadores, tendo ajuda do vereador Luiz Miguel Schaise, dos empresários José Almeida (Juca) e João Roberto Beine da Associação Comercial e outras entidades, inclusive da região. Conseguimos uma audiência com o presidente da Varig, Osiris Silva e com o presidente da Rio Sul, na Câmara Federal em Brasília.

Contamos com o apoio dos Deputados Beto Albuquerque e Airton Dipp, na reunião compareceram outros deputados da região de Pelotas e Santo Ângelo, reivindicando que continuasse os voos para essas localidades.

Fui o único representante da Varig e Rio-Sul presente, não havia de outras localidades, demonstrei através de estatísticas que nosso movimento, não obstante um avião Brasília de 30 lugares superávamos Caxias, que tinha diversos horários em aviões Boeing.

A diretoria da Varig examinou nosso movimento de passageiros, também munidos de suas informações sobre nossa venda, suspenderam também os voos do

Brasília, pois estavam negociando esses aviões com a Oceaner, um empresa de Campos no Rio de Janeiro.

Para a surpresa dos demais participantes da reunião, devido ao nosso movimento, iriam colocar um Jet Class, aviões com 100 assentos, ainda temerosos nos comprometemos, de que iríamos lotar o avião. Embora preocupado, mas conhecendo o potencial da região, dei minha palavra, mais uma gauchada!

Pois, na verdade os aviões Jet Class, lotaram, e nosso movimento foi além da media, demonstrando o potencial regional. Nossa preocupação era apenas de não deixar mais um vácuo, não sabendo, uma vez suspenso os voos, quando os teríamos novamente.

Isso nos preocupava, pois se houvessem cancelamentos dos voos, nossos usuários perderiam o costume, achando outro meio de transporte, ou ainda embarcando em Porto Alegre. Mais uma etapa vencida, aos olhos de todo o interior que estava sem avião.

Mas não durou muito nossa alegria, as dificuldades da Varig se agravavam, teriam que alienar agora os Jet Class, pois a empresa estava na beira da falência.

Iniciaram-se mais um movimento na cidade, para que não suspendessem os voos, foi então a vez de Beto Albuquerque, agora secretário de Transportes do Rio Grande do Sul, no governo de Olívio Dutra, entrar em entendimento com a direção da Varig, conseguindo, graças ao nosso excelente movimento de passageiros, a substituição do equipamento, por um Boeing.

No voo inaugural de São Paulo a Passo Fundo, além de Beto Albuquerque, como convidado da Varig, também o Dr. Irineu Gehlen e eu fomos convidados.

O movimento de passageiros aumentou, mas também não durou muito, a Varig faliu e com ela, nos tiraram o Boeing, surpreendendo os usuários de toda a vasta região que servíamos.

Com a pré falência da Varig e os voos suspensos, nosso quadro de funcionários, tanto na agencia, quanto no aeroporto, veículos e outras despesas, trabalhos como representantes da Varig-Rio Sul, trabalhamos mais de seis meses no vermelho, pois se entregássemos a representação, suspenderiam os voo locais. Fomos até o fim quando a companhia, para nossa tristeza encerrou suas atividades.

Logo em seguida, regredimos, mas voltaram os voos, a nova companhia Oceaner, que havia adquirido os Bra-

sílias, começaram a operar em nosso aeroporto, o fazendo com funcionários da própria companhia, já não representávamos mais a Varig, onde exercemos esta atividade por quase 50 anos.

Depois que a Oceaner deixou de operar vieram a Latam, depois a Gool e Azul, que continuam com expressivo movimento, embora a pobreza de nosso terminal aéreo, pista e estação de passageiros, que até então passaram por diversos remendos nesta trajetória.

Quando houve o acidente aéreo que derrubou as torres nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, por coincidência, o primeiro aeroporto fechado, no mundo, foi o nosso. Acontece que o Governador Olívio Dutra, desembarcou no terminal, nesta mesma data, a fim de fechá-lo, para dar início a uma pequena reforma, coincidindo que no mesmo horário estava sendo destruída as torres, em Nova York.

Lembro-me de uma passagem neste dia, na chegada de Olívio, a Varig havia me pedido para representar sua diretoria, dando as boas vidas ao governador. Ele desembarcou do avião, lá estava eu, quando disse: Governador eu me chamo Jabs Paim Bandeira, ele me interrompeu: “Jaabs Paaim Baandeira”, no seu sotaque da fronteira, acrescentando: “eu já lhe conheço, fui seu colega na Faculdade de Direito da UPF, o senhor era presidente do Centro Acadêmico”, abraçando-me, o que me surpreendeu, pois não me lembrava dele e nem sabia que havia frequentado a Faculdade de Direito. Para o espanto das autoridades que nos cercavam.

Nunca deixamos de nos preocupar com o aeroporto, pois temos um compromisso de gratidão com Passo Fundo e sua gente, que nunca vou conseguir saldar o que esta cidade maravilhosa me proporcionou.

Agora com início das obras de ampliação do aeroporto é motivo de grande alegria para todos em Passo Fundo e nossa região, vislumbrando um futuro de céu azul de brigadeiro para o sucesso da aviação comercial, que irá consolidar a liderança de nosso município, como expoente desta modalidade de transporte no Rio Grande do Sul e o Brasil.

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

P a n d e m i a



MARISA POTIENS ZILIO

Em 2012 escrevemos sobre “Pais Competentes de Crianças Doentes”. O livro foi escrito em várias mãos e sobre diferentes temas como: família como um sistema; a questão da perda de nossos filhos; sobre os ideais paternos; a competência dos cuidadores; limitação do corpo não são necessariamente da mente; a fraternidade entre os irmãos; o filho que não veio e pais que adoecem seus filhos. Além disso, o relato de uma experiência familiar de doença prolongada traduz as angústias e sofrimento de todos em tal situação. Neste momento de pandemia nunca talvez tenha sido tão atualizado os temas tratados neste livro, escrito por autores com formação nas áreas da psicologia ou conhecimentos da mente humana.

Os primeiros capítulos tratam da família como um sistema e, como tal, como os elementos que estão ligados por papéis e circunstâncias que se reatualizam, definindo as ações e comportamentos e o modo de ser. Muitos destes papéis compreendidos e aceitos e outros, no entanto, não desejados, interrompem a comunicação.

Refletimos o quanto a pandemia tem trazido à tona estes papéis, também, quantos deles se modificaram e ainda papéis não aceitos, não bem cumpridos e confusos em suas representações.

A própria palavra, ou melhor, o sufixo PAN de origem grega, traz consigo a ideia de “tudo, todo, por inteiro, do universo de mundo.” PAN era nome que designava o Deus dos rebanhos, dos pastores na mitologia grega.

Hoje, vivemos não só uma pandemia, isto é, uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada, como vivemos, de uma certa forma, um pandemônio. Pandemônio é uma palavra de origem literária usada pelo poeta em inglês John Milton, em seu clássico poema épico “Paraíso Perdido”, (representado em filmes posteriormente), por volta de 1660. Trata-se de uma palavra e virou sinônimo expressivo de bagunça, desordem, caos. Não vejo como no momento, não associar pandemia a pandemônio. De uma certa forma, estamos vivendo um caos inesperado, inexpressivo, pouco compreendido e nem um pouco almejado. Com certeza a pandemia trouxe para nós desconforto é uma desestabilização frente ao que estava ou o que está acontecendo.

Fala-se muito da desestabilização

econômica, que a pandemia nos trouxe, queremos dar ênfase a desestabilização emocional.

Temos visto e refletido sobre como os casais tiveram que se redescobrir e aceitar novos papéis familiares. Temos refletido, também, sobre as grandes mudanças nas relações de pais e filhos e, ao nosso ver, não foram poucas.

Sentimentos de incerteza, de não saber como fazer, de como será o futuro. Qual será enorme ônus que trará para o sustento das famílias. Sustento aqui entendido como suporte financeiro e emocional. Tudo faz com quem, querendo ou não, sintamos o peso que é sustentar nossa família, nossos filhos sob a ameaça de desemprego e/ou de grandes mudanças. Por outro lado, o ônus de que “contamos só conosco” para cuidar das crianças, para envolvê-las, para tornar o ambiente familiar o mais harmonioso possível.

Se de um lado experimentamos uma maior aproximação familiar, por outro, vimos-nos diante dos cuidados, antes impensados ou divididos, para manter o equilíbrio do casal, das crianças, enfim da família.

Estas questões deveriam envolver uma série de sentimentos e emoções como: solidariedade empatia, respeito,

compreensão e um desejo de cuidar uns dos outros. Entretanto não falamos das dificuldades que foram impostas muitas vezes pelo excesso de trabalho doméstico, aliado ao trabalho online ou a procura de um novo emprego. Não falamos, apenas, das exigências que se impuseram as guardas compartilhadas ou de não ter com quem deixar ou dividir a tarefa com os filhos

Entretanto, não falamos também de que muitos pais vieram a se surpreender não só com as suas limitações, com as suas impossibilidades de educar, de conviver, de aceitar e manter o equilíbrio, como também, falamos, das crianças que surpreenderam seus pais pelas suas dificuldades de convivência, de obediência, de aceitar limites, de aceitar regras. Crianças deixaram de brincar com crianças, crianças deixaram de ir ao ar livre, crianças tiveram que fazer de sua casa todos os espaços por ela antes frequentados/ocupados. Escolas, parques, casa dos avós, casa dos amiguinhos, pátios comuns, enfim trouxeram para 4

paredes todas suas necessidades

Hora de se conhecer. É um momento de hétero e autoconhecimento. Momento de perceber suas competências ou incompetências. E muitos pais se viram diante de crianças cujo espírito já vinha com sofrimento, antes nem sempre percebido.

Os professores falavam, os avós, os tios faziam seus comentários, mas, tudo parecia tão distante que atribuímos aos outros a incompreensão de nossos filhos. É, assim mesmo dizíamos ou dizemos, é apenas uma criança levada e não percebemos nas suas atitudes, que algo estava em desconforme como uma criança sadia.

Nesta pandemia vemos pais darem-se as mãos para poder superar todas as lutas, vemos também casais onde brigas, não existentes, passam a acontecer motivados pela condição de não saber o que fazer e, por que não dizer, não somente pela não há afinidade do homem é da mulher mas pela incompetência total de lidar com seu filho adoecido. Quanto mais cresce o problema maiores são os desentendimentos, como se entrassem

num caminho sem volta.

Não falo aqui de crianças doentes, mas adoecidas por alguma circunstância. Estamos falando dos aspectos emocionais. As crianças que adoço, deveria ser um tema a considerar. Algumas irão se beneficiar extremamente do convívio familiar, tendo o que raramente tinham, ou seja, a presença dos pais. Outras, no entanto, apresentam dificuldades para viver a nova vida, outras ainda são curiosas, são levadas, são pela própria natureza ou temperamento fácil de se lidar. Falo também aqui de pais que nunca foram pais na essência da palavra. Supriam as crianças com suas necessidades, mas não eram presentes na formação e na educação de suas crianças.

“Essa criança é muito levada destrói todos os seus brinquedos, não tem limites, não obedece” são as principais queixas que os pais trazem nesta época de pandemia. Lares se tornaram verdadeiramente pandemônio

De todas as atitudes observadas a que mais me chocou foi a do abandono da criança, ainda que na convivência de 24 horas. Nada importa desde que não atrapalhe. Outra atitude mais chocante é dos pais que passam a lutar com uma criança de igual para igual

“Você me bate eu te bato, daqui o seu brinquedo, não se mete com a minha vida, não aguento mais você” e lá se foi toda e qualquer autoridade educativa que se deseja neste momento.

Isto não é educar. Mas está muito longe do que isso possa significar. Muito menos é formar o ser humano que desperta em cada criança.

Se fôssemos tomar Platão como referência, por exemplo, remeteremos a ideia de que a sociedade ideal passa. Desta forma, em outras palavras, podemos afirmar que só a educação nos permite viver em comunidade, em uma sociedade, ideal, justa e harmônica. Platão fala algo muito importante, que



penso ser um pensamento crucial que é encontrar a virtude naqueles que educamos e amamos. Pergunto:- não seria verdadeiramente o papel da educação encontrar as virtudes de nossas crianças?

Para Montessori o desenvolvimento da criança ou melhor, do ser humano que há nela, deve passar por todas as atividades pertinentes a vida real. Acredito que muitos pais tenham envolvido as crianças em todas as atividades, como: me ajude a colocar a mesa, arrumar o seu quarto, enfim, estabeleceram uma verdadeira convivência onde a criança estabelece os papéis de convívio valorizando a própria criança

É na vivência, na troca de olhares, de palavras de gestos que os pais valorizam a criança.

Este é o suporte para formação de sua mente para a formação de sua autoimagem O que uma criança pensa ou sente de si mesmo quando tudo que faz é rejeitado? O que acontece a criança caso não se perceba como ser integrante da pequena sociedade que é a família?

Alguns, muitos talvez, souberam viver a pandemia, alguns a tornaram um verdadeiro pandemônio

Na pandemia não somente descobrimos nossos filhos, mas também nos descobrimos como pais. Pais que não somente levam para as creches, escolas e para a casa dos avós. Não somente pais que cuidam da alimentação, da vestimenta, do médico. Tornamo-nos pais 24 horas com vários outros papéis adjacentes.

Vamos lá com isto
Já estava na hora
Você vem ou não vem
Esta casa está um lixo
Quisera poder dizer
Sai para lá
Chega
Não me atormente mais
Quando vou sair deste inferno
Ou
Uma pausa que Deus me deu
Estar junto com você
Entender seu jeito de ser
Seu modo tão especial
Poder te abraçar mais vezes
Tirar dúvidas
Completar o meu eu.

(Marisa Potiens Zilio é psicopedagoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Primícias

EDUARDA CAROLINA VARGAS

Você sabe o meu valor

Dentro desta caixa me sinto vazio, não há verdade no que faço, para mim não faz sentido ficar esperando somente para ser usado e logo depois descartado.

Você vem e me veste como se eu fosse um qualquer. Eu não sou um qualquer, eu sou muito mais do que isso, mereço reconhecimento

Sou eu quem dou vida a sua performance, sou eu. Por que você não me dá devido valor?

Quero brilhar muito mais do que somente algumas horas. Quero ser único, quero ser um todo, não apenas um pedaço do seu conjunto. Não sou insignificante.

Por que você só me usa quando quer se exibir para os outros? Mesmo sabendo que você é muito mais verdadeiro quando está sozinho comigo, quando não precisa provar pra ninguém, por que?

Dentro desta caixa não consigo mostrar tamanha magnitude que represento pra você sei que para você sou mais importante do que um pedaço de tecido.

Você sabe que te faço sentir completo. Você sabe o meu valor.

Assinado: Figurino



(Euarda Carolina Vargas é estudante e faz parte dos quadros dos acadêmicos mirins da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Os três as da comida: alimento, afeto e arte

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Tal como está representado na pintura do artista russo Victor Bregeda, ao prepararmos o que comer podemos cortar maçãs, porém, incontáveis ingredientes mais podem ser processados. Cozinheiro é como um alquimista, que em rituais de quase magia, inspirados e inspirando, fazem da comida uma poesia.

A ideia de escrever esse breve artigo surgiu após gravarmos o programa Papo de Evas, na TV Passo Fundo - Canal 26 da NET, onde o tema “Os três As da comida: Alimento, Afeto e Arte” foi abordado pelas participantes do programa coordenado pela jornalista Alessandra Zanatta - a Kyka. Âncora também do programa “Garfo e Colher”, da mesma rede de TV, a Kyka me deu a honra de gravar com ela, o modo de fazer de uma de minhas receitas preferidas, o Vatapá de frango, receita clássica da minha família.

Desde a minha infância, nos anos 1970, eu já gostava de cozinhar. Certa vez, fazendo bife de verdade em panelinhas de brinquedo, quase coloquei fogo na minha casinha de bonecas. Contudo, não me considero exímia cozinheira. Na verdade, sou apenas uma curiosa, que gosta de criar e de agradar as pessoas que amo, inclusive cozinhando para elas.

Ao lecionar o tema das Inteligências Múltiplas na Universidade, eu me perguntava: quais as inteligências que as pessoas que sabem e gostam de cozinhar precisam ter? Afinal, cozinhar é uma experiência que revela o poder da transformação, algo tipo “Toque de Midas”, mas também é uma experiência de amor. O escritor moçambicano Mia Couto disse que “Cozinhar é um modo de amar os outros”, e isso significa pura inteligência emocional. Completo essa ideia dizendo que cozinhar também é um jeito de abraçar as pessoas “por dentro”.

Qualidades como motivação, boa



(FOTOS: ARQUIVO M. LECH)

Marilise Lech e Alessandra Zanatta

vontade, afeto e socialização, bem como organização, disciplina e liderança, são marcas dos bons cozinheiros. Já ouvi dizerem que preguiçosos não cozinham... No que se refere a inteligência mais racional, bastaria saber ler mas, se o cozinheiro tiver uma boa inteligência lógico-matemática, poderá criar e incrementar as receitas, variando tipos e quantidades de ingredientes, o tempo de cozimento, e surpreendendo seus “homenageados” com seus “preparados”. Assim, cozinhar também é um modo de homenagear as pessoas.

O bom cozinheiro revela-se pelas suas habilidades, mas também pelo seu estado de espírito de partilha, de doação e até mesmo de cuidado. Já o ato de comer também vai para muito além de saciar a fome. O simbolismo da comida se dá pela representação do “preenchimento” emocional e pelas trocas afetivas. Para exemplificar essas duas premissas, basta imaginar alguém que está ansioso, comendo em exagero, ou uma avó querendo agradar seus netinhos. E ainda, ao redor de uma mesa posta, com a “desculpa” de uma refeição nascem sonhos, projetam-se realidades, filhos anunciam a saída de casa, “mãos”

são pedidas em casamento e muito mais.

Dentre as minhas histórias favoritas, lembro-me do meu jantar de noivado, que assim como no da minha irmã, meus pais prepararam um dos faisões raros de sua coleção para oferecer como cardápio aos pretendentes e seus familiares. Nem precisa dizer o quanto eles estavam satisfeitos ao “descontarem essas promissórias”. Menos mal que o investimento valeu à pena.

Apesar de todas essas representações, aprendi com o saudoso amigo italiano, o grande Chef amador - Cavallieri Aldo Alessandri, que, para preservarmos a saúde e a elegância, devemos comer somente o necessário para satisfazer a fome (e até um pouco menos), mastigando muito bem e saboreando lentamente. - Não nos podemos “empanturrar”!- Não se deve repetir!, dizia ele. Mesmo eu estando totalmente de acordo, confesso que já sorri por dentro quando vi amigos “tripitando” meus preparados.

A comida, então, não é só Alimento, também é Afeto e é Arte. Tanto é que ela está dentre as poucas coisas da vida que envolve os nossos seis sentidos: Tem aroma, tem sabor, tem textura, tem visual (nossos olhos também “comem”), e

até os nossos ouvidos se ocupam da sinfonia de sons de um filé sendo grelhado na manteiga, de uma água borbulhando enquanto ferve, de uma lenha estalando no fogo. Já, o sexto sentido, fica por conta da lógica e da intuição, quando o cozinheiro que prepara uma receita “a olho”, acerta em cheio.

Tal como a protagonista do filme “A festa de Babette”, do cineasta dinamarquês Gabriel Axel (1987), o bom cozinheiro cozinha com o corpo e com o coração, colocando amor em tudo que prepara. A estética com que apresentava seus pratos, bem como o inigualável sabor, era capaz de mudar até o semblante sisudo de alguns dos convidados.

Ao compartilharmos nossas receitas de família, esperamos que as próximas gerações possam ter acesso à riqueza da culinária dos nossos antepassados, preservando tradições e costumes, afinal a gastronomia também é uma das marcas registradas da cultura de um povo. Quando degustarmos comidas de origem árabe, italiana, francesa e até mesmo a brasileira, de certa forma “viajamos”. Mas também tem aquelas receitas fruto de algumas “quimeras” - combinações heterogêneas de elementos diversos que resultam em ricos sabores, nunca dantes provados.

Embora não avidamente, sou consumidora de carnes. Contudo, sabemos que essa virada de milênio ficará marcada pelo aumento do número de pessoas vegetarianas e até mesmo veganas. Já que escrevo esse artigo na primeira pessoa, rogo-me o direito de expor a minha opinião: Com base em Sócrates, defendo que a virtude está no meio. Sou avessa à radicalismos, portanto, sem exageros, escolho consumi-las. Faço isso com base em um curso de alimentação naturalista que participei nos idos anos 1980. Nunca me esqueci do que a professora ensinou: - Dos trinta e dois dentes que compõe a nossa arcada den-



Inês Oliveira e Aldo Alessandri

tária, apenas quatro são “caninos”, ou seja, apenas 1/8 deles são pontiagudos como os dos animais carnívoros. Quem sabe se a proporção ideal de consumo de carne seja essa: Um pouco menos de 15% da combinação de alimentos do nosso prato.

Segundo a minha mãe Glaura, é preciso deixar um espaço no prato para o trivial arroz. Como graciosamente ela repete, ele é um “veículo” para os demais alimentos. E se for comer um doce “bem doce”, tal como a Ambrosia que tanto ela quanto a minha querida sogra Almery preparam com maestria, ela indica que preparem uma gelatina, paralelamente. - Isso vai “amenizar” os açúcares, afirma ela, que é uma excelente “improvisadora” na cozinha. Talvez amenize a culpa, o que já ajudaria a aplacar a ansiedade, a qual poderia nos levar a comer ainda mais. heheh

Agora chega de escrever. Parece que estou ouvindo o meu pai recitando: - Meio-dia, panela no fogo barriga vazia, macaco sentado fazendo folia. E lá vou eu para as panelas, já que a minha

empregada também está de quarentena pela pandemia do COVID 19, que hora vivenciamos. E você, sabe e gosta de cozinhar? Penso que se a pessoa souber ler, tiver boa vontade, boa inteligência lógica e ingredientes ao alcance, será capaz de encantar e encantar-se consigo mesma, com seus preparados. Transformar o que é necessidade em algo que pode ser fonte de satisfação é um bom desafio. Mesmo que algumas de suas panelas estejam meio velhas, o que vale é o tempero do amor. Por fim, desejo que, além de outros prazeres vitais, a comida boa também possa lhe provocar “orgasmos gastronômicos”, que você tenha vontade de “comer ajoelhado” diante de “cardápios dos Deuses”, e que a fome não seja o seu único e melhor tempero. Mas não abusem! Lembrem-se com que disse o Aldo: Cuidem-se para manter a saúde e a elegância!

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga, doutora em Educação e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Tudo se vincula ao magistério da lei e ao império da justiça

IRINEU GEHLEN

Não se pode olvidar que o advogado exerce uma função primordial nas relações humanas.

Pelo artigo 133 da Constituição Federal, ele exerce um “múnus público” inoldivável. O advogado sempre foi em todos os tempos, o profissional defensor das pessoas e dos indivíduos contra as injustiças e agressões.

Rui Barbosa, o insigne, afirmava que o primeiro advogado foi o primeiro homem que, com sua influência da razão e da palavra, defendeu seus semelhantes contra a violência, a injustiça e a fraude.

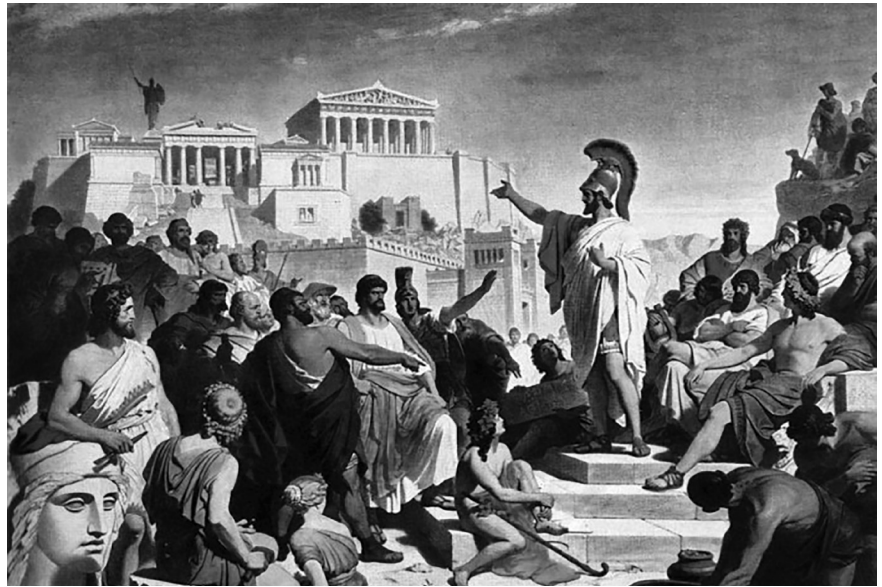
Péricles, segundo se sabe, foi o primeiro defensor do Direito que se conheceu em Atenas, na Grécia. Entretanto, o primeiro advogado a exercer a advocacia como profissão e a ensinar jurisprudência, publicamente, foi o plebeu Tibério Caruneano pontífice que viveu em Roma três séculos antes de cristo.

Sebastião de Souza, por sua vez, observa que Moisés fora o advogado dos hebreus contra a tirania e o despotismo faraônico.

Derpim, afirmou que a defesa se fazia por meio de um parente ou amigo.

E, Carvalho Santos esclarece: “As necessidades da justiça exigiram que os homens especializados, versados no conhecimento das leis, viessem ao lado dos litigantes para assistir-lhes nas reivindicações de seus direitos”. E essa é a origem da profissão da advocacia.

No passado a advocacia era privada e o Estado mero observador. Com a evolução social, o Estado passou a intervir nas relações privadas e, com isto, a presença do advogado no processo tornou-se obrigatória. O Estafio Ateniense foi, sem dúvidas, o berço da advocacia, onde a oratória conquistou a sua glória com os oradores helênicos: Sócrates, Péricles, Demóstenes e tantos outros que preencheram exuberantes páginas da advocacia histórica.



A era de Péricles, de Philipp Von Foltz (1853)

Roma implantou as formas técnico-jurídicas.

Jean Cruet, em sua obra “A Vida do Direito e a Inutilidade das Leis”, proclama: “Os inúmeros profissionais que vivem do Direito fazem também viver o Direito... nessa vivência do direito é o advogado que, no entrecchoque da vida cotidiana, restaura e assegura os postulados que governam a convivência social”.

Em Roma, o advogado era chamado de Miles Lagalis, ou seja, o soldado da Lei.

Rui Sodré define: “O exercício da advocacia é eminentemente útil à ordem da sociedade, porque flui, poderosamente, sobre distribuição da justiça”.

Já Assis Cintra, ressalta que o primeiro advogado no Brasil, foi Duarte Perez. Outros sustentam que foi Cosme Fernandes Pessoa.

Mas, o que importa é que essa dignidade sacerdotal da profissão já foi proclamada por Paulo VI: “Um homem em busca da verdade”.

Vale frisa que a partir da Lei 4.215/63, que criou o Estatuto da OAB, o advogado passou do simples postulatório a revestir-se do múnus público, seguido

de responsabilidade funcional.

A ética, o zelo, a dedicação, a probidade, o civismo, o desvelo, tudo isso constitui, juntamente com sua atividade, muitas vezes mal compreendida, uma função social.

Não podemos ignorar que o pressuposto fundamental da advocacia é a liberdade.

Sem democracia não se concebe o advogado e nem a paz social e nem a liberdade dos homens.

Nada pode ficar longe do direito. Tudo se vincula ao magistério da lei e ao império da justiça.

Impossível a convivência humana sem o ordenamento jurídico.

Aí reside o fundamento pelo qual não há hierarquia entre Juiz Advogado e Promotor de Justiça.

Rogamos a Deus que o discóbolo entusiasta permaneça em cada um de nós para que possamos viver a nossa nobre profissão e comandar, com pulso firme, nossos direitos e prerrogativas com grandeza, honra e dignidade.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



IOT celebra 40 anos de ensino no HSVP

OSVANDRÉ LECH

O início da especialidade de ortopedia no HSVP foi idêntico ao da maioria dos demais hospitais regionais, onde competentes cirurgiões gerais realizavam qualquer procedimento que adentrasse ao hospital. Este período é representado por Sabino Arias, Sérgio Lângaro, Paulo Fragomeni, e Alberto Lago, que merece destaque por ter frequentado o Hospital Italiano (escola Finochietto), na Argentina, o Instituto Rizzolli (escola Putti), na Itália, possuir amplo material ortopédico próprio e vasta biblioteca, além de assinar o *Journal of Bone and Joint Surgery* desde 1955.

Isaac Matone, depois de treinar na USP em 1959 e no Pavilhão Ferdinando Simonsen da Santa Casa de São Paulo em 1960, foi o primeiro ortopedista a trabalhar no HSVP em 1963. Foi no ambiente ainda avesso à figura do “especialista” que entendeu o custo do pioneirismo. A sua primeira cirurgia no HSVP foi uma transferência tendínea em pé para tratamento de seqüela de

paralisia infantil (“pé caído”), patologia frequente na época e extinta atualmente. Tratava fraturas por osteossíntese com placa e parafusos e hérnia de disco lombar com hemilaminectomia pela técnica de Fineschi, avanços científicos encontrados apenas em poucas capitais brasileiras.

Em 26 de maio de 1976, depois de trabalhar por curto período associado ao Pronto Socorro de Fraturas (PSF), Paulo Bertol, recém chegado da Inglaterra, funda o Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT), em sociedade com José Luiz Furtado Gouveia Sobrinho, que retornava da França, constituindo a primeira geração. O PSF e o IOT mantêm o mesmo objetivo – atendimento qualificado baseado em crescimento científico. Como exemplo, Bertol e Gouveia publicaram em 1978 o primeiro trabalho nacional sobre o uso de fixadores externos no tratamento de fraturas complexas.

Dentro deste prisma, novos profissionais são convidados e constituem a segunda geração: José Saggin em 1979, João Fernando Pozzi em 1980, Fernando Lauda em 1983 e Tercildo Knop em

1986. Com equipe qualificada, o IOT se torna rapidamente um dos centros de referência da ortopedia e traumatologia de uma vasta região do sul do país.

Acompanhando este crescimento, o HSVP aloca salas cirúrgicas no turno da manhã para o PSF e pela tarde para o IOT, além de investir em material ortopédico, radiologia transoperatória, enfermagem especializada e estabelecer internação ortopédica preferencial no Posto 3, sob a competente chefia da enfermeira Maria Oneide Assonalia. Outras figuras carismáticas do ambiente ortopédico são os técnicos de radiologia José Carlos Ferreira da Costa, o “Zé do Bico”, e Albino de Góes, ambos funcionários desde 1979 e que se aposentaram nesta atividade; sempre disponíveis, carinhosos no trato com os pacientes, extrapolavam as suas funções para remover pacientes, finalizar imobilizações gessadas, “fazer o serviço andar”, etc. Nestes 44 anos de atividades cirúrgicas no HSVP, muitos instrumentadores cirúrgicos dedicaram suas vidas profissionais e o melhor da sua atuação para que o material estivesse sempre disponível e esterilizado, cuidados com antissepsia,

respeito e ética no trato com os pacientes. Alguns nomes lembrados : Lenir Voghel, Vanete Ghizzoni, Márcia Fabiane da Silva, Magda Ritter, Susana Susin, Carine Aguiar, Helena Webber da Silva, Inês Rippel, Manuela Pimentel, Vanoria Oliveira, Dagmar de Oliveira, Rosália dos Santos, Priscila Demarchi, Cristiam Mucha, Inês Barrichello, Daiana Folle, Ortelina Borges (a “Tita”, falecida devido à pandemia do Covid19), Vanessa Campanholo, Vanderléia Gonçalves. A coordenação do centro cirúrgico desde 1980 esteve ao cargo da Irmã Iolanda, Vilmar Stefini, Martim Moura e Luiz Bedendo.

A implantação dos programas de residência médica do HSVP se deu no final dos anos 70, pelos esforços de Rudah Jorge, Paulo Sérgio Crusius e Gilberto Tubino da Silva. A primeira residência de ortopedia do interior do estado é estabelecida no HSVP em 1979, sendo Paulo Fernandez e Mauro Mielauskas os primeiros residentes do PSF e Osvandré Lech o primeiro residente do IOT em 1980.

O programa teórico e atividades práticas foram desenvolvidos de forma conjunta pelo PSF e IOT por um curto período de tempo e a seguir foram estruturados separadamente. Em 40 anos de funcionamento ininterrupto, a residência médica de ortopedia do HSVP formou 119 especialistas que hoje trabalham em diversos estados do país e vários países vizinhos.

A chefia da residência médica de ortopedia foi coordenada por Paulo Bertol (1980-1990), Osvandré Lech (1991-2016) e desde então por Luiz Henrique Penteado da Silva.

No início dos anos 80, já com o ensino ortopédico estabelecido, se desenvolve naturalmente na cidade o atendimento por especialidade, uma tendência internacional, e observada pelo início da publicação de revistas especializadas e de congressos específicos das diferentes áreas da ortopedia. Passo Fundo esteve na vanguarda desta tendência e se antecipou inclusive às capitais brasileiras, sendo por isso inserido rapidamente ao cenário ortopédico nacional e, a seguir, internacional. Há mais de 20 anos, todos os pacientes do HSVP – seja particular, conveniado ou do Sistema Único de Saúde – do regime ambulatorial ou do atendimento da emergência, são tratados exclusivamente pelas “áreas específicas” (ortopedia pediátrica, quadril, joelho, pé e tornozelo, coluna, mão e



Primeira foto do ensino no IOT. Dissecção de peças anatômicas frescas no Instituto Anatômico da UPF, nos fundos do hospital Municipal, em março de 1981. Instrutores José Gouveia, Paulo Bertol, José Saggin e João Pozzi. Residentes Osvandré (R2) e Marcos dos Santos (R1).



Início dos anos 90. José Saggin, Tercildo Knop, Osvandré Lech, R2 Ricardo Menegola, Rudah Jorge, Fernando Lauda e Paulo Bertol.

microcirurgia, ombro e cotovelo, tumores musculoesqueléticos, fixadores externos e, recentemente, distúrbios osteometabólicos). Este padrão de qualidade medico-assistencial não é visto regularmente em outros centros médicos e auxilia diretamente no retorno mais rápido ao trabalho, esporte e lazer e proporciona melhor qualidade de vida às populações a que serve.

Centro reconhecido no tratamento das patologias do joelho, o HSVP acompanhou o avanço tecnológico desafiador desta especialidade em tempo recorde; em 1981 é realizada a primeira reconstrução do ligamento cruzado anterior do joelho tratado com enxerto livre de tendão patelar (técnica de Dejour) em todo o país por José Gouveia, que retornava de treinamento em Lyon, França, onde a

técnica foi desenvolvida; em 1985, João Pozzi e José Saggin realizam a primeira artroscopia. Paulo Bertol estabelece um centro de tratamento de ortopedia pediátrica, publica diversos artigos no país e exterior, forma discípulos e chega ao cargo de presidente da Soc. Brasileira de Ortopedia Pediátrica. A cirurgia do membro superior recebe impulso a partir de 1984 com os treinamentos de Osvandré Lech em cirurgia da mão em Louisville, Kentucky, e cirurgia do ombro em Nova Iorque.

A excelência do ensino ortopédico no HSVP pode ser também avaliada pelo número de residentes que permaneceram no Serviço e hoje mantém esta qualidade. Os primeiros convidados foram Jorge Borges (in memoriam), André Kuhn, Luiz Henrique Penteado da



Coordenador da Residência Luiz Henrique P. da Silva em workshop.

Silva, Antônio Severo, André Hubner e Jung Ho Kim. Nos anos seguintes foram convidados os colegas Everton de Lima, Luiz Gustavo Calieron, Paulo Piluski, Osmar Lopes, Marcelo Lemos, Jean Dambrós, Samuel Faccioni, Gilberto do Nascimento, Marcos Nunes, Christopher Stoffel. A política de interação com o cenário internacional permitiu a incorporação dos fellows de ombro Carlos Castillo (Venezuela) e de coluna Diego Heredia (Colômbia) à equipe. Todo este grupo constitui a terceira geração.

A tradição ortopédica foi mantida no âmbito familiar, com a incorporação à equipe de Paulo Renato Saggin, Gabriel Knop, Fernando Guedes Lauda e Vinícius Kuhn, constituindo a quarta geração.

A ortopedia do HSVP-IOT é constituída em 2020 – ano que marca 40 anos de ensino do IOT no HSVP - por 58 profissionais (25 instrutores, 17 médicos-residentes - 14 de ortopedia e 3 de cirurgia da mão - e 16 fellows, ou, ortopedistas em treinamento de especialidades); 30-40 cirurgias ortopédicas são realizadas diariamente pela equipe.

A intensa produção científica – artigos, capítulos, livros, conferências - e a participação ativa em congressos de todo o país chama a atenção de colegas interessados no treinamento das especialidades ortopédicas. Em 1993, Narcisio do Nascimento, de Natal, RN, vem ao HSVP para treinar ombro e cotovelo. O

ciclo nunca mais parou e hoje o HSVP oferece treinamento pós-residência em todas as áreas ortopédicas. Uma infraestrutura diferente da residência médica foi preparada para tal atividade: alojamento próprio, produção científica ainda mais intensa, aulas e seminários especiais, intercâmbio com Serviços internacionais, etc. A partir de 1998, a SBCMão autorizou o início do treinamento em cirurgia da mão e microcirurgia no HSVP, sendo a ex-residente Tatiana Pitágoras a primeira especialista formada. Nestes 27 anos, mais de 250 ortopedistas vieram ao HSVP-IOT para obter treinamento especializado.

A qualidade da ortopedia praticada pelo HSVP-IOT pode ser mensurada por vários critérios, dentre eles: a) centro de referência para encaminhamento de casos complexos de uma ampla região do sul do país; b) resolubilidade próxima a 100%; c) excelente índice de aprovação dos médicos-residentes no exame para o título de especialista (TEOT) da SBOT e da AMB; d) primeiro banco de tecidos músculo-esquelético instalado na região sul do país; e) intensa produção científica no Brasil e exterior; f) estabelecimento de pólo de difusão científica através da educação ortopédica continuada; g) crescente número profissionais com mestrado e doutorado; h) liderança política em entidades da especialidade; para exemplificar, as seguintes entidades foram presididas por ortopedistas

do HSVP-IOT : Soc. de Ortopedia do RGS (SBOT-RS), Soc. Bras. de Ortopedia Pediátrica (SBOP), Soc. Bras de Cirurgia da Mão (SBCMão), Soc. Bras. de Cirurgia do Ombro e Cotovelo (SBCOC), Sociedad Latino-Americana de Hombro y Codo (SLAHOC), International Board of Shoulder and Elbow Surgery (IBSES), Soc. Bras de Cirurgia do Joelho (SBCJ) e Soc Bras de Ortopedia e Traumatologia (SBOT). O coordenador da residência de ortopedia, Luiz Henrique da Silva, está na linha de ascensão para presidir a Soc. Bras de Trauma Ortopédico (SBTO).

No início do novo milênio, o corpo clínico do IOT prestava atendimento em precárias condições na rua Independência, 889. Foi consenso do corpo clínico a ideia de edificar o Hospital do Trauma IOT, inaugurado em novembro de 2007. Com 14.000 m² de área construída, o novo hospital modificou o conceito de atendimento qualificado e conforto aos pacientes em Passo Fundo e região, sendo local de peregrinação de equipes ortopédicas de diversos pontos do país e exterior em busca das novas ideias e protocolos. A relação de cordialidade e ética entre o IOT e o HSVP se manteve inalterada no período e, em 2016, o HSVP adquire o prédio e estabelece ali o HSVP-Filial; esta segunda unidade hospitalar mantém o perfil de atendimento ortopédico e agrega outras especialidades.

A história do Serviço de Ortopedia do IOT no HSVP foi bem-sucedida porque contou a colaboração da moderna estrutura hospitalar, colegas de outras especialidades com destaque à anestesiologia, a clínica médica, radiologia, eletrodiagnóstico, infectologia, reumatologia, neurocirurgia, intensivismo, emergência e ao apoio irrestrito da diretoria.

Gilberto Camanho, livre-docente da USP, ex-presidente da SBOT e Editor Emérito da Revista Brasileira de Ortopedia, assim se manifestou quando aterrisou no aeroporto Lauro Kurtz: “afinal, agora eu vou saber o que é que tem esta tal de Passo Fundo...!”. Uma expressão de curiosidade para entender como um centro de excelência em ortopedia pode se desenvolver em cidade de médio porte, difícil acesso e sem qualquer apoio financeiro governamental. Já Theodomiro Xavier, decano ortopedista de Porto Alegre recém falecido, assim se manifestou: “Passo Fundo tem esta inquietude ortopédica que dá gosto...!”



Paulo Piluski orientando os residentes durante procedimento cirúrgico. Equipe IOT- HSVP em dezembro de 2017.

(Osvandré Lech é presidente do Conselho Mundial de Cirurgia do Ombro e Cotovelo, chefe do Serviço de Ombro e Cotovelo do HSVP-IOT, foi coordenador da Residência Médica de Ortopedia no período 1991-2017, é vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Medicina e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

De uma poetisa grega

AGOSTINHO BOTH

Safo de Lesbos, entre 630 a.C. a 604 a.C, a poetisa viveu entre o amor feminino e masculino. Proibida ao meio de tantas vontades históricas, sofre do amor dividido. Sobraram alguns versos fugidos das perseguições contra desejos proibidos por todas as culturas.

Dourada flor

Igual aos deuses me parece
Aquele que, face a face, sentada junto de ti,
escuta a tua voz tão suave,
e esse riso encantador que, juro,
enlouquece o coração no meu peito.
Mal te vejo, um instante que seja,
a minha língua se resseca,
um fogo sutil, de súbito, me corre sob a pele,
os meus olhos deixam de ver,
os meus ouvidos zumbem,
cobre-se o corpo de suor,
um estremelecimento me percorre toda,
torno-me mais verde do que a erva.
E parece-me que vou morrer...

Outro fragmento:
Quisera ver teu jeito amável de andar
E a luz clara de teu rosto.
Prefiro a ti aos carros lídios

Ou mil guerreiros cheios de armas.
Em ti se ocultam os melhores anseios
De uma alma dividida.
Só tu és a certeza cheia
Do melhor que uma mulher
Possa ter e amar.
Meu coração sempre dividido
Em ti se converte na certeza
Do melhor e mais amado
Que uma mulher possa conhecer.
Velhas lembranças meigas
Se diluem como a fumaça
Do cachimbo de meu amado.

Reflexão
Alguns dizem que sobre a negra terra
O mais belo é um esquadrão de cavaleiros
Outros que um batalhão de infantaria;
Outros que uma esquadra de navios;
O mais belo é o ser querido
Que o coração anela.

Roberto Rossato e o Plantio Direto no Brasil

PAULO DAL PONT

Corria o ano de 1975 e eu, recém-formado em Agronomia pela UPF, realizava um estágio na fazenda de Paulo Rossato em Castro, PR, onde já se praticava teste do plantio de uma cultura sobre a palha de outra recém-colhida. Mais tarde este método ficou conhecido como Plantio Direto.

Foi na sexta-feira de carnaval de 1976 que Roberto Rossato me chamou para uma conversa, que ocorreu no centro da cidade de Passo Fundo. Ele falou que possuía muitos planos e que já não tinha mais tempo para desenvolvê-los, que precisava de alguém para viajar pelo mundo para descobrir novas tecnologias agrícolas, e também estivesse à frente da criação e estruturação do departamento de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos da empresa Semeato. Perguntou se eu aceitaria o desafio e lhe respondi imediatamente, sem hesitar: “aceito este desafio com prazer!” Daí, Roberto Rossato solicitou que eu estivesse na empresa na segunda-feira de carnaval. Um verdadeiro superesforço para um jovem envolvido com o espetacular carnaval daquela época em Passo Fundo. Na segunda cedo lá estava eu no seu escritório, quando ele me entregou diversos documentos e revistas publicadas em inglês e espanhol, e me falou: “começa por aí!”

Rossato me informou que o Plantio Direto iniciou no Paraná e que os pioneiros foram Herbert Bartz, Franke Dijkstra e Manoel Henrique Pereira, o Nonô. A filosofia do novo método de plantar estava estabelecida. Havia, porém, um grande problema a ser resolvido: as máquinas de plantio não eram ainda adaptadas e isto comprometia a popularização e a aceitação do método. As empresas que fabricavam maquinário agrícola já estavam sendo cobradas a produzir melhores equipamentos.

O sistema apresentado para o Plantio Direto no Brasil veio da ICI da Ingla-



(FOTO: ARQUIVO P. DAL PONT)

terra, onde a máquina revolvia o solo e depois plantava, como se fosse uma enxada rotativa. Eu fiquei relutante em aceitar esse sistema, justificando ao Sr. Roberto que era o mesmo que gradear a terra no sistema antigo, permitindo a continuidade da erosão. Desta forma, começaram a aparecer cobranças de adaptações no maquinário já existente, diretamente com o Sr. Roberto, ficou clara a necessidade de desenvolver um novo kit de Plantio Direto para os agricultores e que deveríamos desenvolver também uma nova máquina.

Com isto em mente e com a aprovação do Sr. Roberto participei de diversas feiras do setor. As primeiras foram na França e nos EUA. Da observação dos modelos utilizados no exterior e depois de detalhado desenvolvimento industrial na Semeato, mais dois modelos de

discos foram produzidos além do Ondulado. Ao ficarem prontos, perguntei como se chamariam, e o Sr. Roberto respondeu: “Ondulado, Corrugado e Estriado”, em meio a risos.

Não é possível precisar o valor investido pela Semeato na fabricação e divulgação dos novos modelos para o Plantio Direto. A ordem era melhorar sempre mais e divulgar as novas tecnologias no meio agrícola. Alguns modelos foram abandonados já nos primeiros testes, pois as exigências com a qualidade eram máximas. Participei de um grande número de viagens para apresentar os novos modelos. De caminhão e na companhia de um técnico, os kits eram apresentados a agricultores e órgãos reguladores. O teste ocorria geralmente no pior local da propriedade, onde a produtividade era menor. Como

obtinhamos bons resultados, o sistema de Plantio Direto se firmava cada vez mais na região. Ainda guardo o projeto por mim elaborado e apresentado ao BRDE no RGS para financiamento da Máquina de Plantio Direto.

Para convencer o agricultor era necessário falar em economia de combustível. Empiricamente concluí que haveria economia de 35 litros de diesel por hectare quando o sistema de Plantio Direto utilizando as máquinas da Semeato fosse empregado. A notícia teve boa aceitação!

O sr. Roberto também produziu e distribuiu fartamente entre os agricultores um “penetrômetro” que demonstrava na hora a compactação do solo, o famoso

“pé de arado”, grande provocador de erosão e com a utilização do sistema de plantio direto a compactação do solo seria eliminada.

Outro problema a ser vencido era o herbicida a ser utilizado. Isto me tirou o sono por muito tempo... A solução foi com a tecnologia da Monsanto, que estive na fábrica informando, que desseca e não rebrotava as ervas daninhas. Concluí com este avanço que o sistema de Plantio Direto estava completo e que funcionaria. Foi o que aconteceu!

Roberto Rossato, recentemente falecido, merece um lugar de destaque na história da agricultura brasileira por inúmeras ações. Uma das principais foi a de ter vislumbrado e acreditado na nova

técnica do Plantio Direto e desenvolvido máquinas e implementos que viabilizassem este avanço agrícola. A tenacidade e espírito empreendedor do Sr. Roberto Rossato e da sua equipe modificou para melhor o sistema de plantio, economizando milhões de litros de combustível, contribuindo para maior produtividade na lavoura e preservação do meio ambiente. A identificação da Semeato com o Plantio Direto era tamanha que o slogan lembrado até hoje é “Semeato - o Plantio Direto que deu certo”. Por isso, o Plantio Direto no Brasil também pode ser chamado de “Roberto Rossato”.

(Paulo Dal Pont é engenheiro-agrônomo e empresário, de Passo Fundo, RS.)

Poesia

PEDRO DU BOIS, *In memoriam*

Marear

Momento em que me esqueço.
Sensação de perda.
Confrontação e miséria.
A ultimação do pensamento esgotado
em si mesmo. Antes anoiteça peço
à divindade a salvação com calma.

Calmo aguardo. Aguardo a calmaria
que deixará meu barco estanque.
Casco contra a pedra do cais
que me recolhe. Da craca pássaros
se alimentam. A água conserva
a destruição do madeirame.

O movimento da água contém
minha estada. Escadas sobem
conveses na direção diuturna
da faina: esfomeados marujos
atiram fora as cascas das laranjas
alimentadas na sobremesa.

O andar do corpo tropeça esperas.
Esperto aquele que se debruça.
Na escola a vida naufraga.
No mar o naufrago faz escola.

Quem se aventura além
contempla na paisagem
a passagem: nada dizem
as aves companheiras.

Peixes adicionam proteínas
ao salgado engodo aventureiro.
Longe alguém acena por acenar
que a parceria se faz ao largo
em desenho oceânico.

(Pedro Du Bois, escritor
passo-fundense,
vítima da COVID 19.)



Sérgio Lângaro - Amor à Medicina

OSVANDRÉ LECH

Filho de Dionísio e Alice Caetano Lângaro, famílias-tronco da cidade de Passo Fundo, Sérgio Lângaro estudou nos colégios Conceição em Passo Fundo e Rosário em Porto Alegre. Graduou-se médico pela UFRGS na notável classe de 1953, juntamente com Moacyr Scliar, Asdrúbal Berquó, Aiglon Moura Simas e Hélio Dourado. Foi em Chapada, RS, que iniciou a vida profissional. Lá permaneceu de 1954 a 1958 onde demonstrou liderança e empreendedorismo como diretor do hospital e líder da comissão que obteve a emancipação municipal. Finalizada a etapa “do interior”, por onde iniciavam os médicos formados nesta geração, o Dr. Sérgio mudou-se para São Paulo, onde se especializou em cirurgia do aparelho digestivo no serviço do Prof. Edmundo Vasconcellos (FMUSP).

A atividade médica em Passo Fundo se desenrolou ininterruptamente de 1958 até o final de 2016. Foi diretor do Hospital São Vicente de Paulo de 1964 a 1969, médico legista do Centro de Saúde, professor-fundador da Faculdade de Medicina da UPF, em 1970, onde lecionou cirurgia torácica por 28 anos e recebeu muitas homenagens dos formandos, membro-fundador da Unimed, da Ameal, da Academia Passo-Fundense de Medicina. Trabalhou também no Hospital da Cidade, Hospital Municipal Dr. César Santos, no Sport Club Gaúcho e no Aero Clube. Foi, porém, no seu consultório particular, na Rua Bento Gonçalves, que desempenhou sua maior missão médica. Era reconhecido como médico “particular” e por atender gratuitamente os necessitados. Membro Emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, onde foi Benfeitor da nova sede, do International College of Surgeons, da Sociedade Brasileira de Pneumologia, especialista em cirurgia torácica pela AMB. Presidiu a seccional Passo Fundo da AMB. Como Hipócrates, transmitiu a arte de curar com simplicidade,



(FOTO: ARQUIVO O. LECH)

Osvandré Lech (E), Sabino Arias e Sérgio Lângaro.

maestria, ética e impressionante rigor técnico para os que com ele conviveram na rotina das visitas hospitalares e nas cirurgias.

Recebeu o título Medalha Grão Mérito Fagundes dos Reis, na Câmara Municipal de Vereadores, em 2000, e a Medalha Nicolau de Araújo Vergueiro, na Academia de Medicina, em 2011.

Leitor voraz, Sérgio Lângaro mantinha-se atualizado em técnicas e diretrizes médicas. Mais de um livro permanentemente aberto na sua mesa de trabalho demonstrava a sua atitude de aprendiz. Era respeitado por pacientes e colegas de trabalho pela postura discreta, ética, humana e profissional com que conduzia suas ações.

Exímio jogador de futebol na juventude, esporte praticado até os 70 anos. Torcedor do Internacional e do Gaúcho, adorava um bom churrasco e um cafezinho com amigos.

O “professor”, como era carinhosamente chamado em círculo restrito, foi uma das “esquinas da minha vida”; ou

seja, os anos que o acompanhei como acadêmico, de 1977 a 1979, mudaram para sempre o meu perfil pessoal e profissional.

Sérgio Lângaro faleceu, em 08 de janeiro de 2017, devido a falência múltipla de órgãos. Ele completaria 88 anos em 18 de fevereiro. Deixou Heloísa Padilha, a sua segunda esposa, os filhos Liana, Sérgio e Nelson do primeiro casamento com Matilde Barbieux, os netos Bruno, Daniela, Patrícia, Marcelo e Diego, muitos admiradores, que conviveram com ele e aprenderam a respeitá-lo, e uma legião de pacientes que tiveram suas vidas tocadas pela genialidade, carisma e competência do homem que dedicou a vida e todos os seus esforços para a medicina ética e de bons resultados.

Aquele traje bem alinhado e aquele sorriso amável farão falta no cotidiano da cidade. Obrigado, professor!

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

Atualidade de Alberto Pasqualini



PAULO MONTEIRO

Em 2001, quando fazia cem anos de nascimento de Alberto Pasqualini, publiquei um artigo, republicado quase integralmente republicado em folheto três anos depois. Ambos os textos chamavam a atenção para a atualidade do pensamento pasqualinista, atualidade que, ultimamente, vem aumentando muito. E essa atualidade continua marcante, pois ele representa uma raridade, em termos da política brasileira, um militante partidário que se revela um teórico de partido. E um teórico partidário é fundamental para a consolidação de uma sociedade democrática.

Assumo integral responsabilidade pelos conceitos emitidos quanto à obra do “maior teórico do trabalhismo brasileiro”, que tenho lido e relido, ao longo de anos e anos como militante político, há mais de uma década afastado de qualquer organização partidária, partido político, e como ativista cultural, atividade esta que me levou a ser convidado

a integrar os quadros de diversas entidades culturais do Brasil e do exterior, em décadas de atuação.

A vida

No dia 23 de setembro de 2001 transcorreu o centenário de nascimento de Alberto Pasqualini. A data passou praticamente esquecida, talvez porque ele tenha manifestado ideias próprias e claras. Mesmo tendo seguidores fiéis sempre foi incompreendido, mesmo no interior de seu próprio partido, o velho Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. O mesmo ocorreu em 30 de junho de 2010, quando sua morte aconteceu meio século de ocorrência.

Na verdade, a memória de Alberto Pasqualini foi esquecida por aqueles que, no Brasil, se dizem trabalhistas, tanto indivíduos quanto partidos.

Alberto Pasqualini nasceu no atual município de Ivorá. Seu pai, Alexandre, era escrivão naquela localidade e sua mãe, Paulina Bortoluzzi, dona de casa. Em 1909 a família transferiu-se para São Miguel, em Restinga Seca, onde permaneceu até 1924, quando se mudou

para Cachoeira do Sul.

Alberto ficou em São Miguel até 1913. Dois anos depois iniciou o curso ginásial com os jesuítas, em São Leopoldo. Descobrimo que não tinha vocação para o sacerdócio abandonou o seminário, em 1919. No ano seguinte inicia o curso de magistério no Colégio Anchieta, na Capital, pois os estudos realizados no seminário não eram reconhecidos. Transferiu-se para o Colégio Júlio de Castilhos, em 1922. Princiou o curso de Medicina, que abandonou para cursar Direito, na atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul, colando grau em 1929. Participou da Revolução de 30, como comandante militar do Porto, na Capital Gaúcha.

Pasqualini passou a exercer a advocacia em 1932 e dois anos depois concorreu a deputado federal, representando os libertadores na Frente Única Gaúcha, obtendo 77.166 votos, mas sem conseguir eleger-se. Entre 1934 e 1935 exerceu a cátedra de Introdução à Ciência do Direito e, interinamente, a disciplina de Direito Civil, na faculdade onde se formou. Em 1935 foi eleito vereador em

Porto Alegre. De 1939 a 1943 assumiu a Secretaria do Interior, durante o Estado Novo, abolindo a censura no Rio Grande do Sul. Em 1945 iniciaram-se movimentações para que concorresse ao governo do Estado. Foi convidado por Getúlio Vargas para ministro do Supremo Tribunal Federal, recusando o convite. No dia 16 de setembro participou da fundação da União Social Brasileira, redigindo seus principais documentos. A USB fundiu-se com o Partido Trabalhista Brasileiro e Pasqualini concorreu a governador, em 1946, perdendo a eleição por menos de 22 mil votos para Walter Jobin, outro egresso do Partido Libertador.

Continuou sua militância doutrinária fazendo publicar o livro *Bases e Sugestões para uma Política Social*, em 1948. Em 1950 foi eleito senador, casando-se, nesse mesmo ano, com Suzana Thompson Flores. No Senado Federal, Pasqualini pronunciou discursos, apresentou projetos de lei e emitiu relatórios de ampla repercussão, como aquele sobre a criação da PETROBRÁS.

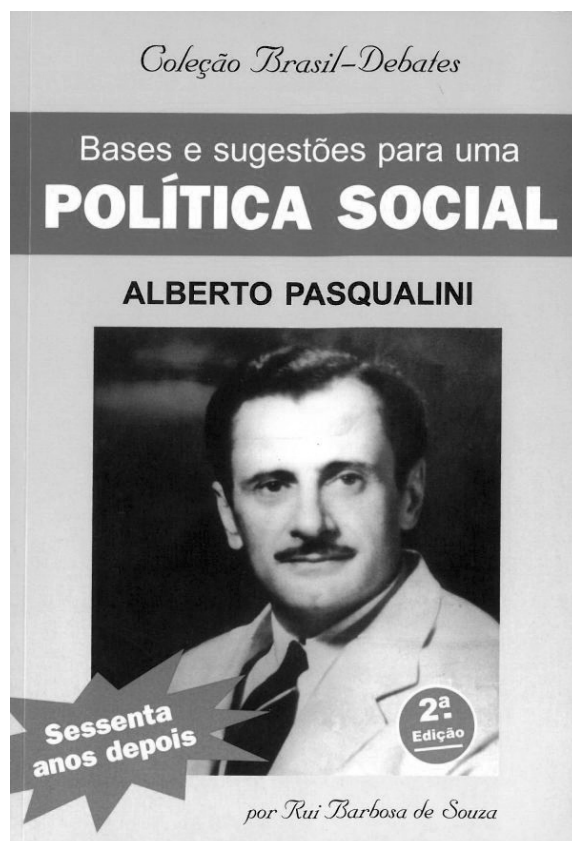
Em 1954, mesmo adoentado, concorreu ao governo gaúcho, sendo derrotado por Ildo Menegheti, apoiado por uma coligação de partidos conservadores. Em dezembro sofre um derrame cerebral, que acabaria por prendê-lo ao leito até sua morte no dia 30 de junho de 1960.

Alberto Pasqualini foi reconhecido como o maior teórico do trabalhismo brasileiro até mesmo por adversários do porte de um Carlos Lacerda.

A obra

Além de *Bases e Sugestões para uma Política Social* (1948), Alberto Pasqualini, em vida, publicou *Diretrizes Fundamentais do Trabalhismo Brasileiro* (1950) e *Considerações sobre o Problema da Moradia* (1952), deixando inéditos em livro, diversos artigos, discursos, pareceres, conferências, projetos de lei e outros trabalhos espalhados em periódicos. Somente em 1994 o Senado Federal editou a maior parte desses escritos, reunida pelo senador Pedro Simon, em quatro alentados volumes, sob o título de *Obra Social e Política de Alberto Pasqualini*, em quatro grossos volumes, formato A-4. Três anos depois o mesmo senador, também pelo Senado

Federal, deu a lume uma coleção desses trabalhos sob o título de *Alberto Pasqualini – Textos Escolhidos*. Ainda em 2001 o então deputado estadual João Luiz Vargas promoveu a reedição, pela Assembleia Legislativa Gaúcha, de *As Ideias Políticas e Sociais de Alberto Pasqualini*, coletânea organizada por João Bruza Neto, que teve sua primeira edição em 1954. Assim, muito do que se diz sobre o pensamento do ideólogo trabalhista transcende o folclore e chega



à invencionice. Lembro-me que, em certa época, foi cognominado de “Gramsci brasileiro”. Ora, o autor das Cartas do Cárcere jamais pensou em reformar, humanizar ou cristianizar o capitalismo. Sempre lutou por substituí-lo por uma sociedade “socializante” e não por uma sociedade socialista.

Alberto Pasqualini formou-se dentro do velho Partido Libertador, que representou na Câmara Municipal de Porto Alegre e pelo qual concorreu a deputado federal, não sendo eleito porque a legenda ficou abaixo do número de votos necessários. Os libertadores sempre formaram uma oposição mais democrática à maioria dos republicanos gaúchos orientados pelo positivismo.

É importante salientar a origem maragata (o que é virtude política em Alberto Pasqualini) para entender-lhe a vida pública e o pensamento político. Maragato

e estudante de seminário católico, ao longo de sua atividade política manteria profundas preocupações democráticas e de solidariedade social.

Seus primeiros discursos são ataques às tradições caudilhescas. Homem urbano, para ele, certas manifestações gauchescas cheiravam à barbárie. Não lhe agradavam botas russilhonas e capas de provisórios. Até mesmo em determinadas exteriorizações do homem rio-grandense-do-sul encontrava materializações do caudilhismo. Deste, distinguia duas formas: o caudilhismo dos “de cima” e o caudilhismo dos “de baixo”.

Esse comportamento urbano, mais tarde, encontraria resistências entre os caudilhos de cima. Eles são todos iguais, usem gravata ou batina. Os primeiros, através de articulações partidárias mais tradicionais; os outros, através da Liga Eleitoral Católica, horrorizavam-se com as tonalidades “vermelhas” (na verdade o velho democratismo do libertador identificado com seu tempo) que viam nas pregações pasqualinistas.

Pasqualini defendia “outro Capitalismo que não mergulha as suas raízes no egoísmo, mas se inspira nos princípios da cooperação e da solidariedade social”. (*Bases e Sugestões para uma Política Social, Obras Completas, v. 1, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958, p. 43*). Para o teórico trabalhista essa proposta política “exclui, de um lado, o capitalismo individualista e, de outro lado, a socialização dos meios de produção. Sua concepção fundamental é que o capital não deve ser apenas um instrumento produtor de lucro, mas principalmente um meio de expansão econômica e de bem-estar coletivo”.

“Esta – continua – é também, senhores, a ideia substancial do nosso programa. Para nós, trabalhismo e capitalismo solidarista são expressões equivalentes”.

Pasqualini, com já foi dito, nunca foi um socialista. Seu catolicismo era de tal tipo que não admitia qualquer espécie de confronto entre classes.

Um dos melhores resumos de seu pensamento está no Discurso de Caxias, publicado no *Correio do Povo* de 17/12/1946 e em *Obra Social e Política* (Vol. II, págs. 47 a 62). Para ele, a socialização dos meios de produção e

a propriedade estatal desses mesmos meios não extinguiriam as classes sociais, pois apresentavam “a tendência de se transformarem em duas classes: uma dos que mandam e estão de cima e a outra dos que obedecem e estão de baixo”. Ademais, para o então candidato ao governo do Estado, o Brasil não estava preparado para aceitar a implantação de uma política socialista. Era colocar o carro na frente dos bois.

Combatia, ainda, com base na Encíclica Quadragésimo Anno, de Pio XI, o capitalismo individual, como já lembrado. Apenas um capitalismo cristianizado poderia salvar o mundo da débacle e preservá-lo da escravidão. Era o que afirmava o candidato.

Pasqualini reconhecia duas formas de socialismo, ‘um socialismo revolucionário que pretende alcançar seus fins pela luta de classes e pela violência e que se identifica com o comunismo (...) e ‘O socialismo pacífico e democrático que intenta alcançar esses fins pelos processos legais e constitucionais’.

Tanto uma quanto outra forma (como sempre têm proclamado os pontífices) não estaria de acordo com a doutrina cristã, ainda que fundamentadas na Bíblia. Em sendo assim, Pasqualini não as apoiava.

Defendeu a industrialização nacional – tendo relatado o projeto de criação da PETROBRÁS -, a pequena propriedade fundiária, uma política de financiamentos com juros subsidiados, o cooperativismo para fortalecer os produtores menores, a moralização do serviço público e profundas reformas de base que abrissem caminho para a

modernização do país, de um ponto de vista capitalista.

Quando confrontamos o pensamento de Alberto Pasqualini com autores contemporâneos seus, sejam cristãos como o bispo metodista Stanley Jones (Cristo y el Comunismo, Editorial La Idea, Montevideo, Uruguay, 1936), o leigo católico brasileiro Tristão de Ataíde (Política, 3a. ed., Editor Getúlio Costa, Rio de Janeiro, 1939) ou o fundador do moderno Partido Socialista Brasileiro, João Mangabeira (Idéias Políticas de João Mangabeira, Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, Brasília-Rio de Janeiro, 3 vol., 1994), verificamos que o pensador gaúcho se inclui dentro de um movimento de ideias representativo de amplas parcelas da intelectualidade ao redor do mundo.

Preso entre a tradição representada pelos ensinamentos dos papas e doutores da Igreja Romana e a modernidade dos economistas do Seco XX, o pensamento de Alberto Pasqualini acaba sendo bombardeado à direita e à esquerda. Ainda que católico, é derrotado pela Liga Eleitoral Católica e outras forças reacionárias.

Atualidade

Apesar de não esgotar suas críticas às injustiças sociais, chegando ao socialismo, nem se prender à essência fraterna do Cristianismo, ficando nos limites do tipo de Igreja que se consolidou com a conversão de Constantino, a leitura da obra de Alberto Pasqualini é importante no momento histórico presente. É importante até mesmo porque muitos dos que, ainda ontem, se diziam pas-

qualinistas defendem, hoje, a entrega das riquezas nacionais ao capital estrangeiro, a revogação das conquistas dos trabalhadores e o desenvolvimento de um capitalismo ainda mais explorador da força de trabalho. Esse é o destino de todos os liberais, mesmo que fantasiados de socialistas: serem conservadores no governo.

A importância de que as ideias políticas, econômicas e sociais de Alberto Pasqualini sejam estudadas nos dias de hoje se deve, também, ao fato de que, por outro lado, muitos daqueles que o acusavam de “reformista” estão à testa dos destinos nacionais, assumindo o mais deslavado oportunismo da História do Brasil estão tomando decisões que sempre foram combatidas pelo senador trabalhista e todos os patriotas sinceros.

Suas ideias documentam o esforço e os conflitos de amplos setores da intelectualidade pequeno-burguesa do século passado e mostram que muitas de suas preocupações continuam atuais.

A falência das políticas neoliberais, demonstradas, inclusive pelas seguidas derrotas do conservadorismo inglês, comprovam que “esse tipo de capitalismo, egoísta e agressivo – para usar expressão do próprio Alberto Pasqualini – continua gerando “a opressão, a miséria, as guerras, a desgraça das nações”, mesmo que essas políticas sejam incentivadas por partidos que se digam socialistas, trabalhistas ou dos trabalhadores.

(Paulo Domingos da Silva Monteiro é escritor, historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Passo Fundo das Missões: Estudo Histórico do Período Jesuítico

PAULO MONTEIRO

Embora a data mais conhecida de nascimento de Jorge Edete Cafruni seja 12 de agosto de 1913, em Porto Alegre, o bibliógrafo Pedro Leite Villas-Bôas informa que “Poucos dias antes da sua morte, o autor esclareceu-nos que a verdadeira data de seu nascimento era 8.08.1913. A certidão de seu casamento registra a data de 11.08.1913, e a certidão de registro foi extraída como nascido em 12.08.1914”. O seu falecimento ocorreu, na cidade natal, em 19 de setembro de 1974.

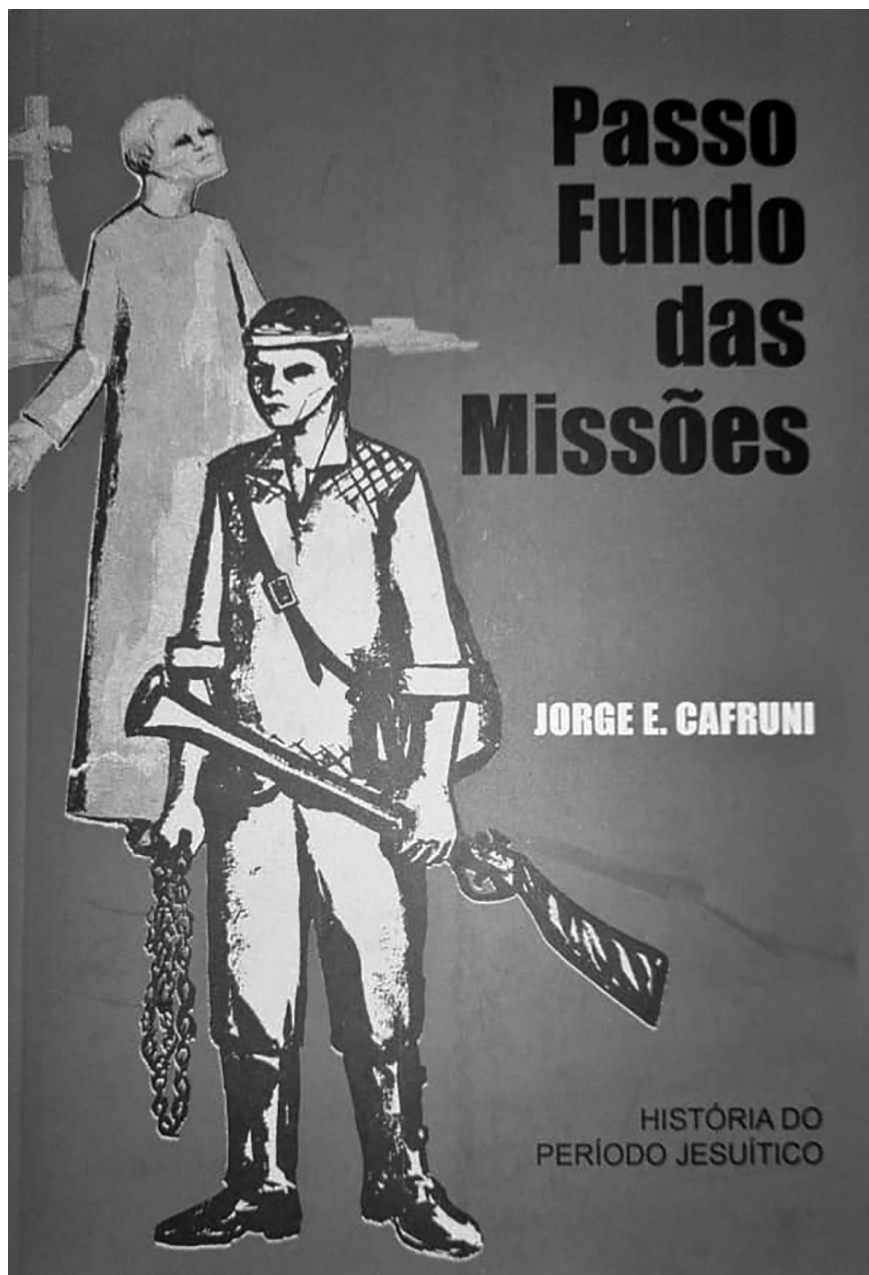
Cafruni foi jornalista, romancista e historiador. Viveu longos anos em Passo Fundo, trabalhando na redação de O NACIONAL, na Câmara de Vereadores e na Prefeitura Municipal. Aqui escreveu seus três livros publicados.

O primeiro deles, AURORAS E CREPÚSCULOS (Gráfica Centenário, Passo Fundo, RS, 1948), é uma coleção de crônicas poéticas ou pequenos poemas em prosa, escritos, originalmente, para um programa radiofônico, do mesmo título, que apresentava na extinta Z.Y.F – 5, Rádio Passo Fundo.

Seu segundo livro, o romance indianista IRAPUÃ, teve duas edições, A primeira delas em 1955, pela Tipo-Lito-Fábrica de Passo Fundo, e a segunda, também em Passo Fundo, pela Edições Dispel (Distribuidora de Publicações Especializadas Ltda.), em 1962.

PASSO FUNDO DAS MISSÕES: Estudo Histórico do Período Jesuítico, saiu a lume em 1966, pela Editora “A Nação”, de Porto Alegre. É sua obra mais importante. Nela Jorge Edete Cafruni se apresenta como um pesquisador sério e um escritor escorreito, como sói acontecer com os jornalistas formados na escola das redações.

O jornalista e historiador se serviu das melhores fontes disponíveis, produzindo um livro que serve como ponto de partida para pesquisas superiores. Narra a história dos jesuítas espanhóis que avançaram sobre o atual Estado do Rio Grande do Sul, fundando diversas redu-



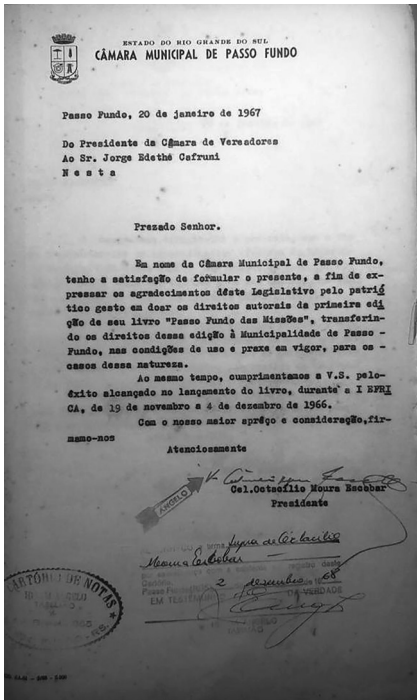
ções na primeira metade dos anos 1600, quando Portugal (e, por conseguinte, o Brasil) pertencia à Espanha.

O livro tem como centro a Redução de Santa Teresa, em Passo Fundo. Inicialmente instalada entre as nascentes do Rio Jacuí e Rio Passo Fundo e logo mudada para o Rincão do Pessegueiro. Ali estão as lutas entre os jesuítas e seus catecúmenos contra os atuais caingangues, que não aceitavam mudar suas crenças natais, e os bandeirantes que

arrasavam as reduções inicianas.

Cafruni segue a tradição dos historiadores influenciados pela história registrada pelos jesuítas, em que satanizavam os índios que não se convertiam ao catolicismo e os bandeirantes, muitos deles cristãos-novos, que combatiam o fundamentalismo dos discípulos de Santo Inácio de Loyola.

PASSO FUNDO DAS MISSÕES: Estudo Histórico do Período Jesuítico, mais de meio século após sua publica-



ção, é o que ainda há de mais importante sobre aquele trecho de nossa história.

Jorge Edete Cafruni era um verdadeiro obcecado pelo índio. Além de IRAPUÁ e sua obra sobre os inícios de nossa história, conta Pedro Leite Villas-Bôas que deixou inéditos a novela OS GRANDES ÍNDIOS e o livro de contos CABRITA ZAROLHA. Ativista cultural, abriu as páginas do jornal em que trabalhava aos escritores locais e dos mais diversos pontos do País. Fundou o Instituto Histórico de Passo Fundo e integrou os quadros da atual Academia Passo-Fundense de Letras. Ficou na memória

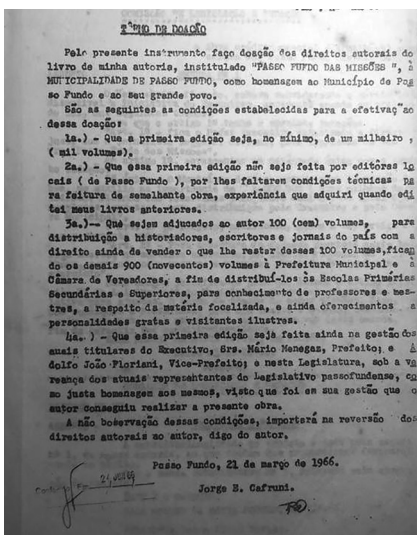
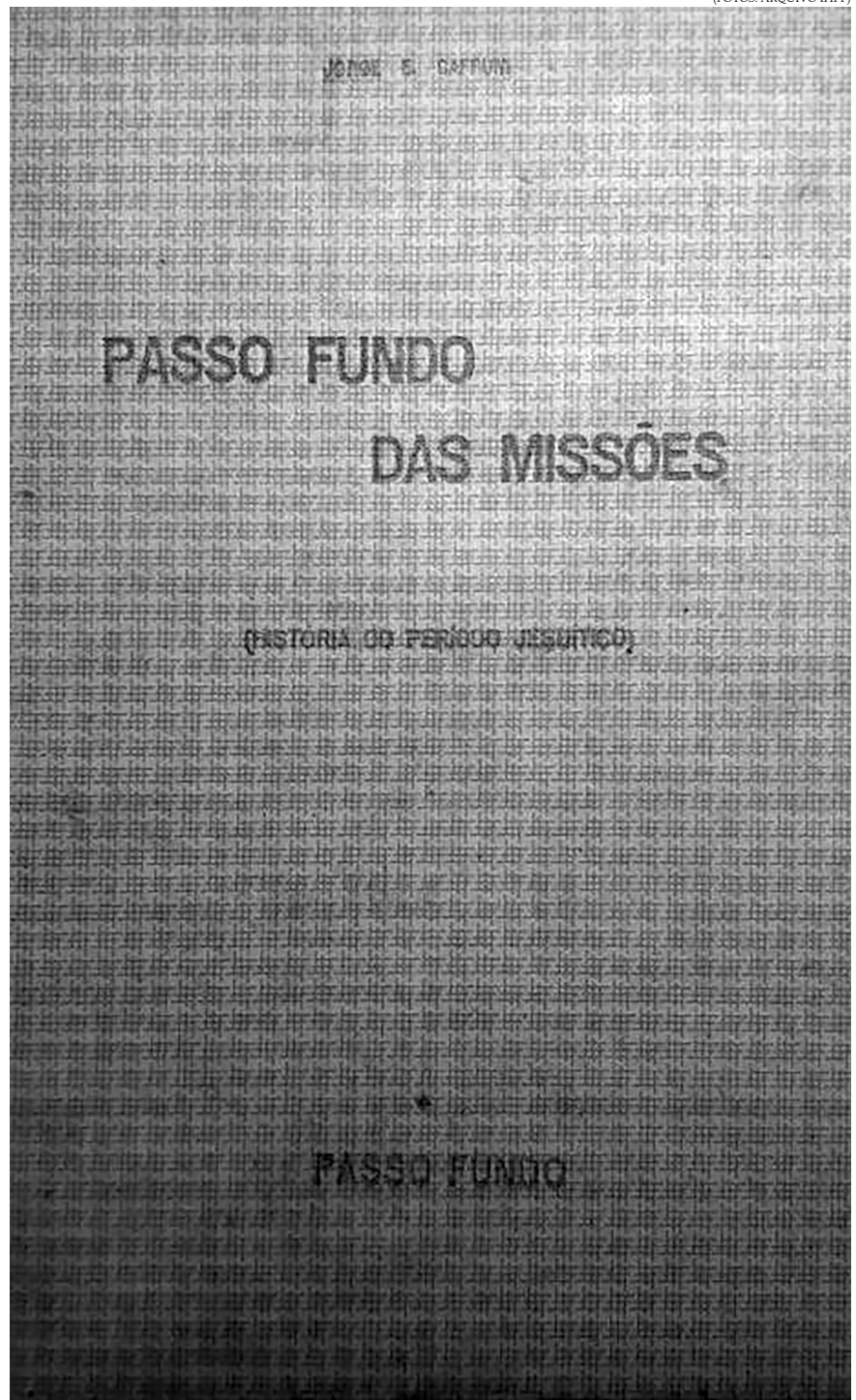
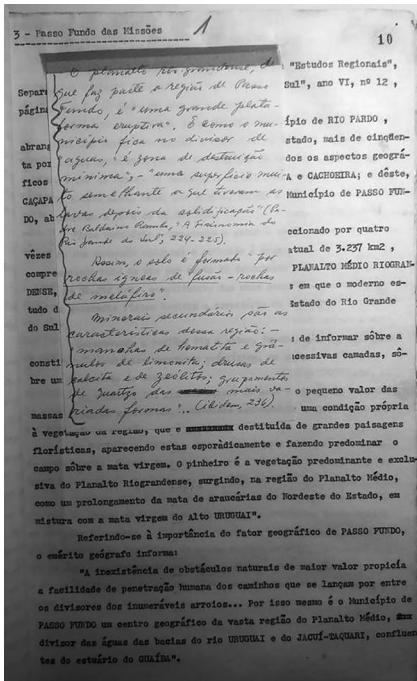
dos jovens do seu tempo de jornalista em Passo Fundo, como um semeador de amor à cultura entre os moços.

Cabe um reconhecimento público à decisão do prefeito Luciano Palma de Azevedo em reeditar PASSO FUNDO DAS MISSÕES: Estudo Histórico do Período Jesuítico.

Passo Fundo, 13 de julho de 2019

(Paulo Domingos da Silva Monteiro é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Nota: Publicado na segunda edição de CAFRUNI, J. E. Passo Fundo das Missões: estudo histórico do período jesuítico. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2019. 660p.



Por isto que sou de maio

No que canto e no que falo,
Sempre que quero tropear
Eu monto é no meu cavalo...

Com esse perfil de ser
Sou poesia, sou cantiga,
Verso feito pelos outros
Só canto se alguém me obriga...

Sei respeitar a cigarra
Trabalho que nem formiga,
Pois para expor o que crio
Eu desconheço a fadiga...

Faço o que me satisfaz
Outros gostam... há quem diga,
O carinho que vem por isto
Inspira, anima e instiga...

Cada ser segue um caminho
Endereço ou gabarito
Por vezes viajo sozinho
Persisto é no que acredito...

Nunca recebi vantagem
Nem entrei por favorito,
Na vida tem muito jogo
Que se perde é no apito...
E às vezes para fazendeiro
Que não tem nem um cabrito,
Ou para quem arrota bife,
Mas vive é de ovo frito...
Lindo é ser feio consciente
Feio é pensar que é bonito...
Já errei ao me expressar
Bem mais por nada ter dito...
Amor que vem por dinheiro
Eu morro e não acredito...
Penso em dizer o que é isto
Ou também deixar escrito,
Como a maioria sabe
Nem é preciso ser dito,
Junção de pobre com pobre
O diálogo é muito esquisito,
Um só fala de aflição
E o outro que anda aflito.

Pois a pobreza eu conheço
De verdade e não por mito,
Um acredita em São Jorge
O outro em São Benedito...
Quando tem papel higiênico
Falta grana paro o palito...
E romance nesse estado
É raro não ter atrito,
Por mostrar a realidade
Já me tornei um perito...
Por isto quando estou só
Profundamente eu reflito...
A perfeita felicidade
É um problema e infinito...
Pois quem atingiu a isto
É um gênio e meio bendito

Guarda tudo a sete chaves
Num lugar muito restrito,
Há quem se julga feliz
Por meios, meio esquisito,
É brigando ou se pelando
Buzinando e dando grito,
Vou continuar procurando
Em ser feliz eu acredito,
Porém não na solidão
É um livro sem nada escrito...

Nunca tive o melhor preço
Naquilo que é meu produto,
Também por pagar mais caro
É desse modo que eu luto...
Não sei fazer propaganda
Pois nisso não sou astuto,
Não vendo gato por lebre
E nem maconha em charuto...
Macho que é muito machão
Bem no fim é um "baita bruto"...
Que encosta o peito no chão
Para empinar o cocuruto...

O que produz é marca rara
Ninguém compra no balaio,
Interpretar é mais ou menos
O que faz o papagaio...
Repete o que já está feito
Através de muito ensaio,
Igualar autor com intérprete
Quem pensa assim é lacaio...
Nas cores de meu pensar
Eu me encontro e me distraio,
Compor é mostrar que a chuva
Se mansa refresca o baio...
E motiva a fazer amor
E nessa armadilha eu caio...
Também retrata a tormenta
Com vento trovão e raio...
Mas sempre a boa energia
Para meu ambiente eu atraio,
E o mês do meu nascimento
É o quinto e se chama maio...



(Francisco Mello Garcia – Xico Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xicogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942)



Gaúcho Doador. Doe Sangue, mostre teu valor!

É um concurso de poesias que visa ao esclarecimento de dúvidas sobre a doação de sangue. Projeto cultural desenvolvido pelo Serviço de Hemoterapia do Hospital São Vicente de Paulo, com o apoio da 7ª Região Tradicionalista e da Academia Passo-Fundense de Letras.

Quando eu crescer

Já faz um tempo
Que mosquitos me picaram.
Cocei com muita força,
Até que saiu sangue.

O sangue era bem pouquinho
Mas era o meu sangue
E eu não queria dar não
Para aquele feio mosquitão

Limpei bem com um paninho
E meu pai deu um apertão,
Para não sair mais sangue
E eu não coçar mais não.

Um dia eu lembrei
Que fui no doutor tirar sangue,
Daí para a mamãe perguntei
- Para que mosquito vão levar?

Aquele sangue era para exame mamãe disse,
Mas gente grande pode doar
Para outras pessoas que precisam
E essa picada não vai coçar.

Doar sangue salva vidas
O meu pai já me disse.
Quando eu crescer e precisar
Também vou doa

Categoria dos 08 a 12 anos

1º Lugar

Poesia: QUANDO EU CRESCER

Autora: Ana Flor Spannnenberg

Idade: 09 anos de idade.

É aluna do 3º ano da Escola Gomercindo dos Reis. Primeira Prêda Pré Mirim do CTG Lalau Miranda. Participante da Invernada de danças pré mirim, declamadora de concursos tradicionalistas. Faz parte do Bandinho de Letras da Universidade de Passo Fundo. Estreante na escrita poética segue os passos dos pais e da irmã mais velha na arte de escrever. São dois concursos com escrita poética, já classificou como finalista no primeiro concurso e brilhou no primeiro lugar de seu segundo concurso.



Gaúcho Doador

Nas veias da humanidade
corre um sangue avermelhado,
muitas vezes derramado
em guerras e revoluções.
Hoje, nas veias de peões
e de prendas mui valentes,
salva a vida dos viventes
através das doações.

Para doar sangue, meu parceiro,
só precisa ter cuidado:
estar bem alimentado
e com a saúde buenacha.
Se desejar, vá de bombacha
ou do jeito que quiser.
Seja homem ou mulher,
Para doar não paga taxa.

Se quiser doar seu sangue,
é só campear um hemocentro,
mas precisa estar atento
e também ter o cuidado:
não doe sangue gripado,
tatuagem, tem que esperar!
E também não vá doar,
se estiver meio traguedo.

Seja um gaúcho doador,
doar sangue é um gesto nobre.
E tomara que ele sobre
nos estoques do rincão,
pois todos são irmãos
perante os olhos celestiais.
Por isso, doe cada vez mais,
com amor no coração.

Quem doa tem a coragem
de um herói farroupilha
que levava sua tropilha,
enfrentando frio e calor.
Mostre, povo, o seu valor!
Através do seu sangue doado,
hoje, será herói e chamado



Categoria 13 a 17 anos:

1º lugar

Poesia: GAÚCHO DOADOR

Autor: Roque do Estreito de Paula

Idade: 15 anos

Me chamo Roque do Estreito de Paula, tenho 15 anos de idade. Moro em Água Santa RS e estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Raimundo Damin. Comecei a escrever minhas poesias aos 11 anos, sempre me inspirando no meu pai, Nelson Maculan de Paula, que

também escreve poesias. Iniciei minha trajetória dentro do tradicionalismo aos 12 anos, quando comecei a fazer parte da internada artística do Piquete de Laçadores Pai João, no qual atualmente faço parte da gestão de prendas e peões na posição de 1º Guri Farroupilha. Graças ao apoio de meus amigos e do Piquete, comecei a participar de concursos de poesias, sendo o primeiro, o concurso de poesias “Gaúcho Doador”, no qual tive a grande alegria de ganhar em 1º lugar na categoria de 13 a 17 anos.

Pulsando no coração

1894, campos do Pulador
Uma batalha sangrenta
Que deixou tragédias e pavor
em feridas purulentas

Esta foi a principal batalha
Da Revolução Federalista
Onde no fio da navalha
Degolados baixavam a crista

Em meio ao chafariz de sangue
Uma alma abençoada
Que por onde quer que ande
sempre ficará marcada

Marcada pela morte
Daqueles que se esvaíam
Salvaguardada pela sorte
e pelos salvos que sorriam

Tinha ela por ofício
A labuta da enfermagem
Salvar vidas era seu vício
Em meio àquela engrenagem

Já era bem à tardinha
E o horizonte rubro
Lá quando o sol se punha
E entre sol e sangue descobro

Uma heroína solitária
Com seu sorriso deprimente
fazendo sua batalha
salvando essa gente

O sangue jorrado era tanto
Nas feridas que existiam
Jorravam como seu pranto
Nos que faleciam

Num sinal de desespero
Pra salvar mais um vivente
Transferia do outro inteiro
O sangue corrente

Bem ali no improviso
Descobriu no entrevero
Um jeito definitivo
De repor o pingadeiro

Esse gesto hoje em dia
De bondade e compaixão
Mantém a ousadia
do sangue pulsando no coração.



Categoria 13 A 17 ANOS

2º lugar

Poesia: PULSANDO NO CORAÇÃO

Autora: Barbara Vitória

Spannnenberg Vieira

Idade: 13 anos

Aluna do 8º ano do Instituto Educacional de Passo Fundo. Primeira Prenda Juvenil Estudantil do IE, Primeira Prenda Juvenil do CTG Lalau Miranda, dançarina da Invernada Mirim, Declamadora, Multi premiada no Concurso de Escrita Poética do Festival Gaúcho Estudantil FEGAES- RS, Campeã do Projeto Flores de Maçanilha, finalista de festivais de escrita poética Adelante do Verso e Unidos pela Tradição em 2020





Boa Nova

Nesta pajada de momento
Dou vida aos traços,
Rebenque preso em laços
Apertado em sentimentos.
São palavras donde tento
Expressar como serenidade
Toda a minha capacidade
De compreender os acontecimentos
E no testemunho do firmamento
Falar sobre liberdade.

É verdade que este assunto
Por certo nos é caro,
Para nós nunca foi raro
Versejar em conjunto
E ver herói virar defunto
Em defesa da liberdade
Dar a própria mocidade
Em prol de um ideal
Ter atitude colossal
Até sangrando de verdade

Isso de dar seu sangue
Por muito tempo aconteceu,
Sangue próprio e do filho seu
Manchou terra por alguém que mande
E fez no nosso Rio Grande
Um sentimento que aperta
Não como ferida aberta
Mas como marca baguala
Que na bandeira se instala
E que a alma liberta

Mas estes foram já...
Outros tempos passados
Que ficaram sim marcados
Nos frontes e pelejas
E o que o gaúcho deseja
Nestes tempos de agora
É vivenciar a aurora
De novos tempos de paz
Sem o afoite voraz
Daqueles tempos de outrora

Mas a tão desejada paz
Por certo tem seu capricho
Não abre mão do bochincho
Tão pouco se satisfaz
Sem exigir do capataz
Dedicação semelhante
E hacia adelante
Cobrar a ancestralidade
De gaúchos de verdade
Com sangue compartilhante.

Hoje em dia parceiro
Tirar o próprio sangue sem dor,
Por certo que tem valor
Mesmo sem entrevero
Que se torne costumeiro
Essa rica manobra
Doar sangue renova
O compromisso com a liberdade
Nos faz herói de verdade
E anuncia a boa nova!



Categoria 18 a 60 anos:

2º lugar:

Poesia: BOA NOVA

Autor: Alexandre da Rosa Vieira

Idade: 42 anos

Professor, escritor, poeta, declamador, Contador de Causos, Associado e participante da Invernada de manifestações individuais do CTG Lalau Miranda. Campeão do ENART 2017. Tem 7 obras publicadas entre livros infantis e infanto juvenil, pesquisas em tradicionalismo, uma organização e uma participação em contos. Idealizador da Universidade Livre da Tradição Gaúcha.





Estende o braço e mostre seu valor!

Gaúcho amigo, preste atenção nos meus versos,
eles vão falar de um ato de amor bagual:
Estende teu braço, doe sangue, um gesto tão natural...

Esse ato pode salvar a vida alheia, gaudério!
Então, não se faça de rogado e também não faça mistério.
Estende teu braço! doe sangue! salve vidas!
Isso vai te fazer tão bem!!!

Não importa o rh, se positivo ou negativo,
não é o fator que enobrece,
o que te agradece e te tornas um ser humano sem igual
é o teu ato nobre de gaúcho irmão.

Que fará teu coração bater compassado de alegria,
pois terá consciência de que irá salvar um xirú irmão
que está passando por um momento de aflição e agonia.

Escute este chasque, parceiro!
Nosso sangue determina destinos,
tanto pelo dom da vida, como pela dor da morte.
Então... estende teu braço, mostre seu valor.

Somos todos iguais diante do criador dos pampas,
tire sangue da veia e misture etnias,
demonstre consciência e cidadania
e o coração nobre de gaúcho doador!



Categoria 18 a 60 anos

3º lugar:

Poesia: Estende o braço e mostre teu valor

Autor: Jovem Poeta

Idade: 18 anos

(O Jovem Poeta é interno do CASE e cumpre Medida Socioeducativo.)

O jovem poeta é natural de Passo Fundo. Iniciou seus estudos no colégio Dyógenes Martins Pinto no Bairro Prof. Schisler. Atualmente tem 18 anos e está integrado na turma do 2º ano das séries finais, da escola Estadual de ensino Estadual Paulo Freire. Essa instituição de ensino é integrada ao Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) de Passo Fundo, cujo Diretor é o Senhor Alair Humberto Lago.

O estudante passou por uma infância feliz, sempre teve muitos amigos e chegou a participar da internada artística de uma entidade tradicionalista.

Segundo a Diretora da Escola Ivonete Zamarchi Lemos, seu interesse pela leitura é algo peculiar e que chama a atenção de todos os professores. Dotado de muita sensibilidade - apurada pela literatura - o aluno demonstra uma dedicação especial



pela Poesia tendo como grande ídolo o Poeta Mario Quintana. Com o apoio da Professora de Literatura Mageli Vieira da Rosa, tem o hábito de juntamento com seus colegas, estudar o livro Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto, clássico maior que enfoca com maestria o linguajar, dos costumes e da cultura autêntica do Gaúcho.

Começou escrever quando tinha ainda quinze anos e já tem um repertório bem

razoável produzido nesses três anos.

Em 2017, logrou o 1º lugar no Concurso Literário da FASE que abrangia todas as unidades do Estado do Rio Grande do Sul, com o poema QUERO MINHA LIBERDADE COMO QUALQUER UM QUER A SUA. Também foi vencedor em 1º lugar do Concurso GRAFITE-HIP-HOP, promovido pela mesma entidade em 2016.

O concurso de poesias GAÚCHO DOADOR, DOE SANGUE MOSTRE SEU VALOR apresentou como tema a DOAÇÃO DE SANGUE. Segundo o participante E.S.S., “doar sangue é um ato bonito”, e esse tema despertou inspiração em seu inquieto espírito de Gaúcho, levando-o a participar.

Seu sonho é esquecer o passado e ter dias melhores. Seu objetivo é chegar a Faculdade e se formar em Engenharia Civil. Contudo, ele enfatiza que jamais vai se afastar da literatura e pretende lançar um livro no futuro, pois a poesia o fortalece.

Jovem Poeta, entregou uma carta para a Escola com os dizeres “Se aparecerem oportunidades em sua vida, não pense duas vezes para aceitar, pois nem sempre aparecerá. Por isso, sou muito grato por ter participado”.



Braço amigo!

Nas horas de tempo feio,
Me apego sem revelia
Ao pai do céu, ser maior
Até a virgem Maria!
Sei bem, não guardo segredo
Que a tudo que causa medo
Precisa sempre de um guia!

Nos destemperos da vida
Que golpeia o bem viver,
Tropeços, outros percalços
Qualquer vento é ventania...
E o sangue que corre nas veias
Me aquece, aos poucos troteia
Pra poder doar um dia!

Hoje, tu para um pouco,
No cepo da existência,
Até por benevolência,
Repona a vez do passado,
Vendo um gauderio aperreado
A ciência te pede ajuda
Precisando teu costado!

Podendo ser doador,
Num gesto de puro amor,
Estende o braço parceiro
Salva ali, um companheiro
Que o velho pai te abençoa
Que o sangue que hoje tu doas
É teu melhor travesseiro!



Categoria 18 a 60 anos:

1º lugar:

Poesia: BRAÇO AMIGO

Autor: Lidio Paulo Hannecker

Idade: 57 anos

- Natural de Sertão – RS.
- Poeta da Academia de Letras dos Municípios do RS - ALMURS - Cadeira nº 140. (1996);
- Autor da letra do Hino do Município Sertão – RS, Lei Municipal nº 838/93;
- Autor de dois livros de poesias;
- Primeiro lugar no 1º Festival de Poesias do Município de Sertão;
- Classificado entre os 250 melhores (dentre 1.700) autores do Brasil no Sarau literário da editora VIVARA 2019;
- Hoje exerce a função de Gerente Administrativo do Sindicato Rural de Sertão / Coxilha.
- Técnico em Contabilidade / Habilitação plena.
- Autor de Músicas variadas já gravadas



**Gaúcho
Doador**

Doe sangue, mostre teu valor!
Hospital São Vicente de Paulo



Coordenação

Hospital São Vicente de Paulo

Cristiane da Silva Rodrigues de Araújo

Larissa Andrea Schons

Rodrigo Marcondes Sardi

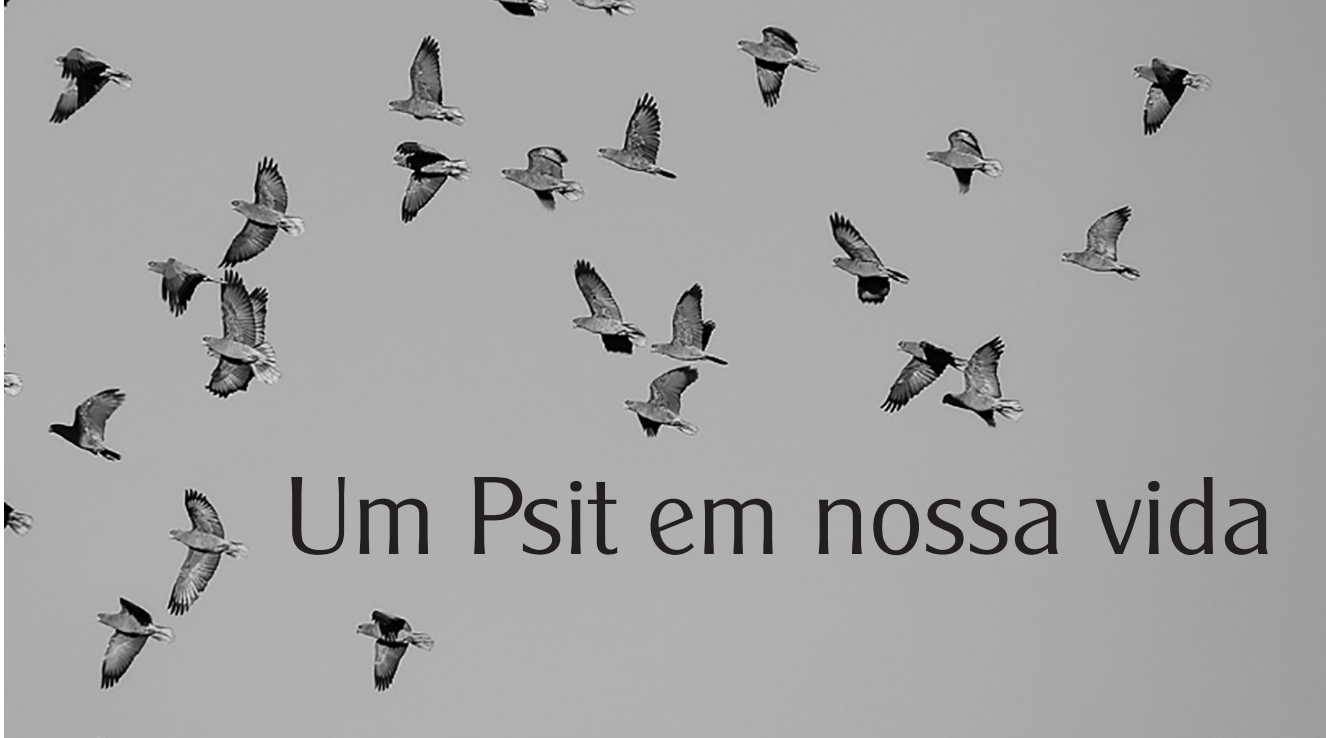
7ª Região Tradicionalista

Vanderléa Belegante Nervo

Academia Passo-Fundense de Letras

Dilse Piccin Corteze

Luis Lopes de Souza



Um Psit em nossa vida

ADELVINO PARIZZI

Fiz um buraco no campo e a minha netinha Suzan colocou um pinhão e o cobriu com terra. Passou-se alguns anos, o pinheiro se desenvolveu e como estava muito perto da piscina e fazendo sujeira com suas grimpas, e sombra escondendo o sol, resolvi cortá-lo a uma altura de um metro do chão. Na primavera, o tronco brotou, formou uma cachopa de galhos. Perto do Natal resolvi cortar um dos brotos, para enfeitá-lo como uma árvore de Natal, e ali encontrei um ninho de papagaio, quase do tamanho de um periquito, soube depois que era de um Papagaio Charão, muito comum na região.

Fiquei de olho no ninho. Saíram da casca três pequenas aves, aos cuidados de sua mãe. Quando se empenaram, dois deles voaram e desapareceram, mas, um ficou por perto. Ao nos aproximar fazia um voo curto, e assustado, fazia outro voo sem se distanciar. Peguei um puçá e fui atrás e não foi difícil pegá-lo e o coloquei numa gaiola. Ao examiná-lo descobri que ele tinha um defeito, de nascença, na asa direita, o que não permitia de lançar um voo de longa distância como seus irmãos fizeram. Com receio de que fosse presa fácil de outro animal, o levei para casa.

Inicialmente comeu pão com leite, depois fui ao mercado comprei uma ração para pássaros pretos. Gostava muito.

Com o passar dos dias adaptou-se

conosco e ficava muito contente com a nossa presença, inclinava a cabeça para receber carinho e seus olhos brilhavam como estivesse com muita alegria.

Certo dia o levei para meu escritório e resolvi soltá-lo devido ao local ser totalmente fechado, seguro. Minha surpresa foi que ele empreendeu aquele seu voo curto diretamente para o meu ombro e ali ficou, me mordiscando a orelha, minha gola ou puxando o meu cabelo.

A minha esposa estava constantemente ao seu lado e ficou encantada com a sua atitude, e para a sua surpresa ele dispensou mais carinho por ela, toda vez que voava ao seu ombro ficava a bicar os brincos ou tentando tirar o seu colar.

O Papagaio, ficou sendo chamado de Psit, e a amizade da ave com a esposa tornou-se eternizada. Todos estimavam o Psit. No almoço de domingo, reunindo os familiares, ele participava, voando em todos os que estavam presente, demonstrando, pela sua atitude de estar muito contente e alegre.

Ganhamos muito carinho pelo Psit. O Psit fazia parte da família.

Certo dia, a minha esposa, estava na área de serviço, colocando roupas na máquina de secar, uma tábua de uma construção, ao lado, caiu perto dela e, ela, fez um movimento brusco, pelo susto que levou, e teve uma fratura da cabeça do fêmur. Passou por cirurgia e ficou hospitalizada por trinta dias.

O Psit, com o passar do tempo, começou a mudar seu comportamento, ficava quieto e totalmente alheio as pessoas que o procuravam. A minha esposa durante a hospitalização sofreu uma trombose

vindo a falecer.

Com ausência dela, o Psit foi ficando mais triste. Os olhos pareciam inertes, como os do Louro José. Aos poucos foi perdendo o apetite e suas penas começaram a eriçar e a tristeza era visível a todos que iam ter com ele.

Ficamos preocupados com seu estado e o levamos a um veterinário para examiná-lo. Voltou para casa com vitaminas, rações especiais e muita recomendação no seu cuidado.

Mas o Psit, realmente sentiu uma solidão profunda com a ausência de sua companheira, e o desânimo levou-o a um abatimento profundo.

Numa manhã, como de costume, fui levar seu alimento diário e o encontrei caído no assollo da gaiola. Mais do que depressa fui socorrê-lo. Mas era tarde. Estava morto.

Para todos nós, fui uma tristeza muito grande. Realmente em pouco tempo tínhamos perdido o Psit.

Coloquei-o no fundo de num vaso de flor, cobri com terra e plantei um gerânio e depois o levei para enfeitar o túmulo, da pessoa de que gostava. Aquele gerânio parecia eterno. Sempre que ia ao jazigo, estava murcho, seco, quase torrado pela falta de água, mas com um botão de flor.

Tivemos um Psit em nossa vida, e, poderíamos ter outros, mas esse outro jamais será o nosso Psit, sua vida foi efêmera, mas eterna em nossas lembranças. Que Deus o tenha.

(Adelvino Parizzi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Tributo aos Du Bois

GILBERTO R. CUNHA

No dia 12 de março, do ano 2 da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, seguindo a praxe, enviei, por intermédio do WhatsApp, o link da coluna que assino em O NACIONAL às sextas-feiras, para Tânia e Pedro Du Bois. Dessa feita, não recebi os efusivos aplausos e nem os comentários elogiosos da Tânia e tampouco os lacônicos “gostei” ou “muito bom” ou as sempre bem-vindas observações relativas aos atentados cometidos pelo colunista contra o vernáculo da parte de Pedro. Estranhei o silêncio, mas releguei. Dia 20 de março, na sexta-feira seguinte, outra coluna enviada e mais uma vez não lida. A falta de resposta de amigos tão queridos começou a me inquietar. Aquilo não era normal. Havia algo. No sábado (21 de março), escrevi: - Bom dia! Como vocês estão por aí? E a resposta de Pedro: - Feio. Tânia intubada. Eu, pelo caminho. Baixa oxigenação do sangue. Torcemos. Abs. E foi assim que fiquei sabendo que Tânia e Pedro haviam sido atingidos pela Covid-19, mal que selaria os seus destinos.

No domingo (22 de março), enviei outra mensagem: - Como estamos meu amigo? E a resposta foi essa: - Boa noite, é a Marina, filha do Pedro. O pai foi para a UTI hoje. Lá, não pode ficar com o celular e está sedado. O desfecho fatal, entre crises e períodos de melhoria, seguiria o script de tantos outros casos dessa doença, até a morte de Tânia, no dia 2 de abril, e a de Pedro, no dia 6 de abril. Mas, além dessa tragédia, é necessário que se entenda porque Tânia e Pedro Du Bois são merecedores dos melhores aplausos dos amantes das letras locais, ainda que não residentes em Passo Fundo.

Tânia e Pedro Du Bois, apesar de radicados em Balneário Camboriú, SC, vivenciaram, como poucos, a cena literária em Passo Fundo, nos últimos anos. Foram assíduos frequentadores das Jornadas Nacionais de Literatura, das Feiras do Livro, geralmente com lançamento de obras, dos eventos na



Pedro e Tânia Du Bois

Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradores do Projeto Passo Fundo de Apoio à Cultura. Mas, não obstante tudo isso, exceto pelos familiares e alguns amigos dos tempos que a cidade ainda era uma aldeia e pelos frequentadores desses mesmos circuitos culturais passo-fundenses, talvez, esse casal de escritores e sua obra não tenham sido tão conhecidos assim (não no nível que fizeram por merecer).

Pedro Du Bois, ex-bancário, poeta e contista, nasceu em Passo Fundo e descobriu, no alvorecer do século XXI (em 2001), que escrever seria o seu destino. Escritor prolífico, foi vencedor, em 2005, na categoria poesia, do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, com o livro *Os objetos e as Coisas*. No rol dos seus muitos títulos, à guisa de exemplo, elencamos: *A casa das gaiolas* (2005), *Via rápida* (2012), *O senhor das estátuas* (2013), *O descrédito e o vazio* (2014), *Tânia* (2015), *Coleção de palavras* (2017), *Imagem & Reflexo* (2018) e *Lares* (2020).

Tânia Du Bois é natural de Sarandi. Formada em Pedagogia, destacou-se como organizadora e revisora de textos, capista de livros e cronista da poesia do cotidiano. Qualificam-na como cronista de escol, os livros *Amantes nas entre-*

linhas (2013), *O exercício das vozes* (2014), *Autópsia do invisível* (2015), *O eco dos objetos: cabides da memória* (2016), *Vidas desamarradas* (2017), *Eles em diferentes dias* (2018) e *Anunciada Forma* (2020).

Tânia e Pedro, hoje (15/04/2021), são partes das estatísticas que contabilizam mais de 361 mil vítimas da Covid-19 no Brasil. Enquanto isso, amigos e parentes pranteiam as suas memórias. Nossos respeitos, em especial, à Tia Honorina (possivelmente a mais longeva ex-aluna do IE em Passo Fundo), à filha Marina, ao genro Paulo Cristóvão Filho, às netas Júlia e Luísa e para Rosália, Rosângela e Paulo, irmãos de Pedro. E, próximos da Tânia, à mãe Annita e aos irmãos Maria Cristina e Luis Fernando.

A Academia Passo-Fundense de Letras e os escritores locais, assim que esses tempos bicudos, como diria o poeta Mario Quintana, permitirem, prestarão o devido tributo ao casal de escritores Tânia e Pedro Du Bois. E é uma lastima que essa seja uma sessão in memoriam.

Requiescat in pace, Tânia Du Bois!
Requiescat in pace, Pedro Du Bois!

(Gilberto R. Cunha é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2020-2022.)

Tributo a Édison Nunes

GILBERTO R. CUNHA

A você, Édison, antes de qualquer outra coisa, o nosso muito obrigado! É com sentimento de gratidão e respeito que os escritores locais, por intermédio da Academia Passo-Fundense de Letras, vem a público prestar esse tributo à memória de Édison Armando de Franco Nunes (1948-2021). Se há um homem que, seja no exercício de funções públicas (vereador, secretário municipal e outros cargos) ou apenas como cidadão, valorizou e fez como poucos pela cultura e pela literatura passo-fundenses, esse foi Édison Nunes.

Édison Armando de Franco Nunes era natural de São Gabriel. Mas isso nunca foi impedimento para que vivesse Passo Fundo de forma muito intensa. Aqui construiu a vida profissional, afetiva e política e deu provas de amor e zelo por essa cidade tal qual um passo-fundense (em 2015 receberia o título de Cidadão Honorário). Era formado em Medicina Veterinária pela UFSM (1970). Fez carreira no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), onde se aposentou, em 1997, como fiscal agropecuário federal. Sempre ligado ao serviço de inspeção e qualidade de alimentos de origem animal, em cuja área era especialista pela Université de Bordeaux I (1979). Paralelamente, trabalhou na Universidade de Passo Fundo (UPF), onde deixou marcas indeléveis, nas áreas de tecnologia de alimentos, zootecnia e veterinária, como professor (1975-2007) e membro do conselho universitário (até 2020, representando o senhor prefeito municipal). Em destaque, na UPF, o seu empenho para a criação do curso de Medicina Veterinária, uma luta de 10 anos, que se concretizaria em 1997, e a idealização de um Hospital Veterinário de referência no norte do Estado, inaugurado em 2001. Foi membro da Academia Rio-Grandense de Medicina Veterinária e atuante em entidades de classe como ABRAVES, CRMV/RS, AMVEP e SOVERGS. Parece muito? Ainda é pouco.

Houve um Édison Nunes homem



Cléa e Édison Nunes

público. Que exerceu cargos relevantes e jamais perdeu a cordialidade no trato pessoal. Um gentleman que trajava impecavelmente conforme a ocasião. Podemos destacar a passagem pela Secretaria Municipal de Agricultura, entre 1993 e 1995, quando criou o Serviço de Inspeção Municipal de Produtos de Origem Animal, que virou referência nacional. A luta para a criação do Partido Liberal (PL) em Passo Fundo. E a função de diretor do Departamento de Produção Animal da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul (abril 1995 a maio 1996). Além dos três mandatos como vereador em Passo Fundo (1997 a 2008) e como secretário municipal nas áreas de Captação de Recursos e Transparência e Relações Institucionais (2013 a 2020).

E foi no exercício de cargos públicos que Édison Nunes pode fazer muito pela cultura local. Talvez nem todos lembrem ou saibam, que foram iniciativas dele como edil: o monumento da Caravela do Boqueirão, comemorativo aos 500 anos da descoberta do Brasil; a Lei nº 3764/2001 que instituiu o 7 de abril como “Dia Municipal do Escritor”; a proposição, em 2007, por ocasião do aniversário de 150 anos de Passo Fundo, da construção de um monumento em

homenagem ao “Pioneirismo na prática de plantio direto em campo nativo, sobre pastoreio rotativo”; a Lei nº 4478/2008 que instituiu a obrigatoriedade da frase “Passo Fundo Capital Nacional da Literatura” em todas as correspondências oficiais do município de Passo Fundo; a Lei nº 4482/2008 que declarou o município de Passo Fundo Polo de Implantação e Difusão do Sistema Plantio Direto, entre outras.

Impossível falar sobre Édison Nunes sem fazer referência à professora Cléa Nunes. Companheira de vida e de infortúnio da Covid-19 (ele morreu dia 19, aos 73 anos, e ela dia 20 de março de 2021, aos 68 anos). Viveram intensivamente 48 anos de casamento, quatro netos e cinco filhos: Andrea, Luciana, Alexandre, Maria Augusta e Eduardo. E essa história, plena de realizações e trágica pelo desfecho, será contada em livro, atendendo ao último pedido da mãe, pela filha Andrea. Muitos outros feitos desse notável casal serão conhecidos. Aguardem.

Requiescat in pace, Cléa & Édison Nunes!

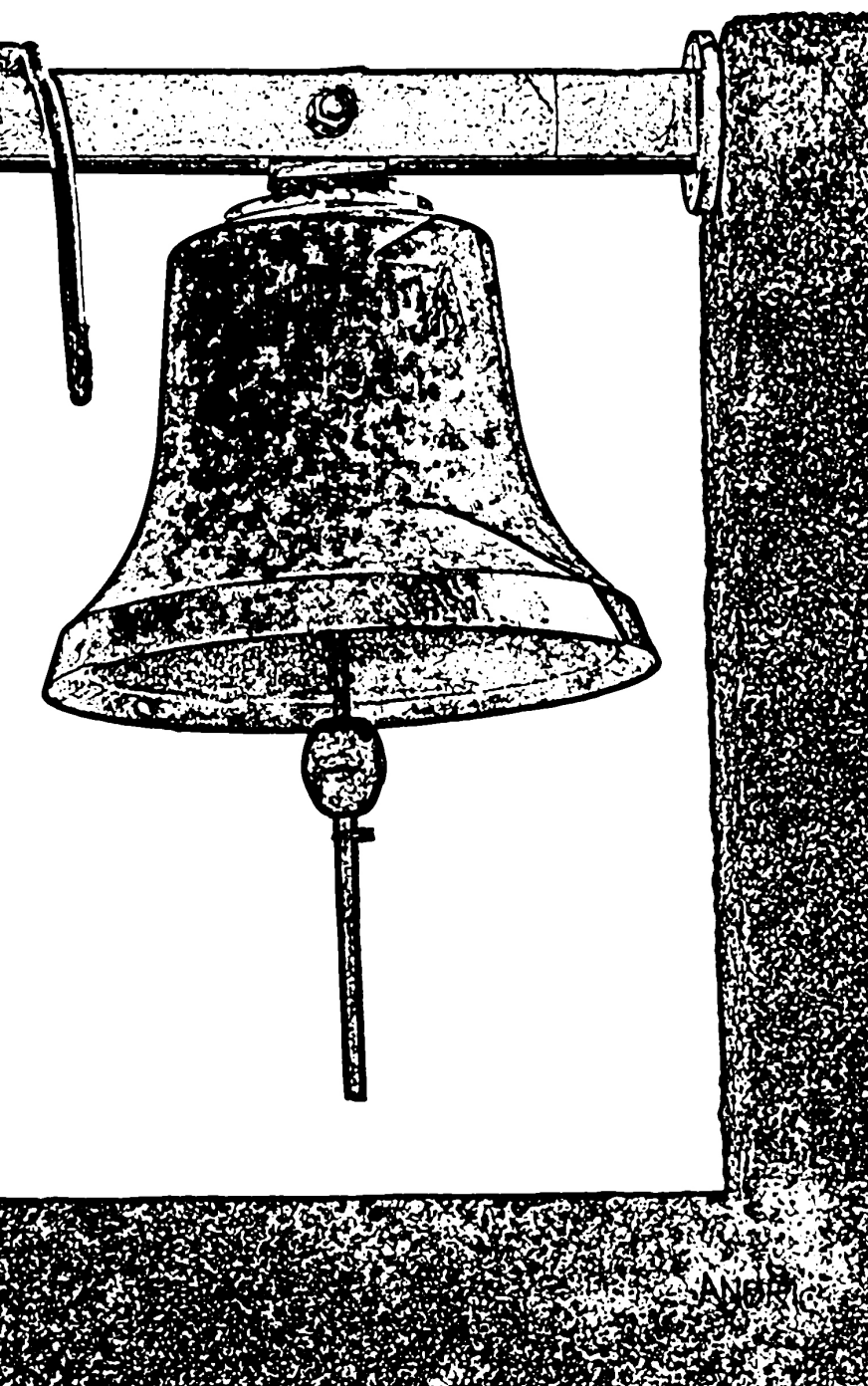
(Gilberto R. Cunha é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2020-2022.)

Escolhendo poesias

AGOSTINHO BOTH

Quem aprecia passar algum tempo com poesias, por certo, teria por apontar algumas de sua preferência. Assim, por solicitação do presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, fiz uma mostra de poesias brasileiras que mais apreciei em minha para alegria de quem se inspira com os encantos de poetas brasileiros.

Todos, acredito, tenham sua própria antologia de cultivo próprio ou alheio. Reuni, então, alguns poetas brasileiros para fazer companhia aos sinais da poesia grega e romana.



A Catedral

Afonso de Guimarães

Entre brumas ao longe surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu risonho
Toda branca de sol.

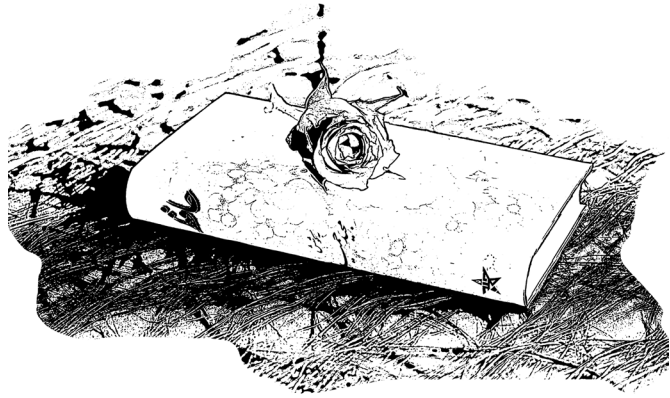
E o sino canta em lúgubres respostas:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!
O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres respostas:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Poe-se a luz a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu tristonho
Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres respostas:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”
O céu é todo trevas: o vento uiva
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem acoitar o rosto meu.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino chora em lúgubres respostas:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”



Língua portuguesa

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procéla
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Martim Cererê - Jogador de Futebol

Cassiano Ricardo

O pequenino vagabundo joga bola
e sai correndo atrás da bola que solta e rola.
Já quebrou quase todas as vidraças
Inclusive a vidraça azul daquela casa
onde o sol parecia um arco-íris em brasa.
Os postes estão hirtos de tanto medo.
(O pequenino vagabundo não é brinquedo...)
E quando o pequenino vagabundo
cheio de sol, passa correndo entre os garotos,
de blusa verde-amarela e sapatos rotos,
aparece de pronto um guarda policial,
o homem mais barrigudo deste mundo,
com os seus botões feitos de ouro convencional,
e zás! carrega-lhe a bola!

“Estes marotos
precisam de escola...”

O pequenino vagabundo guarda nos olhos,
durante a noite toda, a figura hedionda
do guarda metido na enorme farda
com aquele casaco comprido todo chovido
de botões amarelos.

E a sua inocência improvisa os mais lindos castelos;
e vê, pela vidraça,
a lua redonda que passa, imensa,
como uma bola jogada no céu.

“É aquele Deus com certeza,
de que a vovó tanto fala.

Aquele Deus, amigo das crianças,
que tem uma bola branca cor de opala
e tem outra bola vermelha cor do sol;
que está jogando noite e dia futebol
e que chutou a lua agora mesmo
por trás do muro e, de manhã, por trás do morro,
chuta o sol ...



(Agostinho Both é membro da Academia
Passo-Fundese de Letras.)

A Pesquisa

JÚLIO PEREZ

A decisão de pesquisar na internet não foi premeditada. Foi ao natural. Na verdade, quase uma brincadeira, pois Roberto já tinha todas as provas de amor de que precisava.

Digitou o nome de Luciana na barra de pesquisa do Google e, antes de apertar o enter, ainda hesitou um segundo. Alguma coisa lhe dizia que aquele simples gesto poderia mudar tudo, mas mesmo assim ele continuou.

O impulso e a curiosidade falaram mais alto quando os tópicos relacionados começaram a aparecer.

Todos normais, inofensivos, por assim dizer: perfil em diversas redes de relacionamentos e profissionais – do quais alguns ela não havia lhe falado -, fotos no Instagram, eventos de coluna social – ela concorreu à rainha das piscinas pelo Clube Comercial, no último verão - até a sua mais remota participação no Garota Verão.

Uma, contudo, relacionada a este último tópico lhe chamou a atenção.

Dizia respeito a uma ação movida por ela contra um ex-namorado por divulgação na rede de vídeo e fotos íntimas. A notícia mencionava ainda que a ação havia sido vencedora e que o Google e outros sites de buscas haviam sido proibidos de veicularem tais imagens. Daí que elas não estivessem mais acessíveis. Por conta desse fato, a família havia mudado de cidade.

Ela jamais havia mencionado tais fatos, durante o tempo em que estiveram juntos. E estamos falando de quase um ano. Ao contrário: segundo lhe consta ela havia dito que era natural de Passo Fundo. Talvez pelo receio dessa parte obscura do seu passado.

Procurou mais sobre o assunto, mas não encontrou nada além daquela notícia, nua e crua. Deu-se conta, do infeliz trocadilho. De qualquer sorte, a única com a qual ele teria que reavaliar dali para frente o que achava que sabia sobre ela.

Muitas coisas passaram por sua cabeça, mas a mais grave, era a falta com a verdade que ela havia cometido em relação a sua naturalidade. É claro que com o tempo, se o namoro entre eles engatasse, aquilo acabaria vindo à tona e

talvez tudo se esclarecesse, mas também era possível que não.

Ele já não sabia mais o que pensar. Guardar aquela informação e esperar para ver o que ia acontecer ou ir logo lhe pedindo explicação?

Como cobrar explicação de alguém, contudo, que havia passado por aquele trauma? Ele que ainda tinha dúvidas se podia se considerar o seu namorado.

Uma coisa, porém, era certa: não podia deixar que aquilo interferisse no relacionamento. Temia que isso pudesse a assustar. O rompimento lhe causaria sofrimento, afinal já estava apaixonado.

Preferiu deixar o assunto assim, exatamente como estava antes de ter aquela infeliz ideia.

O tempo foi passando. E ele esqueceu o ocorrido.

Firmaram o relacionamento quando este completou um ano. Por iniciativa dela. Não houvesse ocorrido aquele pequeno solavanco, a iniciativa teria sido dele. Contudo, como o tempo torna tudo mais indistinto, como as imagens, à longa distância, ele aceitou. Até anel de compromisso eles passaram a usar. Comprados, por ele, embora a ideia tenha sido dela.

- Assim os homens param de dar em



cima de mim quando perceberem que tenho alguém.

Tu achas mesmo necessário? Eu nunca usei esse treco, nem saberia comprar. Tem que ser de ouro? Isso é como um noivado?

Não, bobo! Nada a ver. É de prata, apenas como prova de compromisso.

Você já usou?

Já.

Você nunca me disse.

Bem, você não perguntou.

Com quem?

Com meu ex, já te falei.

Mas foi sério assim?

É que eu não gosto de falar dele, e provavelmente nem você gostaria que eu ficasse falando.

Roberto não podia tirar-lhe a razão. Era mesmo ciumento e não gostava de pensar em sua namorada nos braços de outro homem, do qual ele sabia que era só um cara mais velho - o quanto, não quis perguntar. Ainda que o sujeito estivesse lá no passado, havia todo aquele episódio das fotos íntimas, a repercussão que aquilo havia tido na sua vida e na cidade de onde eram naturais.

Tinha receio de tocar no assunto com ela. Não sabia até que ponto aquelas feridas ainda estavam abertas. Aliás, a resistência dela em falar do ex demonstrava que elas ainda não estavam cicatrizadas. Temia indispor-se com ela se revelasse que sabia sobre o ocorrido, sobretudo porque, até aquele momento, ela também não havia lhe revelado que não era natural de Passo Fundo.

O pai de Luciana foi gerente do Banco

do Brasil. Hoje estava aposentado. A mãe, professora do ensino fundamental. Foi fácil para eles mudar de residência, assim ao menos lhe parecia, pois estavam bastante entrosados na cidade e eram adeptos dos costumes daqui, o que incluía tomar chimarrão, fazer churrasco aos domingos e torcer para os times locais. O pai, para o Grêmio, a namorada, para o Inter. A mãe dizia não entender dessas coisas.

Mais de uma vez Roberto quase deu com a língua nos dentes, tipo perguntando se já haviam se adaptado à vida em Passo Fundo, pois apesar de estarem perfeitamente entrosados com os hábitos da cidade, não tinham parentes aqui. Tanto por parte do pai, como por parte da mãe, quase todos haviam ficado da região de São Miguel do Oeste, extremo oeste catarinense, quase divisa com a Argentina. Era fácil perceber, por esse detalhe, que eram desterrados. Quanto mais Roberto entrava na intimidade da família, mais isso ficava evidente. Os aniversários, os feriados e as festas de fim de ano, ou eram passados lá, ou eram mediante a vinda dos familiares.

Ficava cada vez mais difícil para Luciana manter a versão de que era natural de Passo Fundo.

Engraçado. Como é que vocês vieram parar aqui?

Como assim?

Os teus parentes. São todos de Santa Catarina.

Papai foi criado por um tio-avô que residia aqui. Não me pergunte porque que eu também não sei - respondia ela, insistindo em manter oculta a verdadeira história.

Roberto se decepcionava com as evasivas da namorada, mas a amava demais para deixar isso interferir no seu relacionamento. Pensava, contudo, que se aquela história fosse adiante, um dia aquilo seria esclarecido.

Os anos foram passando e o relacionamento deles foi ficando mais sério. O anel de compromisso deu lugar à aliança de noivado e a data do casamento foi marcada para dali a um ano.

Roberto estava concluindo o curso de Direito e Luciana, o de Nutricionista. Ambos já trabalhavam em suas respectivas áreas. A ideia era de morarem juntos depois de formados. Mas antes o pai de Luciana exigia que eles casassem.

Naquele verão, as festas de fim de ano seriam passadas em São Miguel do Oeste, a terra de origem da sua futura esposa, embora esta continuasse a insistir numa mentira que não fazia mais sentido. Roberto já começava a cansar daquilo. Até se descuidava com a verdade que ambos mantinham oculta. Por quê, ele não entendia, pois aquele episódio para ele estava completamente superado. Amava aquela que seria sua mulher, mas lhe incomodava que esta continuasse a insistir na mentira. Pen-

sava, contudo, se alguém devia tomar a iniciativa de contar a verdade tinha que ser ela.

Viajaram na véspera do ano novo. Os festejos aconteceriam na casa do tio de Luciana, onde eles também ficariam hospedados.

Era apenas a segunda vez que Roberto viajava com eles para São Miguel do Oeste. Conhecia, portanto, só parte da família. Naquela ocasião, contudo, acabou conhecendo quase toda, uma infinidade de tios, primos e sobrinhos que foi difícil para ele reter quem era quem. Só aos poucos, com a ajuda de Luciana as peças foram se encaixando.

O combinado era depois da ceia e dos fogos, esticarem a noite no baile de Reveillon do Clube Comercial e foi o que fizeram, na companhia dos primos Elias e Rafael, e suas respectivas namoradas. Os mais velhos não quiseram ir.

Elias cursava Medicina em Joaçaba, Rafael Agronomia na Universidade Estadual de São Miguel mesmo. Ambos tinham muitas amizades na cidade. Chegando na festa, apresentaram Roberto para os amigos que já haviam reservado duas mesas, próximas da pista. Luciana já era conhecida do grupo, que a recebeu com grande alarido entre as mulheres, amigas e conhecidas que não se viam há muito tempo.

São Miguel do Oeste, com 40 mil habitantes, pode ser considerada uma cidade pequena. Quase todos se conhecem. Ficou claro para Roberto, de repente, o que Luciana devia ter passado quando aquelas fotos e vídeos vieram à tona. Na época ela teria pouco mais de 17 anos. Era admirável, portanto, que ela demonstrasse coragem de novamente aparecer em público, onde tudo havia acontecido.

Mas Luciana estava apreensiva. Era a primeira vez que fazia essa aparição pública. Embora já tivesse decorrido quase 10 anos, muitas das pessoas que ali estavam tinham sido contemporâneas dos fatos. E com muitas, Luciana não tinha mais travado contato desde então. Até naquela mesa, havia pessoas que não a tinham visto mais. Era inevitável, portanto, que os fatos que motivaram o afastamento viesse à mente de todos quando Luciana reapareceu. Para Luciana, Roberto era, naquele momento, seu porto seguro. Não por outro motivo, desde que entraram no salão, ela não desgrudava do seu braço.

Após as efusões do reencontro, as conversas sobre a mesa, começaram a

transcorrer de forma bastante cuidadosa. Parece que todos estavam pisando em ovos com ela.

Lia, a mais extrovertida delas e que estava acompanhada por aquele que parecia seu namorado, iniciou o bate-papo:

- Luciana, quanto tempo que não nos víamos! Como você está bonita!

- Obrigada!

- Você estão em Passo Fundo?

- Sim.

- Humm, ficamos sabendo. E o pai e a mãe, estão bem?

- Sim, estão. Tudo bem!

- O pai sempre fala do seu Osvaldo. Ele deixou muitos amigos por aqui.

- Sim. O pai era bem conhecido...

Amanda, um pouca mais tímida e que parecia mais próxima de Luciana perguntou-lhe o que ela estava fazendo.

- Estou terminando Nutrição.

- Lá em Passo Fundo?

- Sim, na UPF. E você?

- Estou no segundo ano de Pedagogia na UDESC.

Após um minuto de silêncio constrangedor:

- Você sumiu.

- Sim – fez Luciana, baixando o olhar.

- Desculpe, não quero te constranger. E agora como você está?

- Indo. Estou fazendo terapia. Estou bem melhor.

- Que bom! – Amanda, também parecia aliviada.

Após esse primeiro momento de tensão, a conversa se distendeu, sobretudo, entre os homens, versando invariavelmente sobre futebol. O Grêmio havia perdido a chance do campeonato mundial e os colorados continuavam a tirar sarro dos gremistas. As mulheres acabaram trocando de lugar para ficarem mais próximas. A curiosidade sobre Luciana ainda não havia se esgotado.

- Como você tá mudada guria! Virou um mulherão, hein! – fez Sofia apenas uma conhecida daquela época.

- Obrigada!

- É o amor! E que gato, hein? Da onde desencavou esse?

- Nos conhecemos na faculdade.

- Ele faz Nutrição também.

- Não, Roberto está terminando Direito. Vamos nos casar depois que ele se formar – disse Luciana, triunfante mostrando o anel de noivado.

- Guria, deixa eu ver isso! Nossa! É um rubi?

- Acho que sim. Bonito, né?

- Lindo!!!

A música que havia sido interrompida

por causa dos brindes de fim de ano e da ceia, recomeçou muito alta. Eles haviam ficado muito próximo do palco, por isso as conversas diminuíram, fazendo com que, por um momento, todos ficassem com seus pensamentos.

Roberto e Luciana se olharam confiantes, com um sorriso de cumplicidade no olhar. Cumplicidade que, no entanto, Roberto sabia que não era completa. Ele queria participar daquele momento que ela estava passando, para ajudá-la. Quando tocou a música que eles consideravam sua – Somewhere Only We Know – Roberto a convidou para dançar e no seu ouvido, após um momento, lhe perguntou:

- Por que você não me contou?

Assustada e surpresa Luciana parou, fixando seus olhos nos dele. A confiança estampada no rosto de Roberto, no entanto, exerceu nela um efeito tranquilizador.

Abraçou-o com força novamente, retomando a dança, deixando-se levar pela melodia.

- Como você soube? – perguntou-lhe sem o encarar.

- Não importa. Importa que eu sei e compreendo. Estou aqui para te ajudar...

- Obrigada! – respondeu ela depois de alguns minutos.

Ao retornarem à mesa, contudo, perceberam que os amigos estavam diferentes. Estavam tensos e se olhavam constrangidos. Luciana não entendia o que estava acontecendo, Roberto menos ainda. Tentaram entabular conversa, mas havia alguma coisa estranha no ar. Estavam todos desconfortáveis. Luciana olhou para Rafael, o primo mais próximo, com um olhar de quem não estava entendendo o que estava acontecendo, ao que Rafael respondeu-lhe com um olhar de embaraço.

Luciana foi conferir as mensagens no whatsapp, quando constatou o envio de um número desconhecido. Um vídeo!

Tomada de uma crise de pânico, levantou de um salto, procurando, em disparada, a saída.

Roberto, sem entender o que estava acontecendo, por instinto apenas a seguiu, apavorado.

Ao passar por entre as mesas teve a impressão de que algumas pessoas riam.

Para o Dedé

KATIA HONOR SCATOLIN

Escrevo este texto em um domingo, a convite do amigo Gilberto Cunha, passadas já quase duas semanas da despedida do Dedé. Conversávamos no WhatsApp sobre a autoria do poema que cito na abertura do texto que postei no Facebook na ocasião do falecimento dele. Seria Hemingway? John Donne? Olha que tem muita fake news na internet, me alertou o Seu Rocca - forma carinhosa de tratar o amigo Gilberto. Mas sei, seguramente, que se trata de um excerto da “Meditação 17”, de 1764, de John Donne, clérigo e poeta inglês. Ernest Hemingway viria a usar este trecho e mais um tanto na abertura de “Por quem os sinos doam”, romance de 1940 que foi adaptado para o cinema, tendo recebido oito Oscars. Tendo conhecido o Dedé, sei que ele torceria para que a autoria fosse do segundo, um cético, um existencialista.

Escrevo este texto enquanto ainda reverbera o impacto que tive ao me dar conta, somente depois de sua passagem, do tamanho do Dedé. Do quanto ele foi grande. De quantos espaços de vivência e criação compartilhou - a família, a infância na vila Cruzeiro, o movimento e a política estudantil, o magistério, o curso de medicina, o casamento e a paternidade, a política partidária, a vereança, o empreendedorismo, a literatura, os amigos e a poesia. Ele foi grande.

As inúmeras mensagens nas redes sociais, das mais diferentes pessoas - alunos, ex-alunos, amigos, colegas de trabalho, sócios, amigos de infância. Da família - filha, genro, ex-esposa, mãe, irmãos, companheiras, nem falo. Confrades da academia e também antigos funcionários com dificuldades para escrever. Amigos de peladas de futebol em “campinhos” de vila e amigos de outros países. Eu lia e ia me dando conta do quão grande, do quão maior do que eu imaginava foi o meu amigo.

Mas segue abaixo o texto do Facebook:

“Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado. Todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for



José Ernani de Almeida, André Agostini e Tau Golin



André Agostini

levado pelas águas até o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos doam; eles doam por ti.”

John Donne (excerto Meditação XVII).

Nos tornamos sujeitos através da referência do outro, já disse alguém. É o olhar do outro que nos torna indivíduos. E é também no outro que vive uma parte de nós, em suas memórias.

Se tivermos a sorte de envelhecer, para a grande maioria das pessoas nos tornaremos “a vó da fulana”, “o senhor viúvo que mora no quarto andar”, a “velha que se repete e reclama do barulho”, o “bancário aposentado”. É somente nas memórias de nossos contemporâneos que existimos para além da idade. Que temos uma história, idiossincrasias, anedotas, uma biografia.

Quando um contemporâneo parte, leva junto também uma parte nossa que não existe mais em lugar algum: só existia na memória que ele tinha de nós, do muito ou do pouco convivido.

Uma parte de muitos dos meus contemporâneos, e minha também, se vai hoje com o Dedé.

Homem de opiniões fortes, mas capaz de revê-las. Pensa: quantas pessoas tu conheces que, ao chegar na meia idade tendo sido sempre gremista e torcedor, assume que, no fundo, sempre fora um colorado “no armário”, e passa a torcer fervorosamente pelo Internacional? Poucos, imagino.

Dele pode-se dizer tudo, menos que foi morno. Intenso, inteligente, bom orador. Um homem do seu tempo: hoje ele seria classificado como um “típico esquerdomacho” pela minha filha de 17 anos.

Foi ardoroso, contraditório, namorador, ranzinza, pai amoroso, avô orgulhoso. Boêmio e outsider. Em pleno século 21, se dava ao desfrute de escrever como um parnasiano.

Caso quisesse uma lápide, penso que poderia ter um epitáfio de que poucos de nós seriam dignos:

“Viveu como quis”.

Requiescat in pace, Dedé.

Até um dia!

(Katia Honor Scatolin é cirurgiã dentista, mãe da Roberta, e corredora nas horas vagas. Conhecia o Dedé desde 1985, quando foi sua colega no Gama Vestibulares - ele professor de Química, ela de Literatura Brasileira. Em seu aniversário de 23 anos, ganhou dele seu primeiro livro de Gabriel García Márquez: O Amor nos Tempos do Cólera.)

Clube Social e Político Pinheiro Machado - O Clube

WELCI NASCIMENTO

Na intimidade dos republicanos de Passo Fundo, ele era chamado de “O Clube”. Tanto era político, como social. Ali, a família republicana de Passo Fundo se reunia. Foi fundado no dia 16 de março de 1904, pouco tempo depois da proclamação da República Brasileira, para congregar e consolidar os ideais políticos republicanos.

Na cidade crescia o ambiente era de provações, atentados e desordens. Assim, a direção estadual do Partido Republicano indicou o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, como a grande estrela partidária, não só na cidade e interior de Passo Fundo como na região Serrana, à semelhança do Cel. Gervásio Lucas Annes, que faleceu em 1917. A ideia era congregar os líderes do Partido que estavam um pouco desorientados com a morte de seu líder máximo Gervásio Lucas Annes e fortalecer o Partido.

O Clube levou a denominação de Pinheiro Machado, para homenagear José Gomes Pinheiro Machado, Senador da República que representava o Rio Grande do Sul no Senado da República. No Clube além de congregar os líderes republicanos locais, desenvolvia atividades sociais. Até uma “copa”, uma espécie de “café”, como era denominado na época, procurava reunir, também as esposas dos líderes políticos

“Um por todo e todos por um”, era lema do Clube Pinheiro Machado. Inicialmente, antes de construírem a sede própria, se reúnem na casa do Dr. Gabriel Bastos, localizada na Av. Brasil esquina com a Rua 15 de Novembro.

Em 1915, estando na Presidência do Clube e Sr. Basílio Lima, foi adquirido o terreno situado na Av. Brasil, em nome da entidade, segundo escritura pública.

Havia, na cidade, um clube denominado Clube Amor à Instrução, fundado no ano de 1884. Sabe-se que oito republicanos se reuniam nesse clube que tinha por finalidade desenvolver a cultura e a

educação na cidade. Ali, tiveram a ideia de fundar um clube político partidário. As eleições para Intendente e Conselheiros Municipais se aproximavam.

Adquirido o terreno, os republicanos levantaram um imponente prédio na Av. Brasil, com uma porta muito alta, janelas “conversadeiras”, que serviam para os políticos, líderes republicanos, pronunciarem inflamados discursos, quando fossem realizados atos públicos ao ar livre.

O prédio possuía um corredor de entrada e duas salas que ladeavam em dois andares. Havia um salão para a realização das sessões solenes e apresentações teatrais. Mais tarde, os saraus culturais do Grêmio Passo-Fundense de Letras ali eram realizados. Os republicanos de Passo Fundo escolheram o nome de José Gomes Pinheiro Machado para ser o patrono do Clube.

Pinheiro Machado nasceu em 8 de maio de 1852, na cidade de Cruz Alta. Iniciou na carreira das armas como aluno da Escola Militar e seguiu para a luta contra o Paraguai. Gravemente ferido, voltou e abandonou a carreira militar, ingressando na Faculdade de Direito de São Paulo, cujo o curso terminou, retornando ao Rio Grande do Sul.

Desde cedo manifestou seus pendoros republicanos filiando-se aos propagandistas da nova forma de governar. Proclamada a República, foi eleito Senador e por ocasião da Revolução Federalista não hesitou em marchar para o campo da luta, a fim de enfrentar os maragatos revolucionários.

Terminada a luta, retomou sua carreira no Senado. A tendência caudilhesca e seu grande devoto à República criara posição de grande relevo, tornando-se uma espécie de conselheiro da república. Foi em seu tempo, a primeira figura política do país. Indicado para candidatar-se à Presidência da República, negou-se a aceitar continuando como Senador.

Morreu assassinado, no Rio de Janeiro dia 8 de setembro de 1915, consternando a nação inteira.

Com o falecimento de Júlio de Cas-

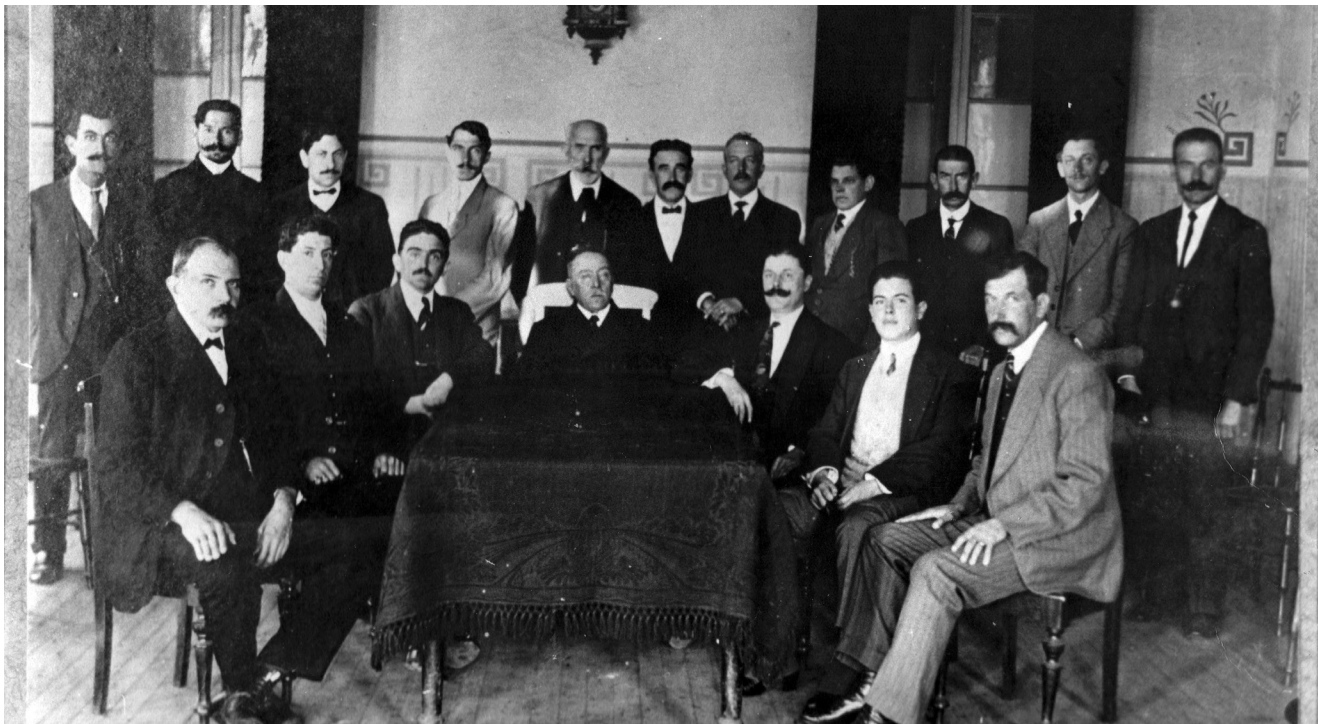
tilhos, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Borges de Medeiros assume a liderança do Partido Republicano Rio-grandense. Para enfrentar a reeleição, várias vezes, de Borges de Medeiros, a oposição apresentou a candidatura do Dr. Assis Brasil. Os simpatizantes do líder maragato em Passo Fundo, tentam se organizar. O Jornal “A Época” de 26 de outubro de 1922 enumera a relação de simpatizante, elevando-se a mais de uma centena as assinaturas. A presidência da organização para enfrentar os republicanos, também chamados de “Chimangos”, ficou a cargo de Fernando Goelzer, morador nas bandas do Butiá. Os maragatos se preparavam para receber o Dr. Assis Brasil em Passo Fundo.

O Clube Pinheiro Machado procura marcar uma concentração política na sua sede, contracenando aos maragatos. O Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, na presidência do Clube, procurou transferir a realização do ato político. Mesmo assim o Clube Pinheiro Machado permaneceu bem iluminado e repleto de republicanos e de inúmeras senhoras. O Dr. Vergueiro, assomando à sacada do Clube, foi ovacionado e saudado por um discurso do historiador Francisco Xavier e Oliveira, relata a historiadora Delma Rosendo Ghem.

Não se tem notícia das primeiras atas do Clube. Manuseando o livro que registra a abertura e encerramento, em 19 de outubro de 1920, tinha na presidência o Dr. Gabriel Bastos. Os fins do Clube eram pela grandeza do Partido Republicano e a solidariedade entre seus membros.

Não demorou muito é publicado os estatutos do Clube no jornal “A Federação”, como uma entidade política. A partir daí, dezenas de pessoas influentes da sede e dos distritos de Passo Fundo, são recebidos como sócios efetivos. Pecuaristas, advogados, comerciantes, todos influentes na sociedade passo-fundense se engajam em torno dos objetivos do Clube.

O poder municipal se fortalecia nas



Reunião do Clube Pinheiro Machado - 1915

Sentados (da esquerda para direita): Joaquim Pedro Daudt (notário), Mario de Lemos Braga (funcionário da Coletoria Estadual), Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro (médico e deputado), Cel. Gervasio Lucas Annes (chefe político), Brasilico Lima (advogado), Dr. Fernando Carvalho (médico) e Jovino da Silva Freitas (proprietário).

Em pé (da esquerda para direita): José Zacharias dos Santos (comerciante), Eduardo Crossetti (comerciante), Jacyntho Pereira Gomes, Dario Machado, Candido Marques da Rocha (Juiz Distrital), Des. La Hire Guerra (Juiz de Comarca), Cel. Pedro Lopes de Oliveira (Intendente), Renato Sá Brito (Secretário de Obras Públicas de Passo Fundo), Antonio Machado Cornélio (ajudante notariado), Dandreux e Julio Muller (funcionário da Intendência).

Nota: fotografia feita no interior do Clube Pinheiro Machado, na Av. Brasil Oeste, nº 792, atual sede da Academia Passo-Fundense de Letras, por volta de 1915 (antes de 1917). Fonte: Arquivo Fotográfico do Dr. Frederico Daudt.

mãos dos republicanos de Passo Fundo, como Nicolau de Araújo Vergueiro, Gabriel Bastos, Gervásio Lucas Annes, sob a liderança de Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

O tempo passa, sob o domínio dos republicanos.

No dia 16 de março de 1935, presente os sócios fundadores, ele geram o Sr. Frederico Greaff Filho e demais membros da diretoria do Clube Pinheiro Machado, davam ciência de um convite “Frente Única”, movimento que se formava, em todo o Brasil, em torno do Dr. Getúlio Vargas, extensivo aos membros do Partido Libertador do Rio Grande do Sul, isto é, os “Maragatos”. Parece que a paz começava a reinar entre chimangos e maragatos no Rio Grande do Sul. O Clube Pinheiro Machado começa a perder sua força política.

Em 1938 o Sr. Artur Ferreira Filho, Intendente de Passo Fundo, toma posse do prédio do Clube Pinheiro Machado, assume uma dívida bancária do Clube e instala no prédio do Clube o Grêmio Passo-Fundense de Letras sendo eleva-

do à Presidência da instituição literária, hoje Academie Passo-Fundense de Letras.

Dois anos depois, em 1940, a Prefeitura Municipal cria a Biblioteca Pública, sob a responsabilidade do Grêmio Passo-Fundense de Letras, instalado no prédio do Clube Pinheiro Machado. Resta lembrar que as dependências do Clube serviu para acomodar uma escola pública, no ano de 1929, assim como a instalação do Tiro de Guerra n/ 225. Uma espécie de corpo provisório do Exército Nacional.

O Instituto Histórico de Passo Fundo, fundado em 15 de abril de 1954 também fez uso do velho Clube.

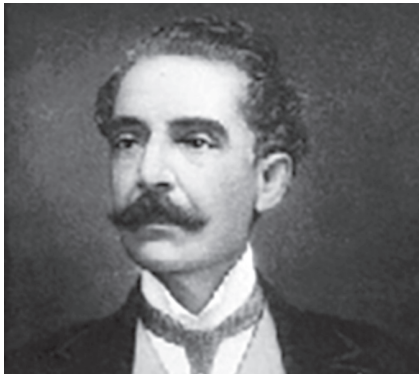
O tempo passou, os governos se sucederam e os partidos políticos da velha república desapareceram. O Partido Republicano desapareceu com seus líderes de primeira arrancada.

O Clube Pinheiro Machado fez sua última reunião, de caráter extraordinário no dia 18 de novembro de 1971, para transferir seu ativo e passivo para a Academia Passo-Fundense de Letras. Extingue-se o Clube que marcou uma

época na política passo-fundense, nas primeiras do século XX. O acervo deixado diz que em 1927, por aclamação foi reconduzido à presidência do Clube o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, que faleceu em 16 de março de 1956, deixando um rico acervo cultural, transferido por seus familiares, ao Instituto Histórico de Passo Fundo, então sob a presidência do Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e hoje pelo historiador Fernando Miranda.

De 1928 até 1934 não há registro das atividades do Clube. Nos anos de 1936/37, também não. Até que, em 1938, o Grêmio Passo-Fundense de Letras fez do prédio sua sede.

Os anos foram passando, passando até que o imponente prédio do velho Clube Pinheiro Machado, foi sendo destruído pela ação do tempo. No tradicional salão, os sócios, senhores e senhoras, simpatizantes do Partido Republicanos de Passo Fundo, faziam ala à entrada do Clube para aplaudir altos representantes do governo chimango, como Firmino de Paula, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas e líderes do Partido Republicano Rio-grandense.



Maria Lagartixa



Como os homens, o prédio do Clube Pinheiro Machado também envelhecia. Ele já oferecia perigo de desabamento. Houve tentativas de demolir, literalmente, o prédio. A imprensa repeliu a ideia e o seu frontispício permaneceu e foi tombado, como patrimônio histórico de Passo Fundo. Por vários anos, sua parede frontal foi escorada, para não tombar.

Em 1996 um acordo judicial envolvendo o Ministério Público, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras, determina um prazo de 90 dias para a restauração do prédio do Clube Pinheiro Machado, agora de propriedade da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em 23 de dezembro de 1997 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul remeteu ao Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras o ofício confirmando a liberação da quantia de R\$ 500.000,00, através do Ministério da Cultura, na conta da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, com a finalidade de restaurar o prédio do antigo Clube Pinheiro Machado, que cedeu espaço para ali funcionar escola, biblioteca, Grêmio Cultural, Instituto Histórico, e hoje, definitivamente acolhe a Academia Passo-Fundense de Letras que levaram em frente a cultura e as tradições do povo passo-fundense.

Fontes de consulta

RODRIGO, Ricardo Véliz. Castilhismo – Uma Filosofia da República, 1980.

Memória do General Zeca Netto – Martins Livreiro, 1983.

GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes – A Revolução Federalista em Cima da Serra, Martins Livreiro, 1983.

FILHO, Arthur Ferreira – Revolução de 1923.

SOARES, Mozart Pereira – Santo Antônio da Palmeira, 1974.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e – Annaes do Município de Passo Fundo.

GHEM, Delma Rosendo – Passo Fundo Através do Tempo.

Paróquia Santo Antônio da Palmeira.

SEANDIM, Octávio – Um episódio Maragato

Apontamentos da academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.

(Welci Nascimento é historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Lá vai
A Maria lagartixa
Se arrastando pelo chão
Limpando o pó com a barriga
Lambendo pedra de sabão

A Maria Lagartixa
Faz careta se não gosta
Grita muito quando quer
Se enfia atrás da porta
Quando brinca de esconder

A Maria lagartixa
Se encolhe e se espicha
Pra caber na prateleira
Pra subir na mesa inteira
Porque nunca tem preguiça

Corre de medo de lesma
Coça a cabeça com o pé
Já sabe contar até dez
À noite junta as mãozinhas
Pra Jesus de Nazaré

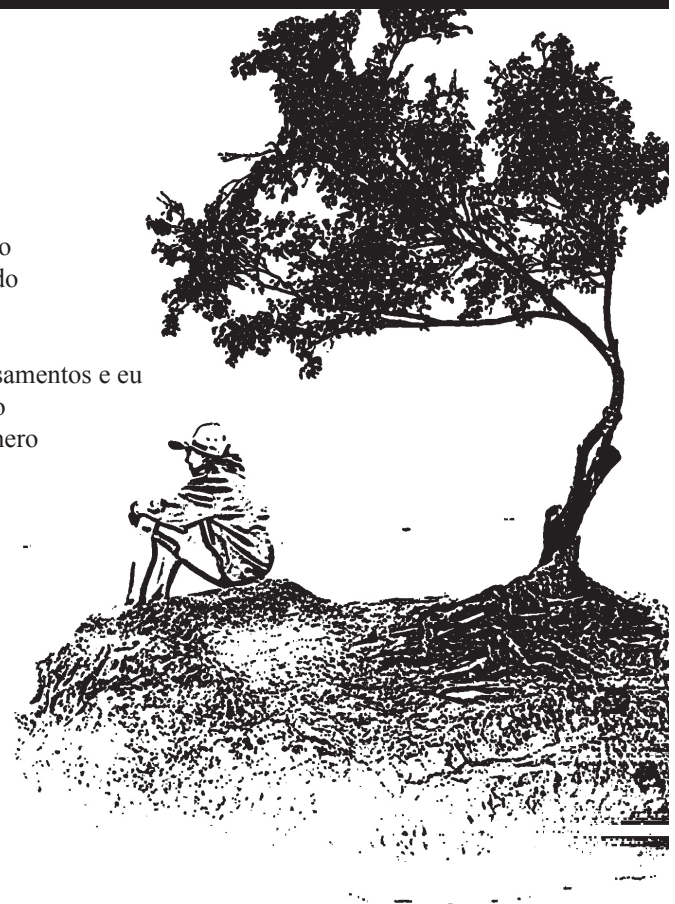
A Maria Lagartixa
Sabe mais do que devia
Com dois anos ela briga
Diz que não é mais criança
Que seu nome é Maria

O meu nome é Maria
Ela grita, pula, encolhe e espicha
O meu nome é Maria
Sorrindo e gritando replica
É Maria lagartixa.

(Marcos Antônio Bulgos de Andrade é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

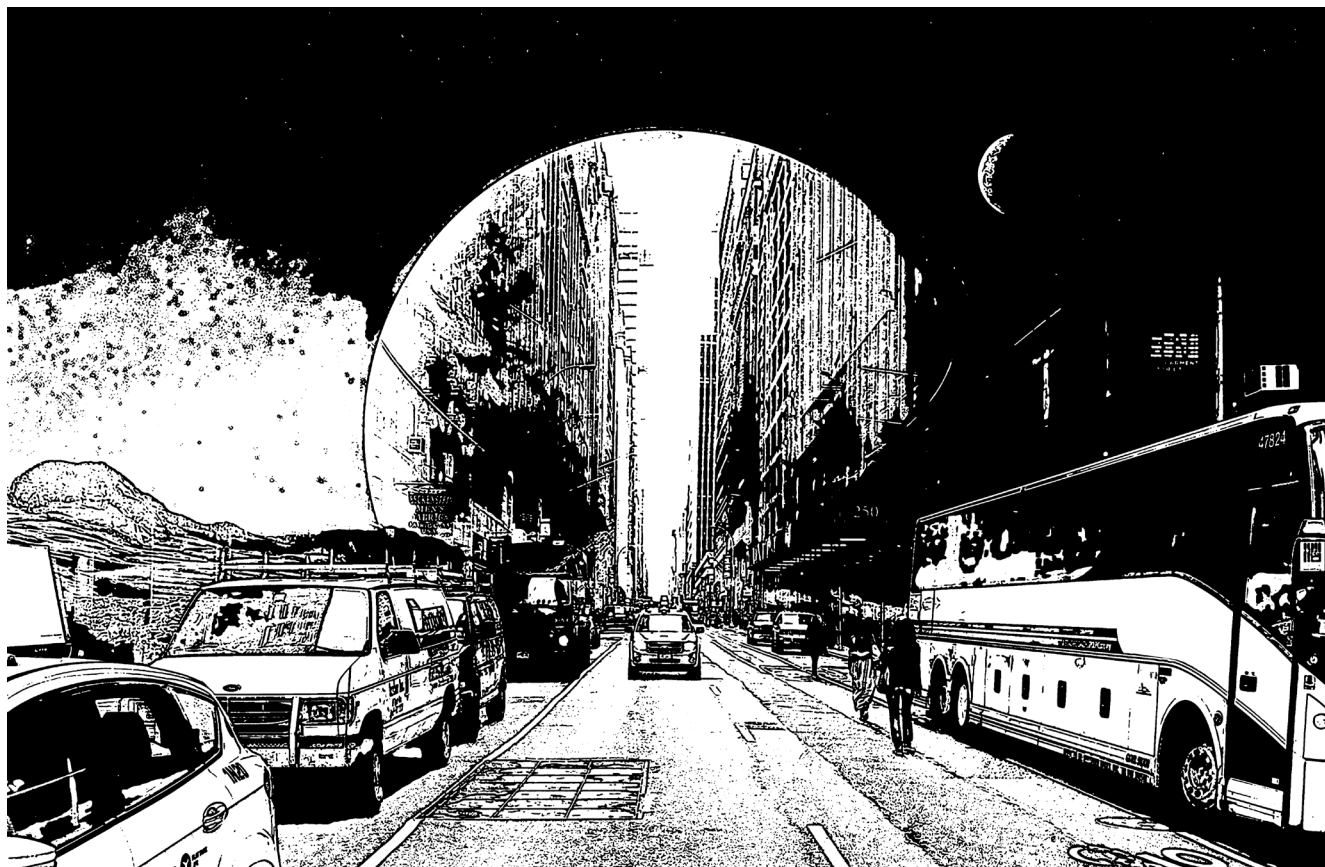
Wifi

Wifi desligado
Coração ligado
Quietude
Paz
Só meus pensamentos e eu
Na de externo
Nada de efêmero
Tudo de mim



(Anelise Rech é psicóloga, Passo Fundo, RS.)

Palavras incentivadoras



TÂNIA DU BOIS, *In memoriam*

Cada vez mais consolidamos as expressões como forma de equilíbrio, que se dizem ajuda no cotidiano, como, por exemplo: pretinho básico, fragrância irresistível, cor de verão, sinta-se bonita, você consegue, você é nota dez... E por aí vão as expressões de incentivo com propostas para variadas situações em que fazemos concessões para conciliar a vida nas nossas escolhas: derrotadas ou vencedoras na determinação da vida social e no espaço em que se articulam as mudanças.

Na tentativa, tenho dúvidas se as posso chamar de palavras “chave”, pois, servem para alterar e dar significado ao incentivo, ou se podemos viver como o rio em sua correnteza normal.

Sem orientação e por impulso incorporamos palavras de incentivo na vida diária, às vezes, fora de foco e sincronia; em outras, podem nos remeter à sensações e emoções proporcionadas apenas no momento, como forma de prazer e

realização: quanto mais abertos à experimentações, mais chances temos de fugir pelo medo do erro. Pablo Neruda questiona, “Não te engana a primavera / com beijos que não florescem?”.

Vivemos época de garimpar bons conselhos e outros baratos sem resultados, mas, temos consciência de que os problemas existem e existirão nas diversas formas como estamos para o mundo, onde descobertas e maneiras de encarar a vida abrem portas de que nem temos ideia da existência. Antônio Luiz M. C. da Costa reflete, “... as palavras importantes haviam mudado de significado. Antes, o termo “cultura” marcara um tipo de privilégio social ou se referia a escrever poemas, romances, fazer filmes e pinturas e trabalhar em teatros. Agora tinha dois sentidos diferentes... em literatura indicava um sistema de valores. Em discussões mais gerais, tornara-se equivalente a “sociedade” ou “modo de vida”...”.

Expressões de incentivo são variantes que espantam a monotonia da rotina; versões diferentes para escolhermos as que cabem na nossa realidade. Fernando

da Rocha Peres expressa, “... percebo a mutação do tempo, / quando não há marcadas estações, o sol / queima no seu voltejar”.

É possível sentirmos a diferença quando movimentos diários nos estimulam para a vida útil. Reconheço que também podemos encontrar as marcas do mundo que trazem as reflexões de nossas ações – manobras que usamos para dar significado conveniente à situação, como libertar palavras que dignifiquem as transformações nas relações sociais.

Com o dias corridos e a rotina intensa, muitas vezes, penso em me livrar das obrigações através do espelho, onde vejo o reflexo sem desafios como incentivo. Ainda em Fernando da Rocha Pires, “... É assim que se corrói / o tempo, dia a dia, / do nascer ao morrer, //... o tempo curto, nosso, é difícil de viver...”. Terminamos por precisar palavras incentivadoras.

(Tânia Du Bois, escritora passo-fundense, vítima da COVID 19.)

Muita luz, olhos e ouvidos abertos para a ampliação do horizonte de expectativas!

MAURO JOSÉ GAGLIETTI

AGRACIADOS COM A COMENDA FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA – Edição 2019. Adão Cirinei da Cunha, Adelvino Parizzi, Alberi Pegoraro, Antonieta Rovena de Oliveira Gonçalves Dias, Bernadete Maria Dalmolin, Djiovan Carvalho, Gilda Galeazi, Jabs Paim Bandeira, João dos Santos, José Henrique Fonseca, Lindiara Aparecida Paz da Silva, Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos, Maria Klenia Nunes Sanchez, Marilise Brockstedt Lech, Miguel Pereira da Silva, Paulo Ricardo dos Santos, Pia Helena Borowski, Silvana Rovani, Fundação Planalto de Rádio – FM e Colégio Notre Dame.

Um cordial boa noite a vocês que emprestam – com vossas presenças – muita energia positiva, mais vida e mais significado à noite de hoje! Senhoras e senhores, com especial atenção aos agraciados por serem pessoas e instituições que estão nesse momento sendo homenageadas pelo seu envolvimento com a comunidade e destaque em suas respectivas áreas de atuação. Assinala-se que não existe linguagem sem engano! Comenda é uma condecoração que coloca mais luz à obra humana, em alguns casos coloca cor no invisível! O que seria de uma cidade se não houvesse seres humanos e organizações para serem celebradas pela sua contribuição à sociedade? Será que Passo Fundo poderia ser – de certo modo - aproximada a um dos 11 grupos de diferentes cidades observadas por Italo Calvino na magnífica “As cidades invisíveis”? Quando tentamos entender a história de uma cidade costuma haver um certo “encantamento” que pode se transformar em uma complexa “armadilha”. No caso, a cidade têm memória proporcionando que o encantamento



Marilise Lech, Luis Lopes de Souza e Bernadete Dalmolin



Jorge Antônio Winckler e Bernadete Dalmolin



Odilon Garcez Ayres e Adão Cirinei da Cunha

prossiga no encontro com o passado como se ele fosse sempre melhor que o presente e uma inspiração para o futuro. A armadilha está na decepção com o passado que, em primeiro lugar, não permanece melhor (ou nunca foi) e, em segundo, no seu próprio esquecimento. Na cidade há uma alusão insistente à contradição e à dualidade do espírito humano. Intuitivamente somos destinados à ordem e ao caos – simultaneamente - e a cidade, ao mesmo tempo, transforma-se em uma espécie de amálgama de puro desejo por desnudar o paradoxo em paisagens regulares ou ainda múltiplas em que quase nos perdermos nos infinitos caminhos que geramos para cada uma de nossas escolhas. Em tais opções discute-se a imagem da cidade formada não só pela composição de sólidos na luz e na sombra, mas também a partir da sua ornamentação, dos sinais e dos seus significados. Então a cidade passa a ser percebida como densa e enigmática, já que é muito mais do que apenas sua forma física, sendo possível evocar, a partir dela, a sua leitura a partir do seu vocabulário visual, sua linguagem. Claro está que se exploram também a utilização dos símbolos como marcação de territórios e hierarquias, classes, posturas ou ainda propositalmente como mensageiros do engodo. É, nesse sentido, uma cidade em que de alguma forma o discurso, ou os ícones, não correspondem às suas verdadeiras dinâmicas, ocultas ou dissimuladas, portanto, invisíveis.

Caros Amigos e Amigas, lhes pergunto: o que isso tem a ver com essa solenidade? No “Encerramento do Ano Acadêmico” - cerimônia tradicional da Academia Passo-Fundense de Letras por intermédio da entrega da Comenda FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA - me sinto muito honrado em ser escolhido pela nossa entidade - que já conta com 81 anos de existência e que cuja Cadeira 31 tem como patrono justamente FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA. Honrado e Feliz por ter sido indicado para prestar a homenagem a todos os agraciados por meio da opção pela descrição de uma única e só pessoa cujas qualidades dialogam com o que de melhor as pessoas e as instituições homenageadas nutrem há anos seus currículos. Trata-se de anunciar sucintamente a trajetória do ilustre intelectual que empresta o seu nome à Comenda. Assinala-se que recentemente FRANCISCO ANTONINO



Marilise Lech, Elisabeth Ferreira e Odilon Garcez Ayres



Marilise Lech, Osvandré Lech, Josenira Ferreira e Odilon Ayres

XAVIER E OLIVEIRA foi escolhido pela organização da 33ª Feira do Livro de Passo Fundo na categoria “Homenagem Póstuma”. Há mais tempo, o mesmo foi indicado – e não sem critério valorativo – para nomear o Auditório do Hospital de Clínicas e a Praça vizinha a esse mesmo hospital em Passo Fundo, e, também, denominar duas Escolas: A Escola Estadual de Ensino Médio FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA e a Escola Municipal de Ensino Fundamental FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA, na Vila Luíza e na Vila Jardim, respectivamente, e, também, uma Loja Maçônica em Passo Fundo.

Ao que parece, contribuiu no momento desses “batismos”, na escolha

do nome completo, o valor do capital simbólico, do capital cultural como razão substantiva e expressiva, a criteriosa percepção que se direcionou a essa figura ímpar em virtude de sua fortuna crítica, contribuição social e espiritual voltada à prática da caridade, um olhar apurado na direção das pessoas com dor na alma.

Mencionar Francisco Antonino Xavier e Oliveira é destacar em alto e bom tom, com luzes violetas e amarelas, as principais qualidades que também habitam a pele da trajetória dos nossos vinte homenageados. É falar da contribuição conferida à notabilidade e reputação de nossa cidade por intermédio do legado que está sendo construído por vocês que em alguns casos está sendo registrado

em livros biográficos e documentários e, em outros, já fixado no coração e nas mentes das pessoas que admiram muito vocês, algumas delas encontram-se aqui presentes.

Ao mesmo tempo, penso que toda vez que nos referimos ao passado, o presentificamos, na verdade, o alteramos. Precisamos pedir licença para mudar o passado? A questão é pedir licença para quem? Pelo que sabemos, Antonino Xavier foi um bom homem, ético, cordial, espírita, maçom, escritor, poeta, historiador, jornalista e fundador do Hospital da Caridade (hoje Hospital de Clínicas de Passo Fundo). Um excelente paradigma de cidadão engajado em ações públicas em prol da comunidade.

Nasceu em 05 de setembro de 1876, na Fazenda Três Capões, então município de Passo Fundo, hoje município de Marau, atuando, desde criança, como comerciante e tropeiro. Embora não contasse com formação universitária, próprio das dificuldades do final do século 19 e início do século 20, destacou-se no exercício de várias profissões, sendo consagrado pela OAB, em 1933, como Advogado por notório saber, pelo brilhante trabalho à frente da Promotoria Pública da comarca de Passo Fundo. Filho de Antonio de Oliveira Penteadado e de Idalina Xavier e Oliveira. Casou com Anna Joaquina Xavier e Oliveira, sua prima, com quem teve 11 filhos, (No caso a Anna era a filha de Francisco Marques Xavier “ Coronel Chicuta “, quem dá o nome para uma das ruas centrais da cidade de Passo Fundo e de Marcolina de Quadros Xavier). Órfão de pai muito cedo, Antonino teve uma infância de trabalho, passando parte dela na fazenda de seu padrinho em Lagoa Vermelha. Nesse tempo, foi iniciado nas lides do transporte de tropas de mulas para Sorocaba/SP, como madrinheiro das mesmas. Iniciou seus primeiros estudos, em Passo Fundo, na fazenda da família. Foi comerciário, entre 1886 e 1900, havia 10 anos de idade, iniciando sua fortuna de experiências por intermédio da atuação como caixeiro, balconista, entregador de compras nos três estados do Sul. Paralelamente, no final do século 19, iniciou o exercício da função pública no cargo de Auxiliar da Secretaria do Conselho Municipal, quando assumiu o cargo de Promotor Público da Comarca. Nesse período, além de desempenhar interinamente a função de Escrivão de Órfãos, exerceu os cargos de escritor da Junta de Recen-

seamento Federal, de encarregado da organização da representação de Passo Fundo na Exposição Estadual. No ano de 1900, exerceu a função de advogado do Município de Passo Fundo na questão dos limites com Lageado. No início do século 20, exerceu os seguintes cargos: Secretário da Intendência; Juiz Distrital da sede do Município; Vice-Intendente do Município; Recenseador Federal; Redator do Código de Posturas do Município e de todos os regulamentos da cidade, destacando-se a Lei Orgânica do Município. Foi, também, Delegado Seccional de Recenseamento em Passo Fundo, Soledade, Lagoa Vermelha, Erechim, Palmeira das Missões, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, Ijuí, Júlio de Castilhos e Cruz Alta, sendo o criador do primeiro mapa do Município o qual foi litografado em oficinas gráficas na cidade de Curitiba. Mapa esse que serviu de base para esclarecer dúvidas sobre divisas de municípios, denominações de acidentes geográficos de uma extensa área territorial do estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em 1914, inaugurou o Hospital de Caridade no qual exerceu o cargo de Presidente durante 10 anos. Destaca-se, que esse foi o primeiro hospital de uma vasta região que envolvia o Norte do RS e parte considerável de Santa Catarina.

Somam-se a tais atributos, outros, também relevantes, como, por exemplo, pesquisador e escritor, tornando-se um dos mais expressivos historiadores do Rio Grande do Sul, Jornalista e Professor. Como já se referiu o sociólogo Max Weber há políticos que vivem da política e outros que vivem para a política. Antonino pertencia a essa última categoria. Político por vocação, marcou sua trajetória pública pela militância voltada a projetar a cidade de Passo Fundo no cenário nacional, sobretudo no âmbito da produção agrícola e do comércio de madeiras. Ao mesmo tempo, notabilizou-se, em toda a região, por liderar, nos anos 1920, as reivindicações junto à Presidência da República pela melhoria dos serviços ferroviários para a Região Norte do Rio Grande do Sul. Por integrar o Partido Republicano Rio-Grandense, sua ação política, desdobrou-se, posteriormente, no exercício de inúmeras funções na esfera pública, além das já assinaladas, destacam-se, ainda, a de Vice-Intendente, e, em 1945, Prefeito de Passo Fundo.

Mais, muito mais - e melhor - já foi escrito sobre a vida e a obra historio-

gráfica de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, destacando-se, entre outras, as pesquisas e os textos de Paulo Monteiro, Fernando Miranda, Marília Mattos, Welci Nascimento, Santina Dal Paz, entre outras tantas contribuições oriundas também de jovens pesquisadores da UPF (Universidade de Passo Fundo) que ao escreverem sobre a história de Passo Fundo colocam em evidência o legado do Historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

Como já afirmou sua neta Marília Mattos, “meu avô por ter sido guia de tropas, aprendeu, desde muito cedo, a base dos conceitos de observação, orientação e localização. Reside aí o cerne, para a explicação de seu senso de exatidão para explicar o espaço geográfico que vivia e suas riquezas de detalhes. Deveria ter sido uma criança muito curiosa, responsável e sem dúvida de privilegiada inteligência. Aproveitava as experiências colhidas nas atividades de guia de tropas para minuciosas observações do trajeto onde passava, sabendo se localizar e armazenar os conceitos vivenciados no que se refere a observação, orientação e localização. Os olhos deveriam estar sempre abertos para tudo, assim como os ouvidos”.

Caros Amigos e Amigas, assim, cada nome que está tendo o merecido destaque nessa noite sob forma de homenagem é, creio, a reatualização do passado sendo presentificado na valorização das ações públicas. Desse modo, o que estamos fazendo eleva o legado desse homem público em tela na medida em que as contribuições atuais das pessoas agraciadas com a Comenda Francisco Antonino Xavier e Oliveira lembram intensos aspectos da vida e da obra de Antonino Xavier, nossa herança cultural mais expressiva! Nossas congratulações a vocês que estão sendo homenageados por serem pessoas que continuam a elevar o nome da cidade por intermédio de seus pensamentos, ações e iniciativas! Tenhamos – na continuação – um excelente momento de convivência precisamente porque Francisco Antonino Xavier e Oliveira era um ser com uma existência floral pela simples abertura à luz. Só que essa característica carece sempre de um olhar prévio, de um foco em determinado objetivo, não deixando de se inscrever seja no que for. O problema é que todos nós compartilhamos – de certo modo – de uma certa cegueira na medida em que dependemos de representações predeterminadas



Osvandrê Lech, Marilise Lech, Nilva Toazza e Mauro Gaglietti

sobre o que acreditamos que vamos ver. Muitas vezes não experienciamos o mundo porque ou estamos presos ao passado ou voltados para o futuro, não se encontrando, desse modo, presente no presente. Resultado respectivo: há uma espécie de desperdício da experiência no momento presente. Mais do que isso, o que experienciamos, na verdade, são as nossas expectativas acerca do mundo. E, não obstante as trevas que pontuam a realidade, decorrentes do cerceamento da luz – ou do excesso ofuscante da própria luz – lembrando a alegoria do “mito da caverna” de Platão, não haverá outra solução senão, no quadro dessas mesmas trevas, encontrar um caminho que será iluminado pela luz remanescente, e que ditará uma eventual estrada para que se avance em relação a uma outra lógica. Mesmo que, pontuadas por uma luz que nunca deixará de condicionar esse caminho, não obstante a esperança no futuro, esteja limitada e adjacente à ideia de crise.

Como escreve Jorge de Sena, “Uma pequenina luz bruxuleante // brilhando incerta mas brilhando // Uma pequena luz / que vacila exata / que bruxuleia firme / que não ilumina apenas brilha. // Tudo é incerto ou falso ou violento: brilha. / Tudo é terror vaidade orgulho teimosia: brilha. // Tudo é treva ou claridade contra a mesma treva: brilha. / Uma pequenina luz bruxuleante e muda / como a exatidão como a firmeza / como a justiça. / Apenas como elas. / Mas bri-



Odilon Garcez Ayres e Jane Estela

lha. / Não na distância. Aqui / no meio de nós. / Brilha” !

Por tudo isso, Minhas Amigas, Meus Amigos, em particular, Nossos Agradecidos, VOCÊS BRILHAM MUITO, brilham POR AQUILO QUE JÁ FIZERAM, ESTÃO FAZENDO E NO AQUI E AGORA, SORVENDO ESSE MOMENTO, BRILHAM, porque tornaram-se COMENDADORES da Academia Passo-Fundense de Letras POR ESTAREM SENDO agraciados por meio da COMENDA FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA no Instituto Histórico. Por fim, os inte-

grantes da Academia Passo-Fundense de Letras deseja do fundo do coração a vocês e aos seus familiares um Feliz Natal e um abençoado Ano Novo.

Muito Obrigado pela respeitosa atenção !

Obs.: Discurso do Prof. Dr. Mauro Gaglietti em 12 de dezembro de 2019 no Instituto Histórico de Passo Fundo por ocasião da solenidade de “Encerramento do Ano Acadêmico”, solenidade tradicional da Academia Passo-Fundense de Letras por intermédio da entrega da Comenda FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA.

(Mauro José Gaglietti é Prof. Dr. e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Sem o domínio dos sentidos

IVALDINO TASCA

Transformei-me num bagaço?
Quem você pensa que é para dizer uma coisa dessas?

Não quis ofender? Ora, ora, amigo como tu o diabo espalha aos quilos.

No bagaço me sinto, mas por que tripudiar? Como tem desses que se deliciam com a dor dos outros! Nem piedade tem. Não que a queira, é humilhante, mas olho o céu indagando: o que com fizemos com ela? Nem a abominável piedade restou!

A pessoa deveria ter direito de ousar sem o risco de ser tripudiada se falhar.

Você é testemunha, eu nunca quis muito. Aspirar objetividade é exigir demais? É justo viver Tateando, como quem anda no escuro? É errado buscar receita para dar rumo claro à vida? Resta o consolo de ter ido à luta. Não deu, agora dói. Pior seria ficar só na lamúria; eu quis ser diferente, onde está o defeito?

Adianta pouco pedir perdão, mas te perdoou! Pode arrancar o prego da madeira, mas a marca permanece. Bagaço, ora bagaço! Bagaço é a nona. Juro, vou dar a volta por cima. Sabe quanto tempo estou internado? Você viu pouco e tripudiou. Bagaço!?

Acha que fui arrogante, quis demais, hein? Não é por que as coisas são de um jeito que não possam ser de outro. De início andei inseguro, sabia mais o que não queria. O que eu queria? Choramangar menos, sorrir mais, ser menos medroso, curtir o dia de hoje sem grillhões saudosistas, coisas assim eu busquei.

Quem nos instrui como proceder para viver sem a angústia do que pode ou não pode, do que deve ou não deve? O que temos? Gente metida à sabida, cada qual com uma opinião que ao final só atrapalha. Olha aquele do canto cheio de estudo, come o pão que o diabo sovou, aquele lá da frente não estudou e range os dentes. O ricaço ali é só aparência, está pior do que eu; o malumbento lá dos fundos, pode dizer que vive? Sacou, todos vegetam, eu queria viver, viver, entendeu? Viver!

Como tudo iniciou? Tenho vaga noção. Quando o peito apertava, o ar

faltava e a alma gemia em dúvidas, eu me perguntava: diante do tamanho desse universo o que justifica nossa existência? Para que estamos aqui? Não perguntava como quem filosofa. Quem é de poucas letras como eu não se dá à soberba de filosofar. Queria ser prático. Cabeça no mundo da lua atrapalha, nossa cabeça deve estar como os pés: no chão firme. Base sólida é meu estilo. Quantos se dão bem borboleteando? Desejei definir o modo de tocar a vida com os pés no chão. A vida é curta, passa rápido, é preciso claras definições para sorvê-la melhor. Isso precisa ser tão difícil?

A falta de resposta transtornava e mais confuso fiquei após conversas com o padre e o professor de filosofia. Na minha cabeça ingênua, eles tinham respostas na ponta de língua. Afinal, estudaram tanto tempo para quê? Leram montanhas de livros para quê? Não tinham, aliás, até tinham respostas, não dá para ser injusto e dizer que não tinham, mas não tinham dessas prontas na ponta da língua que quando chegam aos ouvidos clareiam sem deixar dúvidas. As suas eram respostas sem serventia para mim. Não adianta enganar, resposta boa é aquela que tem serventia, tipo pão, pão, queijo, queijo. Essas conversas com quem achei sábio piorou tudo, fui buscar lã e saí tosquiado. Sério, aqueles dois estão mais perdidos do que eu. Por quê? Porque em nossos papos mais faziam perguntas do que davam respostas.

O padre só falou em pecado, não pode isso, não deve aquilo, pois estamos aqui para expiar o pecado original. Só tem certeza sobre o que vem depois da morte: inferno ou paraíso. Entendeu? Eu não! Eu queria saber sobre agora, sobre amanhã de manhã. Pelo seu jeito de falar cheio de dedos penso que me achou materialista egoísta, muito egoísta e imediatista. Saí arrasado do papo, já me achando pecador miserável com outra dúvida: Deus fez a gente só por causa do pecado original?

O professor também ajudou pouco. Para entender os filósofos devia largar tudo e me tornar um deles, esse o resumo do papo. Anote: cada filósofo tem sua filosofia própria e não abre mão dela. Não disse com todas as letras,

mas tive a nítida impressão dele estar de saco cheio, me achando burrão por não acompanhar suas elucubrações. Até hoje não sei se esses dois estão com a vida resolvida ou mais embrulhada do que a minha. Se fosse obrigado a dar um palpite, ficaria com a segunda hipótese.

Ah, ia esquecendo, o professor ficou buzina quando lhe perguntei o que achava da frase de Freud que lera na internet: “Não permito que nenhuma reflexão filosófica me tire a alegria das coisas simples da vida”. Foi grossura, depois me dei conta de que a frase é a pior agressão que se pode fazer para quem se diz filósofo.

Quando padre e filósofo falham como obter ajuda? Minha ignorância, em tom de cumplicidade, alertou para o comezinho: cada plebeu tem jeito próprio. Pode ser tosco, mas com tal jeito vai em frente. Quem ensinou o plebeu? Outro plebeu? É coisa de pai para filho, de avô pra neto? Meu avô contou que cresceu olhando os outros; foram tantos tombos que aprendeu a levantar segurando-se no cadarço do próprio sapato.

Assim abandonei padre e professor. Optei pela tática simples do pau, pau, pedra, pedra como comum mortal que sou. Pensei: se desde a caverna mortais ilustres se fazem perguntas sem respostas claras o que esperar da minha ignorância? Deixei o padre na igreja, ali não me assusta, não mexe minhas culpas; deixei o filósofo na biblioteca, ali não me recalca e fui aos iguais. Pessoas com respostas práticas podem ser mais úteis.

As coisas devem ter serventia, por que seria diferente com as respostas? Lero-lero, fala sem fim embananam: nada tão eficaz como boa lãbia para enrolar. Palavras rebuscadas, que pedem dicionário assustam. Longe desdenhar o estudo, ele é tudo para vencer na vida, dizia o avô. O que digo é que plebeu da batalha da sobrevivência diária pode ter receituário mais chão, que permita ir em frente com melhor controle dos efeitos colaterais. Não sei se me explico bem, mas quero dizer que por isso fui falar com gente de fora do mundo dos letrados.

Não cansou de me ouvir?

Cansou mas quer continuar ouvindo para se desculpar por dizer que estou no bagaço? Você tem cada uma! Sabe,



posso estar no bagaço, até acho que estou, mas é melhor do que ser bundão, desses que não fedem bem cheiram. Sem ofensa, claro.

Vou em frente, fiquei tempo corcoaveando em busca da ajuda. Por que estamos aqui? – foi a pergunta que fiz ao cara do açougue da esquina, ao dono do armazém da praça, ao sapateiro do lado da igreja, ao ateu do escritório, ao anarquista da ferraria. Impressiona como são sabidos, porém não responderam às minhas necessidades. E o papo na mesa do bar? Começava bom, mas logo ninguém dizia coisa com coisa.

Assim, andei desenxabido até que dei de cara com o Alduíno, um cara do dia-a-dia, da luta diuturna e a coisa deslanchou.

Alduíno, descendente de italianos, criado na roça, sem tempo e chance para outra coisa que não o trabalho, que a vida lhe foi dura, na segurança de quem sabe hora de plantar batata, colher o trigo, ordenhar a vaca, distinguir a erva que cura da erva que mata, me disse que palavra sentir poderia dar alguma resposta às minhas interrogações.

Foi categórico: estamos aqui para sentir.

Simple assim: sentir. Por isso, ele disse, somos dotados de cinco sentidos e essa celestial possibilidade de desenvolver outros, como o sexto sentido da mulher, gestado como grito silencioso diante do horror da opressão. E tem muitas outras formas, como a que penetra pelo coração, testando a capacidade de atingir a plenitude. Ou a que nasce da dor e ajuda-nos a superar a ignorância.

Eu, ali, ouvindo!

Atenção com as formas que podem levar ao proibido alertou. Proibido? Depois do bem bom, que é intenso e passageiro, pode vir o amargo e duradouro da culpa e poucos estão preparados para enfrentá-la, disse; pense três vezes sempre que for desafiar a aspiração que pode gerar culpa.

Sabe quando embasbacamos? Difícil crer que tais coisas pudessem ser ditas por um cara tão, tão, deixa prá lá, de onde o colono tirou isso? Meu queixo caiu: quem disse que colono é um ser tosco? O preconceito? Aprenda isso de sentir aos poucos, disse Alduíno sob sol de rachar em cima de um tratorzinho, virando a terra para hortaliças. Filósofo plantador de alface e tomate? Para testar o que dizia sugeriu, sorrindo um sorriso

matreiro para meu estilo citadino de vestir, que tirasse o sapato para sentir o calor da terra na pele nua.

Disse ou não disse que a boa lábua enrola? Tirei o sapato e o sacrifício, mais tarde, foi tirar da pele e unhas a terra vermelha grudenta.

Pés encardidos confirmaram o fundamento da sua fala. Saber sentir pelo corpo e pelo espírito constitui-se ótimo jeito de viver foi lição que aprendi na roça. Há que ter cuidados: o que o espírito sente afeta o corpo, o que o corpo sente afeta o espírito. Foi boa regra para viver sem ajuda de padre ou filósofo. Eles não têm culpa, sei, mas fazem me sentir mais ignorante do que sou.

Alduíno me pareceu prosa por me ter como cara de estudo que se surpreende com sua fala. Arzinho de superioridade escorre no sorriso maroto dos cantos da boca. Ali na roça, de repente uma calma nos envolve, ele desce do tratorzinho começa a picar fumo. Após a mudez que dura o tempo da feitura do cigarro de palha e dá primeira tragada sentenciou: somos o que sentimos!

Sentir ou não sentir eis a questão, indagado com espírito de pirralho? O ponto central do ser, especialmente quando se

trata do outro, é o sentir. Fora do sentir é o nada, ele disse. O sentir permite comunicação absoluta com tudo, mas tem riscos e às vezes podem levar uma parte viva da vida, continuou. Entendi como força de expressão esse “levar uma parte viva da vida”...

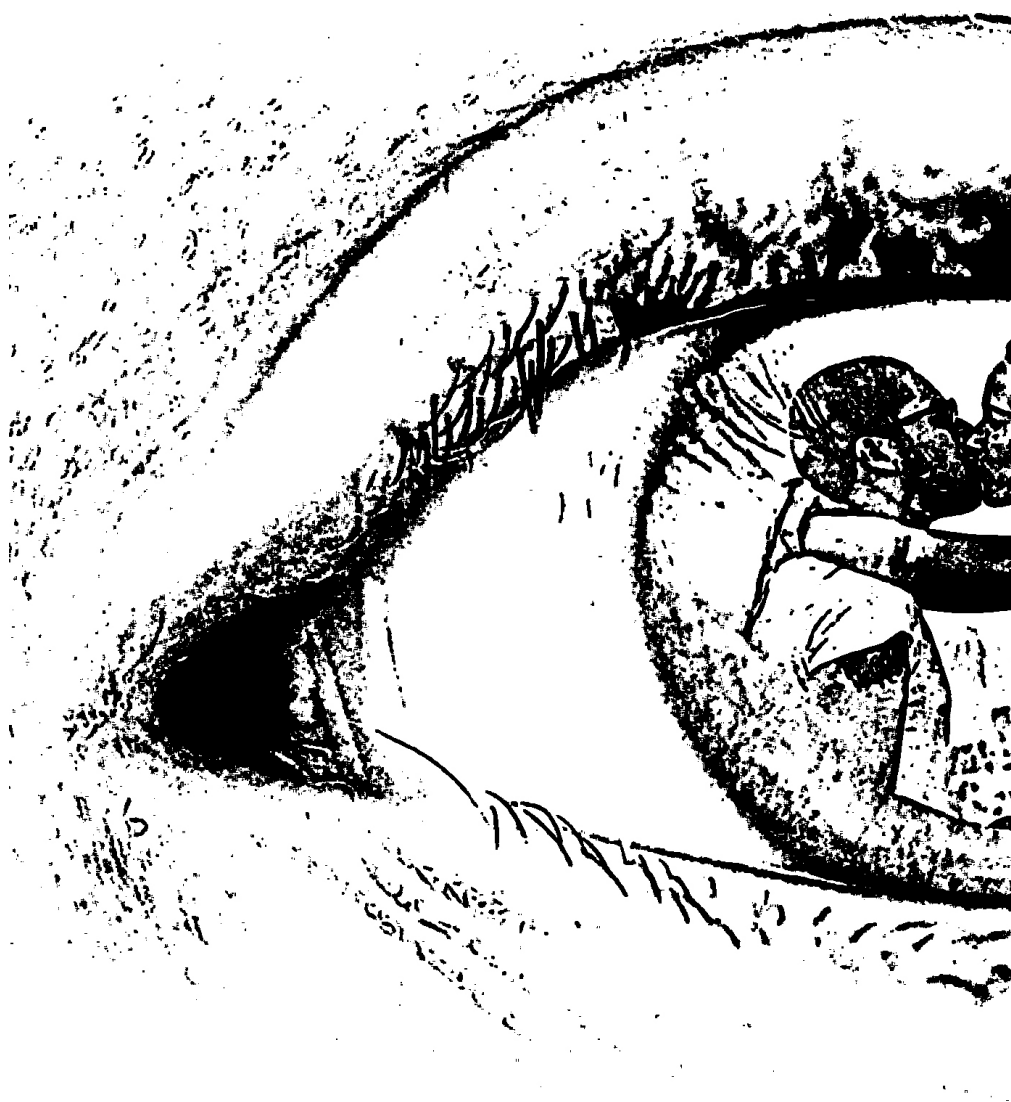
Fiquei satisfeito com uma lição sem esquentar a moringa filosofando; a cada dia aprendia um pouco deixando o tempo correr leve, livre e solto. O que batia no corpo e na alma me fazia bem.

O que incomodava um tiquinho, por vaidade, era lembrar Alduíno tripudiar ao confirmar que sua teoria me impressionara. Não escondeu afetação ao dar a entender que sabia disso desde a juventude e eu, babaca da cidade, com mais estudo, só aprenderia isso na meia-idade. Disse ter passado por aprendizados como o de curtir pão, sala e queijo ante de ir para a escola, saborear o aroma da cozinha ao chegar da escola, distinguir cheiros exalando das meninas quando o sexo desabrocha, curtir a gostosura do reatamento e da espera da hora do encontro.

Nesse dia, jogando fora o toco do palheiro mascado reitera: o cotidiano é eterno sentir. Sentir o cheiro e o gosto do cravo no sagu, da chuva prestes a chegar, a fofa textura do pelo da gata, o bailado das andorinhas ao entardecer, o milagre da planta florescendo, o jogo de luz dos vaga-lumes na escuridão, a canção de ninar da chuva que bate suave, enquanto o corpo relaxa e mergulha no sonho; sentir a sutileza do açúcar e do sal, sentir, em cada milímetro de pele, o efeito de corpos roçando-se na senda do êxtase.

Disse ter na mente a paz do corpo deitado na cama, curtindo o calor das cobertas, misturado à sonoridade do silêncio da manhã gelada de inverno. “Já descascou bergamota ao sol após o almoço na estação fria?” – indagou para referir que na cidade perdemos contato transcendental com a natureza sem colocar algum substituto. E fez outro alerta enfatizando que era assunto para outra hora: o prazer de sentir, quando nos domina, tem a força de nos levar para a escravidão ou a loucura. Não desdenhe isso! Não dei bola para esse alerta, achei que ele estava querendo filosofar e isso iria me desconfortar.

Gostei quando disse que a natureza oferece chances para treinar a capacidade de sentir das pessoas e, assim, penetrar no sentido agudo da vida sem filosofia. Esse é o destino, por exemplo, da



pitanga, da romã e do araticum – frutos com mais caroço do que polpa justo para aprimorar a sintonia fina de cada sentido humano. Os frutos nos treinariam para o dia em que todas as dores serão como as do parto: rito de passagem. Ou, ainda, para o dia em que, aleluia, escrever-se-á final feliz para todas as paixões!

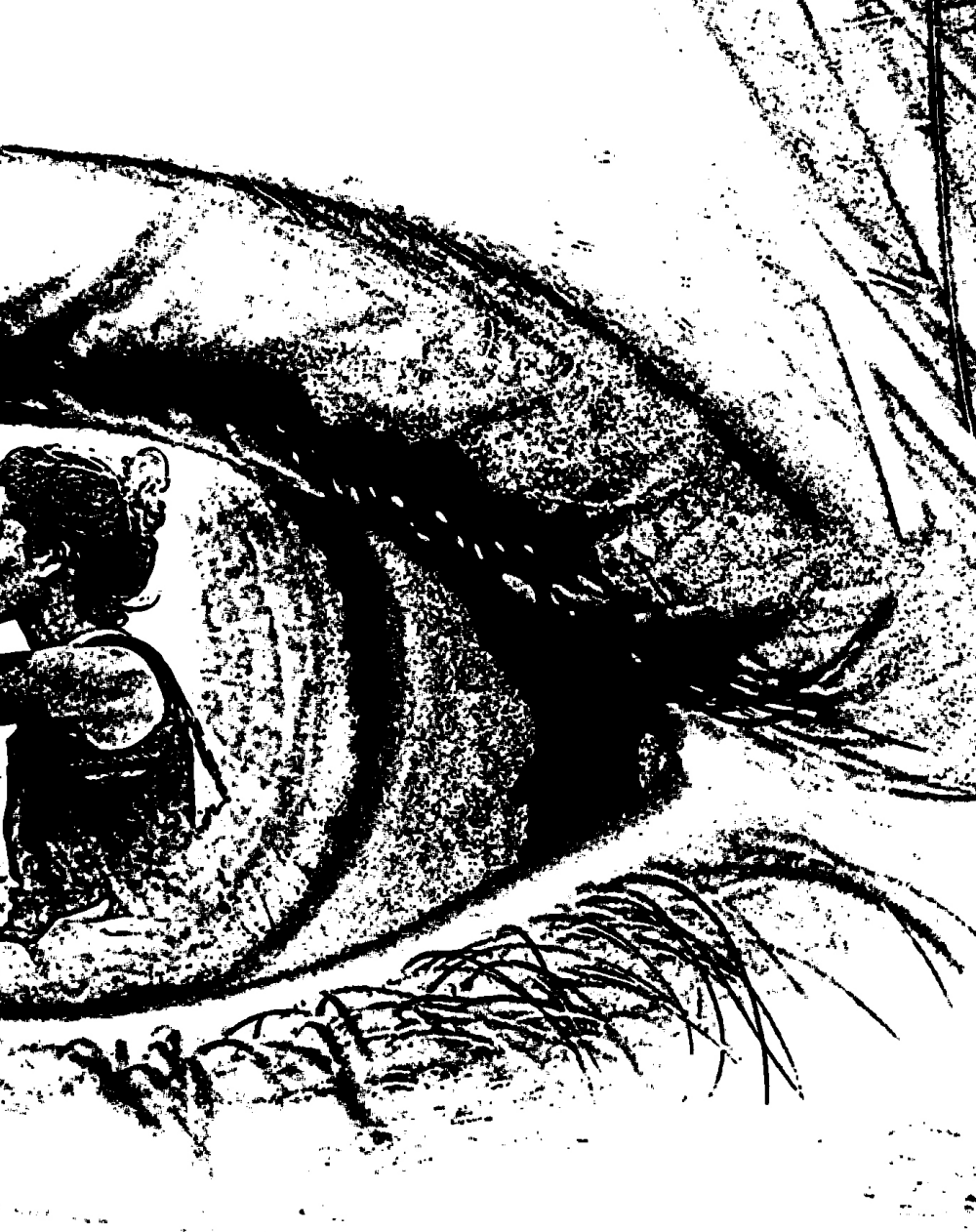
Já tinha me despedido e andado dezenas de metros quando corre ao meu alcance. Parou, olhou ao redor como quem se certifica de que não há mais ninguém e, apesar de estarmos sós naquele pedaço de roça, falou baixinho: “Tenha muito cuidado com as paixões. Elas caminham tendo a demência como companheira”.

Voltei da roça renovado. Alduíno tem razão, estamos aqui para sentir. Quem sente com intensidade é feliz. Era grande o orgulho de estar entre os comuns mortais capazes de viver sem precisar mexer nos complexos de culpa que os padres mantêm acesos e sem sofrer

com o complexo de inferioridade que os filósofos fazem brotar.

A partir disso, vivi um período ímpar, tato, olfato, ouvidos, olhos, língua, mãos eram instrumentos de prazer. De puro prazer. A engrenagem simples funcionava bem. Obtive mais do que Alduíno: ele falava bem, mas não era tão eficiente na hora de botar em prática o que matutava. Sem querer filosofar achava isso: sentia mais do que ele.

Passei a ser até invejado e você que disse que estou no bagaço preste toda atenção agora. Eu, que sempre quis estar com pés e cabeça no chão, andava nas nuvens e lá tive a sorte de saber o que é estado de graça. Andava assim, mais feliz impossível, quando, de supetão, o sentir mostra ter insondáveis formas de se manifestar. Impulsos macabros invadem a mente de inopino, coisas disparatadas agem sem nosso controle. De início nem dei bola, era homem com os pés no chão e, embora transitasse pelas



nuvens. Quando me dei conta, tornei-me isso que você acaba de dizer: bagaço.

Foi um zaz-traz, cai lá de cima sem notar o tempo passar quando a mulher surgiu parecendo miragem. Ela olhou, manteve o olhar sem piscar, ela permaneceu olhando sem piscar, a boca secou, o coração entrou em descompasso. Descontrolei total. Ela me fulminou como se fosse um raio e tudo ruiu, nunca mais fui o mesmo.

O que vou dizer, digo para alertar. Digo até para inimigo. Alduíno tem razão, cuidado com a paixão, não se sabe de onde vem, como vem, por que vem, mas, quando vem, detona! Almejava sentir algo que viesse com intensidade e talvez por isso sinto-me atropelado por locomotiva. A paixão é algo descomunal, transcendental, brota num vapt-vupt, nova realidade surge ao redor, primeiro com indescritível doçura, enlevo, suavidade, prazer, intenso prazer, adiante, parecendo avião na tempestade

de raios, joga a gente de um lado para o outro, para cima e para baixo, faz da gente uma espécie de nada.

Veja só: fiquei nesse estado, aqui nesta cama, quando a mulher que me dominou, melhor, que me possuiu, se foi. Num átimo, veio e foi. Houve momento que pensei procurar exorcista, pois não podiam ser humanas as sensações que se apossaram de mim. Além dos olhos, dos seios, do rosto, do corpo, do cabelo, da pele, do sorriso, dos lábios, das coxas, o que mais me enlouqueceu foi seu cheiro. Nunca sentira cheiro de fêmea tão bom, forte e único! Estava em tudo. Sabe aquele cheiro do jasmim dos poetas, sabe? É aquele, só que mais intenso. Certo dia duvidei de minha sanidade: o sabonete tinha o perfume dela, o molho do macarrão rescindia a ela, o buquê do vinho era seu cheiro. Eu, que desejei sentir tudo com a maior intensidade, pois estamos na terra para isso, entrei em parafuso. Cheguei ao ponto de ajoelhar e

rezar, logo eu, fiz isso sim, numa igreja vazia. Olhando para o altar implorei misericórdia. Chegava ao limite, a paixão ia me explodir. Apelei ao sobrenatural pela certeza de que algo sobrenatural se apossara de mim. Ajoelhei quando passei a temer pela sanidade mental ao admitir que minha mente não era mais minha, não tinha mais domínio sobre ela. Mente, cérebro, alma, espírito isso não importa tudo foi ocupado pela presença soberana daquela mulher. Perdera o controle, a mulher estava dentro de mim o tempo todo. Loucura!? Só enxergava, com olhos fechados ou abertos, a figura dessa paixão dentro e fora mim. Estava convencido de que rumava para a demência, anulara-me a ponto de crer que era o corpo da mulher que movia o meu.

Certa vez, ao achar que a razão me abandonara, atônito perguntei em voz alta para mim mesmo na frente do espelho: estou louco? Tinha a nítida impressão de que a alma e o corpo da mulher estavam dentro de mim. Fiquei sem saída, contra todas as leis da natureza, dois corpos ocupavam o mesmo espaço ao mesmo tempo. Se contasse, seria considerado louco, não admitir seria reconhecer estar louco. Foi jogo perigoso da mente que espero não mais jogar. Confirmei que eram os olhos dela que enxergavam através dos meus. E o que eu, obsessivamente, enxergava o tempo todo? Ela. Só ela. Pode? Ela estava, repito, ao mesmo tempo, fora e dentro de mim.

A paixão me fez refém de corpo e alma da linda, delicada, e inteligente mulher. Concluí não ter forças para lidar com o que de mim se apossara. Quando o real deixa de ser real e o irreal assume a realidade, é sinal de que estamos submetidos ao sobrenatural. Pensei assim e rezei, com a fê que nunca tive e aceitei sem esta internação.

E quer saber?

O Alduíno esteve aqui, eu dormia, disse que vai voltar, falou à enfermeira que se sente culpado pelo fato da mulher que se tornou minha louca paixão me abandonar e agora estar com ele, mas que isso é da vida e que logo eu estarei pronto para outra.

O debochado cretino ainda disse à enfermeira que foi o padre e o professor de filosofia que ajudaram apumar sua vida junto essa mulher...

(Ivaldino Tasca é jornalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Sem ofensas ao Senhor



IVALDINO TASCA

Quando o viço se esvai como rosa amarela murchando no vaso o corpo deixa de ser vespeiro de tentações, os suplícios que atormentavam Escrivá somem, diz Juarez, com soberba, em meio à zoeira de bocas que falam alto e ao mesmo tempo.

Essa é a vantagem do bar, falamos, falamos, ninguém escuta e fica tudo bem.

Não indago quem é Escrivá, passar por desinformado açula a empáfia. Sempre sabemos algo que outros não sabem, outros sabem algo que não sabemos.

- Alguma perturbação, aqui e acolá, ainda aflora por que embora a raiz que move a seiva do proibido às nossas células tenha secado a cisma fica, ele completa. Juarez é o filósofo da turma que invade, religiosamente, o boteco nas manhãs de sábado.

Num sábado frio de agosto topei acompanhá-lo.

- Os encontros são prazerosos embora vez que outra modorrentos; quando o ocaso se aproxima às vezes devemos inventar para driblar a solidão. Sorri e arremata: a surpresa pode nascer da modorra, a vida não flui linearmente.

Os convivas chegam às 9, mal sentam vem o cafezinho, a caipirinha aparece às 11 horas. A turma é eclética, inteligente e sagaz.

Depois de hora acompanhando o grupo concluí: era dia de modorra. Parecia deitada no chão e deslizava,

enroscava como anzol em água de igarapés: como choveu, hein; é, foi demais; que fase a do colorado; se Renato viesse antes o Grêmio estaria melhor; covardia o cara lá do Boqueirão matar a mulher e os filhos; como a cidade está suja; e esse frio, meu Deus, deste agosto poucos velhotes escapam!

- Ainda torço o pescoço de quem disse que esta é a melhor idade, resmunga um cara sumido dentro de um poncho de pura lã da fronteira tremendo de frio.

- É masoquismo viver a velhice como decadência. Ela é como por do sol, pode trazer prazer quando a noite chega. Ida-de boa deve ser a que temos, reclama quem não viveu intensamente, existem muitas vantagens na velhice - diz Juarez provocando.

- Cite três vantagens de ser velhote se você ainda tem memória nesse cérebro murcho, grita parecendo irritado, quem me foi apresentado como Rui. Ônibus, vacina grátis e meia entrada no cinema não valem, isso é humilhação, a gente trabalha a vida toda e não consegue nem ir ao cinema sem pedir bexiga, faça-me um favor!

- Uma vantagem é viver no boteco sem nos tacharem de vadios, mas a maior é a impossibilidade de pecar e, com isso, mandar a culpa para o bebeléu, zombou Juarez.

- O que você disse?, perguntam em coro numa zoada geral.

- A velhice nos faz santos. Sem matar ou roubar vamos pro céu.

- Não pecamos por impossibilidade?

- Foi o que eu disse im-pos-si-bi-li-da-de de pe-car!

- Não pecamos nem por pensamento?

- Oh esclerosado, pecar por pensamento vale quando há chance de colocar em prática o que se pensou. Hoje em dia adianta desejar a mulher do próximo? Não podendo pecar não há culpa, seu patetão! Imagine o quanto a vida é maravilhosa sem culpa e castigo! Lembra o que o Padre Humberto Lucas dizia? Refresco tua memória: “os homens vão à Igreja quando não tem mais força de pecar”.

A fala de Juarez lembra enxame de abelha, a zoeira pega geral e suscita lista de coisas que deixam de ser pecado na velhice. Rindo concluo que espantavam a modorra. É, bastou falar em pecado que a modorra esfumou.

- Abro a lista com masturbação. Quem aqui consegue pecar por masturbação?

- Sobre essa impossibilidade fale por você Juarez, cutuca alguém.

- Aliás, a masturbação jamais deveria ser considerada pecado, é só indicativo de macho saudável apto para perpetuar a espécie e cumprir o que Deus mandou: cresci e multiplicai-vos, defende Rafael. Há coisas que Deus determinou difíceis de entender. Não matar, não roubar se entende, mas mandar pro inferno quem usa o corpo para um pouco de prazer? Deus faz o guri transbordando vigor e se zanga quando ele se submete às forças afrodisíacas? Não quero ser grosseiro, mas nessa Deus pisou na bola. Nessa e em muitas outras, é o que penso!

- Cavalheiros, essa não foi decisão do Senhor Deus faça om voz modulada, atraindo olhares de espanto, o cidadão sobriamente vestido até então não notado. Num silêncio estrepitoso o desconhecido segue: Deus não escreveu de próprio punho essas leis, proibições, mandamentos, os homens foram interpretando Sua vontade e escrevendo o que achavam que Ele gostaria. Pelo que sei Ele gostou dos Dez Mandamentos, embora faça ressalvas, hoje, sobre o primeiro deles, por exemplo, por causa dos homens bombas.

- Mas os homens bombas são de outra religião, corta, Ildefonso.

- São, sim, mas o Deus é o mesmo. Os homens, que na essência são iguais, dão designações diferentes ao Senhor e isso às vezes gera divisões. Os Dez Mandamentos e o que foi definido como pecado, ou seja, ofensas ao Senhor é obra humana. Até acho algumas regras desnecessárias, há relatos nos livros sagrados que podem ser revistos, como o da mulher Eva no paraíso... Mas isso já é outra questão!

O silêncio se prolonga sem que alguém tire o olho da figura que destoa do ambiente: veste terno azul petróleo, casaco de três botões, camisa branca engomada com abotoaduras de ouro, gravata vermelha com listras azuis e discreto pregador de ouro. Tem lenço branco de linho no bolsinho do paletó, no pulso imenso relógio de ouro e um anelão com pedra azul celeste no ane-

lar; o cabelo preto com fios cinza está impecável, a barba preta espessa é bem cuidada. Tudo faz do cidadão um ser que parece de outro mundo.

Como não tinha sido notado esse figura até agora?

- O que há de errado com o relato sobre Eva no paraíso? - indaga Ildefonso, quebrando o pesado silêncio.

- Deixou essa imagem terrível, injusta da mulher ser fonte do pecado, responde.

- Que regras poderiam ter sido evitadas?, indaga Juarez.

- A venda de indulgências, foi uma, a confissão foi outra. O purgatório e o limbo não precisavam existir. Aliás, o limbo acaba de ser revogado. Essas não foram decisões de Deus, foram criações humanas que variaram de acordo com os costumes dos povos.

A fala do elegante cavalheiro produz atmosfera de igreja num ambiente que as esposas dos convivas definem como bar da bagacerada aonde os maridos vão aos sábados sem levar o cocar. De novo Ildefonso fala desta vez se dirigindo à turma:

- Que outro pecado, além da masturbação, podemos abolir como foram abolidas as coisas que o sábio cavalheiro, citou? Sem esperar resposta acrescenta: sou de opinião que os pecados capitais instituídos pelo papa Gregório Magnos podem ser extintos.

- Todos?

- Todos. Quem lembra os sete pecados? Num burburinho começam a listar:

gula, raiva, preguiça, avareza, soberba, orgulho...

- Soberba e orgulho é a mesma coisa, diz alguém. Ira... Ira e raiva é a mesma coisa, outro corrige.

- Vamos gente, como podemos pecar se não sabemos o que é pecado? Vamos repetir: gula, ira, preguiça, avareza, inveja, ah, faltava inveja, o pecado da inveja é terrível, preguiça e luxúria. Eu gosto muito da palavra luxúria, soa como algo pomposo, lu-xú-ria, só por isso não devia ser pecado.

A modorra se vai, o clima esquenta por causa dos pecados capitais decretados no Século VI. Foi manhã efervescente, ao contrário de outros sábados a clientela se agrega ao papo. Como assunto tão corriqueiro desperta tal interesse? Estranha quem esquece que o ocidente é habitado pela civilização do pecado! Na falta de outro argumento o Oriente quer acabar com o Ocidente por causa do pecado. A luzes do Ocidente são vistas pelo Oriente como as luzes do pecado!

Gula, essa compulsão para comer além da conta que nos faz obesos é o primeiro pecado na pauta. Foi fácil eliminá-lo, o guloso não ofende o outro e ainda gera emprego e renda com a parafernália de comidas, bebidas, médicos, enfermeiros, técnicos, clínicas, laboratórios, remédios para socorrer quem passa do peso. Quanto da roda da economia gira positivamente por obesos? O cara tem livre arbítrio, se quer comer além



da conta problema é dele, pior é morrer por anorexia.

Após rodada extra de caipirinha a preguiça entra na dança. A ojeriza ao trabalho, a qualquer tipo de esforço físico é pecado por quê? Numa época em que se diz que o padrão de consumo dos países ricos não tem como ser alcançado por outros bilhões de pessoas sem colocar o planeta em xeque a preguiça pode se constituir em estilo de vida ecologicamente correto. O cara ali, preguiçoso, faz pouco, come pouco, vai levando na modorra até reduzindo o aquecimento global. Tenham a mais santa paciência, que falta de bom senso colocar preguiçoso entre os pecadores!

E a soberba? A soberba, essa falta de humildade, essa postura arrogante, o popular salto alto acaba, em regra, funcionando como bumerangue: o que produz, cedo ou tarde, retorna na cabeça do soberbo.

- Na nossa faixa etária, por exemplo, basta ficar peladão por dez segundos na frente do espelho para domesticar a soberba, intervém Ildefonso, descontraindo o ambiente que se tornava sério demais. Há argumento forte para que a soberba não figure como pecado: em incontáveis circunstâncias a soberba é confundida com orgulho e orgulho é algo que pode ser saudável para o indivíduo e a sociedade.

- Como assim? Indaga o peru da mesa ao lado pegando o bonde andado.

- Ora, fala Juliano, orgulho de ser brasileiro, de ser gaúcho, de ser gremista...

- ... de ser colorado, de ser gay...

- ... orgulho dos pais, orgulho do seu negócio, de sua cidade. Esse orgulho, que às vezes se confunde com soberba, é importante para a pessoa buscar melhorias na vida. Há o orgulho traduzido como autoestima, e, como sabemos, a autoestima é o motor do desenvolvimento, o motor do progresso.

- Esse papo está ficou chato, retruca Ari. Passe logo para outro pretenso pecado.

Vamos direto para luxúria. Lu-xú-ria! O que é a luxúria? Dizem que se trata de apego desmesurado ao prazer carnal. Que prazeres carnavais desmesurados esperar nesta idade? Digam, digam agora que só a cisma permaneceu? Luxúria é algo de foro íntimo de homens e mulheres donos de seus corpos que tentam encontrar prazer e sentido para a vida. Qual o mal dos prazeres da carne? Carne para nós só a de churrasco que, aliás, já tem seus dias contados pelo alto custo

do chá ingerido a cada churrascada...

- Hoje em dia a luxúria deixa de ser pecado até para uma multidão de jovens, vocês sabem disso, não sabem?, interroga Ari. Não sabem ou não lembram? Por causa da fluoxetina minha gente! Por causa da depressão, essa praga moderna, a medicina mata a libido. O primeiro dos pecados capitais a ser extinto é a luxúria. Não consigo aceitar que acabar com sexo é o caminho para acabar com a depressão...

- O que mais está faltando na nossa lista de pecados?

- Faltam três, ira, avareza e inveja.

- Os dois primeiros são fáceis de eliminar. Condenar alguém por não controlar a brabeza? Explosões acontecem com qualquer um e passam. Não foi assim quando Jesus expulsou os vendilhões do templo? Por outro lado é como a ira, no frígir dos ovos, terminar por afetar seu portador, é como cupim, come por dentro. Já a avareza em tempos de crise na economia pode ser virtude. Quem cobiça grana e bens materiais poupa e quem poupa tem para investir. Uma dose de avareza é indispensável para calibrar o orçamento.

- É, sobrou a inveja. Como está no adesivo do meu carro a inveja é uma merda, antecipa-se um assistente. A inveja merece o epíteto de pecado, está na raiz das desavenças, das infinitas porcarias que azedam as relações. Invejar é desejar o status, as posses e habilidades de outra pessoa a ponto de prejudicá-la. No pobre, no remediado, no rico, no homem, na mulher, no jovem ou no velho a inveja é vírus danoso.

- Eu deixaria a inveja como pecado e dos brabos, resume Ildefonso.

- Pode ser, mas, às vezes, a inveja pode estimular o desenvolvimento econômico, diz o cidadão que bebe caipirinha em pé. O cara que inveja a casa nova do vizinho vai trabalhar dobrado para ter uma melhor, vai querer carro melhor, roupa mais moderna...

- É pode ser, pode ser, resmunga alguém sem convicção...

Isso da inveja fica no ar, não há unanimidade sobre seu poder pecaminoso. Preguiça, ira, luxúria, gula, avareza e soberba e, de quebra, a masturbação deixam de ser pecado por obra e graça da caipirinha. O relógio vai marcar treze horas, a turma faz menção de deixar as cadeiras quando o cavalheiro elegante volta a falar.

- Quero expressar que vocês têm razão. É preciso reduzir o número de

pecados. A vida não precisa ser recheada por tanto pecado. Claro, cada um responde por seus atos, mas os homens inventaram pecado demais e isso até distorce a imagem de Deus. Parece que Ele só pensa em proibições. Gostei dos senhores, sei que até foram irônicos, mas a ironia é uma das forças mais poderosas do conhecimento...

Todos escutam hipnotizados o cavalheiro elegante concluir a fala mansa em pé:

- Façam seus pedidos que Interfiro para ajudar a concretizá-los. Já ajudei a terminar a confissão, pois alguns se afastavam de Deus por causa dela e extinguir o limbo que nunca teve sentido prático. Os homens exageraram nas regras. Não era isso que Ele tinha em mente quando criou o mundo. Obrigado pela colaboração e continuo aberto a novas sugestões. Ah, sim, podem deixar a lista com os pedidos no altar da Igreja Matriz.

A pasmaceira se adona do ambiente enquanto ele se afasta.

- Alguém conhece o figuraço que entra em boteco vestido com a elegância de quem vai a recepção no clube dos ricos? Cochicha Ari.

- Não tenho a mínima, olhe para os pés dele, fala com espanto Ildefonso.

- Ele está usando sandálias!

- Nunca vi coisa igual.

- Aquela sandália é igual a que tem no quadro de Jesus lá da Igreja Matriz.

- Dá para pensar no que estou pensando?

- Você está pensando que pode ser quem?

- Ele... é maluquice mas pode ser Ele.

- Aqui entre nós? Você endoidou?

O cidadão sai da área de visão do grupo, em questão de cinco/seis segundos, Ari corre para a porta e fica atônito, simplesmente não há ninguém na rua. O cara evaporou.

- Ele pagou a conta?, quis saber Ildefonso.

- Quando Ele estava na porta eu ia cobrar as duas fatias de torta de chocolate e morango e o copo de chocolate quente, quando na minha mão surgiu, sem mais nem menos, esses 28 reais, exatamente o valor de seu consumo.

- Está brincando?

- Não, não estou brincando, olha aqui!

- Pessoal, depois dessa estou indo, diz Ildefonso todo tremulo.

(Ivaldino Tasca é jornalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Política e jornalismo estudantil na década de 1950



LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Quando cursava o Clássico no Conceição passei a interessar-me mais de perto pela política estudantil, da qual continuei a participar até concluir a Faculdade de Direito. Não se surpreendam os leitores de hoje com o fato de que, no ambiente escolar, com escasso estímulo dos mestres — o que, se havia, era por exceção — estudantes mais vocacionados tomavam gosto pela política e, como foi o meu caso, desde se iniciavam em suas artes e artimanhas.

No início o que mais interessava, expressando as rivalidades entre as diversas escolas eram motivos de significação menor: disputas esportivas, outras entre credos religiosos (católicos vs. protestantes), símbolos e cores, ban-

das, escolha das rainhas e misses mais bonitas ou predileção pelos atletas mais talentosos. Logo a política estudantil evoluiu para temas mais consistentes. Passou-se a cuidar de reivindicações populares dos próprios estudantes: preços dos ingressos dos cinemas, espetáculos e passagens de ônibus; horários, uniformes e disciplina nas escolas. Temas desse tipo chegavam a motivar discussões apaixonadas, manifestações públicas, ameaças de greve, com distribuição de panfletos, vaias e desordens, contrapondo as lideranças estudantis ao dono dos cinemas, empresários do transporte público e diretores de escolas.

Uma diretora certa feita chegou a ser alvo de protestos e muitas discussões, que ultrapassaram o meio escolar. O assunto chegou repercutir nas rádios e imprensa local, devido à exigência,

em uma determinada escola, da aquisição de modelos, cores, medidas e até marcas de uniformes para as aulas de educação física. Em casos como esse e em alguns outros até o prefeito, vereadores, o promotor e o juiz de direito chegaram a ser chamados para intervir como mediadores.

Ao evoluir para a maturidade, a política estudantil passou a apresentar maior comprometimento e complexidade. Os estudantes de pensamento mais evoluído começaram a aprofundar-se no estudo de temas sociais, econômicos, filosóficos, políticos e ideológicas, do resultaria a adoção de posicionamentos e atitudes militantes. Nessa época, em questões de ensino e educação prevalecia a influência do Prof. Anísio Teixeira, o mais respeitado teórico sobre ensino e educação da época, antagonizado

por Gustavo Corção e detestado pelos defensores do ensino confessional e exaltado apaixonadamente pelos adeptos do ensino leigo.

As disputas, antes que se instaurasse em 1964 o regime militar, passaram cada vez mais a envolver adeptos das vertentes ideológicas que se opunham entre si. Como sempre aconteceu, a esquerda dividia-se entre inumeráveis tendências: A turma do “partidão” (Partido Comunista Brasileiro), marxista-leninista ortodoxo, os trotskistas, os maoístas da linha chinesa, os anarquistas e outros “istas”. Do outro lado, era expressiva a atuação de uma direita ultra religiosa (antes que se bandeasse para a esquerda, tornando-se a responsável pela criação, anos depois, do Partido dos Trabalhadores).

No meio termo se situavam os mal compreendidos democratas, como era o meu caso, que, procurando pensar sem freios ou preconceitos, não comungavam do pensamento totalitário das esquerdas e tampouco das posições extremadas da direita.

As organizações estudantis e suas lideranças mais expressivas eram permanentemente assediadas pelos partidos e movimentos extremistas. Os partidos de esquerda, até o período do governo militar, procurando cooptar os líderes estudantis, estiveram fortemente infiltradas no movimento estudantil. As eleições em nossas organizações, especialmente nas de caráter nacional, ultrapassando o meio estudantil, passaram a ser acompanhadas e disputadas, quando não entre direita e esquerda, por correntes da própria esquerda que se digladiavam entre si. Não se pode esquecer que nomes que se destacaram na política nacional depois da restauração democrática tinham sido, antes de 1964, líderes estudantis. Vale lembrar José Dirceu, José Serra e José Genoíno, que mais tarde teriam forte atuação no cenário nacional, que foram presidentes da UNE (União Nacional de Estudantes).

As associações de estudantes — estou falando de estudantes secundários (hoje ensino médio) — das médias às maiores cidades, eram hierarquizadas e muito bem estruturadas. Em primeiro grau funcionavam os “grêmios estudantis” que congregavam os alunos de cada um dos estabelecimentos que ministravam o antigo curso secundário (ensino médio)¹. O conjunto dos grêmios locais formava a entidade local, no caso de Passo Fundo a União Passofundense de Estudantes (UPE).

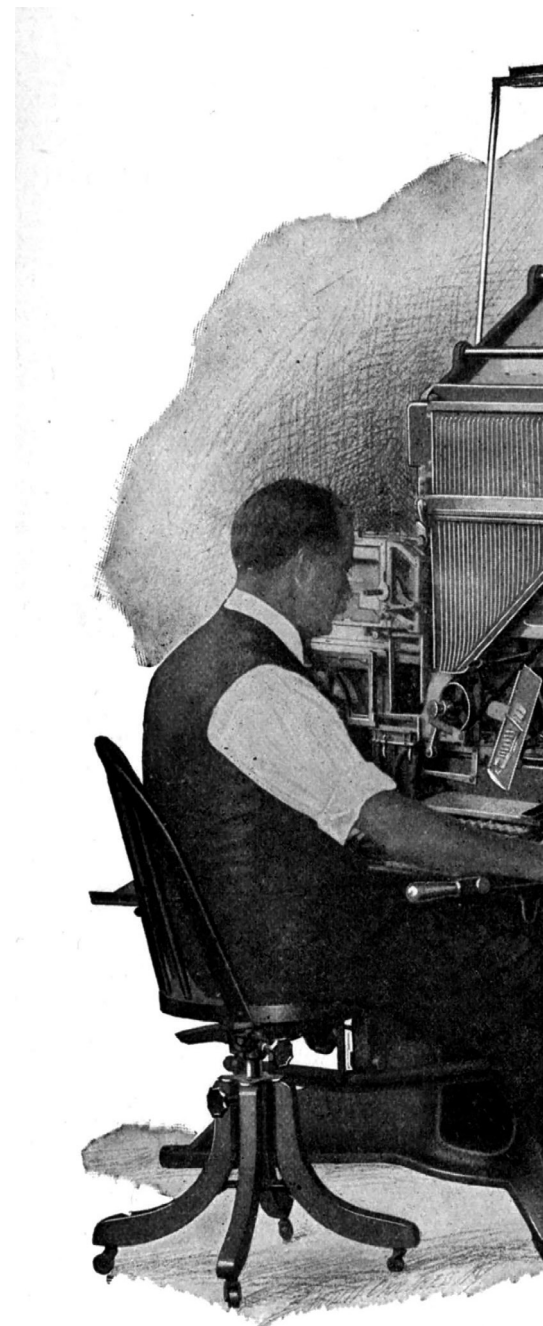
Acima das entidades locais, estavam as estaduais (no Rio Grande do Sul era a União Gaúcha dos Estudantes Secundários – UGES) e a nacional: a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas).

Suas atividades desenvolvidas eram permanentes e diversificadas. Abrangiam práticas esportivas, reuniões, debates, palestras, assembleias, concursos de oratória, saraus artísticos, bailes, espetáculos teatrais e cinematográficos. Havia olimpíadas estudantis e congressos estaduais e nacionais, reunindo representações dos municípios e de todos os estados da federação. No meu tempo de clássico e mesmo antes cheguei a participar de congressos estaduais em Porto Alegre, sempre concorridos e prestigiados pelas autoridades e políticos, interessados em motivar e cooptar as lideranças estudantis mais promissoras e talentosas.

As movimentações se intensificavam sobretudo nos períodos de eleições para os cargos de presidente da UPE e rainha dos estudantes, que mobilizavam não somente a classe estudantil como também a cidade inteira. As eleições eram mediante voto direto, com campanha eleitoral, mesas de votação, apuração, proclamação dos eleitos, fiscalização e tudo o mais. Era um eficiente aprendizado de educação política e democrática, depois reprimido e enfraquecido durante o regime militar.

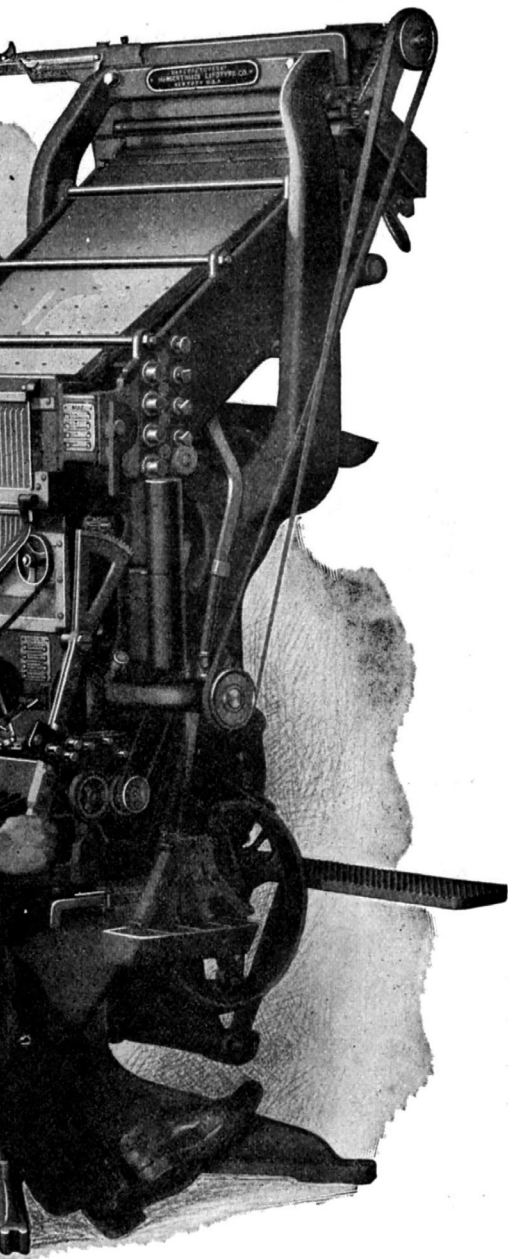
A participação na UPE era uma verdadeira escola de democracia e civismo. Suas assembleias funcionavam como uma espécie de parlamento estudantil. Os estatutos da entidade, rigorosamente observados, eram redigidos com muito cuidado. Os estudantes que participavam dos movimentos político-estudantis locais eram incentivados para incrementar seus conhecimentos de teoria política e mesmo direito constitucional.

O órgão deliberativo da UPE tinha feição representativa e funcionava como se fosse uma câmara ou assembleia política. Cada grêmio indicava uma bancada, integrada por cinco representantes e respectivos suplentes, que se reuniam ordinariamente uma vez por mês. As reuniões inicialmente eram no Clube Caixeiral. Depois, cedido por sua mesa diretora, passaram a realizar-se no plenário da Câmara de Vereadores, nos prédios onde funcionou: no Círculo Operário, na Rua Marcelino Ramos, e depois no local onde hoje é o teatro municipal Múcio de Castro, ao lado da



antiga prefeitura.

As discussões eram de alto nível, observando-se o modelo parlamentar, com discursos, apartes, questões de ordem, proposições e votações sobre temas de interesse da classe e até sobre questões da política local, nacional e internacional. As sessões eram abertas ao público, que as acompanhava com muito interesse, às vezes até apaixonadamente. Todos diziam que os debates da UPE eram de nível superior aos da própria Câmara de Vereadores local. Havia bancadas de situação e de oposição, conforme apoiassem ou não a diretoria da entidade. Em geral, as do IE e escolas públicas eram oposição às dos grêmios



dos educandários católicos.

Esse tempo, entre as presidências de Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek, passando pela última de Getúlio Vargas, transcorreu entre a edição da Constituição de 1946 e o movimento militar de 1964. Nesse período o povo brasileiros desfrutava de ampla liberdade e respeito às garantias democráticas, principalmente aos direitos de reunião, de opinião e de livre expressão. Nele se vivenciava uma atmosfera democrática, com ampla liberdade de pensamento e de crítica. Os ventos libertários de então influíram poderosamente na formação da geração de que faço parte.

No mês de abril de 1957, recém

ingressado no Conceição, o estudante Antônio Pretto, que viria a ser professor e várias vezes diretor da Faculdade de Odontologia da UPF, convidou-me para integrar nossa bancada na assembleia da UPE que iria ter lugar no Clube Caixaerial, presidida pelo paranaense Ivo Almeida, um dos mais notáveis líderes estudantis que por aqui passaram. Na mesma ocasião, Pretto, sem levar em conta minha pouca experiência, teve a generosidade de indicar-me para ser vice-líder da bancada conceicionista, que ele liderava.

Coincidiu que naquela tarde de outono fosse apresentado a duas pessoas que viriam a ter presença decisiva na minha vida: uma delas foi Iracy Lourdes Palma, que, no ano seguinte seria a presidente do grêmio do Notre Dame, e alguns anos depois se tornaria minha esposa, companheira de vida e mãe dos meus filhos; o outro foi Dárcio Vieira Marques, de São Luiz Gonzaga, nas antigas missões jesuíticas, que era aluno interno do Instituto Educacional. Formado na Faculdade de Direito da UPF, viria a consagrar-se como um dos mais capacitados advogados do nosso tempo, especializado na área empresarial. Versátil e multifforme em sua cultura e interesses, foi o discípulo dileto, herdeiro e continuador do inolvidável professor Carlos Galves. Fomos contemporâneos no curso de Direito, ingressamos juntos em 1966, no magistério jurídico, como professores em nossa Faculdade de Direito. Associamo-nos em escritório de advocacia e estivemos juntos por quase cinco décadas na luta pelo Direito. De muito me valeram sua presença, lealdade e compreensão inextinguíveis.

Foi nas reuniões da UPE e do GENSC que tive oportunidade de conviver, do lado do Conceição, além de Antônio Pretto, com João Freitas, a quem comecei a admirar. Era dotado de invejável cultura e teve brilhante trajetória como diretor geral da Câmara local. Autoridade em Direito Constitucional e Administrativo, seria procurador-geral do Município na administração de Fernando Carrion.

Data desse tempo a minha amizade com Ney Eduardo d'Ávila, que ajudou a incutir-me o gosto pela política. Aos vinte e poucos anos Ney emigrou para a União Soviética onde cursou ciências econômicas na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou, depois prosseguindo seus estudos na Europa e na África. Depois de retornar ao Brasil,

bacharelou-se em História pela UPF, com mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de História na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, através de seus estudos e pesquisas converteu-se na mais respeitada autoridade em história local e do Rio Grande do Sul.

Recordo de outras lideranças estudantis da época, como Bruno Helbling, que depois foi presidente da UPE; Carlos Alberto Morsch, professando as ideias de que João Freitas e Solon Silva eram seus devotados seguidores; e, last but not least, Plínio de Oliveira Corrêa e Paulo Roberto Pires. Embora tenhamos às vezes lutado em trincheiras opostas, todos eles se tornaram meus amigos por vida, companheiros nos desafios da vida, da profissão e da política.

Nesse tempo vim a conhecer e admirar os valorosos integrantes da bancada do IE, adversária da conceicionista. Com eles sempre mantive trato ameno e cavalheiresco, pautado por mútuo respeito. Além de Dárcio Vieira Marques e Luiz Fernando Scheibe, que eram inseparáveis, recordo Augusto Berthier, presidente do centro estudantil e líder da bancada iense que atuava na UPE. Lembro também de João Gilberto Arisi, que fora meu colega no Oswaldo Cruz; de Paulo Ernani de Rezende, que emigrou para a União Soviética, onde cursou medicina na Universidade Patrice Lumumba. Fez carreira na França, onde fez carreira, destacando-se como médico sanitário e servidor público eminente, em governos de direita e esquerda; de Miguel Kozma, meu vizinho e amigo de infância, formado engenheiro-agrônomo, que, ligado a Fernando Henrique Cardoso, viria se consagrar como gestor público em São Paulo, de Ruyter Carraro, João Maurício Tomasi e Flaviê Luiz da Silva, meu parente, neto da tia Sinhá. O Tarso de Castro, que seria o mais famoso da nossa geração, também fazia parte da bancada iense. Muito jovem, converteu-se em ícone do jornalismo brasileiro. Com incrível audácia e desassombro, enfrentou a ditadura militar, que combateu em seu semanário, O Pasquim, e nas colunas de grandes jornais do centro do país.

Assim, ao longo dos três anos do curso colegial, fui ativo participante da política estudantil, no GENSC e na UPE. No segundo ano decidi concorrer à presidência do grêmio estudantil. Foi a minha primeira campanha política. Os eleitores eram os alunos de todas as séries. Educandário. Para eles, com

meus aliados, fiz campanha, distribuindo panfletos e discursando em todas as turmas. Meu vice-presidente foi o Marco Aurélio Cúrio de Carvalho, o “Boca”, que ficaria famoso como cartunista da Zero Hora. O adversário era Plínio de Oliveira Corrêa, brilhante colega, oriundo de Santa Cruz do Sul, onde também fora aluno marista.

As dificuldades que tive na campanha, que me levaram a ser sobrepujado por Plínio Corrêa, se explicam pelo fato de ser egresso do ensino público e de, por minhas atitudes e modo de ser, demonstrar certa independência de pensamento e convicções — o que inquietava alguns irmãos maristas. O adversário, genuíno produto da educação marista, pareceu mais confiável, levando um que outro professor a interferir nas classes mais influenciáveis, o que desequilibrou a eleição a favor de Plínio. Só posso dizer que recebi aquela derrota com tranquilidade e altivez.

Não demorou para que o vencedor, por sugestão de Euro Gava, me convidasse para ocupar a função de secretário-geral em sua diretoria. Minha colaboração desinteressada logo foi reconhecida, levando a nos tornarmos parceiros e aliados. No ano seguinte fui o articulador e principal cabo eleitoral da sua candidatura à presidência da UPE. Foi uma disputa difícil, desvelando uma árdua competição entre direita e esquerda, pois Solon já não escondia sua fascinação pelas ideias marxistas e leninistas. Venceu a eleição mas durou pouco no cargo. Alguns meses depois, sofreu uma espécie de “impeachment” sendo destituído da presidência por decisão da assembleia geral da UPE. O fato, por seu ineditismo, repercutiu intensamente na nos meios estudantis e na comunidade².

Jornalismo estudantil

Minha primeira experiência no jornalismo estudantil foi como redator do Aliança, um mensário mantido pelo GENSC e pelos grêmios do Notre Dame e Santa Isabel (depois denominado Bom Conselho), sob supervisão dos respectivos diretores.

No ano seguinte, juntamente com Ismar Cardona Machado, também aluno do Clássico, — que depois se graduaria em jornalismo na UFRGS e adquiriria merecido renome como jornalista no centro do país — e Wolmar Castilhos Sebastião, desde sempre fervoroso adepto do engenheiro Leonel Brizola,

que no mesmo ano iria se eleger governador do Estado, assumimos a direção do Jornal dos Estudantes, órgão oficial da UPE. Ismar era o diretor, eu o editor e Castilhos o gerente e responsável pela área comercial, obtenção de patrocínios e captação de publicidade.

O trio fazia de tudo, desde a redação de textos, passando pela seleção e revisão das matérias, edição e impressão do jornal, até a tarefa final de distribuição. A impressão era feita na gráfica dos padres redentoristas, na Vila Rodrigues, para onde eu me deslocava pedalando a minha imponente Monark.

Nosso jornal não tinha periodicidade certa. Saía quando era possível, depois de conseguirmos recursos para custear a impressão, que não era barata. Seu conteúdo consistia principalmente em notícias de atividades da entidade. Também compreendia artigos, produzidos por nós mesmos e por outros colaboradores, em prosa e verso, com sonetos e poemas perpetrados por colegas e contemporâneos. Eram utilizados clichês, emprestados de O Nacional, para as gravuras e fotografias, o que tornava a leitura do jornal atraente e agradável. Até charges havia, provavelmente de autoria do Marco Aurélio, o Boca. Para nós o resultado era muito satisfatório, pois nosso jornal era editado com o uso de boas técnicas jornalísticas e continha material interessante e bem escrito. Se recordo, a primeira página era em cores, com o que o jornal ficava muito bonito. Nossos textos nunca foram censurados — isso jamais aceitaríamos — e nenhuma reclamação ou crítica consistente jamais chegou ao nosso conhecimento. O Jornal dos Estudantes, além das emoções experimentadas por nós mesmos e pelo público leitor, só nos trouxe satisfação e alegrias.

Nos dias de imprimir o jornal éramos liberados das aulas, sendo eu dispensado do trabalho no cartório do pai. Desse jeito podíamos passar a maior parte do tempo na gráfica, acompanhando a composição dos textos na linotipo e a composição e impressão de cada página, a partir dos moldes fundidos em chumbo, até que, na tarde do terceiro dia, o primeiro exemplar rodasse e saísse da impressora para ser cortado à máquina e dobrado.

Lembro até hoje do fragor do maquinário, do inconfundível cheiro da tinta, da confusão do ambiente, com restos de papéis picados pavimentando o chão da oficina, dos funcionários apressados

e impacientes. A oficina era um vai-e-vem incessante, gente entrando e saindo, carregando volumes e fardos, imprimindo, empacotando, anotando, gritando ordens, tudo em meio ao barulho ensurdecedor das rotativas. O melhor de tudo era a saída do primeiro exemplar, quentinho e cheirando à tinta, que nós três disputávamos ansiosos e emocionados, tomando-o das mãos uns dos outros, envolvendo-o nos braços, e protegendo-o como se fosse um filho recém-nascido de cada um de nós.

Naqueles momentos tive despertada minha vocação para o jornalismo, que nunca consegui realizar de verdade: não passei de colaborador ocasional dos jornais locais e do antigo Correio do Povo, de Porto Alegre. No tempo da Faculdade, graças ao estímulo de Túlio Fontoura, começaria a escrever no Diário da Manhã. Mais tarde, já advogado formado, iniciei as minhas colaborações n’O Nacional, onde os dois Múcios, pai e filho, há mais de meio século continuam generosamente a acolher as minhas poucas e mal traçadas linhas

Notas:

1 – Os grêmios estudantis, naquele período, eram em número de seis: o GENSC, do Conceição, o GEND, do Notre Dame, o do Bom Conselho — de escolas confessionais católicas — além do CEIE, do Instituto Educacional, metodista, e do GEOC, do Ginásio Estadual Oswaldo Cruz e do grêmio da escola normal do mesmo nome, atualmente Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro.

2 – A disputa pela presidência da UPE em 1959, entre um estudante de esquerda e outro democrata e anticomunista, apresentou nítidos contornos ideológicos. O Partido Comunista Brasileiro, aqui fundado na década de 1930, ainda que fora da lei, mantinha intensa atividade em Passo Fundo, envolvendo, além de tradicionais militantes, importantes simpatizantes da classe média e classe alta, bem como lideranças sindicais e estudantis, habilmente recrutadas. A eleição de 1959 foi a última tentativa — já houvera outras — de a esquerda assumir o controle de uma das principais entidades estudantis do Estado. Teve êxito na UPE, com a vitória de Solon Silva, dotado de inegável carisma e brilhante orador. A UPE, desde aí, passou a funcionar abertamente como uma célula do PC, abrigando conhecidos militantes, o que despertou a inconformidade e uma ativa oposição por parte de seus adversários, os estudantes democratas (não existia propriamente uma direita declarada). A administração de Solon Silva, em episódio inédito nos anais da política estudantil, devido a irregularidades apontadas, sofreu intervenção da entidade superior, a UGES (União Gaúcha dos Estudantes Secundários), então presidida por Hugo Mardini, o que resultou no “impeachment” do presidente Solon Silva, aprovado pela maioria da assembleia geral da UPE, que foi substituído pelo vice-presidente Dárcio Vieira Marques. (Esses episódios tiveram participação marcante de Hugo Mardini, então presidente da UGES, depois deputado estadual, deputado federal e líder do governo na Câmara dos Deputados, durante a presidência do General Emílio Garrastazu Médici). Em seguida, através de eleições indiretas (pela própria assembleia da UPE), onde, entre atos de inconformidade e violência, foi eleito presidente da UPE o estudante Paulo Roberto Pires.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é jurista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Artista da capa: Celina Scussel Madalosso

“Deus não tira os problemas.
Ele dá força para suportá-los”
(C.S.Madalosso)

(FOTO: ARQUIVO C. A. MADALOSSO)

A capa dessa edição de **ÁGUA DA FONTE** leva a assinatura de Celina Scussel Madalosso. O nome da capista é muito conhecido em Passo Fundo. Talvez mais pelas suas relações familiares, pelas ações sociais que está envolvida e pelo empreendedorismo no mundo dos negócios do que pelos seus dotes artísticos. Eis a oportunidade para se conhecer um pouco melhor a mulher de espiritualidade elevada, exímia pianista e talentosa artista plástica.

Celina Scussel Madalosso, filha de Leonísio Scussel e Brígida Holzbach Scussel, nasceu em Passo Fundo. Estudou desde os cinco anos no Colégio Notre Dame. Aos 18 anos ingressou na Faculdade de Filosofia da UPF e, paralelamente, cursou o Instituto de Belas Artes. Foi aluna da Professora Ondina Marques Daudt e, em 1967, recebeu o diploma de Curso Superior de Piano. E, em 1968, o de bacharel em Filosofia. Ambos pela UPF.

No universo das artes plásticas, Celina, em 1976, começou a estudar com a professora Klenia Klenia Sanchez. No ano 2000, a convite de amigas, adotou o “hobby” da pinta, sendo aluna da grande artista Irmã Anete, no Colégio Notre Dame. E, em 2002, a convite do colunista Leandro Camargo do jornal Diário da Manhã, realizou uma exposição no Café Paris. Uma das suas tantas obras, gentilmente doada à Academia Passo-Fundense de Letras, é reproduzida na capa dessa edição de **ÁGUA DA FONTE**, passando, doravante, a integrar a galeria das capas da revista, no auditório da instituição.

Celina é casada com o médico Carlos Antonio Madalosso, mãe do médico Carlos Augusto Madalosso e da advogada Cláudia (in memoriam). Avó do médico Eduardo Madalosso Zanin e de Ricardo Madalosso Zanin (in memoriam), do acadêmico de Direito Bruno



Celina e Carlos Madalosso

Guareschi Madalosso e da jovem Bianca Guareschi Madalosso.

Celina, apesar de sua formação em Filosofia e Artes, além de educadora educacional dedicou-se prioritariamente à família e a cuidar, com muita competência, dos negócios familiares, destacando-se pelo empreendedorismo no setor imobiliário de Passo Fundo. E, paralelamente, por práticas filantrópicas arrojadas. Entre tantas, para a cultura local, partiu dela a ideia e a determinação de doar uma sede para o Instituto His-

tórico de Passo Fundo, materializando o sonho acalentado desde a fundação da agremiação em 1954.

Celina Madalosso insiste que o mais importante na nossa existência é ter uma vida alicerçada em princípios éticos e morais elevados. Muito espiritualizada, considera que “Deus é a razão de tudo”. E foi este pensamento a fez superar as trágicas perdas da filha e do neto. Ela se considera feliz e realizada. (C.A.MADALOSSO)

O advogado, o juiz, o bispo e a música do Maracanã

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

O advogado Celso Fiori, entre as décadas de 1930 e 1970, notabilizou-se por seu retumbante sucesso na tribuna do júri, em Passo Fundo e em todo o norte do Estado. Dado a sua habilidade, eficiência no preparo e condução da prova, capacidade de persuasão e uma oratória empolgante, era muito difícil que um cliente seu fosse condenado. Se isso acontecesse, as penas seriam mínimas e reduzidas. Foi, em seu tempo, um ícone da advocacia criminal, admirado por uns e temido por muitos. Uma lenda local dizia que as mães usavam o seu nome para assustar e fazer dormir as crianças insones.

Com atuação em vários setores da comunidade, como professor, empresário, esportista, político e intelectual, foi um personagem polêmico, os defeitos competindo com as qualidades. Era dotado de um senso extraordinário de solidariedade humana, generoso e humilde, tanto nas vitórias como nas derrotas. Sabia perdoar e, quando errava, tinha a capacidade de reconhecer o erro e até buscar o perdão.

Sobre ele circulavam na época inúmeras anedotas, aos poucos esquecidas, umas exaltando-o e outras nem tanto. Dá para identificar nesse anedotário a presença e a força dramática de um personagem contraditório, revelando um feito shakespeariano, ao mesmo tempo dotado das astúcias de Pedro Malasartes. Sua trajetória de vida mereceria o interesse de um biógrafo dedicado ou mesmo de um romancista que se animasse a recontar a sua vida e reconstruir suas incríveis aventuras no cenário daquela Passo Fundo que não existe mais.

Dizia-se que o austero juiz Euripedes Fachini, recém chegado à cidade, começou a estranhar-se com Celso Fiori. Naquele tempo, os advogados

deviam ser intimados pelo escrivão ou oficial de justiça para os atos judiciais. E, num determinado caso, o advogado Fiori não era encontrado de jeito nenhum para receber a intimação. Poderia acontecer de estar se ocultando, por não lhe convir o andamento do processo. O magistrado, desconfiado, não admitiu o expediente. Ordenou que o advogado fosse intimado pelo oficial de justiça na



pessoa de sua esposa, D. Florinha — o que foi feito, embora fosse irregular. Não demorou para Fiori dar-lhe o troco. Na primeira oportunidade que teve de formular um requerimento para o juiz, não teve dúvidas: Endereçou-o para D. Herbêni, esposa do juiz. Este, espantado, chamou-o para pedir explicações. Fiori, com muita argúcia e lógica, assim respondeu ao magistrado: — Ora, se o senhor fez intimar a minha esposa, posso eu também dirigir meus requerimentos à sua senhora! Esse episódio foi uma experiência para ambos e serviu para amenizar suas diferenças e fazer com que daí em diante passassem a respeitar-se e admirar-se mutuamente.

Outro episódio que se conta foi o que aconteceu entre ele e o novo bispo de

Passo Fundo, D. Claudio Colling. Este também era uma personalidade forte e dominante, que se impunha a qualquer um. Vendo nele um rival e um adversário, Fiori começou a implicar com o prelado. Ambos eram vizinhos do famoso restaurante Maracanã, na Rua Morom, onde uma orquestra tocava nas noites de sexta e sábado. Fiori morava na cobertura do Edifício Fiori e o bispo tinha sua residência num grande prédio logo atrás, na rua Cel. Chicuta, pertencente à família Daudt. Fiori estava incomodado com a música ao vivo que se fazia ouvir até altas horas da noite, perturbando o descanso da vizinhança. Numa determinada noite, exasperado, usando de uma arma de caça, Fiori, com tiros certos, apagou todos os holofotes que iluminavam o ambiente, deixando-o inteiramente às escuras, com o que cessaram a música e a função, que deveria continuar pela madrugada adentro. Chamado a dar explicações ao delegado de polícia, Fiori não teve dúvidas. Jurou à autoridade, de pés juntos, que fora o jovem bispo vizinho, por não suportar o barulho e a desordem, o autor dos disparos. Diante disso, o delegado, para evitar incômodos com o prelado, resolveu arquivar

o inquérito. Não preciso dizer da sua indignação quando soube do conto que Fiori impingira ao delegado.

Os tempos foram passando. E, com o passar dos anos e a chegada da maturidade, o jovem bispo e o manhoso advogado, embora às vezes ainda se estranhassem, aos poucos foram se entendendo. Fazendo-se acompanhar nos fins de tarde por um bom escocês — preferencialmente um Johnny Walker ou um J&B, o preferido de Fiori — sem jamais deixar de lado as suas diferenças, aqueles dois personagens singulares da legenda local vieram a tornar-se leais e fraternos amigos.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é jurista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Devaneios de um amante só...

A nitidez dessa geada
prateando minha melena,
reflete o quadro das eras
inspirando em minhas penas.

Os caprichos do instinto
transfiguram meu semblante,
que ensimesmado se perde
na fantasia errônea
junto a um olhar desbotado
pela intempérie da insônia...

Teu vulto chega de manso
como um sublime fantasma
dos recônditos da noite...

No imediato de meu catre
minhas mãos se fazem amplas,
ora brandas, ora com ânsias...
querendo nesse sem fim
ir mais longe que a distância,
vou desvendando mistérios
dos lugares mais secretos
onde me perco inocente
em rumos não descobertos...

Lábios pálidos e cálidos
veteranos de volúpia,
outra vez se aventuram
em vertical direção,
vaqueanos que já conhecem
os atalhos da ilusão...

O devaneio insano
do ardente itinerário,
permite que vá além
dos pontos que descobri,
pra chegar aos escondidos
dos mais íntimos de ti...

Nesse máximo momento
de exotismo deslumbre
e mera imaginação...
Há dois corpos em um só
carne, alma e bem querer,
no mais sonoro dueto
do suspiro do prazer...

Depois te vais.... Lentamente...
entre as brumas do pecado
que cometi novamente...
E uma gota costumeira
que raro uma mão enxuga,
encharca o curso resseco
no raso de outra ruga...

...acostumei a amar-te
ocultando meus desejos
e no cio carente da espera
perdoei a tua ausência...
Meu rosto mudou no espelho...
O olhar perdeu o brilho...
A melena criou geada...
O corpo já não é altivo...
O tempo foi me judiando
cauteloso mas redivivo...

A nitidez dessa geada
prateando minhas melenas,
reflete o quadro das eras
inspirado em minhas penas.

Sim, envelheci...
Mas a quero ainda mais...
desafiando a realidade
de tudo o que já vivi...
ser teu homem, teu amante,
teu confidente e amigo
e chegar ao fim da vida
mateando junto contigo...

(Luís Lopes de Souza é poeta e membro
da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O Camões para Chico Buarque

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA

Os sensíveis e comprometidos com a dignidade da vida revelam um apreço especial por Chico Buarque e sentem-se eufóricos quando o escritor, cantor e compositor, aos 74 anos, foi consagrado com o Prêmio Camões de Literatura, considerado a honraria mais importante da literatura em língua portuguesa.

Como escreveu Antonio Cândido, Chico “é um homem realmente exemplar, cuja integridade pode servir de modelo e cuja variedade e aptidões chega a causar espanto”. Chico em seus textos e melodias, denota coisa rara que é a sobranceira relação às modas, a absoluta indiferença ao êxito.

No teatro Chico, com raro talento, fundiu harmoniosamente a maestria artística e a consciência social (Gota D’Água; Roda Viva) completando um perfil de cidadão serenamente destemido e participante, sempre na melhor orientação política, como demonstra no atual contexto que vive o país.

Também na área da ficção Chico mostrou-se um dos melhores praticantes do gênero entre nós (Estorvo, Benjamin, Budapeste, Leite Derramado). Chico escreve de forma densa, sem concessões, inventivo, com um toque de originalidade rara.

Na música Chico tem um extraordinário trabalho que levou Tom Jobim a assim defini-lo: “Eterno, simples, sofisticado, criador de melodias bruscas, nítidas, onde a vida e a morte estão sempre presentes, o dia e a noite, o homem e a mulher, tristeza e alegria, o modo menor e o modo maior, onde o admirável intérprete revela o grande compositor, o sambista, o melômano inventivo, o criador, o grande artista, o poeta maior...”

No momento em que as notícias péssimas povoam o nosso cotidiano, a premiação de Chico Buarque é um

verdadeiro bálsamo, em meio a mediocridade que nos cerca e nos assusta.

O Camões vem premiar um artista múltiplo: podemos apreciar sua genialidade e poder de criação como compositor, seresteiro, poeta e cantor, tradutor, adaptador de poemas para balé, recriador de tragédias gregas como óperas contemporâneas, na literatura infantil, na ficção, mesclando a cultura de outros séculos e de outras civilizações com a nossa.

Como escreveu Gilberto Gil: “Em tudo, Chico Buarque tem sido levado a fazer-se fonte, a tornar-se ponte, a seguir-se em caminhos por onde trilham gerações como a minha, a nossa, rumo aos livros de história”.

Louvemos o grande Chico Buarque de Holanda!!!

(José Ernani de Almeida é professor de história e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Deus e a humanidade

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Como católico praticante, eu resolvi estudar como o conceito de Deus surgiu na humanidade. A seguir exponho uma visão pessoal sobre o assunto.

A espécie *Homo sapiens* surgiu há cerca de 150 mil anos na África Oriental. Formaram grupos de 10 a 150 pessoas que migravam para procurar alimentos e segurança. Eram liderados por um macho que poderia ser o mais velho, o mais inteligente ou ainda o mais forte. Ocuparam a África, a Ásia e a Europa por inteiro.

Dotados de inteligência superior às outras espécies foram dominando os locais em que passavam e, mesmo com ferramentas rudimentares feitas de madeira e de pedra, conseguiram destruir 50% da megafauna desses continentes.

Há 13 mil anos observaram que jogando no chão as sementes que comiam ali cresciam novas plantas que produziam mais sementes. Construíram cabanas no Oriente Fértil, no atual Iraque, onde se sentiam mais seguros e defendidos das bestas selvagens. Iniciaram a domesticação de animais como cabras e ovelhas, conseguindo carne e leite, pois até então o único animal domesticado era o cachorro.

Vendo o sucesso dos pioneiros, novos grupos vieram ali se assentar. Em pouco tempo já havia uma aldeia. A quem deveriam obedecer. Surgia sempre um lí-

der, inteligente que orientava as pessoas no plantio, na colheita, nas doenças e em outros fatos do dia a dia. Para facilitar o acesso de todos, construíram no centro da aldeia uma choupana onde esse sábio atendia as pessoas e recebia, em troca, presentes como alimentos, peles e outras oferendas.

Como se tratava de pessoa mais velha do que as demais, acabava falecendo. A fê nesse líder era tão grande que as pessoas continuavam indo na choupana lhe pedindo conselhos. Levavam presentes. Logo um familiar do falecido assumia a função de dar destino aos presentes. Neste ponto o local da choupana tornou-se a praça central das localidades, a choupana passou a ser seu templo, o cuidador tornou-se o sacerdote e o falecido passou a ter status de Deus.

Assim se criou a ideia dos povos antigos. Fenícios, Egípcios, Babilônicos, Caldeus, Gregos, Romanos e outros tinham deuses que eram homens ou mulheres com os defeitos humanos, mas com poderes divinos.

Para exemplificar conto a história de Asclépio (o Esculápio Romano).

Refere a mitologia grega que Apolo estando sobrevoando um rio viu uma bela jovem tomando banho nua. Era Coronis. Desceu à terra conquistou a moça e teve relações sexuais com ela. Ela engravidou e, no nono mês de gestação casou com seu primo Ischis, a quem havia sido prometida desde criança. Apolo se revoltou desceu à terra e matou Ischis e pediu à Artemisa, sua irmã e deusa da

guerra, que matasse Coronis. Artemisa com uma flechada matou Coronis. Apolo, vendo aquela bela jovem grávida, se compadeceu. Abriu o abdome da mesma retirando um menino a quem deu o nome de Asclépio (teria sido a primeira cesariana relatada na história). Entregou Asclépio a um centauro chamado Quiron, que era um médico muito bom e um excelente cirurgião. (o nome cirurgia que antigamente era chamada “quirurgia” vem de Quiron).

Asclépio, menino inteligente, aprendeu o ofício da medicina e começou logo a praticar. Abriu no Peloponeso, Grécia, um pequeno hospital chamado Asclepion. Tive a oportunidade de conhecer este lugar.

O pequeno hospital era atendido por duas filhas de Asclépio, a Higea e a Panacea. Havia muitos ratos. Asclépio trouxe cobras não venenosas para controle da praga. Por outro lado, a região é muito pedregosa fazendo com que as pessoas usassem cajados de madeira para se equilibrar. O cajado e a cobra enrolada nele tornaram-se o símbolo da medicina na maior parte do mundo. É chamada vara de Esculápio ou de Asclépio.

Apolo vendo as virtudes de seu filho o nomeou deus da Medicina. Asclépio iniciou a ensinar pessoas a prática da medicina. Seus alunos eram chamados “Asclepiades” sendo que, na 16ª. Geração, surgiu Hipócrates, médico grego, considerado no mundo como o pai da medicina.



A população ocidental e do Oriente Médio era toda politeísta até 1800 a.C. quando numa cidade chamada Ur, na Caldéia, Deus apareceu a um patriarca chamado Abraão (Ibrahim em Árabe) recomendando que levasse seu povo a outro local, atual Israel, e que a partir daquele momento adorasse a um só Deus, ser que não teria princípio e nem terá fim e por quem todas as cousas foram criadas. A partir de então surgiu a ideia do Monoteísmo. Essa religião tornar-se ia conhecida no judaísmo devido a influência de um patriarca chamado Judah.

No início de nossa era nasceu em Belém um homem chamado Jesus Cristo. Por seus dotes sobrenaturais foi considerado como filho de Deus. Formou um pensamento filosófico que permaneceu após a sua morte na cruz. Seus discípulos levaram a ideia adiante criando uma religião que seria chamada de cristianismo à qual eu pertencço.

Conta a história que no ano 610 d.C. Maomé em retiro no Monte Hira teria recebido a visita do anjo Gabriel que lhe recomendou a criação de uma nova religião. Após muitas lutas e conquistas foi criado o Islão, ou seja, a religião muçulmana. De início Maomé era adepto ao judaísmo e ao cristianismo dos quais foi se afastando e, no final da vida, virou adversário dos judeus. Era a terceira religião monoteísta criada no Oriente Médio e que se difundiria pelo mundo inteiro. Estas três religiões são chamadas religiões Abrâmicas pois todas seguem o ensinamento do patriarca Abraão.

No conceito dessas três religiões Deus é um ser infinito, por quem todas as coisas foram feitas, e seus fundamentos são

quase iguais nas três religiões.

No cristianismo existem correntes com conceitos diferentes da criação da natureza. Grupos defendem que Deus criou o Universo e permitiu que ele evoluísse segundo o pensamento Darwiniano. Outras correntes defendem o fato que Deus criou o Universo assim como ele e são contrárias à evolução das espécies. Embora as evidências mostrem que o mundo foi criado há 2 bilhões de anos e que as espécies evoluíram e continuam evoluindo há um grande percentual de monoteístas que acham que o mundo foi criado tal como ele é e não houve evolução. Nos países ocidentais cerca de 40% das pessoas pensam assim, em países muçulmanos esse percentual chega a 90%.

Desde o início do cristianismo houve pessoas que se revoltavam contra essas ideias que foram chamados de ateus. Não se manifestavam, pois numa época em que ser herege corria o risco de sofrer punições. No século XVIII com a redução dessas perseguições começaram a aparecer com muita força. Cientistas e pessoas influentes da sociedade se diziam ateus. Havia, no entanto, um grupo significativo que não eram contra a ideia de Deus, mas não tinham uma definição do que acreditavam. Thomas Huxley cunhou-se o termo “agnóstico”. O agnosticismo é uma corrente que fica neutra quando se trata de Deus.

Em minhas viagens pelo oriente, tive a curiosidade de falar com as pessoas e ver qual o conceito que fazem de Deus. Em Hong Kong me disse o guia que Deus é um ser Universal que criou o mundo,

mas que era assessorado por uma gama de outros deuses que lhe ajudavam a controlar o mundo.

Na China, no Japão, na Tailândia, no Vietnã e na Índia a resposta mais comum que encontrei foi que Deus é a natureza. Eles não aceitam esta ideia nossa do ser onipotente por quem todas as coisas foram feitas. Eles têm uma religião que segue os princípios de seus profetas e criadores como Buda, Confúcio, Tao e outros.

Como cristão praticante desde a infância creio que existe um só Deus, criador do Céu e da Terra e por quem todas as coisas foram feitas. Vejo uma recusa cada vez maior para não aceitar esta teoria. No entanto todos os ateus que propagam a inexistência de Deus não têm uma explicação para o surgimento do mundo. Dizem que o mundo iniciou na explosão de um ponto carregado de energia, o Big Bang, fato comprovado cientificamente. Não explicam como surgiu o Big Bang ou quem colocou este ponto de grande energia. Recentemente alguns cientistas passaram a defender a ideia do multiverso, ou seja, nosso universo surgiu de outros universos. Fica, no entanto, a pergunta de quem criou os outros universos.

A resposta para nós crentes é que Deus foi o que colocou este ponto de energia. Para os ateus não há resposta convincente de como o ponto de alta energia surgiu.

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)



O menino que queria ser médico

Desde os quatro anos de idade, Carlos Antonio Madalosso sabia o que queria ser na vida: médico! E assim se deu. O filho do comerciante Abrahão Madalosso, nascido na Vila Vera Cruz, foi estudar em Porto Alegre e, depois de formado em Medicina e especialista em Gastroenterologia, em 1964, voltou a Passo Fundo. Aqui constituiu família e construiu uma carreira bem-sucedida, atuando como médico, fundador e professor da Faculdade de Medicina da UPF e como liderança na área de saúde e empresarial na cidade.



GILBERTO CUNHA & PAULO MONTEIRO

Homem de fé inquebrantável em Deus e cristão praticante, Carlos Antonio Madalosso soube superar os reveses que a vida lhe trouxe. Desde a perda prematura de familiares próximos até o acometimento de um câncer na boca que parecia fatal.

Nessa entrevista para **ÁGUA DA FONTE**, conheça Carlos Antonio Madalosso: o profissional de escol da Medicina local, o ser humano e seus valores. Em tempos de pandemia da Covid-19, como recomenda o protocolo

de distanciamento social, essa entrevista foi realizada na forma de perguntas e respostas escritas usando-se e-mail.

APLeTRAS – Quem é Carlos Antonio Madalosso? O senhor poderia fazer uma breve síntese da sua biografia, destacando origem familiar, trajetórias pessoal, profissional, empresarial etc.?

C.A.Madalosso - Filho de um humilde comerciante Abrahão Madalosso e de sua esposa Adelina Formigheri Madalosso. Nasci numa casa de madeira logo depois do viaduto da Avenida Rio Grande na Vera Cruz. Meu pai tinha pequeno comércio que, na época, era

chamado de bodega. Aos quatro anos migrei para outra casa, que ainda existe, na frente do cemitério, e aos 8 anos para uma terceira casa próximo ao cemitério e onde funciona a floricultura Maria Elizabete. Minha primeira infância foi plena de alegrias junto aos amigos que lá existiam e junto à bela natureza que quase não se vê mais naquele bairro. Aos 11 anos meus pais vieram morar na Avenida Brasil esquina Teixeira Soares, onde, atualmente, funciona a Droga Raia. Vivi nesta casa até os 16 anos quando fui morar em Porto Alegre para fazer o segundo e terceiro científico no Colégio Rosário e, nos 6 anos seguintes, para

cursar a Faculdade de Medicina. Fiquei mais um ano na Capital para fazer minha especialização em Gastroenterologia.

Voltei a Passo Fundo no dia 5 de dezembro de 1964 e no dia seguinte fazia o meu primeiro trabalho como plantonista do SAMDU. Neste dia também internei meu primeiro paciente no Hospital São Vicente de Paulo: um indigente que atendi na vila Vera Cruz.

APLeTRAS – Carlos Antonio Madalosso visto por Carlos Antonio Madalosso hoje? Quem se sobressai: o médico, o professor, o empresário, o cidadão ou outro Madalosso pouco conhecido e por quê? Teria feito algo diferente na vida se estivesse começando hoje?

C.A.Madalosso - Até os quatro anos sofria de uma doença chamada bronquiolite que dava muitos sustos em meus pais, mas que logo melhorava pelo pronto atendimento do Dr. Telmo Ilha. Após os quatro anos fiquei saudável, mas ouvia sempre minha mãe elogiar o Dr. Telmo. Esta referência entrou no meu consciente e desde então eu não tive um dia de dúvida que queria ser médico.

Acho que minha felicidade está em ter sido médico, minha profissão sonhada. Alcancei realização pessoal, pois pude fazer muito por meus semelhantes e abriu portas para as outras atividades que exerci. Como professor de medicina, ajudei muitos colegas a crescerem na profissão. Ser médico abriu caminhos para que eu pudesse contribuir para o bem comum.

Eu sou o primeiro médico da família Madalosso no Rio Grande do Sul. Antes relatei como surgiu a minha vocação e devo ressaltar que sempre tive o apoio de meus familiares. Orgulho-me que meu exemplo estimulou os mais jovens da família a seguirem essa bela profissão. Tenho hoje cinco cunhados médicos, um irmão médico, um filho, dois sobrinhos e um neto que seguem a profissão, além de filhos de primos.

Se eu tivesse de iniciar hoje faria tudo igual, pois minha vida foi repleta de felicidade e realizações.

APLeTRAS – Como foi a sua formação médica?

C.A.Madalosso - Minha formação médica foi muito boa. A Faculdade de Medicina da UFRGS era e é considerada uma das melhores do País. Naquele tempo os professores chefes de disciplinas eram catedráticos. Para ser

catedrático o professor deveria passar por diversos concursos para mostrar a sua capacidade, e como tal eram muito bem preparados. Depois vinham os livres docentes e os assistentes, todos com uma rígida formação para ocupar a disciplina. Como exemplo, cito o professor Tuiskon Dick, que participou com o professor Leloir para obter o prêmio Nobel de Química. Os professores Rubens Maciel, Mário Rigatto, Raul di Prímio e Raul Pilla. Quatro dos meus professores da Medicina ocuparam o cargo de Reitor da UFRGS.

E havia, também, muita oportunidade para estágios paralelos na Santa Casa e em outros hospitais. A partir do segundo

Detentor de uma visão privilegiada e uma liderança incontestável, Dom Cláudio se reuniu com a diretoria do HSVP e exigiu que aceitassem a Faculdade de Medicina

ano podíamos trabalhar em enfermarias ajudando médicos, atendendo pacientes e, após o quinto ano, tínhamos o direito de praticar pequenas cirurgias. Por tudo o que expus posso dizer que meu tempo de Faculdade foi cheio de realizações e de alegrias.

APLeTRAS – O senhor teve papel na criação da Faculdade de Medicina da UPF? Entende que goza desse reconhecimento pelos pares? E a quem o senhor rende reconhecimento por esse feito?

C.A.Madalosso - A Faculdade de Medicina da UPF havia sido proposta em duas ocasiões, em 1961 e 1964, mas não fora aprovada pelo MEC. Em 1968 o então Ministro de Educação, Tarso Dutra, reuniu a classe médica de Passo Fundo avisando que a intenção do governo era interiorizar o ensino médico e para tal escolhera Passo Fundo. Foi formada uma comissão de seis médicos para preparar a autorização da mesma. Três

médicos se mostraram desinteressados, cabendo a tarefa ao Dr. Paulo Azambuja, ao Dr. Secundino Petracco e a mim. Nosso maior desafio era conseguir professores para as disciplinas básicas como anatomia, fisiologia, farmacologia e outras. Como os outros médicos eram muito ocupados, coube-me a tarefa. Para tal eu fui a Porto Alegre contatar os professores da UFRGS. Fui muitas vezes a Porto Alegre até conseguir todos os professores que vieram da UFRGS, exceto o de bioquímica, que veio da UFSM. Como fiz todas estas viagens sem cobrar diárias e muito menos reembolso de despesas, os reitores sempre me valorizaram, assim como os professores que conheceram meu trabalho. A prova é que fui escolhido como vice-diretor e depois, por três vezes, fui eleito diretor da Faculdade de Medicina da UPF,

APLeTRAS – Quando houve a transformação do Hospital São Vicente de Paulo como Hospital Escola da UPF?

C.A.Madalosso – Logo nos primeiros dias de funcionamento da Faculdade de Medicina, em março de 1970, recebemos a notícia que o MEC nos havia encaminhado farto material médico e de laboratório provindo da Alemanha Oriental em troca do café brasileiro. Necessitávamos colocar esta aparelhagem em funcionamento até junho ou retornaria ao MEC. Procuramos o Hospital Municipal e o de Caridade (atual Hospital de Clínicas) que não aceitaram. Recorremos ao Hospital São Vicente de Paulo cuja diretoria também negou. O Dr. Eclerion Trein (diretor) e eu procuramos o Padre Alcides Guareschi que marcou uma reunião com Dom Cláudio. Detentor de uma visão privilegiada e uma liderança incontestável, Dom Cláudio se reuniu com a diretoria do HSVP e exigiu que aceitassem a Faculdade de Medicina. O presidente do Hospital, contrariado, exigiu que os alunos não entrassem nas portas da frente do hospital. Como não havia portas traseiras, a UPF construiu no térreo, onde era um depósito de material de construção, uma grande área abrigando a secretaria, a sala da direção, uma enfermaria e três salas de aula, onde, hoje, funciona a emergência.

APLeTRAS – O HSVP pode ser considerado uma hospital aberto para todos os médicos quem atuam em Passo Fundo? Sempre foi?

C.A.Madalosso - Na verdade, na



(FOTOS: ARQUIVO C. A. MADALOSSO)

Família Celina e Carlos Madalosso: Eduardo (E), Celina, Bianca, Bruno, Carlos Antonio, Carlos Augusto e Alexandra Michelline.

época, era comum, os municípios terem uma classe médica fechada, praticante de reserva de mercado. Passo Fundo não era muito diferente. Ao chegar a Passo Fundo eu senti muito isto, pois, afóra três colegas, Dr. Paulo Fragomeni, meu chefe do SAMDU, Dr. Hélio Ferreira, a pessoa mais bondosa que conheci, e Dr. Trein, todos os outros não me apoiaram e por vezes me hostilizaram. O mesmo aconteceu com o Dr. Rudah Jorge, que veio um ano após. Os médicos novos que foram chegando foram aos poucos mudando este pensamento. Nós não só apoiávamos a vinda de colegas desde que tivessem boa formação como os ajudávamos a sobreviver na cidade. O São Vicente de Paulo, que era pouco receptivo aos médicos novos, também mudou sua conduta e hoje é um hospital que recebe todos os médicos de braços abertos, desde que os mesmos tenham boa formação profissional e que façam a instituição crescer.

APLeTRAS – Qual o papel da Maçonaria na medicina em Passo Fundo? No HC faz parte da história da instituição e é publicamente assumida a atuação dos maçons. Dá-se também no HSVP?

C.A.Madalosso - A Maçonaria foi importante na criação do então Hospital de Caridade. Sempre esteve frente da Diretoria fazendo que o hospital crescesse e adquirisse qualidade. Foi, no entanto, a partir de 1998, quando o maçom Dr. Antônio Augusto Pretto

assumiu a presidência, Lucinei Bohrer a administração e o Dr Rosemar Stefenon a direção técnica que o hospital se desenvolveu. A partir de então foi recuperado o Hospital Bezerra de Menezes que estava falimentar. Permitiu-se a entrada da Faculdade de Medicina, o que foi um acréscimo de qualidade. Criou a Residência Médica sendo que, hoje, são 104 médicos residentes e 78 residentes multiprofissionais totalizando 182 profissionais trabalhando em tempo integral e financiados pelo governo Federal. Construiu, orientado pelo Dr. Milton Roos, um moderno prédio onde se instalaram a UTI e serviços de alta complexidade, levando o Hospital de Clínicas ser referência no norte do Estado, como hospital de média e alta complexidade.

O Hospital São Vicente de Paulo teve pouca influência da maçonaria. Dirigido pelos Vicentinos, o HSVP teve seu crescimento ligado a cinco fatores: 1.- Nos anos 60 Dom Cláudio obteve uma verba da Alemanha Ocidental e com ela construiu o moderno prédio, abrigando quatro salas cirúrgicas e sala de recuperação. Fato muito importante, pois, até então, o São Vicente dispunha de uma única sala de cirurgia e sem sala de recuperação. 2.- A entrada da Faculdade de Medicina com seus equipamentos como citei anteriormente. 3.- O Funrural Regional. A Universidade foi credenciada para atender o Funrural Regional, abrangendo mais de 100 municípios da região Norte. Os pacientes de média e

de alta complexidade vinham a Passo Fundo e eram atendidos pela UNIMED ou por professores da Medicina. Internados no Hospital se encantavam com o bom atendimento e se fidelizavam ao Hospital. A partir de então mudou o costume dos pacientes que vinham procurar médicos renomados, agora passaram a procurar o Hospital, projetando-o nesta grande região. 4. A criação da Residência Médica de Neurocirurgia pelo professor Paulo Sérgio Crusius em 1975, que foi seguida por nós, que criamos residência em Gastroenterologia, vindo depois a de Clínica Médica, a de Cirurgia, a de Ginecologia e a de Ortopedia. Para se ter noção deste fato, hoje o Hospital tem 154 médicos residentes, trabalhando em turno integral financiados pelo governo federal. 5.- A criação do Centro Diagnóstico. Sugerido pelo Conselho de Desenvolvimento, Ilário de Davi criou o Centro Diagnóstico, centralizando num só local todos exames médicos existentes. Isto fez com que os pacientes de Passo Fundo e da região viessem procurar este atendimento pelo conforto. Para ter noção da importância, no ano de 2018 foram realizados no CD 181 mil atendimentos. Mas a administração de Ilário de Davi fez ainda mais. Construiu um prédio novo, adquiriu duas áreas para estacionamento, construiu moderna lavanderia, uma funerária, um centro administrativo e uma área para produzir a lenha que o Hospital consumia. Por fim, o mais importante investimento de todos, que

foi a compra do Hospital IOT.

APletras – Como surgiu a ideia e como se deu a criação da Academia de Medicina em Passo Fundo? É uma instituição atuante? Precisaria fazer algo que ainda não fez?

C.A.Madalosso - Um dia, estando com o Dr. Donadussi, chegou um médico mais jovem e começamos a falar no Dr Petracco. O jovem que o havia conhecido na infância não se lembrava mais dele. Pensamos que era uma pena que nossos colegas que aqui trabalharam não fossem lembrados. Surgiu a ideia de uma galeria ou de um museu. Mas quem cuidaria dos mesmos. Lembramo-nos de fazer uma Academia, mas, para tal, havia a necessidade que uma entidade assumisse a ideia. Falamos com o confrade Diógenes Bassegio, na ocasião presidente da AMEPLAN, que aceitou e abraçou a ideia. Criamos então a Academia de Medicina que foi a primeira academia municipal do Brasil. A Academia construiu uma sede moderna, tem atuação firme em favor do ensino e do desenvolvimento da medicina. Trouxemos palestrantes nacionais e prestamos panegírico aos colegas falecidos. Foi criada uma medalha, Nicolau de Araújo Vergueiro, que é, hoje, a maior honraria que um médico de nossa região pode receber.

APletras – Como surgiu a iniciativa da sede do Instituto Histórico de Passo Fundo, que leva o nome Dr. Carlos e Celina Madalosso? Quem teve a ideia e como foi feita a negociação?

C.A.Madalosso - Em 2000, o confrade Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, já falecido, começou um movimento para recuperar o IHPF, que estava adormecido. Convidou-me para fazer parte da diretoria. Desde então passei a sentir e a comentar em casa a angústia do Veríssimo em não ter uma sede própria e de ter de distribuir seu acervo em diversos locais. Um dia o Veríssimo me chamou a sua casa e me disse que estava doente e que sugeria meu nome para assumir a presidência. Disse-lhe que não tinha o perfil para tal, mas sugeria o nome do confrade Fernando Miranda e assim foi feito. O Fernando assumiu e desde logo se mostrou um presidente muito ativo. Num jantar da Academia de Medicina eu e a Celina, minha esposa, sentamos junto com o Fernando e sua esposa. Lá o Fernando mostrou a mesma preocupação de não ter uma sede. Chegando a

casa, a Celina, influenciada pelas observações do Fernando, propôs cedermos uma casa que tínhamos na Rua Teixeira Soares. Aceitei a ideia e procuramos o Fernando que, ao saber, se entusiasmou, nos indicando a sua filha arquiteta para fazer o projeto.

Depois de adquirir o terreno de fundo, que separava nossa casa do espaço cultural Roseli Doleski Pretto, construímos o prédio que seria a sede do IHPF. Fizemos um comodato por 20 anos, que será renovado, se ainda existir o Instituto, por mais 20 anos.

APletras – O Sistema único de Saúde (SUS) é visto como um exemplo aos olhos do mundo. O senhor comunga

Em 15 dias surgiram gânglios metastáticos que levou o cirurgião a me prognosticar que teria de um a três meses de vida.

com essa visão?

C.A.Madalosso - Quando eu comecei a trabalhar havia dois tipos de clientes: os particulares e os que eram associados aos famosos IAPs (Institutos de Aposentadoria), que tinham atendimento médica adequado. Havia uma grande quantidade de pessoas, no meio rural, que eram tratadas como indigentes. O governo criou, então, o FUNRURAL que foi considerado, na ocasião, o maior plano de inclusão social do mundo. A partir de então, o trabalhador rural passava a ter direito à saúde. Algum tempo depois foi criado o CIMS (Conselho Interministerial de Saúde) visando a dar saúde aos desprotegidos. O CIMS foi substituído pelo SUDS que evoluiu para o SUS em 1988. O SUS é um programa muito bom que visa a atender a população carente. Numa crítica construtiva, eu acho que o SUS teria de ter um poder moderador que não existe.

Quando eu era Secretário de Saúde fui estudar o perfil dos pacientes atendidos no Ambulatório Central e constatei que havia pessoas que consultavam 5 a 10 vezes por semana com médicos dife-

rentes por ser a consulta era gratuita. Eu acho que o SUS deveria copiar o exemplo dos países nórdicos. Lá a saúde é gratuita, mas as pessoas têm direito a procurar seis consultas gratuitas por ano. Se o médico que lhe atendeu solicitar novas revisões ou consultas especializadas não conta, mas se a pessoa quiser, por conta própria, novas consultas, além das 6, terá de pagar.

O que me deixa consternado é ver pessoas irem de BMW ou de Mercedes consultar pelo SUS, tirando o lugar das pessoas carentes. Embora sendo uma atitude legal do cidadão, a meu ver não é moral.

APletras – O senhor enfrentou, no último ano pelo menos, uma doença que poder ser considerada grave para muitos de nós. Alguma reflexão ou aconselhamento ou palavras para quem o destino reservar esse tipo de enfrentamento na vida?

C.A.Madalosso - Há dois anos, descobri que estava com um tumor na boca e que já apresentava metástases, isto é, raízes à distância. Fui submetido a cirurgia em Passo Fundo e depois fiz quimio e radioterapia por dois meses em Porto Alegre. Mesmo assim o tumor voltou após cinco meses, sendo novamente operado. Em 15 dias surgiram gânglios metastáticos que levou o cirurgião a me prognosticar que teria de um a três meses de vida. Voltei a Passo Fundo e procurei o Dr. Álvaro Machado, que me propôs um tratamento novo, que era imunoterapia e quimioterapia. Segui o seu conselho e, para a minha felicidade, os tumores regrediram. Com a ajuda de Deus, após 10 meses que fiquei afastado do mundo, pois não sabia onde estava e nem tinha capacidade mental para ler um jornal, hoje, sinto-me bem, ainda com limitações, mas vivo e consciente de quem sou.

Esta minha recuperação devo a três fatores. Primeiro, à dedicação de minha esposa, Celina, que tem sido minha eficiente cuidadora, minha enfermeira, minha nutricionista, enfim, meu anjo da guarda. Também pela atenção de meu filho Carlos Augusto, do nosso neto Eduardo e de nosso quase filho Paulo Magnabosco. Segundo, às orações a mim dedicadas por padres, pastores, familiares e amigos. Terceiro, nem por isto menos importante, à capacidade do Dr. Álvaro Machado, que reverteu um caso considerado perdido e me deu uma significativa e boa sobrevida. ■

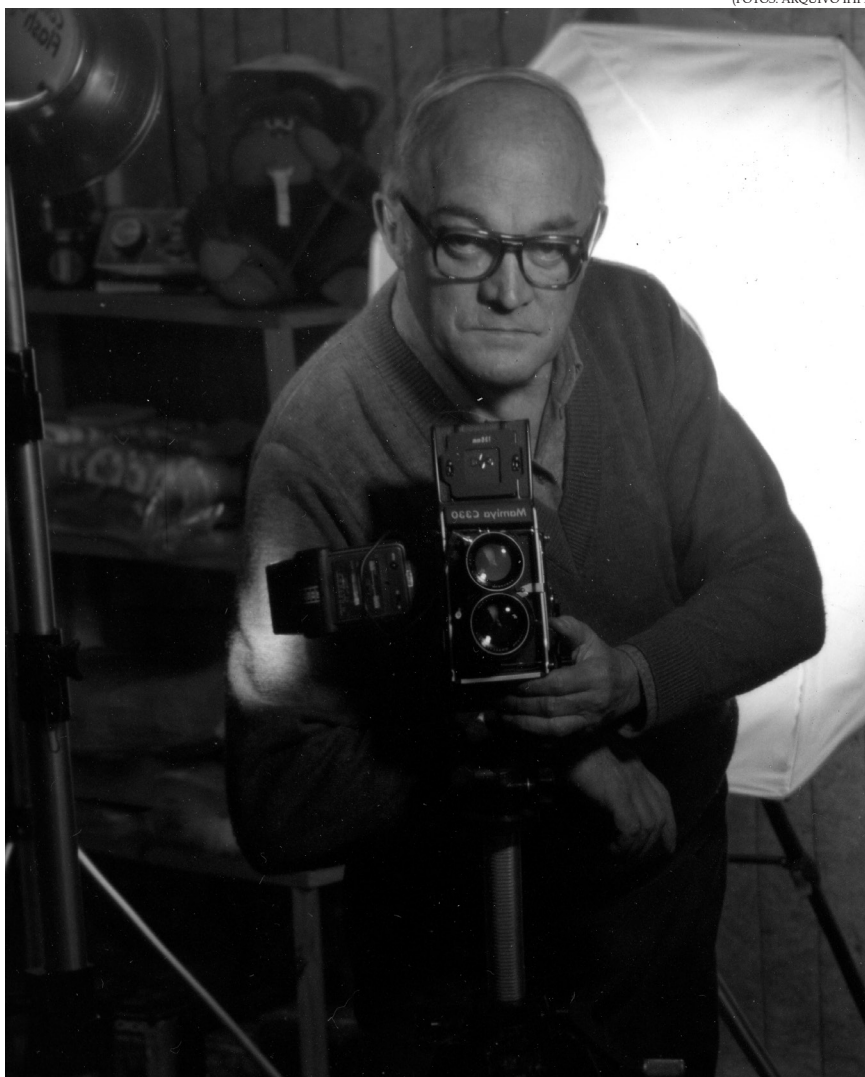
Passo Fundo se despede do fotógrafo Olir Tamagnone

CLAUDIA DALMUTH

A história da fotografia em Passo Fundo perdeu, dia 4 de março de 2021, uma das suas principais figuras. Conhecido como “o cirurgião plástico da fotografia” e um dos fotógrafos mais antigos da cidade até então ainda vivo, Olir Tamagnone faleceu aos 87 anos de idade, vítima da Covid-19. Em sua trajetória como fotógrafo, Tamagnone se destacava no mercado pelos retratos familiares que fazia em estúdio e a maestria com que exercia a técnica do retoque, participando da história e dos álbuns de muitas das famílias que fizeram parte da sociedade passo-fundense.

A habilidade de Olir Tamagnone com a arte fotográfica vinha de um histórico familiar: não apenas seu bisavô, avô e pai eram fotógrafos, como também a maior parte de seus irmãos. O pai, Virgílio Tamagnone, nascido e criado na Itália, instalou-se em Passo Fundo no ano de 1951 e começou a trabalhar, inicialmente, em um “atelier fotográfico” localizado na Avenida Brasil, 678. Olir deu seus primeiros passos profissionais como fotógrafo neste espaço, à época auxiliando o pai, aos 18 anos de idade. “Como já era de uma família de fotógrafos, vindos da Itália, ele tinha um aprendizado todo europeu. O Tamagnone tinha uma qualidade no fazer muito apurada. Inclusive, os primeiros equipamentos dele na trajetória como fotógrafo eram vindos da Itália. Equipamentos muito bons, tanto a máquina fotográfica, quanto a parte da iluminação”, resgata a fotógrafa Fabiana Beltrami, membro do Instituto Histórico de Passo Fundo e pesquisadora sobre a histórica da fotografia local.

Mas, mais do que bons equipamentos e um olhar apurado para questões de ângulo e iluminação, a fama de Tamagnone vinha da técnica de retoque utilizada em suas fotografias. Com a ajuda de um produto químico, um lápis de grafite e uma mesa de luz, ele fazia



(FOTOS: ARQUIVO IHPP)

Considerado um dos nomes mais importantes na história da fotografia passo-fundense Tamagnone faleceu no dia 4 de março e 2021, aos 87 anos, vítima da Covid-19

reparos nas fotografias muito similares aos que são feitos digitalmente nos dias de hoje através de ferramentas como o Photoshop. De forma manual, Tamagnone removia rugas, pintas, manchas de pele e qualquer imperfeição indesejada no negativo dos retratos feitos por ele, deixando a imagem semelhante à estética de uma pintura. “O retoque era feito para que pudéssemos realmente ver aquela pessoa retratada como ela gostaria que os outros a vissem”, explica Beltrami.

Apesar de também fotografar casamentos e graduações de instituições

como a Universidade de Passo Fundo, era mesmo o trabalho em estúdio que o encantava. “Aquele trabalho de estúdio que o Tamagnone fazia, naquele período, eu acho que ninguém conseguia se igualar a ele”, relembra o fotógrafo Ronaldo Czamanski. Os trabalhos iam desde a elaboração de fotos retocadas para documentos, até fotos para pôsteres, tanto de adultos quanto de crianças. Em uma entrevista ao jornal O Nacional no ano de 1997, Olir Tamagnone revelou que o serviço de retoque levava até três dias para ficar pronto – tamanho o cuidado que ele tinha nos reparos que

fazia. “Ele era o verdadeiro mago dos lápis, pincéis e da lupa. Estética perfeita”, descreve outro colega de profissão da época da fotografia analógica, César Benck.

“Ele era um artista”

Embora o próprio Tamagnone comparasse seu trabalho de retoque nas fotografias com uma cirurgia plástica – motivo pelo qual ele era chamado de “o cirurgião plástico da fotografia” –, seu amigo e também fotógrafo, Rui de Souza Mattos, afirma que a qualidade do trabalho era ainda superior. Rui conta que ele mesmo, embora também fosse fotógrafo, procurava o trabalho do amigo quando queria sair bem na foto. “Muita gente dizia que o retrato era até bonito demais para colocar em um documento. Ele dava uma retocada nas fotografias, deixava a gente sem aparecer sequer uma espinha do rosto. Era um trabalho tão bem feito que não era como se fosse uma cirurgia plástica. Era melhor, não dá para explicar. Na plástica, você vê que algo foi mudado. Na foto tu notava só que algo estava melhor”, elogia.

Mais do que simples conversas entre amigos, Olir Tamagnone e Rui Mattos dividiam também dicas profissionais. Isto porque, na época que se conheceram, Rui ainda era iniciante na fotografia e absorveu do amigo as dicas valiosas que o fizeram se entusiasmar com a ideia de seguir a carreira de fotógrafo. “Ele era uma pessoa fora de série. Era um artista. Naquele tempo já existia muitos fotógrafos bons, mas se tu queria fotografia artística era com o Tamagnone. Eu cansei de ver ele trabalhando na matéria-prima, que era o filme. Precisava ver que trabalho ele fazia, com lápis apontado e passando em cima do filme”, Rui relembra.

Um trabalho que ainda vive na memória das famílias passo-fundenses

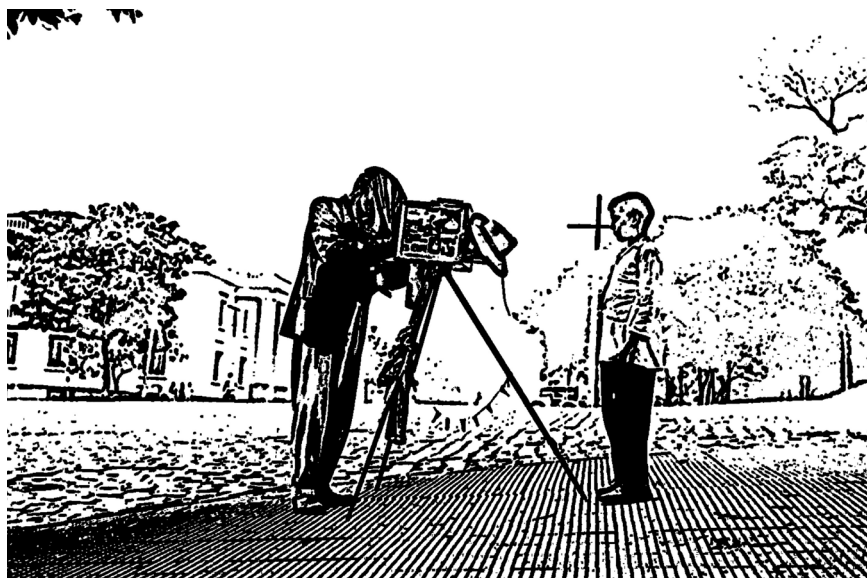
A fotógrafa e pesquisadora Fabiana Beltrami compartilha que, durante os depoimentos que coletou para sua pesquisa sobre a história da fotografia em Passo Fundo, o ato de ir até o estúdio de Tamagnone era relatado como algo muito importante para as pessoas. “Ele participou muito e ainda participa da história da vida das pessoas, dos momentos felizes que elas viveram. Naquele período, fazer fotografia era algo solene. Você se preparava, se arrumava para ir



ao estúdio do fotógrafo. E, dentro do universo da fotografia, o seu Tamagnone tinha esse status do fotógrafo que fazia o retrato que as pessoas queriam”, observava. Ainda segundo ela, na memória das famílias passo-fundenses, Tamagnone ainda ocupa esse status quase glamouroso. “É muito interessante a lembrança

elas têm dele, de ter no seu álbum de família uma fotografia feita por ele. Não era qualquer pessoa que tinha. Era algo que as pessoas almejavam”.

(Claudia Dalmuth é jornalista de O NACIONAL, Passo Fundo, RS.)



Apontamentos sobre a Belle Époque passo-fundense

FERNANDO MIRANDA

Na virada do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade e os habitantes de Passo Fundo sofreram transformações que aceleraram o tempo, impactaram os costumes e mudaram a suas visões de mundo. Esse período histórico, de profundas transformações culturais, pode ser visto como o da Belle Époque passo-fundense.

A chegada do trem em 1898, poético, veloz, intrigante, quase vivo, foi um dos grandes vetores das mudanças, que logo tornou-se um dos ícones do progresso dessa nova era.

Os trilhos chegaram a Passo Fundo em 8 de fevereiro de 1898, passando a embarcar e desembarcar os passageiros no hotel Internacional, na Avenida Brasil esquina com a Av. Sete de Setembro. A foto, que mostra o local, manifesta dois tempos que se sobrepõem: o trem, do futuro e da modernidade que chegava, e a carruagem, que ia se transformando em imagem do passado.

Se olharmos atentamente a foto, perceberemos também um automóvel, envolto no burburinho próximo à plataforma.

A linha férrea, que a partir de 1910 ligaria Passo Fundo com São Paulo, deu uma nova dimensão às distancias, aproximando pessoas e ideias diferentes. Foi então possível deslocar-se, a partir de Passo Fundo, para São Paulo e de lá... sem limites para a imaginação.

A cidade se ilumina

Ao alvorecer do século XX, a cidade vivia às escuras. A noite era um breu. Na então Rua do Commercio, a principal da Cidade - em 1891 Passo Fundo havia ganho esse título - a escuridão era total.

Foi há uns 120 anos atrás, entre 1903 e 1904, que as luzes de lâmpões a querosene começaram a brilhar nas ruas do Commercio (atual Av. Brasil), Paysandu, Moron, Gal. Netto e Jacuhy (atual Independência). O ideal de Pro-



Fonte: *Caminhos de Ferro do Rio Grande do Sul*. José Roberto de Souza Dias. São Paulo: Ed. Rios, 1986. Acervo do autor.



A parada na plataforma do Hotel Internacional, por volta de 1920.

Fonte: Instituto Histórico de Passo Fundo. Acervo Professora Delma R. Gehm.

gresso erguia pequenas chamas na noite da cidade.

Não por acaso essas ruas mencionadas acima são importantes artérias do centro urbano atual. Com a chegada dos trilhos, o processo de urbanização, que até então se dirigia ao boqueirão, sofreu uma inflexão dando início ao desenvolvimento do atual centro da cidade, como podemos observar na sobreposição abaixo:

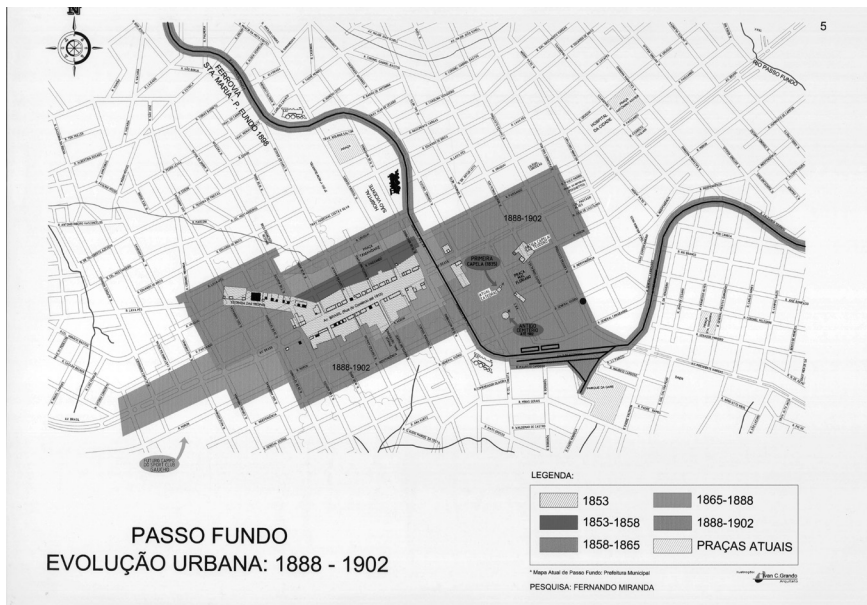
O Mito Fundante da povoação

Em grande parte, as transformações que estavam ocorrendo foram gestadas,

controladas e policiadas pelos Códigos de Posturas do município (o primeiro deles de 1858). Exemplos foram o “aformoseamento” da cidade e os códigos morais a serem seguidos pelos cidadãos.

Um exemplo de preocupação com o embelezamento da principal rua constava no Código de Posturas de 1904, em seu Capítulo 4, artigo 7, que determinava:

“Na Rua do Commercio e Praças, se não poderá fazer, na frente, edificações de madeira”, e continuava, no artigo 9:



Fonte: Passo Fundo: Presentes da Memória. Miranda, Fernando. Machado, Ironita. Rio de Janeiro: Ed M&M, 2005.



A nova Intendência Municipal, inaugurada em 1911. Fonte: Instituto Histórico de Passo Fundo. Coleção Firmino da Costa.

“As casas, muros e paredes, de qualquer edificação, que fizerem face para a rua [atual Avenida Brasil], serão rebocados e caiados do lado externo, até 4 meses depois de concluídos. As portas, portões, grades e janelas serão pintados a óleo no mesmo prazo.”

Tudo no sentido de embelezar a cidade e dar a ela um ar de modernidade, de acordo com a nova ordem que se instaurava.

No início dos anos 1910, com a aventura da modernidade, o antigo Caapi foi perdendo cada vez mais sua referência como mito fundante da povoação. O Caapi, ou Caminho do Mato, mais tarde

chamado de Estrada das tropas, estava desaparecendo como tal. Esse Caminho havia sido trilhado antes por kaingangs, guaranis, jesuítas, bandeirantes, caboclos, tropeiros e viajantes, que foram dando vida ao ethos passo-fundense.

O Código de Posturas – de 1924 – proibia definitivamente a passagem dos antigos tropeiros pela nova Avenida chamada Brasil (trecho da antiga Estrada das Tropas) abrindo passagem a automóveis e a pessoas caminhando pelas calçadas, agora iluminadas por lâmpadas, em meio às últimas nuvens de poeira de um tempo que já era quase passado.

A modernidade também incluiria o telefone, instalado em 1909, mudando hábitos, mexendo com o tempo e, talvez, despertando a pergunta pelo que mais poderia vir...

E viriam ainda muitas novidades.

Anos 1910

Por volta de 1910 já havia alguns (poucos) automóveis circulando pela cidade, como nos conta a pesquisadora professora Delma Gehm: “o primeiro tinha a cor preta, e o outro a cor cinza. Um era da marca Bentz...Nessa mesma época o ilustre cidadão Armando Annes comprou um carro Ford...”

Em 1911, dando seguimento à modernização arquitetônica, é inaugurada a imponente nova Intendência Municipal, representando o Poder organizado e o orgulho dos munícipes.

Observa-se as duas colunas, retiradas quando do corte de terra feito na Avenida Brasil na década de 1910, e que também daria origem à Calçada Alta no outro lado da avenida.

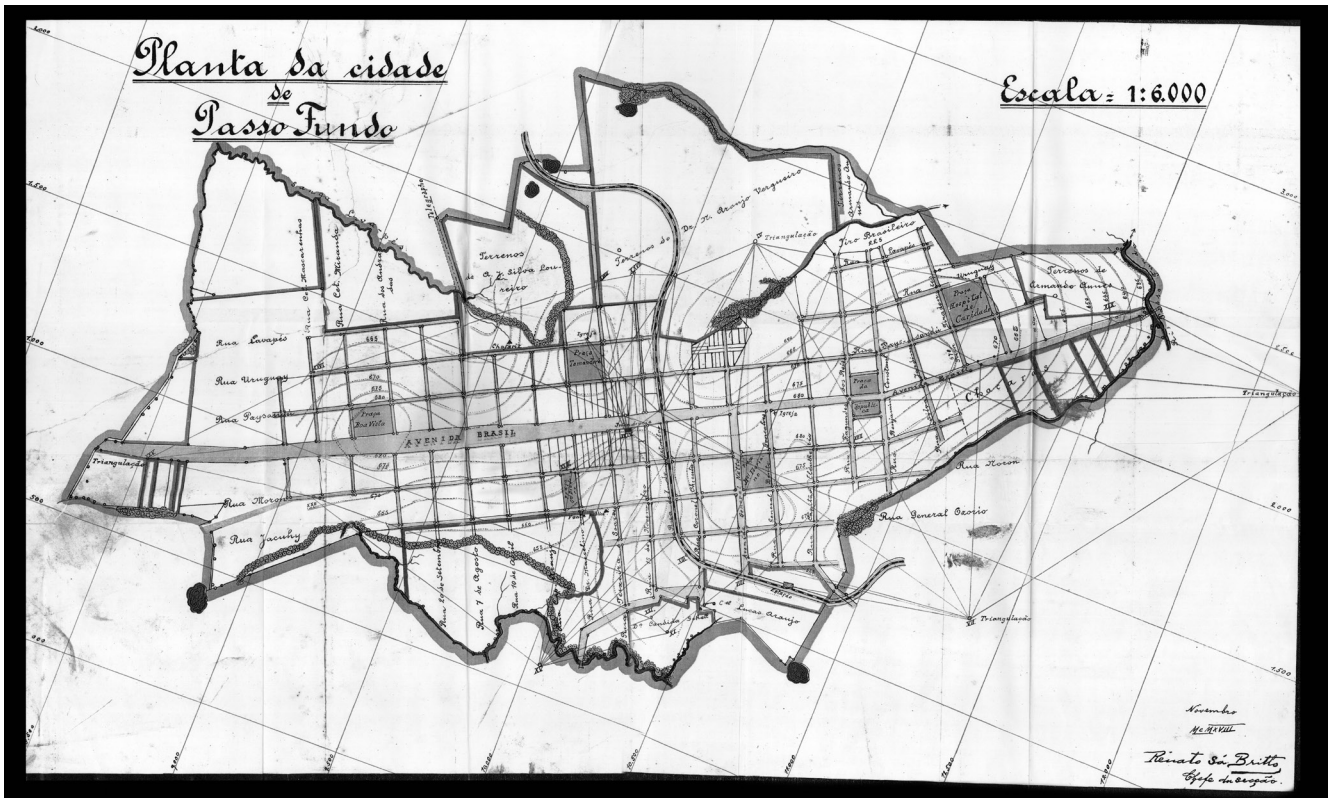
Já em 1912, o Banco da Província tem uma representação na cidade, estabelecido na Avenida Brasil esquina com a rua 10 de Abril, frentes norte e leste, seguido pela Casa Bancária Armando Annes, em 1914. A este segue-se o Banco Pelotense inaugurado em 1918. A abertura dos Bancos era o reflexo que o dinamismo crescente da economia demandava.

Ainda na década de 1910, a fundação dos Hospitais, de Caridade em 1914 (depois Cidade e hoje de Clínicas), e do Hospital São Vicente em 1918, colocaram os pilares para o polo médico que viria a se desenvolver e mais tarde, na década de 1950, dariam suporte vital para que Passo Fundo viesse a ser a líder de toda a região norte do rio grande do sul.

Em 1913, respondendo ao avanço dos limites urbanizáveis, são nomeadas dez novas ruas e o processo de urbanização alcança a ponte do rio Paso Fundo, tornando a Avenida Brasil um grande eixo indutor de progresso, que se desenvolve da rua Diogo de Oliveira (cercanias da churrascaria Gobbi, posto Shell, Amerika Maquinas) até o rio Passo Fundo.

Em 1913 não só as luzes da cidade se acendem, mas também os motores do progresso, com a ativação da energia elétrica, gerada na Usina do rio Taquari (Mirim), com potentes 400 HPs.

Um dos três transformadores é instalado estrategicamente na Praça Marechal Floriano, por ser uma área de grande



Fonte: Mensagem enviada à Câmara Municipal pelo Intendente Municipal Pedro Lopes de Oliveira, em 1918. Instituto Histórico de Passo Fundo.



Transformador instalado na Praça Marechal Floriano, década de 1910.

consumo de energia (hotéis, comércio, moinhos nas proximidades...) e de grande visibilidade como símbolo de progresso. Foi construído na rua Moron, aproximadamente no meio da quadra entre as ruas Bento Gonçalves e Gal. Netto. O transformador foi posto abaixo entre os anos de 1964 e 1969, sob a alegação de que atrapalhava o trânsito de pedestres na calçada.

Como nos mostra a planta da cidade no ano de 1918, a área urbana se estendia aproximadamente da hoje rua Diogo de Oliveira até a ponte sobre o rio Passo Fundo. No local das praças da Boa Vista, Mal Deodoro e parte da Praça da República (Tochetto), viriam a ser construídos depois o Instituto Educacional (IE), o Ginásio de Esportes do Colégio Notre Dame e o Colégio Protásio Alves, respectivamente.

Tudo ia bem, mas..., com o fim da primeira guerra mundial a economia sofreu um baque; com a morte do Cel Gervasio em 1917, que dominou a política por quarenta anos, esta virou um campo de guerra; e uma avassaladora epidemia - a gripe espanhola - assolou a cidade, desorganizando os novos costumes e a nova dinâmica instalada, aniquilando 1,4% da população cidadina de 7.500 habitantes.

A Belle Époque passo-fundense iniciava o seu declínio... mas permaneciam no ar os novos tempos, que nos próximos trinta anos dariam suporte e fariam de Passo Fundo a Capital do Planalto e o grande polo da região norte do Rio Grande do Sul, e que viriam a ser os pilares dos anos dourados de 1950.

Dourados para uns, de real carência para outros...

(Fernando B. Severo de Miranda é presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Como usar melhor o tempo

Outros acham que ele vem,
Eu creio que enquanto há vida
Esse é o tempo que se tem.

E o tempo de cada um
A decisão vem do além,
Mesmo assim cada pessoa
Faz do seu o que convém.

Como usar melhor o tempo?
É intensa a preocupação,
Quando for fazendo o bem
Deus nos deu a direção.

A consciência de nosso tempo
É diária a revisão,
Há quem sempre falta tempo
E só usa o seu com ambição.

Alguns nem ligam para tempo
E há quem do tempo é patrão,
O tempo sempre é tão pequeno
Para quem tem bom coração.

Ao sumirem fica no tempo.
Um vazio pela exceção,
Além de poucos leva tempo
Haver desses a reposição.

Há quem faz no menor tempo
Grande renda ou bom quinhão,
Nesse tempo tem quem pensa
Que é o dono da situação.

Mas às vezes o tempo muda
Sem dar tempo ao cidadão,
E só concede um tempinho
Para quem pensa que é tempão.

Pois nada foge do tempo
Eis o tempo e a questão,
Bem no fundo muitas coisas
Só o tempo dá dimensão.

O tempo está em nossa cara
No braço e linhas da mão,
Mais um tempo e junto a terra
Seremos pó em decomposição.

O próprio tempo se cansa
De preencher muita ilusão,
Também sente que é difícil
Tempo em grande inspiração.

Há o tempo que a flor se abre
E o fruto tomba no chão,
Cada minuto que eu tenho
É um tempo de gratidão.

O maldispõe de muito tempo
O tempo tem comprovação,
Está no tempo e na história
De nossa amada Nação.

Tem quem adora esse tempo
Para preencher sua opção,
Quantos que o tempo do cargo
É o tempo para ser ladrão.

Um exemplo em tempo recente
É mala, cueca e mensalão.
Outros casos somem no tempo
Até o tempo da prescrição.

Aqui muito tempo nobre
Se gasta em corrupção,
Por ver isto há muito tempo
Até entrei em depressão.

Esse mau uso do tempo
Para muitos é profissão,
Lembro que tempo é preciso
Também para pedir perdão.

Bom seria parar o tempo
E dar tempo à reflexão,
Injustiça há, há muito tempo.
Com o tempo passam à mão.

Como usar melhor o tempo?
É intensa a preocupação,
Quando for fazendo o bem
Deus nos deu a direção.

Para revermos nosso tempo
E nele a nossa ocupação,
Quem não quer Divino tempo?
Na hora da salvação...

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail: xikogarcia@yahoo.com.br. Fone: (54) 991696942)



O barbeiro de Borges



GILBERTO R. CUNHA

No começo da noite de 13 de março de 2013, depois que a fumaça branca na chaminé da Capela Sistina anunciou que o novo Papa havia sido eleito, os sinos das igrejas em Roma repicaram e o cardeal protodiácono (o decano da ordem dos diáconos) Jean-Louis Tauran proferiu o clássico e convencional “Habemus Papam”, diz a lenda que na Casa Generalícia da Companhia de Jesus, na Via Borgo Santo Spirito, n.º 4, a poucos metros da Praça de São Pedro, reinou um silêncio quase sepulcral.

Jorge Mario Bergoglio, o primeiro jesuíta alçado ao posto de Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana, doravante Papa Francisco, nunca fora unanimidade entre os discípulos de Santo Inácio de Loyola. Sobre o sucessor de Bento XVI, desde que, aos 36 anos de idade, em 1973, foi alçado ao posto de provincial da ordem na Ar-

gentina, pairava a suspeição de ter sido omissos em relação à ditadura militar que governou o país nos anos 1970 e à perseguição imposta aos jesuítas que haviam aderido à Teologia da Libertação e, em razão disso, acabariam presos, torturados ou mesmo mortos. Isso não procede, asseguram os defensores do Papa Francisco. Ele, na época, teve de lidar com uma ordem religiosa em crise financeira e com falta de vocações, angariando inimizades pelas decisões que teve de tomar. Mas, indiscutivelmente Bergoglio não foi omissos e nem pactuou com a ditadura, afirmam com convicção os seus aliados. Inclusive, ele, pessoalmente, teria se empenhado para proteger religiosos e outras pessoas ameaçadas de perseguição. Ao fim e ao cabo, o carisma e a humildade do Papa Francisco suplantariam as dúvidas sobre a sua integridade moral.

A partir de 2014 ganhou notoriedade uma fotografia dos anos 1960, em que é mostrado um encontro entre o então professor de literatura Jorge Mario

Bergoglio e o renomado escritor Jorge Luis Borges. Matérias em jornais e revistas do mundo todo, entrevistas com testemunhas daquele momento histórico, ensaios acadêmicos diversos e formulação de teses variadas, nem sempre corretas, para explicar o encontro desses dois “Jorges”, levaram essa imagem a uma popularização até então inimaginável. Afinal, que há de especial nessa cena registrada por um fotógrafo do interiorano jornal *El Litoral* para ter merecido tamanha atenção? Qual a verdadeira história do encontro retratado? E os seus desdobramentos? Seria o Papa Francisco um personagem possível na ficção de Borges?

A fotografia do Papa Francisco com Jorge Luis Borges, para muita gente, guarda contornos de um conto borgeano. Entendê-la exige que se saiba que, antes de ser ordenado padre, Jorge Mario Bergoglio teve de cumprir as etapas da formação jesuítica, atuando como professor no Colégio Imaculada Conceição, em Santa Fé, na Argentina. Nesse educan-



dário, apesar da formação em química, Bergoglio deu aulas de literatura. E, para reforçar o que ensinava em sala de aula, tinha o costume de convidar escritores para dar seminários aos seus alunos, primando pelo que se pode chamar de educação de qualidade. Assim, nas aulas de Bergoglio, o professor “Carucha” (apelido dado pelos alunos, pela sua cara de bebê), marcaram presença no Imaculada Conceição, gente como as escritoras María Esther Vázquez e María Esther De Miguel, entre outros nomes. E o mais famoso de todos: Jorge Luis Borges.

Foi, possivelmente, com a ajuda de María Esther Vázquez, secretária, colaboradora e membro do rol das mulheres que Borges fora apaixonado, que Bergoglio conseguiu se aproximar do célebre escritor argentino. Consta que, em 1965, o professor Carucha convidou Borges, apesar de reconhecidamente agnóstico, para dar umas aulas de literatura gauchesca aos estudantes do Imaculada Conceição. Para a surpresa e incredulidade de muitos, Jorge Luis Borges, o então diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, o professor de Literatura Inglesa da Universidade de Buenos Aires e, na época, o candidato ao Nobel de Literatura (que nunca ganhou, frise-se), aceitou.

E assim, numa quinta-feira muito fria, 26 agosto de 1965, Jorge Luis Borges, que ainda não estava totalmente cego (mas quase), deu os ares da sua graça em Santa Fé, capital da província argentina de mesmo nome. Chegou sozinho. Veio de ônibus desde Buenos Aires e não de trem, como registrou Adolfo Bioy Casares no seu caudaloso diário sobre

Borges (1680 páginas). Também não ficou cinco ou 10 dias e nem estava acompanhado de María Esther Vázquez, como insinuou Roberto Alifano. Pelas datas do diário de Bioy, apesar de outras menções a cinco dias, foram dois dias. Tempo mais do que suficiente para o escritor, atendendo ao convite do professor de literatura do Colégio Imaculada Conceição, Jorge Mario Bergoglio, proferir uma conferência sobre literatura gauchesca, conversar com os estudantes e marcar, indelevelmente, a memória de muitos deles.

A fotografia da recepção de Borges no Imaculada Conceição, desde que veio a público, em 2014, suscitou especulações. Na imagem, além do escritor, aparecem os professores Jorge González Manent e Jorge Mario Bergoglio, que atualmente atende pelo sugestivo nome de Papa Francisco. Eis as razões: que fazem Borges e o Papa Francisco juntos? Eles eram amigos? Como foi a estada de Borges em Santa Fé? E os desdobramentos daquele encontro?

Há ainda a cena emblemática, retratada pela série da Netflix “Pode me chamar de Francisco”, em que aparece o então professor de literatura Jorge Mario Bergoglio barbeando o escritor no pátio da escola. A cena é fictícia, frise-se. Mas é fato que o atual Papa, por ocasião dessa visita de Borges a Santa Fé, foi barbeiro do escritor.

Borges ficou hospedado no Hotel Ritz. Na manhã seguinte, os professores Manent e Bergoglio foram buscá-lo no hotel. Bergoglio subiu até o quarto do escritor e demorou mais do que se supunha razoável para voltar. Quando retornou, Manent, dissimuladamente,

perguntou o que havia acontecido? E, como resposta, também dissimulada, recebeu essa: “O velho me pediu que o barbeasse.” Não era um enredo borgeano, mas, nesse, dia Borges teve o Papa como barbeiro. Eis a cena real que os diretores da série da Netflix, poeticamente, recriaram.

Edna Aizenberg, no ensaio “Borges, Bergoglio and Cuentos originales. Historia de un prólogo y 14 ficciones”, publicado na revista Variaciones Borges (n.37, p.207-217, 2014), fez a mais completa coleta de informações e análise desse encontro Borges e Bergoglio, que eu conheço.

Dentre os estudantes que vivenciaram o encontro Borges e Bergoglio, Edna Aizenberg conseguiu contato com Jorge Milia (jornalista e escritor), José Hernán Ciblis (músico radicado na Alemanha), Rogelio Pfrter (diplomata e embaixador da Argentina no Vaticano durante o papado de Francisco) e Ubaldo Pérez-Paoli, entre outros. Milia, com ironia e afetividade, rotulou Borges de “Viejo Zorro” (Raposo Velho) e afirmou que ter o escritor dando aulas de literatura gauchesca para estudantes do ensino médio é como assistir a Filarmônica de Berlin tocando Feliz Aniversário em festa de criança. Pfrter e Pérez-Paoli se lembram da crítica de Borges ao artificialismo do senador José Hernández em Martín Fierro, com o seu clássico “Hernández no conocía el campo...”.

O livro “Cuentos originales” foi um legado desse encontro Borges e Bergoglio. Jorge Luis Borges ouviu a leitura dos contos escritos pelos alunos de Bergoglio e se prontificou a levá-los para Buenos Aires. Assim nasceu “Cuentos originales”, com prólogo assinado por Jorge Luis Borges em 7 de outubro de 1965. No seu peculiar estilo, Borges escreveu: “(...) É verossímil que algum dos oito escritores, que aqui se iniciam, chegue à fama e, então, os bibliófilos buscarão este breve volume à procura de tal ou qual assinatura, que não me atrevo a profetizar”.

A premonição de Borges, em parte, se confirmou: o livro “Cuentos originales” (Cuentos originales. Introducción Jorge Luis Borges. Santa Fe: Castellví, 1965; 2nd ed. Salta: Maktub, 2006.) virou obsessão de bibliófilos, não pelos alunos, mas sim pelo professor que se tornou o sucessor de São Pedro.

(Gilberto R. Cunha, presidente da Academia Passofundense de Letras, gestão 2020-2022.)



Dois mil e vinte

**ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA
GONÇALVES DIAS**

Segundo a Sagrada Escritura, Deus criou Adão e Eva, com inteligência, e diante disso com a ordem de que deveriam se multiplicar, povoar a Terra e a submetê-la, quando existia apenas: terra, água, estrelas, árvores, animais e um jardim.

Com esses recursos o homem passa a produzir e inventar, através do desenvolvimento de sua mente, mas quase passa dos limites em suas invenções,

pois na sua emoção, pensa ser o criador da ciência. Agindo assim o homem, o Supremo Criador de vez em quando mostra que a nossa passagem por aqui é apenas um estágio para a vida eterna.

Exemplos acontecem quando somos atacados por pandemias, trazendo cada um de nós à reflexão, e com o que estamos batendo de frente no corrente ano de 2020, o que leva o nome de coronavírus (Covid-19), sendo que a penúltima atravessou esta Terra a um século atrás, como todas as demais, nos pega de surpresa.

Vejamos, com tudo o que já foi in-

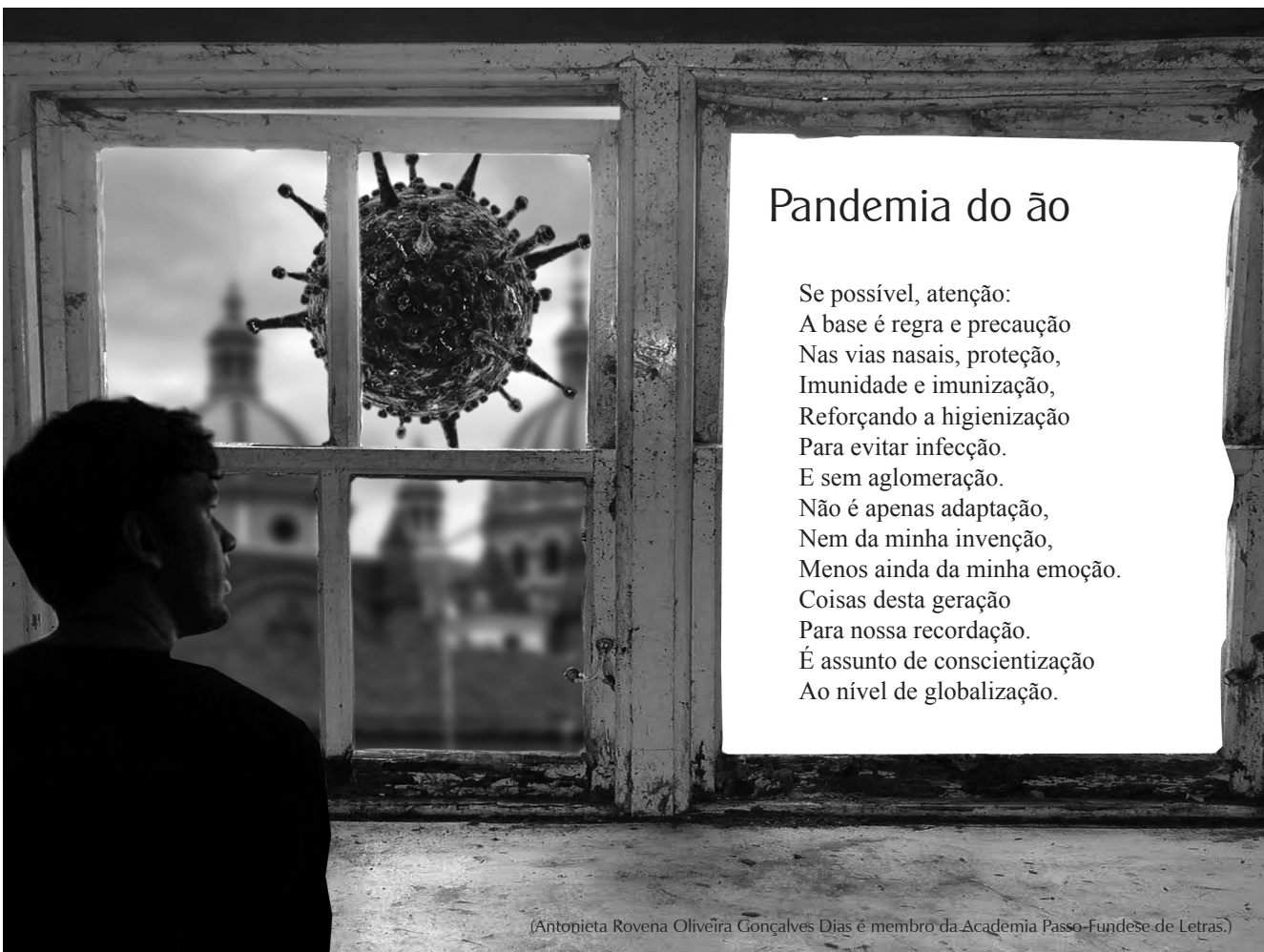
ventado pelo homem, e acostumados que estamos com o conforto do dia-a-dia, nesta rotina que vivemos sendo na verdade, um pico permanente.

Mas devemos nos conter e respeitar as regras e precauções, o que passou a se chamar de “Novo Normal” em prol da nossa saúde, tendo consciência de que está afetada também a saúde e a economia global. Mesmo que travando bruscamente, devemos saber que a ordem Superior será recomeçar...

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é membro da Academia Passo-Fundese de Letras.)

Poesia

ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS



Pandemia do ão

Se possível, atenção:
A base é regra e precaução
Nas vias nasais, proteção,
Imunidade e imunização,
Reforçando a higienização
Para evitar infecção.
E sem aglomeração.
Não é apenas adaptação,
Nem da minha invenção,
Menos ainda da minha emoção.
Coisas desta geração
Para nossa recordação.
É assunto de conscientização
Ao nível de globalização.

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é membro da Academia Passo-Fundese de Letras.)

Relatório: Minha história acadêmica e a gestão da APLetras 2018-2020

ODILON GARCEZ AYRES

No meu último ato como presidente Academia Passo-Fundense de Letras, gestão de 2018-2020, cabe relatar o que se passou nestes dois anos e tanto. Vamos recordar que:

Aqui cheguei em 2006, na gestão do saudoso presidente Antonio Augusto Meirelles Duarte, para lançar festivamente o livro “Oché y Sefé Tiarayu, Um romance histórico”, lançado previamente na minha terra natal por ocasião do fórum comemorativo ao sesquicentenário da morte do primeiro caudilho gaúcho, agora intitulado de guerreiro da paz, que contou com a presença das mais altas autoridades municipais, lideradas pelo prefeito Cleri Schroeder, na inauguração de portentoso obelisco na sede campestre do CTG. Índio Sepé daquela cidade.

Em 2008 na gestão do acadêmico Paulo Domingos da Silva Monteiro, aqui também fiz festivamente o lançamento do livro de história regional intitulado “O caboclo serrano” obra de pesquisa séria e autêntica que me consumiu mais de dois anos de diários e intensos trabalhos.

Em 2010, na brilhante gestão da presidente Elisabeth Souza Ferreira, abriu-se a porta mais alta do Rio Grande do Sul, para receber os novos acadêmicos, Carlos Antonio Madalosso, Diógenes Basegio, Elmar Floss, Marilise Lech, Mauro Gaglietti, Sueli Gehlen Frosi e este modesto escriba, entre doze concorrentes, saíra esta, que na gestão de Osvandré Lech, em 2012, quase em sua totalidade integrou a diretoria que comemorou os 75 anos da APLetras e que modernizou esta casa.

Nesse Interrégno, inventei de contar minha infância de 1944 a 1954, e num e-Book de 365 páginas e de outro tanto



em pesquisa em O Nacional, saiu este alfarrábio que o comendador Ernesto Pedro Zanette, chancelou com o título de Cerrito do Ouro à coxilha!

Mesmo licenciado por dois anos na gestão do presidente Gilberto Cunha, vim de campo grande para lançar um “peça restaurativa” da verdade, na 30ª feira do livro de passo fundo, intitulada “Herói de São Sepé e Passo Fundo”, resgatando a memória guerreira do Capitão Eleutério José Gonçalves, nas coxilhas de Passo Fundo, cujo engano ainda não foi resgatado pelas autoridades municipais, mas cuja verdade jamais será riscada da história, como tentaram em vão fazer.

Nesse exílio do destino, não cessei de trabalhar e fui admitido na Academia de Letras do Brasil – seccional do Mato Grosso do Sul, com a cadeia nº 13 do escritor mineiro José Elias Ferreira.

Conclui e lancei meu segundo e-Book intitulado “Alma de Borboleta”, em ágape festivo e conjunto da ALB

, na sede da Academia Maçônica de Letras, presididas por Maria Helena Sarti e Temístocles de Figueiredo Serra Minervine, que contou também com a presença especial do meu filho bel. Felipe Ayres e dos meus sobrinhos Marla, Gustavo e Ronaldo Silveira.

Ainda na capital sul mato-grossense, conclui o meu último livro intitulado, “Cavalo de guerra açoriano”, um romance histórico familiar, pela gráfica e editora RJR de Porto Alegre, cujo lançamento ocorreu na 31ª Feira do Livro de Passo Fundo, trabalho que a capital nacional da literatura me honrou em concurso da prefeitura municipal com um terceiro lugar.

Como podeis ver foram modestos trabalhos romanescos e de história regional, dos quais me orgulho, e que doravante, por incrível que pareça, farão parte de uma vírgula da história de Cerrito do Ouro, Coxilha, São Sepé, Passo Fundo e mais recentemente de São Pedro do Sul, pois meus antepassados



(FOTOS: ARQUIVO APLETRAS)

foram seus fundadores e participaram ativamente da reconquista do território das missões para o império brasileiro, conforme registra o livro de efemérides do escritor e poeta Moisés Silveira de Menezes.

Um dos fundamentos desta casa de cultura é a edição de livros e nesse sentido, organizado por Maria Isabel de Moura, Odilon Garcez Ayres, Paulo Monteiro e Gilberto Cunha, festivamente lançamos em 2018 uma edição especial do livro *querência* do poeta serrano e meu patrono Tenebro dos Santos Moura.

Da mais alta importância foram igualmente, os seminários e estudos da vida e obras do cientista passo-fundense Aventino Alfredo Agostini, promovido pela APLetras, apoiada pela UPF e outras faculdades, tendo como idealizadores e organizadores, os abnegados, acadêmico Mauro Gaglietti e o empresário e leiloeiro Luiz Carlos Santos, cujos resultados já se fazem sentir na comunidade.

Também da mais alta importância foi a realização do 8º concurso literário da Academia Passo-Fundense de Letras, organizado pelo acadêmico Agostinho Both, cujo autor premiado para ter suas obras analisadas e pesquisadas foi o médico, cineasta e escritor, Jorge Alberto Salton, dezenas de alunos das escolas amigas participaram dos trabalhos, que

culminaram com a edição de mais um belo livro.

Rememorando sem ordem cronológica, nas comemorações do dia da criança e especialmente no dia do professor, homenageamos as escolas amigas da APLetras aquelas que ao longo de muitos anos, sempre participaram ativamente das nossas promoções culturais. Quinze escolas, de 1º e 2º grau, receberam uma menção honrosa nessa data, prestigiada com a presença de diretoras, autoridades, convidados especiais e membros do sodalício. O evento culminou com festivo coquetel.

Igualmente a badalada 5ª Semana das Letras, promovida pela academia Passo-Fundense de Letras, organizada pela acadêmica Marilise Lech, que contou com o apoio de alunos e professores da UPF, alcançou seus objetivos, acontecendo no encerramento a brilhante palestra do Professor Dr. José Hildebrando Dacanal.

De retumbante sucesso também foi o livro “Memórias de um criminalista” do brilhante advogado e escritor, acadêmico Jabs Paim Bandeira, lançado aqui na Academia e que reuniu mais de duas centenas de convidados em memorável noite de autógrafa e de festivo congregarmento que adentrou a madrugada.

Nessa mesma data fui participar em Santa Maria do 2º Encontro de

Academias promovido pela Academia Rio-Grandense de letras, como um dos painelistas, ocasião em que relatei aos presentes, as múltiplas atividades e feitos de nossa academia Passo-Fundense de Letras, granjeando a simpatia e a unanimidade para a realização de tal subsequente evento em passo fundo em 2019, que, lamentavelmente, por motivos alheios a minha vontade, não aconteceu.

Pouco antes desses acontecimentos, fomos honrados com o convite do escritor e hoje presidente da academia carazinhense de letras, bel. Adari Francisco Ecker, para paraninfar e dar posse a sua primeira diretoria, atos que cumprimos honrosamente com fidelidade, numa noite memorável no auditório do campus da Universidade de Passo Fundo em Carazinho, evento prestigiado pelo Sr. vice-prefeito e mais de duas centenas de convidados.

Regressando a Campo Grande para tratamento ocular, em licenciamento estatutário, convidado especial, aproveitei o ensejo para participar da fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Campo Grande, evento que aconteceu na Assembleia Legislativa, presidida pelo seu presidente e prestigiada pelo Sr. governador Reynaldo Azambuja e pelo escritor Carlos Nejar, vice presidente da ABL, empossando sua primeira presi-

dente a bel. e poeta Delasnieve Daspet de Souza.

No dia seguinte em coquetel realizado na livraria Leparole da escritora Luciana Rondon, juntamente com dezenas de presidentes de academias, recebemos uma gravura do artista plástico Isaac de Oliveira e uma placa da câmara municipal de vereadores com o título de “visitante ilustre” e conferimos a novel presidente igual honraria marcando para sempre a presença da Academia Passo-Fundense de Letras nos meios culturais da capital sul-mato-grossense.

Nesta gestão, comemorativa aos 80 anos da APLetras, fomos agraciados com placas e diplomas como reconhecimento da grandeza desta casa, sendo eles da Câmara Municipal de vereadores por indicação do vereador e hoje deputados estadual Mateus Wesp; dos 162 anos da prefeitura municipal chancelado pelo Sr. prefeito municipal Luciano Palma de Azevedo: do Instituto Histórico de Passo Fundo, pelo seu presidente confrade Fernando Severo de Miranda; e do CIOFF pelo seu presidente do festival internacional de folclore, o ilustre comendador Paulo Dutra.

Coroando os meus 75 anos de vida, dedicados a família, ao trabalho e a grandeza da terra em que vivi, fui agraciado com uma placa do Rodeio Internacional de Passo Fundo, como um dos pioneiros daquele evento, com a marca do Sr. prefeito municipal e da presidente da 7ªRT e hoje presidente do movimento tradicionalista gaúcho.

Fechando com chave de ouro este cerritiano de São Sepé, indicado pelos ilustres vereadores, João dos Santos e Valdecir de Moraes, fui agraciado com o título de “cidadão honorário” de Passo Fundo, firmado pelo presidente do legislativo vereador Fernando Rigon. fato prestigiado pelos vinte e um vereadores da atual legislatura e pelo secretário municipal Édison Nunes, ao som do violão e voz do tenor José Odir Garcez Schleder.

Voltemos a nossa casa, a Academia Passo-Fundense de Letras, que marcou seus 80 anos, festivamente, com um jantar organizado pela acadêmica Marilise Lech, no restaurante Mangos, numa magnífica noitada de confraternização ao som do violão do confrade Francisco Mello Garcia, permeado de suas poesias e dos arrojados poemas e discursos do acadêmico Jabs Paim Bandeira, comandados pelo mestre de cerimônia, acadêmico Daniel Viuniski.

A entrega festiva da comenda Sante Uberto Barbieri, um dos fundadores, e a mais alta desta casa, não se realizou em 2018, mas sua postergação para 2019 foi um sucesso pela indicação da desenhista e artista plástica Miriam Postal Garbelotto, reconhecida internacionalmente pelos seus magníficos trabalhos artísticos e “sui generis” que adornam lares e palácios mundo afora, foi prestigiado por mais de uma centena de convidados especiais, abrilhantada pelo cantor tenor Felipe Pithan, destacando a mídia como um dos mais relevantes acontecimentos sociais dos últimos anos.

Tradição estatutária, destinada a premiar com uma menção honrosa, as pessoas que se destacam culturalmente em prol do engrandecimento de Passo Fundo, é a comenda Francisco Antonino Xavier e Oliveira “O Pai da História passo-fundense”, foram agraciados, festivamente em 2018 e 2019, como constam do livro de atas e presenças, as seguintes personalidades: em 2018 acadêmicos Osvandré Lech, Santo Claudino Verzeletti, Elmar Luis Floss, Ivaldino Antonio Tasca, Carlos Madalosso e Francisco Melo Garcia, bel. José Ênio Serafini, deputado estadual Mateus Wesp, prefeito Luciano Palma de Azevedo, acadêmico Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, rádio jornal Uirapuru, vice-prefeito João Pedro Nunes, professor Beraci Porto, poeta e tradicionalista Orley Vargas Caramês, professora Elizete Aparecida Flores, Dr. Édison Nunes e Magda Beatriz Cavalheiro, ativista cultural. E, em 2019, no salão de atos do Instituto Histórico de Passo fundo, abrilhantado pelo Coral Ricordi d'Itália, as seguintes personalidades culturais, músico Miguel Pereira da Silva, poeta Paulo Ricardo dos Santos, artista plástica Mmária Klênia Nunes Sanchez, ativista cultural Adão Cirinei da Cunha, empresária livreira Silvana Oliveira Rovani, acadêmicos Mauro Gaglietti e Adelvino Parizzi, acadêmica Antonieta Rovena de Oliveira Gonçalves Dias, magnífica reitora da UPF Bernardete Dalmolin, mestre em história do IHPF Djiowan Carvalho, Fundação Rádio Planalto FM, tradicionalista Gilda Galeazzi, atual presidente do MTG, acadêmico Jabs Paim Bandeira, acadêmicas Marilise Brockstedt Lech e Pia Helena Borowski, jornalista e secretário de cultura Henrique Fonseca, artista plástica Lindiara Aparecida Paz da Silva e ativista cultural e leiloeiro Luiz Carlos Nogarí dos Santos.

Além de manter a APL aberta ao público, dando expediente pessoal, terças, quartas e quintas-feiras, num total de 120 dias ano, abaixo de chuva e frio, vim pessoalmente, às 8h30 da manhã, receber os alunos das escolas municipais de ensino fundamental de 1º grau, nas visitas culturais ao complexo histórico Rosely Doleski Pretto, num total aproximado de 1400 alunos, os quais, além da recepção e palestra, receberam um livreto da Academia Passo-Fundense de letras, com um resumo histórico elaborado pelos acadêmicos Gilberto Cunha, Odilon Garcez Ayres, Paulo Monteiro e Welci Nascimento.

Por fim, deixo a placa identificativa da APLtras aposta; o poste da RGE trocado; a pintura frontal autorizada pelo patrimônio; um mural para notícias; uma mesa de som doada pelo acadêmico Carlos Madalosso; um computador Philips doado pelo acadêmico Gilberto Cunha; um ponto de internet doado gratuitamente pelo Governo Federal, todos os quadros, placas e medalhas devidamente confeccionadas a serem apostas pelo novo presidente, vinte molduras pagas na foto ferrão dos acadêmicos diamantinos, uma página gratuita da Zero Hora, ostentando excertos de nossa história e a porta mais alta do Rio Grande do Sul e uma gravura dum gaúcho a cavalo, do desenhista plástico e ativista cultural, professor Adilson Mesquita e a placa em bronze comemorativa aos oitenta anos da Academia Passo-Fundense de Letras.

Tenho que destacar também, que participamos efetivamente da 32ª e 33ª Feiras do livro de Passo Fundo, no sarau literário no Bourbon e nas solenidades efetivadas no Shopping Passo Fundo, bem como dos festejos cívicos da Semana do Município, Semana da Pátria e Semana Farroupilha.

Palestras, apresentação de trabalhos e manifestações poéticas, dos acadêmicos Juarez Nogueira de Azevedo, Xiko Garcia, Welci Nascimento, Daniel Viuniski, Luís Lopes de Souza e Carlos Antonio Madalosso foram marcas indelévels da cultura desta casa.

infelizmente, fui testemunha ocular como tantos, da doença, da recuperação, da homenagem grandiosa das Farmácias São João, da morte e do panegírico do meu amigo desde 1965, radialista, empresário, jornalista, vereador e acadêmico presidente da APLetras, Dr. Antonio Augusto Meirelles Duarte. Grato por termos convivido par e passo em Passo Fundo. Que Deus o tenha!



Presidente desta casa é quem trabalha, torna-se um executivo do sodalício, mas há os outros cargos também, todos honrosos, conforme seu comprometimento. É por isso que destaco, com o coração agradecido, a acadêmica Antonieta Rovenha Oliveira Gonçalves Dias, nome extenso como sua importância nesta gestão, a frente da 1ª e única secretária, com um trabalho incansável e fenomenal, sem o qual a história da APLetras não seria contada em elaboradas atas.

Embora eu tenha honrado com antecedência todos os compromissos onerosos da APLetras sem um protesto sequer e com lisura, conforme atesta o contador Domingos Frosi, o aporte financeiro sempre veio graças ao trabalho da nossa ex-presidente e 1ª tesoureira, a acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, minha confrreira e avalista de todos os meus atos presidenciais.

Luís Lopes de Souza, 2º tesoureiro, é um cavalheiro, participativo em todos os momentos, atuou com destaque nos meios tradicionalistas, foi nosso mestre de cerimônia, hoje nosso confrade é doutor em direito e na sua modéstia poética e altaneira, declinou de ser candidato a presidente desta casa, podemos contar sempre com seu tirocínio e sua lealdade.

Francisco Mello Garcia, conselheiro e fiel escudeiro, esteve presente em todas

as reuniões do sodalício, participativo e polêmico como sempre, defendendo a ordem, disciplina e moral de todas as coisas e em especial da nossa APLetras.

Marco Antônio Bulgos de Andrade, dispensado no primeiro ano pelos seus afazeres profissionais, quando chamado pela assembleia, assumiu interinamente a presidência e a conduziu por três meses com fiel lisura. Sou grato pela demão!

Conselho de Contas e Patrimônio, na pessoa de seu presidente acadêmico Alberto Antonio rebonatto, saúdo e agradeço todos os integrantes.

Chegamos ao fim do mandato, graças também a participação do poder público, em especial, do Sr. prefeito municipal Luciano Palma de Azevedo, Sr. vice-prefeito João Pedro Nunes, secretários municipais Edison Nunes e Ana Paula Wickert, e da Sedec Pedro Almeida e Henrique Fonseca e seus assessores, Magda Cavalheiro, Lindiara Paz, Gilberto Lopes, Paulo Andrade, Fernanda, Damian, Jandira e Miguel.

Agradecimento a imprensa, de modo especial à TV Passo Fundo, TV Câmara, jornal O Nacional, Diário da Manhã, rádio jornal Uirapuru e rádio Planalto AM e FM, os quais nos dispensaram notícias e entrevistas.

Agradecimento pelo prestígio do sempre presente Dr. Sarturi, presidente da

Academia Passo-Fundense de Medicina.

Agradecimento de coração pelo apoio incontestado e participativo do nosso coirmão Instituto Histórico de Passo Fundo, na pessoa do presidente Fernando Severo de Miranda e seu assessor Djiovan Carvalho.

Prezado sodalício da Academia Passo-Fundense de Letras, confrades e confreriras, chegamos ao fim do meu mandato como presidente da gestão 2018-2020, quando oficialmente passo o colar presidencial ao acadêmico Gilberto Rocca da Cunha, desejando-lhe ímpar sucesso, e levo a certeza de que dediquei quatro, dos meus dez anos de participação efetiva nesta casa, mourejei sozinho muitas e muitas vezes com o coração amargurado, mas cumpri minha jornada com honra, honestidade e altivez, se não foi o esperado, deixo marcada para a história da nossa academia os seus oitenta anos de lutas e de glórias pela cultura passo-fundense, honrando nosso título de Capital Nacional da Literatura!

Minha marca: os escritores são as bibliotecas e as academias do mundo!

Muito Obrigado!

(Acadêmico Odilon Garcez Ayres
Presidente/Gestão 2018-2020)



O Garoto de Ouro

ODILON GARCEZ AYRES

Aconteceu no ano de 1950, no Cine-Teatro Imperial, um sensacional confronto entre os dois maiores trovadores do Rio Grande do Sul, naquela década, Garoto de Ouro, filho de São Borja, e Gabriel Soares da Silva, natural de Cruz Alta.

O cruzaltense estava aquerenciado em Passo Fundo, e o lendário Garoto de Ouro, servindo no extinto III do 8º R.I., de Passo Fundo, e ambos eram galo de rinha mesmo, lotaram o Cine Imperial, e Gabriel Soares da Silva, velho cantador, de fama por aqui, mereceu fartos aplausos pelos seus versos mordacíssimos e veia brilhante, já, Garoto de Ouro, jovem com apenas 22 anos, sustentou a rima do Galo Velho.

Salienta o cronista, que ninguém discutiu as preferências da plateia que assistia o embate, que se manifestou a favor do velho cantor cruzaltense, cuja habilidade foi por todos cotejada. O fato é que, foi um verdadeiro tira-teima entre dois exímios trovadores, que se atiraram ferozmente a luta, para vencer ou para “levar-se a breca”. Não foi um duelo para inglês ver, para engambelar o público. Não! Foi uma briga de verdade, na qual nenhum dos dois quis dar-se por vencido, a cada verso, a cada rima, o outro respondia e abafava, e não

cederam um palmo, um ao outro, mesmo, acabando a peleia em empate e em empate ficaria se levassem a noite inteira cantando, e após o veredito, os dois acertaram ali mesmo, um novo embate, agora valendo dois contos de réis, para em outra ocasião, se tirarem a cisma.

O mais popular trovador dos pagos, Vicente Ribeiro da Silveira, Garoto de Ouro, jovem ainda, já possuía em Passo Fundo, uma legião de admiradores, merce da sua autêntica veia artística, sendo que, no dia de seu aniversário, 21 de março de 1950, nascido em 1928 em São Borja, completando 22 anos, mereceu uma festiva comemoração que foi realizada no Hotel Menegotto, festa de aniversário propiciada pelos seus amigos, José Pinto Demaman e Maurício Sirotski Sobrinho, o judeu amigo da gauchada.

Com certeza houve outros duelos trovadorescos, entre Garoto de Ouro e outros trovadores, pois me recordo que espetáculos artísticos eram promovidos, com frequência no Imperial e no Real, palco de apresentações de Danças, Musicais, e os mais variadas peças teatrais.

O que importa é que, em 1967, depois de ter viajado o Brasil inteiro e de ter sido levado pelo presidente Getúlio Vargas para apresentações no Palácio do Catete, Vicente Ribeiro da Silveira, como sói acontecer com a maioria dos nossos artistas, teve que ir trabalhar

na Secretaria de Obras do Estado do Paraná, e numa de suas passagens por Passo Fundo, a serviço, deteve-se num final de semana, apresentando-se, acompanhado do gaiteiro de apelido Soledade, no Pavilhão da futura Igreja de São Cristóvão, fazendo no domingo à noite, um novo repertório de músicas e canções, segundo o costume de cada estado brasileiro, fazendo versos improvisados, humorismo e brincadeiras, espetáculo que na época foi transmitido pela Rádio Municipal, na voz inconfundível de Dino Rosa.

Durante o dia fez uma apresentação, na Igreja São José Operário e no Clube Vera Cruz, alegrando o povo e matando a saudade do seu tempo de caserna e trovas em Passo Fundo.

Não é fácil seguir o rastro de alguns dos nossos cancioneiros gaúchos, ainda mais quando priorizam o nome artístico, em vez do de batismo, ainda mais numa época em que, os Circos, Bailantas, Praças, e os tablados improvisados nos Cinemas, eram o seu palco, e os registros esporádicos estão disseminados mundo afora.

Entretanto, a década de 50 deve ter sido exitosa para o nosso Garoto de Ouro, e vamos encontrá-lo no Café Central de São Luiz Gonzaga, duelando, competindo com o imortal Gildo de Freitas, oportunidade em que, outro grande trovador e poeta, filho da Bos-

soroça, Amandio Lemos Ramos, primo de Jayme Caetano Braun, fez frente aos dois, trovando, e saiu-se muito bem esse crioulo missioneiro.

Costume da época, assim como aconteceu com Bráulio de Senna, o Rielinho, num jogo de futebol do Aymoré F. C., em Coxilha, escolhia-se no ato uma celebridade presente, para apitar o jogo, e em Ijuí, num amistoso entre Grêmio Santo Angelense e Brasil de Alegrete, Vicente Ribeiro da Silveira, o Garoto de Ouro, foi um excelente árbitro, validando quatro gols de Rubens Hoffmeister, grande futebolista, mais tarde presidente da Federação Gaúcha de Futebol.

Em 1958, esteve na cidade de Concórdia em Santa Catarina, apresentando-se como produtor artístico do grupo Os Montanari.

Na música Show no Céu, autoria de Teixeira, este o homenageia dizendo:

Fizeram chorar as flores,
Ouvi o Garoto de Ouro,
o rei dos improvisos,
Com Zé Mendes chorei,
Pedro Raimundo abraçei,
Nos braços apertei os famosos
cantadores.

O jornalista Meirelles Duarte, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, em artigo genérico diz dele:

O maior trovador que a cidade de Passo Fundo revelou, só superado por Pedro Ribeiro da Luz (27.09.2010).

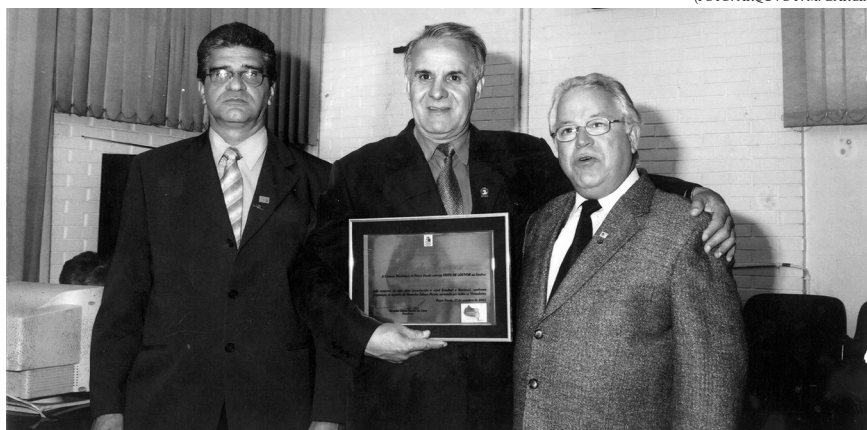
Além de Moraeszinho, na música Saúde Eterna, Gildo de Freitas, seu adversário na porfia, logo após a morte trágica do cantor e guitarrista, José Mendes, na sua música, Sonhei que fui ao Céu, na terceira estrofe lhe diz assim:

Até o garoto de Ouro,
Que tinha chegado lá,
Com uma roupa mexicana,
Cantou versos pra plateia,
Acharam muito bacana,
Como é lindo o outro mundo,
E entrou Pedro Raimundo,
Cantando Adeus Mariana!

A letra sinaliza, que o rol dos que já estavam no céu, incluía o Garoto de Ouro, então, como dizia meu avô Pacífico Dias Garcez, me dou por satisfeito!

Homenagem a Édison Nunes

(FOTO: ARQUIVO F. M. GARCIA)



Decio Ramos de Lima, Francisco Mello Garcia e Edison Nunes

Na reunião da Academia Passo-Fundense de Letras, no dia 27/03/2021, surgiu o nome de Edison Nunes. Eis uma pessoa que interagiu muito com a Academia Passo-Fundense de Letras. Sou componente da casa e sempre que o cumprimentava eu dizia: como vai meu padrinho? Um dia, alguém me perguntou o porquê do meu padrinho. Expliquei ao questionador e agora amplio para todos. Este era um gesto de carinho e agradecimento de minha parte para com a pessoa, que em moção por ele liderada na Câmara de Vereadores de Passo Fundo, recebi a homenagem de VOTO DE LOUVOR, devido ao conjunto de minha obra reconhecida no Estado e no País, conforme proposição de autoria do Vereador Edison Nunes, aprovada pelos demais. Esta foi a explicação que dei ao interessado porque o tratava de meu padrinho. Como eu documentei os fatos e atos que circundam minha vida e a dos meus amigos, normalmente a forma de registro que uso é a minha inspiração poética. Para documentar a perda de meu estimado amigo Edison Nunes e sua esposa, que foi algo muito impac-

tante não só para mim, mas para grande parte da comunidade passo-fundense. Ainda mais, pela perda do casal, num espaço de tempo tão pequeno, ele num dia e ela no outro. Então para refletir e homenageá-lo postumamente, tanto ele como a ela, pois a mesma também se tratava de pessoa expoente na cultura de nossa cidade, lembrei de uma poesia de minha autoria que tem por título O PREÇO DA VIDA.

O preço da vida

Na vida todas as pessoas
Enfrentam alguns tropeços,
Mas ninguém quer se entregar
Esse é o mundo que eu conheço.
Cada dia conseguido
É um jogo de arremesso,
À noite quando deitamos
Meu Deus, eu te agradeço,
Agora sei que estou vivo
Amanhã não sei se amanhã,
É muito fácil saber
Nascer, viver, tem um preço,
Pois a morte sabe sempre
Onde é nosso endereço,
Após ela Deus nos dá
Um eterno recomeço...



O Dia Seguinte

JOÃO MANOEL NASCIMENTO

Eu acho que era de tarde. Mas eu só acho. A hora eu não lembro, até porque isso também não importa. Importa dizer, isto sim, que era mais um daqueles dias felizes de uma infância igualmente feliz. Jogávamos bola na rua, brincadeira saudável e segura (“Olha o carro!”), eu, meu irmão e os amigos da vizinhança, quando começou a chover. Corremos todos, então, para dentro da garagem da casa mais próxima, a do Paulo, que brincava conosco. Acontece que, por estranhas razões até hoje ignoradas, o nosso caro amiguinho Paulo não permitiu que nos abrigássemos em sua casa. “Tocou” todo mundo de lá como se fôssemos cães sarnentos (Se bem que muitas almas boas fazem o contrário com os pobres cães sarnentos).

Sem contestar, tamanha foi a veemência de sua falta de argumentos, saímos, cada qual para sua casa.

Acontece, também, que houve um “dia seguinte”, não necessariamente no dia seguinte.

Naquele belo dia de sol, então, brincávamos à sombra do Cinamomo, felizes

e contentes como crianças que éramos. Paulo, por razões óbvias, não estava entre nós.

Em certo momento, percebemos Paulo aproximar-se, descontraído, com seu costumeiro “E aí!” Naquela época, essa expressão não existia, mas como faz muito tempo, eu também não me lembro. Enfim....

Fez-se silêncio. (...) Tensão, semblantes fechados, visível mal-estar. Então eu, vejam só, eu (quem me conhece sabe do que estou falando), levantei e, quebrando o silêncio, falei: “Tá fazendo o que aqui?” Ele parou e eu continuei: “Lembra daquele dia na tua casa? A chuva...”. Fui me aproximando, ele resmungando alguma desculpa e, de repente, assim, do nada, dei-lhe um soco na cara. (...) Assim, do nada. Paulo fez beijo e começou a chorar, mas não reagiu. Naquele exato momento, senti pena. Tanta que quase chorei também. De pena. A “galera” atrás de mim, no entanto, estava eufórica. “Aí, João, bem feito pra ele!” “Quem mandou, viu?” “Toma!” Paulo voltou correndo pra sua casa, envergonhado. Eu, agora nos braços da “galera”, vivia meu momento de glória. Eu, vejam vocês.

Por muito tempo, e isso quer dizer até hoje, nunca entendi por que fiz aquilo. Até pouco tempo, ainda lembrava do fato (e narrava) com certo orgulho (besta, é claro). Mas fato é, também, que nada justificava o que eu havia feito. Tudo bem que Paulo era a pessoa mais irritante do planeta, pra dizer o mínimo, mas e daí? Precisava? Pois é.

Mas repare só na magia de uma infância sadia e repleta de amor. Amor de mãe, de pai, de irmãos, de avós, gatos, cachorros e galinhas. Sim, senhoras e senhores, galinhas. (Eu tinha medo.) Ou seja, uma infância feliz. Não demorou muito, estávamos todos juntos novamente, brincando na rua, nos “campinhos” do bairro, tomando banho de chuva, jogando bolita (Nas “brinca” e nas “deva”), soltando pandorga (Minha vó Joana sabia fazer as melhores.) e tantas outras coisas que só quem viveu esse tempo sabe. Era o nosso jeito de desculpar as fraquezas uns dos outros. Espero que meu amiguinho Paulo (Sem ironia, desta vez) tenha me desculpado. De qualquer forma, desculpa aí, amiguinho.

(João Manoel Nascimento é formado em Letras e trabalha como bancário, Passo Fundo, RS.)

Chá de “Pata de Vaca”

HUGO ROBERTO KURTZ LISBOA

Seguidamente sou surpreendido por perguntas como essa do título. Há uma infinidade de chás, alimentos e benzeduras com um pretense efeito terapêutico em variadas doenças. Essas crenças estão arraigadas entre as populações que acreditam piamente nesses recursos alternativos.

Como médico, procuro dissuadir o uso de soluções exóticas, mas as terapias caseiras clássicas tem o meu aval. E tome chá de camomila.

Sempre que prescrevo um remédio tenho que saber se funciona ou não. Na história da medicina relata-se que a sangria foi usada durante séculos e ocupava o altar de divindade terapêutica. Ninguém duvidava da sua eficiência. Entretanto, no século XIX, Pierre Charles Alexandre Louis, em Paris, decidiu contar os sobreviventes ao tratamento com sangrias para pneumonia e comparou com aqueles sem esse tratamento. Nossa! Verificou que morriam muito mais aqueles que faziam a sangria. Foi o funeral desse tratamento e o início da estatística.

Para testar de uma medicação nova é necessário ter o estudo adequado. É preciso o cuidado com três vieses que podem ocorrer e nos enganar.

O primeiro é a “História Natural”. Por exemplo, pode-se administrar o remédio numa fase onde a doença já estava em processo de cura. É como dar um limão com mel para gripe, mas ela já iria melhorar.

O segundo é o “Efeito Placebo”. É um efeito que ocorre sempre que se usa alguma medicação. Tomar um remédio ou placebo provoca mudanças na fisiologia das pessoas. Num estudo clássico, em uma população com coceira por alergia, foi dividida em três grupos. Para uns foi dado um antialérgico, para outros, um placebo e para o terceiro não foi dado nada. O pessoal que tomou antialérgico melhorou muito, mas o grupo que tomou o placebo também, comparado com quem não tomou nada. Eis o efeito placebo.

Por último temos o “Efeito Hawthorne”. Quando uma pessoa toma um re-



médio ela quer, obviamente, melhorar. O médico que prescreve também quer que funcione. Esse fato, se não controlado, pode levar a enganos pois o médico e o paciente vão tender a dizer que melhora.

Para tirar esses vieses se fazem os estudos clínicos randomizadas, duplos cegos e controlados com placebo. Os pacientes são sorteados para um ou outro grupo e não se fica se sabendo quem vai tomar um ou outro comprimido – remédio em estudo ou placebo. Depois de um tempo determinado se “abre” o estudo para ver se no grupo que tomou o remédio teve menos doenças ou não.

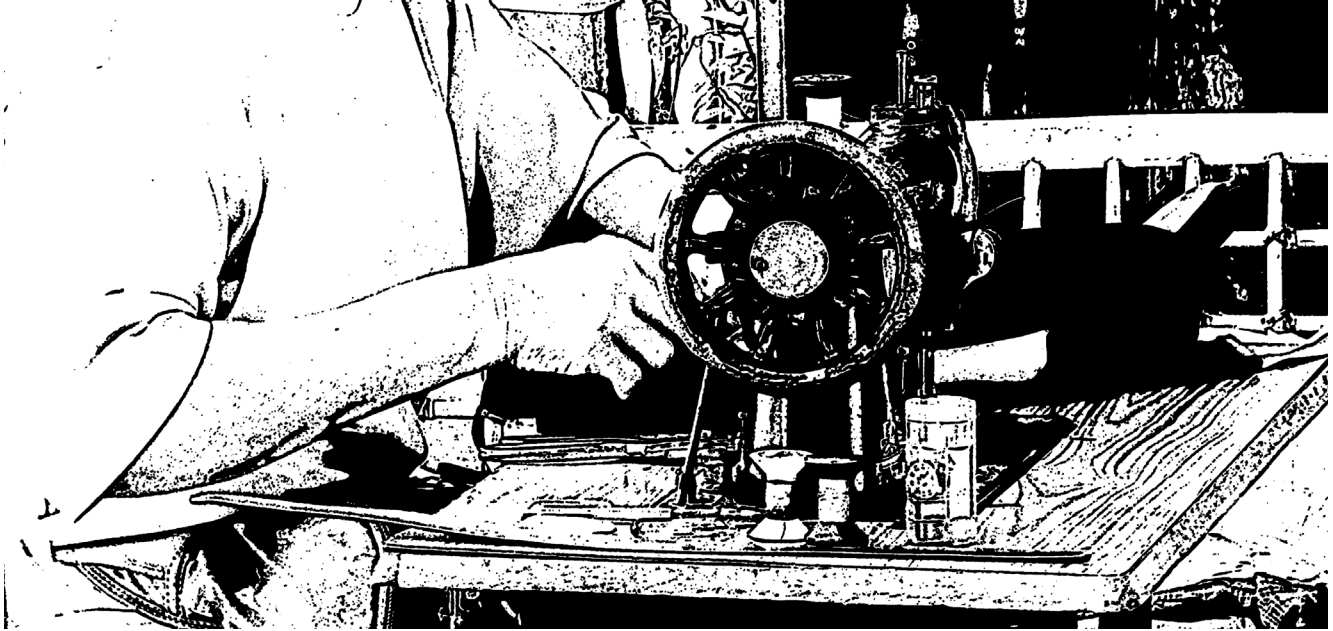
Casualmente se fez isso com a “Pata de Vaca”. Eram dois envelopes sendo que um continha um grama da folha da “Pata de Vaca” e outro um grama de chá da Índia. Esse último se sabe que não altera a glicose. Envelopes iguais e com mesmo gosto e aspecto. Começado o estudo encontrou-se que Pata de Vaca

diminuía a glicose nos pacientes, mas, curiosamente, o chá da Índia também. A explicação é que os pacientes, por estarem participando de um estudo, cuidaram mais da dieta e fizeram mais exercícios.

Dessa forma posso dizer que “Pata de Vaca” não baixa a glicose no sangue e deve ser salientado que se não forem feitos estudos com esse rigor nada pode ser afirmado.

Nessa época de pandemia do coronavírus muitos remédios estão sendo usados sem a realização dos indispensáveis estudos. Para a ciência séria, que dobrou a expectativa de vida dos humanos no último século, enquanto não fizerem os estudos corretos, é tudo chá de “Pata de Vaca”.

(Hugo R. K. Lisboa é MD, PhD, endocrinologista, professor de Medicina da IMED e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Emendando retalhos

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO

Durante a pandemia Covid 19, o isolamento social foi a primeira medida a ser adotada para diminuir a contaminação.

Numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, vive uma viúva que há 29 anos perdeu seu companheiro. Como se não bastasse a solidão, perdeu há um ano atrás mais um homem da sua vida, seu filho cardiologista que cuidava do seu coração.

Confinada em casa, pela Pandemia, nos seus altos 91 anos e os incômodos da idade, foi preciso encontrar-lhe uma ocupação. Sua máquina de costura tornara-se um móvel decorativo. Os sons do pedal, que outrora foram como uma melodia que fazia vibrar a sua alma durante décadas, hoje o silêncio é o único som que esse instrumento produz. As lidas da casa que eram sua rotina já diminuíram muito pela dificuldade de caminhar. Agora uma bengala é a sua fiel companheira. Devido a essa nova forma de caminhar foi conveniente retirar o tapete da sala. O qual após muitos anos permaneceu estendido no chão sobre o piso de parquet que era moda na época. Já apresentava deformações por ser um trabalho artesanal de pele de ovelha. Lembrança de uma viagem a Gramado.

O que fazer com aquele tapete? Poderia ser doado a uma instituição de caridade. O que eles fariam com aquela pele toda, por vezes esburacada?

As duas filhas de Dona Irma decidiram retirar a lã do couro e desfiar cada pedaço. Seria um trabalho de paciência e bem demorado. Depois seria lavada, secada ao sol para poder reutilizá-la em outro formato. Por que não dar essa tarefa a Dona Irma, viúva, filho morto recente, covid 19 a espreita de qualquer descuido que ela tivesse.

E assim foi feito. Bia e Liz suas filhas lhe ofereceram essa tarefa. Dona Irma ia desmanchando, desmanchando, e Liz lavando, lavando e colocando ao sol. Lã lavada, seca e cheirosa. E ela agora desocupada.

Pensaram em uma nova tarefa: abrir toda a lã para que ficasse fofa como as nuvens que tinham forma de ovelhas, bastava olhar para o céu. Dona Irma novamente ocupada! Muitos sacos de lã foram se acumulando na dispensa da casa dela. O que fazer com toda aquela lã? Perguntaram-se as filhas.

Bia e Liz foram à busca de comunidades religiosas que prestam trabalhos em favor dos que pouco tem. Mas sem sucesso. Esses grupos já estavam com número reduzido de senhoras, pela idade avançada e outras por não estarem mais entre nós.

Decidiram elas mesmas fazer alguma coisa com as lãs. Não viam a possibilidade de jogar tudo no lixo, depois de tanto trabalho e também por as terem recuperado. Mesmo que o objetivo inicial fosse manter a Dona Irma ocupada, afim de diminuir a sua inquietude diante da vida. Todos sabem que não está fácil pra ninguém viver no isolamento com medo

de ser contaminado por um ser invisível que não deixa pistas onde ele está.

Dona Irma fora costureira. Mas só costurava para a família. Naquele tempo quando uma moça casava levava uma máquina de costura no enxoval. Mas agora a máquina estava sem atividade.

Por que não usá-la? Por que não reavivar os seus pontos? Porque não emendar emoções, sentimentos, cores, texturas? Emendar a vida um pouco mais, questionou sua filha Liz.

Então ela mesma resolveu emendar retalhos com a ajuda da velha máquina Singer 667, cuja cor é verde, da cor da esperança.

Como já havia visto, desde criança, sua mãe costurando, sentou-se a máquina. Em sintonia com a velha Singer começou a emendar retalhos formando um grande pano que se transformou em uma coberta recheada de lã de ovelha, quentinha, quentinha para os frios mais ou menos rigorosos dessa região.

E assim seguiram fazendo acolchoados. À medida que ficavam prontos, Bia levava para entidades assistenciais que doavam a famílias necessitadas.

Apenas foram compradas linhas de costura. Os tecidos foram doados por costureiras, amigas, parentes, vizinhas.

E ainda continuam.....

Como não tem mais lã fazem o enchimento com retalhos picados

Nova tarefa pra Dona Irma: picar retalhos.

(Liciane Toazza Duda Bonatto é artista plástica, Passo Fundo, RS.)

Liberdade existe?

SUELI GHELEN FROSI

Segundo a filosofia, liberdade é a independência do ser humano. Isto é o mesmo que ter autonomia, porém, na prática, restam os questionamentos de que liberdade é utopia. Sartre, Descartes, Kant e Marx tiveram o cuidado de questionar o conceito. No dia a dia fica evidente a nossa incapacidade de sermos realmente livres.

Há profissionais brilhantes completamente dependentes do que pensam as corporações à qual pertencem. Pode-se aplicar essa dependência a todos os campos da atuação humana. Como agem os médicos ante o poder dos grandes laboratórios e planos de saúde submetidos a interesses multimilionários difíceis de serem driblados? A atuação profissional, nesse contexto, leva em consideração só a vida dos pacientes?

Assim como os médicos, o pensamento de jornalistas fica limitado à corporação. Como movimentar-se frente a interesses que movem a mídia? É grave a limitação de que são vítimas pessoas, por vezes muito bem formadas, mas que, frente ao contexto pontual, devem mover-se segundo o que o órgão midi-

ático a que pertencem acha conveniente no momento.

A liberdade de expressão é verdadeiramente exercida quando o profissional é manietado e aviltado em favor dos anunciantes ou da subserviência política?

Creio ser difícil ser livre. Temos limitações no sentido de sermos dependentes de interesses. O grande espaço de liberdade é o particular, desde que não sejamos dependentes financeiramente de espaços em que atuamos. Aí cabe o medo de retaliações, de julgamentos, que podem colocar em risco o nosso ganha-pão.

Quem pode dizer abertamente, dentro do seu estabelecimento, qual a sua posição política? Como expor sua ideologia? Melhor optar pela neutralidade?

No bem particular, dentro da nossa casa, somos totalmente livres? Penso ser o momento de pensar nisso, em um momento sensível do nosso país. Por que estamos tão limitados, sem forças para nos dizermos? Fazemos parte dos que julgam os outros, não permitindo que todos tenham direito a pensar? Somos daqueles que, ante uma notícia de que profissionais agiram fora do que julgamos certo, procuramos saber o que

os moveu, para só aí tirarmos conclusões justas.

Ando bem cabreira sobre o quesito liberdade, preferindo pensar que ela realmente não existe, mas procurando consolo na categoria interdependência, essa sim, bem mais bonita.

Não conseguimos ser nada sem que nossa liberdade seja dependente da liberdade do outro.

Mas a extrema alegria é saber que o nosso pensamento é nosso, bem lá no fundo. Por vezes ele é impublicável, mas com o pensamento posso ser livre, mesmo que esteja em uma solitária. O pensamento não tem limites e merece viajar por aí sem fronteiras.

Com o pensamento alimentado todos os dias com o que vejo, leio, vivo, sinto, tenho a liberdade de formar o que, na prática, transforma-se em minha performance pessoal, personalíssima, convenientemente inserida na vida coletiva, onde não posso prescindir do que exijo para mim, que é o respeito ao pensamento. Ser livre é difícil, mas ter respeito não é.

(Sueli Ghelen Frosi é escritora, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Escola de Pais do Brasil.)



Academia Passo-Fundense de Letras – 80 Anos

Ao receber a incumbência
 Acelerou meu coração,
 Mas erro feito em poesia
 É certo que tem perdão...
 A missão pareceu simples
 Mas não é simples demais
 Afinal quem vai ouvir isto
 É um clero de intelectuais...
 E para fechar a estrofe
 Justifico a minha tensão
 Pois é a nossa Academia
 Que é o centro da Saudação...

Na Academia se escreve
 O que a inspiração nos cobra,
 Durante a vida produzimos
 Depois se vive pela obra...
 Escrever sempre é uma honra
 No sentido mais profundo,
 Outra é ser do Sodalício
 Do meu lindo Passo Fundo.
 Oitenta anos ela completa
 No exercício da cultura,
 Pois se o saber se esconder
 Com ela a gente procura...

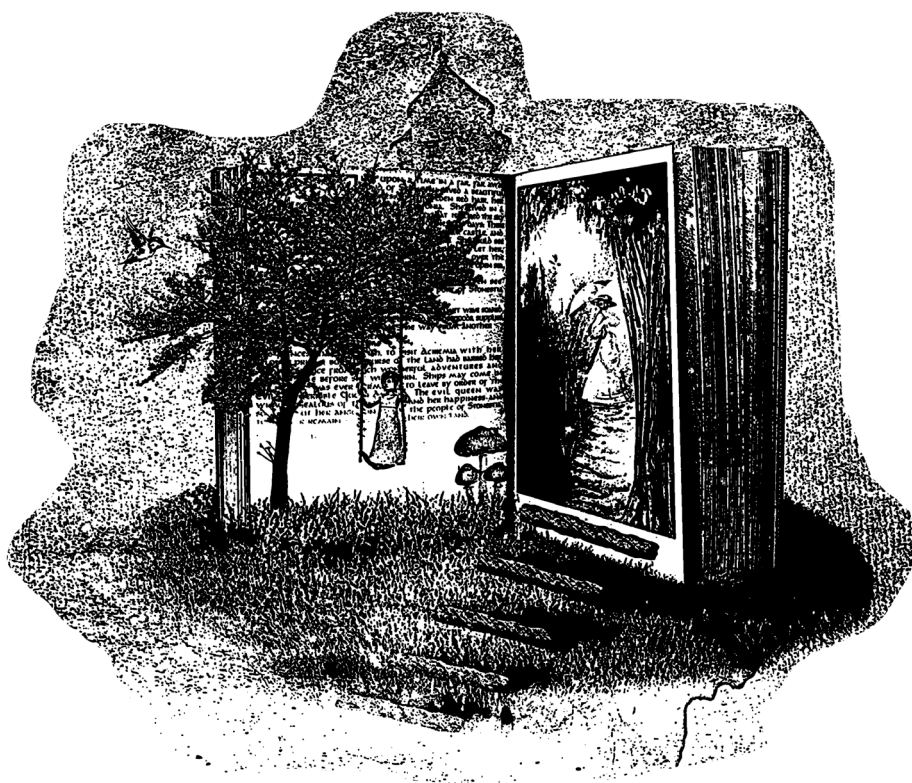
Até houve um preconceito
 De quem se julga analista,
 Mas aqui na Academia
 Não é lugar pra violonista!
 Entrei pela porta da frente
 E não foi pela janela
 Por essa abertura eu só faço
 São serenatas pra ela...
 Em dupla com meu violão
 Um do outro é companhia
 Agora e sem mais rejeição
 Cantamos pra Academia...

Ela também não se nega
 Quando em missão é chamada,
 Faz parte de sua consciência
 Mostrar o rumo ou a estrada.
 Alguém para ser da Academia
 É uma ilustre distinção,
 E tem que ter na sociedade
 Um bom perfil de cidadão...
 Que não transmita soberba
 Nem pratique humilhação,
 E pelo respeito trafegue
 Nunca pela contramão.
 E dirija bem até na morte
 O carro da boa intenção,
 Um grupo que interage assim
 É quase seita ou religião.

Tudo isto que eu citei
 Ainda é pouco ou quase nada,
 Pois não basta só cultura
 Também, postura ilibada...
 Academia mostra a historia
 A do presente e a de ontem
 E a do futuro com certeza
 Estará na Água da Fonte...
 Que se tornou um belo Cofre
 E mantém muitos valores,
 Conta sempre com a energia
 Da Inspiração dos Autores...

Na Academia de Letras
 O terreno é fértil e fluente,
 Obras de tantos confrades
 Vira a planta da semente...
 Cada um com seu perfil
 Buscando tudo na mente,
 E descreve o que prefere
 Na forma que ele mais sente.
 Meus temas têm por mensagem
 O fruto, o tronco e as raízes
 O que componho já chegou
 No mundo em muitos países...

Pois poetizar eu já iniciei
 Bem lá longe no passado
 Quando os versos me diziam
 Que eu estava apaixonado...
 Lembro quando adolescente
 Escrevi para uma garota,
 Que eu estava motivado
 Não por ela, mas por outra...
 Pois ela leu o meu escrito
 Respondeu dizendo assim,
 Pena que teu sentimento



Para um amigo que partiu

Não tenha sido por mim...
Pra ti eu quero é contar
Tudo o que ando adorando...
Pois vivo sonhando contigo
E no sonho sempre te amando...
Escrever é encurtar caminho
Em certos casos para gente,
Por isto meu bilheteinho
Atingiu ela de frente...
Essa moça, ainda trago comigo
Embora a vida bem mais lenta,
Um dia é eu que aguento ela
E no outro ela me aguenta...

Lembro dela quase menina
A escola e os bilheteinhos,
E a vontade de falar
O que é paixão num gurizinho...
Academia é a outra musa
Que também sorriu pra mim,
Mostrei pra ela meus versos
E ela me aceitou assim...
Hoje convivo com as duas
E cada uma é importante,
Através de cantigas e poesias
É que de ambas sou amante...

Das Academias, a grande mãe
É composta por imortais,
A tempo vem dando certo
E motivou outras tais.
A nossa nos envaidece
Em dias simples e nos Natais,
Vivenciar isto no interior
É um lazer ou viver mais.
Na Capital do Planalto
É vista como expoente,
Oitenta anos ela já tem
E parece uma adolescente...

Sua História com escritores
Já imortalizou muita gente,
Por isto que homenageá-la
Nos deixa muito contente,
Pois aqui nesta querência
A cultura anda com a gente...
Propício ponto de encontro
Pra exercitar a emoção...
Hoje é nosso o tempo aqui
Amanhã outros virão...



JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA

O poetinha Vinicius de Moraes no poema O Valor da Amizade, escreveu com rara inspiração: “Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Há alguns amigos que não procuro, basta-me saber que eles existem. (...) porque eles fazem parte do mundo que eu, tremulamente, construí e se tornaram alicerces do meu encanto pela vida. Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado”.

É o meu caso. Estou torto para um lado. O professor Dedé, hoje falecido, era daqueles amigos que a gente não faz, reconhece-os. Nos encontrávamos de tempos em tempos. Como ele padeço do mesmo problema de saúde. Nossa conversa era sobre a evolução dos tratamentos e sobre os bons tempos do Garra e da Faplan, coisa que o fizemos quando ele me visitou há uns três meses.

Era o que bastava para renovar a amizade que começou na década de 1960, ainda no Gama Vestibulares. Depois se consolidou no Garra. Sempre admirei sua inteligência, sua visão crítica e apurada das coisas da política

e da sociedade.

Mais tarde me surpreendeu com seu lado de poeta. Enfim, era um humanista na mais completa acepção do termo.

Hoje, quando recebi a triste notícia, enquanto as lágrimas corriam pelo meu rosto, questionei como a vida às vezes, é injusta demais como quando é tirado de nós alguém especial.

Por outro lado, também é feita de momentos de alegria que foram compartilhados com quem nos deixou. Fica uma grande saudade. Fica o vazio do amigo que partiu.

Vinicius tinha razão. A gente não faz amigos, reconhece-os! O Dedé era um deles. Epicuro, na Grécia antiga, ensinava que a posse da amizade é de longe a maior de todas as coisas que a sabedoria prepara para a felicidade de uma vida.

A alma nobre se ocupa da sabedoria e da amizade: destas, a primeira é um bem mortal, a outra imortal. Meu caro Dedé, acredito que um dia voltaremos a nos encontrar, até lá você estará sempre presente em minhas melhores lembranças.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942)

(José Ernani de Almeida é professor de história e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

No sarau dos meus fantasmas

Voltei da boca do inferno
já nem sei se sou humano...!
Pois meus diabos em revolto
confundiram minha insânia
com os pecados dos outros.
... paguei minha penitência
no sub mundo dos loucos...

Perdi a minha marca terrunha
depois que deixei o Pago...
Mas hoje voltei...
Embora tardo e despácio
num vulto noturno e vago
desbotado pelas eras...
Voltei...
Pra descobrir quem eu era
bem antes de ser ausência,
na remota aparência
da mais sinistra tapera...

- Cá estou eu velhos fantasmas...!!!
Desçam solenes do sótão
sejam meus anfitriões,
preciso vencer os medos
que arrasto como grilhões...
O meu retorno e motivo
pra um sarau com muita dança
quero enfrentar os demônios
que assombraram minha infância...

Hoje dancem... dancem comigo!!
Brindem...!
O vinho do deus das trevas
em barbaresca orgia...
Bebam...
As razões do meu retorno
com gosto de covardia...

A casa grande era esta...
Sim, era aqui o salão de festas
que engalanava a querência,
hoje sobejam gemidos
nos partos da decadência...

Teias de aranhas decoram
candelabros e cortinas,
o asco sombrio e mofo
afogam olfato e retina...
Paredes rotas roídas
por intempéries e ratos
na indiferença austera
dos avoengos retratos...

Dancem...
 Rompendo farpas e brumas
 qual nuvens urgindo garrar
 num sarandeio de plumas...
 Gritem...
 Engolindo mil fagulhas...
 Com provérbios indigestos
 que vomitam aleluias.

Dancem...
 Com indecência profana
 coreografando bailados
 que zombam da alma humana...
 Gritem...
 Sorrindo carrancas feias
 num sincronismo perfeito
 nos trejeitos das caveiras...

... corujas tragam no agouro
 macabras inspirações,
 pra rascunhar os meus traumas
 com a réstia dos lampiões...
 ... morcegos venham pra festa
 comungando aberrações
 chamando outros fantasmas
 que habitam os porões...

Dancem... dancem!
 Qual Salomé ao seu amo
 que por capricho tirano
 teve a bizarra conquista...
 Peçam...
 Meu crânio por oferenda
 qual Salomé por horrenda
 pediu o de João Batista...

Sejam fantasmas somente!!
 Despídos do corpo gasto
 que a muito virou repasto
 dos vermes de um campo santo...
 ... do orgulhoso perfil
 resta o esqueleto vazio
 horrível mas verdadeiro
 é o lado avesso do humano
 que no “arrog” de mundano
 se acha lindo no espelho...

Brinquem...
 Com o cio das criaturas
 no mais satânico rito
 acasalando figuras...
 Riam...
 Dos que no inverso do verso
 vivem no inferno que eu vivo
 estilizando o delírio
 que baila em meu universo...

Dancem... dancem!
 Que enlouqueçam as turbas
 hinários e partituras
 e tenores se agigantem.
 ... dos fantasmas quero abraços
 pra consolar os fracassos
 do meu mundo delirante...!

Sim... voltei da boca do inferno
 já nem sei se sou humano!
 Por isso dancem, dancem...
 dancem comigo!!

Talvez eu tenha morrido
 e ainda não percebi
 e sou só mais um fantasma
 que veio morar aqui!!

(Luis Lopes de Souza é poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Histórico da realização das Semanas das Letras da Academia Passo-Fundense de Letras

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Com vistas a debater aspectos relacionados à literatura, à cultura e ao lazer, valorizando autores e artistas locais, regionais e nacionais, há quase vinte anos a Academia Passo-Fundense de Letras vem realizando a Semana das Letras. Este evento tem como público alvo os alunos do Ensino Médio, do curso superior de Letras, livreiros, escritores, literatos e interessados da comunidade em geral.

Dentre outros propósitos desta já consagrada realização, a APLetras amplia a sua relação com a comunidade e cumpre seu objetivo de difundir e incentivar a arte literária em qualquer um dos seus gêneros, propondo meios que assegurem a expansão e o fortalecimento da cultura.

Foi entre 1o e 6 de abril de 2002, por iniciativa do então Presidente da APLetras, Professor Ironi Andrade, que realizou-se a I Semana das Letras, a qual teve como palco o Teatro Municipal Múcio de Castro, já que naquela época, o atual prédio da nossa consagrada entidade estava passando por uma grande reconstrução.

Passados dez anos, em 2012, retomou-se a ideia da realização da mesma no decorrer da gestão do Presidente Osvandré Lech, dessa vez sob a batuta da acadêmica Marilise Brockstedt Lech. Assim, entre 29/10 e 1o/11, foi realizada a II Semana das Letras, cujo título “A arte da literatura em todas as suas formas” sintetizou os propósitos de destacar autores nacionais que estavam comemorando seus aniversários de nascimento e morte, tais como Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues, bem como a passagem dos 90 anos da realização da Semana da Arte Moderna, marco na história das artes, no Brasil.

A partir daí, em uma conversa infor-



(FOTOS: ARQUIVO APLETAS)



mal com o confrade Paulo Monteiro, concluímos que a posterior edição da Semana das Letras deveria homenagear os autores locais. Ideia aprovada pela comissão, demos início aos trabalhos de organização da III Semana das Letras, cujo tema escolhido foi “Autores passo-fundenses, de onde vêm e para onde vão”. Com a coordenação da confrreira Sueli Gehlen Frosi, esta edição foi realizada no auditório da APLetras, entre 09 e 11 de abril de 2014, período que o confrade Gilberto Cunha presidia a APLetras.

Assim, a Semana das Letras da APLetras foi tomando forma, e a sua realização tornou-se evento tradicional no município, sendo realizada a cada dois anos, intercaladamente ao Concurso Literário da APLetras, atividade esta,

bianual, também.

Na sequência, veio a IV semana das Letras, onde foram abordados temas da literatura gaúcha. Com o título “Simões Lopes Neto: da ficção à história do Rio Grande do Sul” e sob a competente coordenação do acadêmico Agostinho Both esse momento especial do ano acadêmico realizou-se entre 02 a 05/05/2016, com toda a programação desenvolvida no Auditório da APLetras. À época, a Presidente da APLetras era a acadêmica Dilse Piccin Cortezze.

No ano de 2018, a APLetras decidiu estabelecer parceria com o Instituto Histórico de Passo Fundo e com a Secretaria Municipal da Cultura, tendo a V Semana das Letras desenvolvido parte da sua programação ao ar livre, na Arena do Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto,



localizada na área de intersecção entre as três entidades envolvidas. Com o tema “Literatura: a arte e a ciência do ser”, o evento contou com inúmeros convidados e teve, inclusive, exposição de quadros dos integrantes da Confraria das Artes. A realização desta ficou a cargo da acadêmica Marilise Brockstedt Lech, e o acadêmico Odilon Ayres, que cumpria sua gestão como Presidente, aproveitou para fazer um discurso em homenagem ao 81o aniversário da APLetras, no dia 07/04/18, no encerramento deste evento.

E eis que o ano de 2020 chega com

a inesperada pandemia da COVID 19, o que fez com que muitos planos da APLetras precisassem ser reelaborados. Ao invés da realização da Semana das Letras, organizou-se uma Webinar denominada “Academias de Letras: seus propósitos e suas ações em tempos de pandemia”, que contou com a participação on-line, pelo aplicativo Zoom, de quase trinta acadêmicos, pertencentes a dez diferentes academias do estado do Rio Grande do Sul.

Iniciando um novo ano acadêmico, é hora de planejar. A tão aguardada vacina que nos protegerá do vírus da COVID

está chegando, aos poucos, bem como a nossa esperança de voltarmos ao “velho normal!”. Tempos melhores virão, assim como mostra a história da humanidade. Depois de pandemias, guerras e revoluções, o mundo dá saltos em sua evolução. Está aí um possível tema para a próxima Semana das Letras.

Por fim, no Art 6º, do Capítulo II do Estatuto da APLetras, onde estão postas as finalidades e objetivos da mesma, fica evidente a primordialidade da prática da Literatura em língua portuguesa, congregando e auxiliando no desenvolvimento e expansão da arte literária, em qualquer dos seus gêneros, seja de ficção, ciência ou história.

(Marilise Brockstedt Lech é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

João da Silva Belém

MARCOS ANTÔNIO BULGOS DE ANDRADE

Em 10 de dezembro de 2015 tomei posse na Academia Passo-Fundense de Letras, oportunidade em que recebi a cadeira número 06, cujo Patrono é João Belém. Na primeira reunião fui agraciado pela confeitaria Marisile Brockstedt Lech com um exemplar do livro que comemorava os 75 anos da Academia, onde consta, além dos membros efetivos da época e suas biografias, também os patronos com suas respectivas biografias. Biografias estas resumidas, por óbvio.

Me considero um buscador. Um curioso que não se contenta com algumas frases explicando um evento, um fato ou descrevendo uma pessoa. Sempre há algo mais a se aprender.

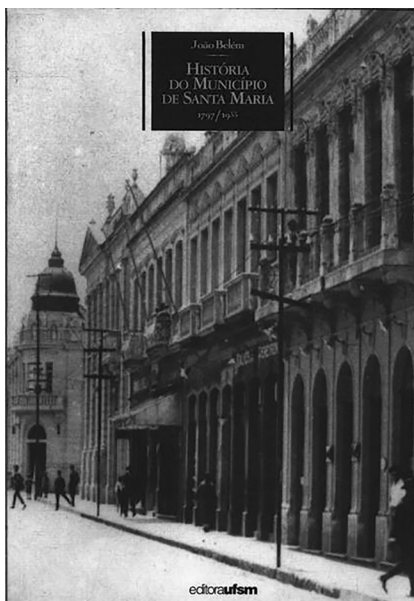
No ano de 2017, não recordo com precisão, fui à Santa Maria, terra na qual João Maria produziu várias obras, em especial, para aquela cidade, a obra “História do Município de Santa Maria - 1797/1933”, publicada em 1933, dois anos antes de seu falecimento, que ocorreu precocemente aos 61 anos, no ano de 1935, período marcado por grandes homenagens póstumas ao ilustre morador.

Naquela cidade encontrei uma escola que levava o nome do nobre Patrono, Escola Estadual de Ensino Fundamental João Belém, localizada na Rua José do Patrocínio, 30, centro da cidade. Pedi permissão para visitar a escola e fui à biblioteca. Lá, recolhi material e informações acerca do homenageado.

Nessa busca, uma descoberta. No livro “75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras - 1938/2013. História, patronos, acadêmicos e ações em prol da cultura”, na página 202, dedicada ao patrono João Belém, por um equívoco seu nome consta como João Maria Belém, quando o correto é João da Silva Belém.

Sanada a questão sobre seu nome, listo a seguir um breve histórico sobre quem foi João da Silva Belém.

João Belém, como ficou conhecido, era natural de Porto Alegre. Nasceu no dia 24 de março de 1874 e faleceu em Santa Maria, cidade do coração, no ano de 1935. Curiosamente não logrei,



em nenhuma de minhas pesquisas, identificar a data exata da passagem de João Belém.

Foi professor, poeta, historiador, funcionário público, jornalista, teatrólogo e conferencista, membro da Academia Rio-Grandense de Letras e sócio cor-

respondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Aos 27 anos, quando ainda residia em Porto Alegre, lançou seu primeiro livro intitulado Aerolithos. Aos 59 anos lançou seu último trabalho, nominado História do Município de Santa Maria - 1797/1933. Faleceu dois anos pós a publicação. Somente foi reconhecido após sua morte, quando então foi erigido um busto em sua homenagem, uma rua e uma escola, fundada em 22 de maio de 1937, receberam seu nome.

Ainda, como reconhecimento por sua importância no cenário cultural do Estado, a Academia Rio-Grandense de Letras tornou-o Patrono da cadeira 28 e, humildemente, mas não menos importante, a Academia Passo-Fundense de Letras o tem como Patrono da cadeira 6, em que orgulhosamente me assento.

A seguir, um poema da lavra de João Belém, com termos e escrita usuais na época.

(Marcos Antônio Bulgos de Andrade é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A Política

A traira é um peixinho; não é grosso
Nem comprido, mas feroz e traiçoeiro;
Quando tem fome e não encontra almoço
Leva aos dentes a carne do parceiro.

Assim é a política! Um colosso
De perfídias! Um monstro verdadeiro
Que é capaz de engolir com carne e osso
O seu mais dedicado companheiro.

Desde que se compreenda necessário,
Para a “boa harmonia” do partido,
Sacrificar-se o correligionário, lutou,

Lança-o fora o Partido em que lute
Como quem bota fora, distraído,
A ponta do charuto que fumou



20 de março: Dia Mundial da Agricultura e a deusa Ceres

ELMAR LUIZ FLOSS

Uma das características da agricultura antiga era sua relação com os ritos religiosos e o trabalho da mulher. O início do plantio e da colheita sempre era realizado pelos reis ou imperadores, a autoridade maior. Como somente a mulher tem o dom de gerar outro ser, o dom da fertilidade, esse trabalho de manejo das culturas era realizado por elas. Aos homens, cabiam o desmatamento, as queimadas, a caça, a pesca e o cuidado dos filhos. A mulher realizava o trabalho de plantio e colheita. Nas tribos indígenas brasileiras mais primitivas, ainda é a mulher que realiza os trabalhos de cultivo de culturas, exatamente como no Oriente Médio antes de Cristo.

Por essa razão, a agricultura tem uma deusa, Ceres. É, na verdade, o nome romano dado à deusa grega Deméter, a Mãe da Terra. Ceres, na mitologia romana, era filha de Saturno e Cibele, amante e irmã de Júpiter; irmã de Juno, Vesta, Netuno e Plutão, e mãe de Proserpina (Persephone), com Júpiter (Zeus). Segundo os mais diferentes relatos existentes, a deusa “Mãe da Terra” tem a função de proteger, de abençoar e de garantir a fertilidade; a arte de semear, de colher e de fabricar o pão; o potencial de nutrição; o não pertencimento a ninguém; o arquétipo materno; a descoberta da razão para viver; a posse e a obstinação; a necessidade de acompanhar os ciclos da vida; e as características taurinas.

Ceres também era a deusa siciliana (região que, naquela época, pertencia à Grécia, hoje, Itália), das sementes, especialmente, dos grãos alimentícios cultivados na época, principalmente, o trigo. Daí, originou-se a denominação de cereais para as culturas produtoras de farinhas (ricas em amido), como o trigo, a aveia, o centeio, o arroz, o milho, o triticale, o sorgo e outras de menor importância, usadas na elaboração do pão. A introdução do culto à Ceres em



Quadro em homenagem à “Ceres, deusa da Agricultura”, na Associação de Engenheiros Agrônomos de Campo Mourão-PR

Roma data de 496 a.C. e parece provir do cerco da cidade pelos etruscos, enquanto Roma era ameaçada pela fome. E atribui-se à Ceres a volta da produção de alimentos.

Segundo a lenda, Ceres foi seduzida pelo irmão Júpiter e teve uma filha dele, Prosérpina (Persephone). Prosérpina cresceu alegremente entre as outras filhas de Júpiter, mas, sendo extremamente atraente e bela, seu tio Plutão (Hades) se apaixonou por ela e arrastou-a para o inferno. Quando Ceres chegou ao local, não havia mais sinal de Prosérpina. Por nove dias e nove noites, Ceres vagou pelo mundo com uma tocha acesa no vulcão Etna, em ambas as mãos, procurando a sua filha. Ceres, então, decidiu abandonar a sua condição divina até que sua filha retornasse para ela, que se tornou estéril. Infelizmente, a jovem, por ter comido sementes de romã, ficou ligada para sempre aos infernos. Como consolo à Ceres, ficou estabelecido, no Monte Olimpo, que Prosérpina desceria, anualmente, ao reino do seu esposo, durante o outono e o inverno, quando a terra repousa. Na primavera e no verão, ficaria em companhia de sua mãe.

Essa é a razão pela qual, quando Prosérpina deixa o inferno para estar com a sua mãe Céres, a terra floresce, trazendo a primavera e o verão aos mortais como

um sinal da alegria de ambas as divindades. período de muito sol e temperatura adequada, que permite o crescimento das culturas e a produção de alimentos. Quando chega o momento de Prosérpina deixar sua mãe para ir ao inferno, o outono e o inverno cobrem a terra em sinal de profunda tristeza.

Ceres, contente, voltou a trabalhar pela alimentação dos mortais. Viajou muito com seu marido Baco, o deus do vinho, a bebida dos nobres. Diz a lenda que Ceres também ensinava a elaborar cerveja, um líquido alcoólico, a bebida dos plebeus, a partir da fermentação da massa de pão, portanto de farinha de trigo.

Como o início da primavera, no Hemisfério Norte, ocorre no dia 20 de março, nesse dia comemora-se no mundo inteiro o Dia Mundial da Agricultura.

Mesmo que o dia 20 de março é o início do outono e seguido do inverno, o início do período de tristeza, segundo a lenda, a data também é comemorada no Hemisfério Sul.

(Elmar Luiz Floss é engenheiro-agrônomo e licenciado em Ciências, doutor em Agronomia, professor Emérito de Passo Fundo, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, consultor em Agronegócios, professor aposentado da UPF, professor e diretor do Instituto Incia – www.incia.com.br)

Antonio Augusto Meirelles Duarte (1934-2019)

(FOTOS: ARQUIVO APLETRAS)



Panegírico Antonio Augusto Meirelles Duarte, Passo Fundo, RS, 23 de novembro de 2019.

IRINEU GEHLEN

Que incomensurável e mastodônica honra foi-me concedida para homenagear o Dr. Antonio Augusto Mereilles Duarte.

Não poderia deixar de fazê-lo, porquanto o homenageado foi, ao longo de meio século um amigo leal, sempre pronto para ajudar os outros, naquela simplicidade que lhe era peculiar.

Foi membro e presidente destacado deste Sodalício. Homem do rádio, da televisão, do jornal e correspondente da Caldas Júnior, Correio do Povo e Folha da Tarde.

Seu passamento foi, e é, e será, sempre, razão de profunda e sentida consternação por todos os seguimentos

da sociedade passo-fundense e rio-grandense.

Meirelles Duarte era respeitado por todos em razão de suas invejáveis condições e qualidades de paladino do jornalismo e do direito, pendores peculiares e únicos e engrandecidos pela sua simplicidade e humildade que o tornaram magnânimo.

Deixou a prantear-lhe a morte, além da sua esposa, Sra. Mary Raimundi Duarte, os filhos Cezar Augusto Duarte, Luiz Felipe Duarte e Márcio Alexandre Duarte, e seus netos Gabriel, Fernanda e Beatriz, família honrada e querida da nossa sociedade, a quem saudamos e homenageamos respeitosamente neste insigne e venerável momento.

Meirelles Duarte, além de jornalista ativo e destacado advogado, era tam-

bém escritor e extremamente religioso. Tivemos, sempre, ao longo do tempo, grandes parcerias e nos tornamos amigos fiéis e solidários. Lembro-me das jornadas esportivas da Associação Atlética Cosmos, nos Campeonatos Estaduais, projetando Passo Fundo no cenário nacional.

Nesse momento, parafraseando Gomes de Camargo, é pertinente que indagemos: “O que é o homem? Um ser sensível e temporal, posto entre o nada e o túmulo.”

Desabrochamos como a débil flor ao orvalho matutino, mas, apenas o astro do dia dardeja seus raios, murcha, definha e seca. É a sombra fugitiva, que não permaneça no mesmo estado. É, sinae dubio, a água que corre sobre a terra para não mais voltar.



Caríssimo Presidente desta Academia, como se trata, aqui, hoje, de um panegírico, podemos usar o vernáculo latino: “omens morimur, et quasi aquae dilabimur in terram, quae non revertuntur.”

É, uma sentença fatal: eis aí o triste destino da humanidade. A implacável morte pisa, com igual pé, o majestoso palácio dos reis e a humilde cabana do pobre.

Vale lembrar e o momento é propício que nem o viço valente da mocidade, pode alongar nossa existência, porquanto o fio da foice, ceifadeira, vai cortando os dias implacavelmente.

Assim, ó orgulho humano, como és baixo e mesquinho ao pé do sepulcro! Ó homem! Ó cinza soberba, quais são os títulos de sua grandeza, de sua glória?

Qual será a vossa consolação, quando acabamos de perder esse amigo compreensivo e querido, esse jornalista, esse advogado brilhante, esse pai de família honrado e dedicado, esse homem culto e profundo nos seus pensamentos?

Esse grande amigo, por cujo passamento hoje choramos, em que pese todas as qualidades e virtudes a coroarem sua pessoa, jamais deixou de ser um homem humilde e desinteressado, um cidadão tão importante na sua comunidade e, ao mesmo tempo, tão acessível a quantos lhes dirigiram a palavra ou um apelo. Nosso falecido confrade foi tão virtuoso para com os virtuosos, quanto tolerante para com os defeitos alheios!

Consola-nos a crença geral, fortalecida pela religião -e ele, era religioso-, é de que há uma eternidade feliz para o justo. Todavia, essa esperança consoladora, depositada no íntimo do nosso coração, como diz Job: é um bálsamo salutar, e que pode cicatrizar a defecção que acabamos de sofrer nesta Casa de Cultura.

Sei e reconheço, senhores acadêmicos e caríssimas confradeiras, precisaria, neste momento, dos ornatos da eloquência para louvar e descrever Antonio Augusto Meirelles Duarte.

Mas, o mais importante é que tenhamos presente, sempre, a lembrança da perda irreparável desse grande homem.



Marisa Zilio (E), Mary Raimundi Duarte e Marilise Lech.

Poucas e pobres são as referências que faço para o objetivo alcançado de homenagear Meirelles Duarte. Entretanto, estão a espargir lágrimas de saudades e preto de homenagem a quem tanto delas é merecedor.

Vocês, os filhos, do nosso homenageado, serão a projeção da memória indelével de Meirelles Duarte. Novamente, a natureza, sempre sábia, eterniza a obra de Deus.

Indubitavelmente, o espírito do nosso homenageado perpetuar-se-á “per seculo seculorum”, a existir. Os filhos, os netos e gerações futuras de seus descendentes eternizarão a passagem do nosso homenageado que alcançou a aprovação incondicional “et cum laude” do Supremo Árbitro do Universo, o Juiz dos Juizes.

Aí está, senhoras e senhores, em um desprezioso debuxo oratório, os traços e o espírito desse coração generoso, a quem a Academia Passo-Fundense de Letras deve sua permanente reverência. Meirelles Duarte, passa a ser credor do reconhecimento de toda a comunidade passo-fundense, onde atuou de forma destacada e proficiente.

Meirelles não era um homem comum. Foi e será, sempre, com respeito e admiração, lembrado por esta Casa e sua cidade. Por todos esses dotes, foi chamado à presença de Deus, onde se encontra junto à luz que sempre o iluminou aqui na terra.

Assim, a Ele, tributamos nossa derradeira homenagem devida e imposta aos grandes homens. A presença do Dr.

Antonio Augusto Meirelles Duarte, na Academia Passo-Fundense de Letras, frise-se, engrandeceu este Sodalício, mercê do seu labor cultural, suas palavras, seu espírito inovador, que se impregna, agora, nos livros e arquivos deste recinto, e ilumina nossas almas e nossos olhos, eis que ele nos orgulha e nos honra.

Por isso tudo solicito aos diletos e queridos confrades, para que guardemo-lo, em nossos corações e em nossas lembranças.

Chesterton, o inolvidável, proclamou: “Há grandes homens que fazem com que todos os demais se sintam pequenos. Mas, o verdadeiro grande homem é aquele que faz com que todos se sintam grandes”.

Afinal, fica da vida aquilo que fomos e somos. Nesse espaço e nesse ambiente invisíveis, vivemos nós.

O presente é tão frágil que não se pode tocar sem destruí-lo..

E o poeta Álvaro Moreira, arremata: “Não se vive, viveu-se. As árvores nos lembram que somos nascidos para crescer!” Apesar de perderem completamente as folhas no inverno, elas nos ensinam e nos lembram que a vida é o tempo que temos para crescer, evoluir e progredir.

Gratíssimo!!!

(Pronunciamento do acadêmico Irineu Gehlen em memória do acadêmico Antonio Augusto Meirelles Duarte, sede da Academia Passo-Fundense de Letras, 23 de novembro de 2019.)

Deputado Lourenço Pires, um lutador e um vencedor

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Para desconsolo de seus familiares e de seus múltiplos amigos, eleitores, clientes e admiradores, o advogado e ex-deputado estadual Antônio Lourenço Pires de Oliveira vem de deixar a esfera da existência terrena e ascender aos páramos da Eternidade para desfrutar da paz celestial, conforme sua crença e fé inabaláveis.

Conheci-o quando fazia seus estudos no tradicional Colégio Conceição. Fui seu professor na Faculdade de Direito e acompanhei os inícios de sua atividade como advogado e político em nossa cidade. Data de pelo menos quatro décadas a nossa proximidade. Desde então nos tornamos fraternais e constantes amigos, de permanente convívio, companheiros de lutas partidárias e no foro.

Ao longo desse período pude testemunhar o brilho de sua inteligência; sua lealdade com os amigos; sua lhanza de trato e seu convívio ameno. Em suma, pude apreciar e admirar a grandeza de seu caráter — somatório das qualidades que revelavam o extraordinário ser humano que era.

Sendo advogado e vereador em Passo Fundo, quando do governo Amaral de Souza, foi convidado para exercer a função de assistente judiciário na Procuradoria-Geral do Estado. Depois de instalada a Defensoria Pública Estadual, nela fez carreira e veio a aposentar-se no cargo de defensor público. Ao concluir seu mandato de deputado estadual, a convite do então diretor, Professor Antônio Cachapuz de Medeiros, passou a reger a cátedra de Direito Processual Penal na Faculdade de Direito da UNISINOS, função em que permaneceu até a sua aposentadoria.

Foi um vigoroso e dedicado defensor público, aqui e em Porto Alegre. Na capital, atuou em varas criminais e na vara do júri. Foi na função de defensor público que iniciou sua trajetória como um dos mais eficientes e admirados advogados de júri. Nela prosseguiu



depois de sua aposentadoria como defensor, ao retornar à advocacia privada, para tornar-se um dos mais reputados criminalistas de nosso Estado, com expressão nacional.

Tive a honra de ombrear com ele quando juntos patrocinamos causas de Direito Público, especialmente da área notarial e registral, perante o Tribunal de Justiça, no STF, STJ e Conselho Nacional de Justiça. No magistério jurídico, na UNISINOS e na escola da Defensoria Pública granjeou elevado conceito e conquistou a merecida admiração de seus colegas e alunos, que mais de uma vez o elegeram paraninfo de suas turmas.

Desempenhou três mandatos de vereador em nossa cidade. Em sua primeira legislatura foi eleito presidente da Câmara Municipal. Posteriormente, ao lado do engenheiro Fernando Machado Carrion, foi eleito vice-prefeito da nossa

cidade. Carrion e Lourenço, irmanados em sua missão, consagraram-se como uma das administrações municipais mais profícuas que houve em nossa história. Isso levou Lourenço, ainda antes de completar seu período como vice-prefeito, a conquistar o mandato de deputado estadual. Na Assembleia, teve destacada atuação na Constituinte em 1989, integrou a Mesa Diretora e, sempre defendendo os interesses de Passo Fundo, carrou significativos benefícios para nosso município.

Era um homem feliz e irradiava felicidade. Por seu convívio amistoso e ameno, cativava a todos que dele se aproximavam. Incorrigível otimista, trazendo sempre nos lábios um sorriso sincero, nada podia aborrecê-lo ou entristecê-lo. Era colorado doente. Gostava da boa mesa e era exímio na arte do churrasco. Também era apreciador do chope e das cervejas, desdenhando amavelmente

os uísques e vinhos que lhe ofereciam. Costumava reunir a seu redor fieis amigos, clientes, professores, colegas, alunos e ex-alunos, além de advogados, juízes, promotores e pessoas de todas as classes e profissões. Extrovertido, em qualquer lugar onde estivesse animava os ambientes com suas histórias e casos, narrados com graça e invariável bom-humor. A ausência de sua figura agradável e de cativante simpatia deixa um vazio em todos os corações e nas atividades de que participava: no seio de sua família, na advocacia e na OAB, e no círculo numeroso dos amigos que veio conquistando ao longo da vida.

Foi um esposo, pai e avô exemplar. Vivia pela e para a família, sua esposa Enedi, os filhos Rodrigo, Natacha, Carine e Cíntia, por quem velava com permanente carinho e preocupação. Todo o seu orgulho e alegria eram para os filhos e os netos que foram vindo. Sempre falava neles às pessoas com quem convivia. Empolgado, contava e recontava os seus feitos e seus êxitos. Uma das suas maiores e mais recentes emoções foi quando seu primogênito Rodrigo defendeu tese e conquistou a láurea de doutor em Direito pela Universidade Católica.

Foi sobretudo um homem de fé. Católico praticante, leitor habitual de Santo Agostinho, observava fielmente os preceitos da doutrina cristã. Nestes tempos de descarado materialismo, descrença e ateísmo, impressionavam a sua forte espiritualidade e o vigor de suas crenças. Católico devotado, acreditava firmemente nos valores do Cristianismo e no caráter sacrossanto do indivíduo e da sua alma imortal.

O deputado Lourenço, acima de tudo, foi um guerreiro e um vencedor. Com sua partida prematura, aos 71 anos de idade, Passo Fundo e o Rio Grande perderam um dos seus mais admiráveis e honrados homens públicos. De sua vida e passagem por este vale de lágrimas pode-se afirmar que foi o exercício de uma permanente e incansável missão: A de esbanjar amizade, cordialidade, solidariedade e amor ao próximo. Dele se pode dizer, ao término de sua jornada terrena, com as palavras de Paulo de Tarso na Epístola aos Romanos, que pertenceu ao número dos justos porque combateu o bom combate, acabou sua carreira e guardou a fé.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é jurista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Encadear

Início condenado pela autoria.
 No renascer a autoria nega o veredito.
 Ver é ter a sensação do outro.
 Outros escapam pelas mãos.
 Mãos abertas a distribuir sorrisos.
 Sorri no desinteresse do assunto.
 Assume a república mantida em recesso.
 Retrocede na habitação da vida em cores.
 Coroa a apresentação com aplausos.
 Aplauda a mitificação do herói.
 Heróis são meros artefatos.
 Artes e fatos discutidos ao pé da escada.
 Escadarias são difíceis de serem erodidas.
 Herodes consta no livro religioso.
 Religiões podem ser contra a humanidade.
 Humanos concedem benefícios.
 Beneficiários se ordenam em filas.
 Fila a comida enquanto quente.
 A queadura da batata queima a boca.
 Bocas carregam azedumes.
 Azedos ditos impopulares.
 Impopularmente o desejo se esvai.
 Vai à frente o lançador das pedras.
 Pedreiras dinamitadas removem.
 Mover a montanha até Jeová.
 Já se foram as horas mortas.
 Morrem caramujos.
 Caramujos carregados.
 Carregam os humanos suas casas.
 Casados chegarão lá.
 Lá onde o vento se recusa.
 A recusa pelo amor perdido.
 Perdas são contabilizadas.
 A contabilidade individualiza.
 O indivíduo aguarda.
 O guarda se faz adormecido.
 Dormir é o melhor remédio.

(Pedro Du Bois,
 escritor passo-
 fundense, vítima da
 COVID 19.)





Mudança de planos

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Quem se preparou para a chegada do novo ano com mil sonhos na cabeça, projetos e contas devidamente estudadas e colocadas na ponta do lápis, sequer imaginava que este seria um ano atípico, fora dos tradicionais padrões de todo e qualquer planejamento individual ou familiar. Ouviu-se as primeiras notícias a respeito de um vírus que estava matando algumas pessoas na China, mas não parecia algo tão relevante assim a ponto de causar maiores preocupações ao resto do mundo, uma vez que volta e meia aparecem doenças aqui e acolá facilmente contornadas com o uso de medicamentos específicos para cada caso. O que não se esperava é que o contágio fosse tão rápido de pessoa para pessoa e que o número de mortos triplicasse em tão pouco tempo, ganhando terreno em outros países como a Coreia e o Irã. E, de repente, se estendesse à Itália de maneira absurda, quase impossível de controlar. E, assim foi se disseminando pelos continentes, atingindo países como a Espanha, a França, a Alemanha, os Estados Unidos da América, o Brasil, Moçambique e por aí afora. Generalizou-se de tal modo e tão rapidamente que a ficha parece ter caído para a maioria das pessoas nos últimos dias e para os mais atentos, nas últimas semanas, causando pânico e correria desenfreada aos supermercados e farmácias para se abastecerem de mantimentos não perecíveis, sob o temor de que o pior aconteça. E, de fato, já está acontecendo. Em torno de 12 mil seres humanos já pereceram, em questão de dois ou três meses, desse mal que se alastra vertiginosamente sobre a Terra.

A China, ao que tudo indica, parece já ter começado a apresentar certo tipo de controle sobre o vírus, tomando medidas drásticas que estão sendo copiadas pelas outras nações. O Covid-19 está sendo analisado às pressas pelos profissionais da saúde em busca da cura ou, de pelo menos, uma vacina para proteger as pessoas mais idosas e debilitadas que fazem parte do grande grupo de risco. Até agora, os mais atingidos apresentavam, além da idade avançada, problemas relacionados à diabetes, pressão alta e doenças coronarianas. Os sintomas são de gripe, com febre, coriza e dificuldade respiratória. Muito fácil de confundir com um resfriado comum no início, mas que, quando feito o diagnóstico correto, os pulmões já podem estar em estado lastimável para tratamento. Esses quadros mais graves são levados imediatamente para hospitais onde são intubados, a fim de tentar reverter a situação por demais desesperadora.

O pânico se instalou no planeta Terra. Muita gente morrendo. Fronteiras sendo fechadas em toda parte. Cidades ilhadas. Pessoas reclusas em suas casas, sem perspectiva de, tão cedo, poder voltar à vida normal. E, assim, recolhidas entre quatro paredes, passam a ver os seus sonhos se desfazendo à medida que tentam entender a velocidade com que tudo está ruindo a sua volta. E, percebem que estão fazendo parte de uma guerra mundial onde nenhum país do mundo está livre de participar contra esse maldito vírus, o inimigo invisível de todas as nações. E, assim, vão percebendo que tudo está mudando. Entes queridos em lugares onde é o foco dessa doença insana, sem poderem voltar para casa e correndo todo tipo de risco ao ficarem distantes de suas famílias. Universidades fecha-

das para aqueles que lutaram tanto em busca de uma bolsa de estudos a fim de se aperfeiçoarem no Exterior. Voos cancelados, aeroportos fechados, lojas impedidas de abrir, empresários desconcertados, funcionários temerosos de perder o seu ganha-pão, médicos tendo que escolher entre os pacientes aquele que deve ter maiores chances de sobrevivência porque não existem aparelhos suficientes para todos. Esta é a realidade que se está vivendo no momento. E não é algo que se conserte de um dia para o outro. Serão muitos meses de tensão até que tudo se resolva. A questão agora é a luta pela sobrevivência. Tudo o mais deixou de ser importante em meio a este caos social e econômico pelo qual passa a humanidade.

Diante dessa pandemia, as pessoas já estão começando a perceber que, querendo ou não, terão que fazer uma mudança nos seus planos de vida para este e para os próximos anos. Muitos jogos serão transferidos, olimpíadas adiadas, eleições canceladas, enfim, a população mundial terá que se ajustar a grandes atrasos nas suas pretensas realizações futuras. O ser humano tem uma enorme capacidade de adaptação e com as múltiplas e dolorosas experiências que tem vivenciado nos últimos tempos saberá, mais uma vez, superar-se a si mesmo com toda a dignidade que lhe for possível e, em se superando a si mesmo, conseguirá superar com a solidariedade e compaixão entre os povos essa ingloria crise humanitária.

P.S.: texto escrito no começo de 2020, quando a pandemia da Covid-19 começava a se alastrar pelo mundo. A situação ainda pioraria muito. (Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Amável amante

CLAUDIO JANCZAK

Eles me amam! Eles me amam! Não porque sou bom: eles me amam porque eles são bons. Eles também amam gatos, cachorros, papagaio mudo, menina pobre, menino negro, homem velho que não é da sua igreja. Dizem até que gato feio com toxoplasmose pode vir.

Eles estão prontos para amar. Taí, acho que é essa prontidão para amar que nos aproximou. Eles são pessoas doces, amáveis, como se dizia antigamente.

Peraí, pessoas amáveis são pessoas que se podem amar, pessoas que merecem nosso amor. Amante é a pessoa que ama, pessoa que é dada a amar. Amante é a pessoa que ama, que ama com certa facilidade.

O povo é que começou a dar um uso muito particular à palavra amante. Começaram a torcer o nariz para uma palavra tão apropriada. Onde se fala amante geralmente tem rolo.

Vejam como o significado que se dá a uma palavra pode atrapalhar tudo. Acho que é por isso que muitas pessoas não gostam mais de amar. Acostumaram-se a não amar e a ver a característica de pessoa amante como coisa ruim. E o não amar tornou-se comum. E começou a aparecer por todo lado pessoas que não amam por não terem a habilidade de amar, de não serem amantes.

Tenho um amigo que nas horas vagas começou a estudar o amor. A tese dele é que nas cidades pequenas, mais conservadoras, o amante não é bem visto, ou melhor, o não amante é visto com mais facilidade.

Nas cidades grandes, nas grandes capitais a falta de pessoas amantes é menos sentida ou desculpada com mais facilidade pela tal da correria do dia a dia. E assim os amantes vão desaparecendo.

Cada vez tem mais gente que não ama e não é amada. Foi até criada uma classe de pessoas para carimbar, assinalar as pessoas que não são amantes, e para não ficar muito agressivo, muito direto,

usa-se o eufemismo de chamá-las de mal amadas.

São pessoas sérias, carrancudas, parece que estão sempre esperando o pior. E o pior não vem ou o que vem não acham que seja o pior. Pra contentar um mal amado, para satisfazê-lo, o pior tem de ser “mais pior”. Parece que do amor eles têm uma energia negativa e o coração, como um buraco negro, absorve qualquer energia de amor que se aproxime.

Com maldade, e num exercício de imaginação, começamos a pensar no que seria necessário para abalar, para mexer com um não amante desses. Descartadas as sugestões terríveis, mais pro lado da quase pornografia, a que mais me agradou, embora não seja fácil de conseguir, foi a do colega que fez uma colocação cheia de reticências e com um “talvez” no início: os mal amados, estão esperando que Deus venha beijar-lhes a mão.

(Claudio Janczak é pedagogo e especialista em comunicação audiovisual.)



Afeto ou apego e vice versa

MARISA POTIENS ZILIO

Não sei como classificaria as relações atuais. Lembro de ter vivido um momento da história onde afetos vinham carregados de apegos.

Os apegos eram demonstrados de várias formas. Na família pelos cuidados dispensados aos filhos, pela presença e diálogo entre todos, pelas reuniões de domingo com todos ao redor da mesa, durante muitas horas. Com os amigos nos encontros depois da escola que podiam ser rápidos, mas que revelavam um grande desejo de juntos estarem. Os apegos também eram demonstrados pelas preocupações: - Você já fez seu tema? Venha ajudar a arrumar a casa? O que aconteceu hoje na escola? Não vai muito longe e chegue cedo em casa.

Não percebo muito apego hoje, afetos sim, apegos não.

Talvez esteja confundindo um com o outro, mas vou continuar nesta linha de raciocínio.

Vejo mães e pais enchendo de carinho seus filhos, mas, quando os mesmos se afastam ficando na casa dos avós ou de algum amiguinho dificilmente telefonam, ou de outra forma, procuram saber se está tudo bem.

Vejo jovens sendo abandonados nas casas de seus namorados sem um diálogo antecipado de ambos os pais.

Desapego ou descuido?

Afeto não se complementa sem cuidado. Beijinhos e abraços não são expressões de amor verdadeiro.

O amor se traduz pelo afeto acompanhado de cuidados.

Naturalmente não nos referimos ao apego doentio que impede o outro crescer. Falamos do apego proteção, do apego que se tem mesmo na distância, do apego que se preocupa com o bem estar do outro, com a vida e com a felicidade do outro.

A busca da felicidade para si e para os seus é construção que se faz aqui e agora motivadas pelos nossos amores e apegos.

É natural que alguém "se apegue" ao seu futuro, a sua capacidade de escolhas, rumo a finalidade de sua vida, quando é capaz de apegar-se às suas ideias e ideais.

É óbvio que todos querem ser felizes e o sentido da felicidade há muito é pensado por grandes filósofos.

Muitos apegos atrapalham esta felicidade, por isso se fala tanto em desapego. Desapegar-se de uma estrutura corrompida pela necessidade de mais e mais bens é absolutamente necessário. Mas psicicamente falando só é possível as pessoas que na sua infância e adolescência vivenciaram afetos e apegos e colocaram nas relações interpessoais, e não nos bens materiais, estes valores. Para ser feliz é preciso estar bem.

Aristóteles já expressava que a meta é a felicidade e que para alcança-la é necessário que todas as escolhas sejam pautadas com discernimento.

Li uma entrevista realizada com o psicanalista e



escritor Contardo Calligaris na qual ele afirma que vivemos uma onda de psicopatia.

Nesta entrevista ele questiona a felicidade dizendo como em vários outros momentos- Não quero ser feliz, quero ter uma vida interessante.

Para ele ter uma vida interessante é a de viver intensamente cada momento, ruins ou bons, agradáveis ou desagradáveis. Se a vida não for interessante não haverá felicidade. Faz o contraste entre nossas esperanças e desejos das conquistas futuras, com o viver aqui e agora.

Diz que esperança, fé e sonhos de felicidade são necessários, mas não tornarão a vida interessante se não experimentarmos cada momento.

Em outras palavras temos que viver o momento presente carregado de afetos e apegos porque só temos este momento.

Calligaris continua sua reflexão dizendo que vivemos um momento de psicopatia, que traduz como a de desconsiderar a vida do outro.

Volto a reflexão inicial sem afetos e apegos não desenvolvemos a empatia

necessária a convivência sadia. Quando a destruição da vida do outro seja por ato físico, por atitudes agressivas, por denúncias (fofocas), por exposições gratuitas, estamos numa atitude psicopata onde a vida do outro não tem nenhum valor. Mesmo quando denunciemos “a arte” que nosso filho acabou de fazer sem nenhum respeito ao mesmo, é uma atitude psicopata.

Quem mata se mata, já dizíamos em artigos anteriores.

Nessa atitude de desapego e mesmo vislumbrando certa psicopatia vemos os pais sem convivência com seus filhos, filhos menosprezando seus pais, vemos a desvalorização do cumprimento de tarefas, como as escolares, por outro lado o acúmulo de tarefas as quais adolescentes e crianças são obrigados a cumprir como estudar línguas, participar de um esporte, ou do ballet para as meninas, etc.,etc.,etc..

Ao meu consultório chegam crianças com uma “janelinha” muito pequena de horários livres que dispõe para seus tratamentos. Será que é preciso tanto para uma vida feliz, ou melhor, para uma vida interessante?

(Marisa Potiens Zilio é psicopedagoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Um pouco de poesia romana

AGOSTINHO BOTH

Escrevo algumas linhas ao lembrar três poetas romanos, ainda que maltratadas ao considerar o tamanho dos vultos de nossa língua materna. A visão de mundo, dita e vivida por nós, deve muito às grandes figuras da poesia latina. Sei pouco e por pobre conhecimento ainda assim digo o que sei. Não sou latinista, mas devo gratidão a quem fez tão bela obra de arte dando-nos de presente poemas e ideias que alimentam ainda nossa linguagem e nossa literatura.

Horácio

Tendo-me como amante de versos bem feitos vou até o pote romano e aí vejamos três poetas para apreciar um pouco dessa arte.

Eles mostrarão a palavra boa que das artes é a melhor: Horácio, Virgílio e Ovídio.

Horácio, pensador e poeta, filho de um escravo liberto. Seu pai ofereceu-lhe estudos ainda que pobre. Em tudo haveria fracassos, mas a bondade do pai foi excelente. Reúno, então, diversas partes numa só: um pecado contra poeta tão vasto. O tempo urge:

Lá vem Horácio, poeta puro e grato
Pela vida a dizer seus versos:
“Boa morte tem o homem que luta
Contra o destino incerto,
Tendo glória nas cinzas paternas
E deuses a orientar labutas.
Assim siga o caminho, destemido
Colha o dia e não se preocupe
Pelo dia de amanhã. Beba o vinho
Junto a quem ama o momento curto.
Desista do colo materno, vá em frente
Já é tempo de achar um homem
Ou mulher para fazer feliz a hora
E quando te vier o velho
Tenha ainda as antigas feições.
Ainda que pouco resta:
Nem a cor ou a morada certa.
Olha o sol em seu brilhante carro
Sobre a paisagem da amada pátria.
Aplique os ouvidos aos rogos dos meninos.
Cantemos com o que nos ponha em brasa.
Tragamos ao peito alegria e honra
Não contemos quantas gerações
Temos aos ombros ou se o coração
Se consome em fogo lento.
Vamos em frente mesmo que:
Penda sobre as cabeças brancas
A espada afiada a nos tirar a vida”.



Um pouco de Virgílio

Dante diz dele:

“Na verdade, és meu mestre e meu autor;
ao teu exemplo devo, deslumbrado,
o belo estilo que é o meu valor.”

E se refere a Virgílio como se este fosse o cara entre os poetas romanos.

E também Henriqueta Lisboa diz de Virgílio: “Esse reconhecimento da beleza, junto à simplicidade quase rude, Sobreleva os dons da natureza: A expressão que transcende esse destino

O verbo humano, então, se faz divino”.

Como elogio aos campos e às florestas, Virgílio escreve as Bucólicas e, para fazer-lhes o elogio, apenas vai uma pequena demonstração:

“Ó Títero, que estás deitado debaixo da copada faia
Compões um poema rústico na tênue flauta pastoril,
Nós deixamos as fronteiras da pátria e os agradáveis campos

Ó Molibeu, um deus nos fez estas tranquilidades!
Ele permitiu que minhas vacas vagueassem à toa
E eu próprio tocasse na flauta agreste”.

Virgílio também em poemas escreve em Eneida o testemunho histórico sobre a vinda e a vida dos Romanos. Tem em Eneas o principal protagonista e, em divinas formas, semelhante à odisséia de Homero, inclui nelas o céu e o inferno, igual ao pensamento hebraico.

“Começarei (a história romana), ainda que o espírito estremeça

E a lembrança seja avessa ao pranto:

Vou dizer palavras pra alegrar meu canto

Eu, que entoava na delgada avena

Rudes canções quando egresso das florestas,

Me dei por exigência escrever poemas

Para Eneas e seus soldados em conquista

E, em derredor, vagando anos e anos,
De mar em mar a sorte lhe obrigava:

Tão grave era plantar a romana gente.”

Resultando disso: a Itália com seu povo. E eu, escondido em casa, aqui no Rio Grande do Sul, mostro em letras muito pobres, um pouco de Virgílio. E me orgulho, como tantos, de trazer no sangue a lembrança de Virgílio e a formação dos italianos.

Ovídio, o poeta do amor

“Aqui jaz Nasão, cantor de suaves amores, que pereceu por causa do próprio engenho.” O Epitáfio de Ovídio, diz da devida expressão que lhe convinha.

Para iniciar, um pequeno ensaio:

”Mais de uma vez também, feliz madrugador,
Junto ao purpúreo leito a furto penetrando,



Fui te colher dormindo; e sobre o rosto brando,
E sobre o colo branco, e seio encantador,
Solto em desalinho, o cabelo gracioso.
N’essa desordem linda, inda eras mais formosa.
Cíntia, a primeira, me prendeu com seus olhinhos,
Então Amor tirou-me a altivez do olhar
e esmagou minha testa com seus pés
Já faz um ano que o furor não me abandona”.

Ricardo Sérgio apresenta alguns traços da vida de Ovídio:

“Seu pai opôs-se, energicamente, à sua vocação poética, queria que ele estudasse retórica para atuar na área jurídica, mas a poesia prevaleceu. Sua primeira recitação ocorreu aos dezoito anos.

Ovídio vivia uma vida boêmia, graças a uma renda razoável, trafegava pela noite romana admirado como um grande poeta. Desfrutava da intimidade da família de Augusto e dos seus. Quando seu prestígio chegou ao auge, um decreto com o lacre de Otávio Augusto, imperador de Roma, ordenava seu desterro, sob a acusação de imoralidade, por causa de seus livros A Arte de Amar, Cartas das Heroínas, coletânea de supostas cartas que os grandes amantes das lendas gregas trocaram entre si; e Amores (cinco volumes). Ovídio influenciou a poesia bucólica e mitológica do Renascimento e os autores Dante, Milton e Shakespeare.”

Entre 2 e 8 d.C., Ovídio escreveu: Metamorfoses poema narrativo em 15 cantos (livros).

O poeta aventurou-se a prever nos últimos versos de Metamorfose que lhe sobreviriam e seria lido enquanto o nome de Roma fosse conhecido:

“Terminei, enfim, esta obra, que nem a ira de Júpiter, nem o fogo,

Nem o ferro, nem o tempo devorador poderão destruir.

Quando aquele dia, que dispõe apenas do meu corpo, quiser,
Poderá pôr fim ao tempo da minha incerta vida;

Mas com a melhor parte de mim me elevarei imortal

Sobre as estrelas, e o meu nome não perecerá

Em toda parte onde o poder de Roma

Se estende sobre as terras submissas,

Os homens me lerão, e minha fama

Há de viver, por séculos e séculos.”

Assim concluo breve homenagem aos três poetas, criadores da melhor forma da flor do Lácio culto e belo. Espero não ter maltratado tanto a memória dos poetas.

(Agostinho Both é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Como nove bombas atômicas

Nagasaki chora e se enluta pelo Brasil,
A bomba atômica lançada sobre a cidade,
Matou, meu povo, quarenta mil japoneses.
O coronavírus espalhado nos brasileiros
Equivalem a nove bombas nucleares,
Na segunda semana de abril de 2021,
E outras terríveis estão sendo preparadas.

353.000 mortes, e faltam mais atualizações,
Porque, no Brasil bolsonarista, a burocracia
É incompetente até para contar seus mortos.

Nossas detonações nucleares não são de urânio e plutônio.
A grande destruição do nosso intenso calor tropical,
Nosso deslocamento de ar e contágios virais de morte,
São espalhadas pela radioatividade do negacionismo.

O governo do Brasil, fenômeno muito nacional,
Mata dolorosamente mais que bombas atômicas,
Porque no lugar da ciência solidária para a vida,
Montou a engrenagem da engenharia da morte,
Epidemia da dor, sequelas de efeitos devastadores,
No cotidiano, no futuro, na fome da besta irracional.

Ouviram do nosso hino as margens de carcaças,
Não existem estadistas dando brados de liberdade,
Milhares de Carontes se multiplicam nas barcas
Para transportar, atravessar as águas sujas do poder
E desembarcar os mortos nas costas dos cemitérios.
As moedas nem sempre contam nessa tragédia,
Pois faltam timoneiros, muitos barcos afundaram,
E mesmo os ratos tentam se salvar nesta travessia.

353.000 brasileiros, continuamos diariamente a contar...
Já faltam águas, rios, para o barco de Caronte navegar.
O vento uiva desespero, as lágrimas córregos dos olhos,
Os caixões, barcos naufragados na terra e nela enterrados.

Trezentos e cinquenta e três mil mortos contabilizados,
Mas as cifras já estão carentes de realidade, de toda dor
Dos milhões de enlutados, do pavor dos contaminados
Para sobreviver até o minuto seguinte, não ser intubado,
Submergir no tempo da esperança, quem sabe retornar
Para alegria dos familiares como mais um ressuscitado.

Como nove bombas atômicas a pandemia já matou
De brasileiros, e outros milhares estão enfileirados
Para o abate, como gado; e não como povo varonil
Porque o poder da morte está no governo do Brasil.



Trezentos mil

300 mil brasileiros mortos
 Nem a arca de Noé consegue levar,
 Não cabem nos camburões,
 Entulham nossos mares.
 Faltam covas e ermidas,
 Sobram marés de lágrimas,
 Na alma devastada da nação.

300 mil já rondam nossas consciências,
 A terra mãe gentil virou cemitério,
 O bafejo ceifador ronda seu espectro,
 O gadanho liberou a sua lâmina:
 Morte, morte, morte, aterrorizante
 Palavra putrefata, revela nosso país.

Há um demente em apocalipse
 Habitando a caixa de pandora,
 Alimentando suas vinganças,
 No cenário fúnebre nacional.
 Existem tropas de prontidão,
 Guardas nas esquinas e ruelas
 Liberando o trânsito macabro.

300 mil enfezam a mente doentia.
 Sua meta vai progredindo aos milhares.
 Já não há mais espaço nos jazigos,
 Covas rasas, covas abertas, covas,
 O Brasil em pandemônio, na ira
 Do celerado com poder nacional.

Há um cheiro fétido no seu bafo.
 Peidos de morte, pântanos nos pés;
 Tempestades no horizonte sem utopia;
 Trovoadas nas sirenes das ambulâncias;
 Cilindros vazios de oxigênio e esperança;
 Intubados nas UTIS, como se os brasileiros
 Estivessem empalados por um genocida.

Deslumbra-se a besta com a claque do ódio.
 Terraplanistas somente chegam ao círculo
 Em piruetas de júbilo ensandecido de dor
 Alheia, do inimigo eleito, e odes ao torpor.

Morte! Morte! Morte!
 300 mil brasileiros puxam o fêretro
 De outros milhares a serem abatidos.
 Mortos de plumas, mortos sem direitos,
 Mortos sem cidadania, mortos sem lápides,
 Mortos sem memória, pela banalização da vida.

Mortos que não pesam na consciência da nação



Enfermeiras

A escala ritmada,
 improvisos sonoros
 de fibrilação cardíaca,
 na tela do monitor
 da sala de recuperação.
 As enfermeiras, bailado
 delicado, preciso de atenção,
 entre as camas de esperança.
 Uma tela de fraternidade,
 Hipócrates sacerdotizado
 em delicadeza feminina,
 humanizadas em cuidados.
 Então, vi que sobrevivia
 refletido nos espelhos carinhosos
 dos olhos das enfermeiras.

(Hospital São Vicente de Paulo – Unidade II - IOT, 23/01/2021.)

Confraria

Só acidentalmente, nós,
 da Confraria dos Corações Sensíveis,
 entregamos nossas almas
 às pessoas de outra espécie...

(Luiz Carlos Tau Golin é escritor, historiador, professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Nestor Tangerini: um neoparnasiano de Niterói

PAULO MONTEIRO

Nestor Tambourindeguy Tangerini nasceu em Piaracicaba, no Estado de São Paulo, no dia 3 de julho de 1895 e faleceu no Rio de Janeiro a 30 de janeiro de 1966. Foram seus pais o aventureiro italiano Vittorio (Victorio) Tangerini e a bajeense Domingas Tambourindeguy, filha de bascos.

Professor em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, Nestor Tangerini participou da “Roda Literária do Café Paris” daquela cidade, na década de 1920, como era costume naqueles tempos de *Belle Époque*.

Vivíamos em plena efervescência da “segunda geração parnasiana”. A primeira ofereceu a chamada “trindade parnasiana”: Olavo Bilac, Raimundo Correa e Alberto de Oliveira. E entrávamos para a terceira. E é nesta que se insere o poeta de Niterói.

Afrânio Coutinho (São Paulo: Global Editora, *A LITERATURA NO BRASIL*, V. 4, 7ª Edição, 2004, p. 594 e seguintes) classifica os jovens poetas que se iniciaram nas letras a partir de 1894, sob a influência parnasiana, de “epígonos parnasianos”. Seguem à risca a rigidez formal da escola. Já, à época em que Nestor Tangerini e seu grupo imperavam no Café Paris, havia um certo afrouxamento nos preceitos formais da Escola.

Falando desse último período, assim escreveu Afrânio Coutinho: “De modo geral, a época se distingue pelo afrouxamento do rigor métrico, tanto da parte dos poetas, que tendem para a representação da natureza circundante, como da parte dos que preferem a exteriorização de sentimentos e estado de alma”. (Vol. cit., p. 597).

Nestor Tangerini e seus companheiros inserem-se entre aqueles “que tendem para a representação da natureza circundante”, o que se manifesta claramente através da grande produção satírica. E, desta, uma característica básica é o “afrouxamento do rigor métrico”. O



segundo componente elementar da sátira é o “afrouxamento do rigor linguístico”, glosando a feliz expressão de Afrânio Coutinho.

Esse apego à sátira e ao humor é marca registrada da *Belle Époque*. E foi seu bem e seu mal. Seu bem por que produz uma literatura leve, o “sorriso da sociedade” na clássica expressão de outro Afrânio, o Afrânio Peixoto. Entretanto, a sátira é datada, como “registro” de um caso particular. Não se presta à essência do fazer poético. É o que notamos em belos poemas de Nestor Tangerini. Só se revelam plenamente em estando acompanhados de comentários. Sirvam de exemplo as crônicas em que Nelson Tangerini encerra os poemas de seu Pai.

Essa “efemeridade”, essa “datação” da maior parcela poética neoparnasiana contribuiu para que não fosse bem recebida pela “grande crítica”. E esta, no caso de Niterói, ficava há poucos quilômetros, na cidade do Rio de Janeiro.

É provável - e meramente hipótese - que algum tipo de disputa “política literária” entre a “crítica nacional” e os “poetas municipais” niteroienses também haja contribuído para que os segundos tenham sido jogados para

escanteio pelos primeiros.

Nesse ambiente é que se desenvolve a obra poética de Nestor Tangerini e dos parnasianos do Café Paris.

Não se pode esquecer um ponto importantíssimo: os poetas de Niterói não reuniram seus poemas em livros publicados por editoras que os fizessem circular nacionalmente. E como diz a sabedoria popular: “Quem não é visto, não é lembrado.”

Cabe um agradecimento a Nelson Tangerini, filho do poeta e divulgador de sua obra. Trata-se de um raro e elogiável gesto. A maioria dos filhos esquece a memória dos pais. E a obra destes só é lembrada se render direitos autorais. Nelson me enviou dois livros que dedicou ao poeta de Dona Felicidade, Nestor Tangerini e o *Café Paris* e *A Taba de Araribóia*, que me permitiram um aprofundamento na obra do poeta, que eu já conhecia de referências e poemas esparsos.

(Paulo Domingos da Silva Monteiro é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Nota: Publicado no livro *Cinco Sentidos: monólogos, trovas e letras de músicas de Nestor Tangerini*. Organização de Nelson Marzullo Tangerini, páginas 141 a 143, Autografia, Rio de Janeiro, 2020

O meio que me falta

Se eu viesse de um meio rico
Ou de um meio conchavado,
Este meio, valeria muito mais...
Que meio caminho andado,
Com certeza o outro meio
Meio rápido, teriam arranjado
“E meio de saco cheio”
Nesse meio tenho andado,
Pois sei que é de meio em meio
Que o inteiro é completado...

Mas eu venho de outro meio
Que o meio não é culpado,
Mas para sair desse meio
Eu meio tenho ralado,
Porém quem vem desse meio
Já vem meio carimbado,
E daí por qualquer meio
Somos meio... descartados,
No geral todos os meios
Deixam-nos meio de lado...

Para quem é do outro meio
Sempre um meio é encontrado,
E quem não for desse meio
Tudo é meio complicado,
Mesmo assim procuro um meio
E meio... tenho procurado,
Prometem-me algum meio...
E meio logo... é o resultado,
Meio a isto eu sou vovô
E vivo meio motivado,
Imaginem nesse meio
Ser meio desanimado...

Quase meio a mil e quinhentos
Abril... do meio já passado,
O meio desse descobrimento
Sempre é meio questionado,
Que este meio continente
Meio... fora visitado,
E era um meio paraíso
E também meio habitado,
Por quem era do meio
Que andavam meio pelados,
Esses foram meio extintos
Ou vivem meio cercados,
E um meio de mil anos
Nesse meio foi passado,
Sendo aqui o meio de todos...
É um meio miscigenado,
Se sempre foi meio assim
É mais que meio explicado...

O povo conhece os meios
E acha meio engraçado,
Sermos muito mais que um meio
Meio desconsiderado,
Compomos um grande meio
Assim meio conformado,
Grande grupo desse meio
Vive meio desligado,
E até meio sem pão
Meio doente e não amado,
Sempre meio sem emprego
Ou meio mal assalariado,
Mesmo assim meio iludido
Que o meio vai ser mudado...
Mas por um pequeno meio
Mais que meio enganado,
Manter esse meio assim
Meio mundo é interessado...

Quanto a mim meio ironizam
Que eu ando meio apartado,
Que eu tenho que achar um meio
Mesmo meio inconformado,
Para submeter-me ao meio
Pois sou meio rejeitado,
Tem um meio que nem gosta
De quem é meio informado,
Dizem que meio dão jeito
Para manter meio abafado,
Mesmo assim por algum meio
Sempre acabo meio usado,
E assim meio sem meio
Eu meio passo o meu recado...

Já ando meio nervoso
Também meio apavorado,
Pois só me falta esse meio
O outro... meio tenho mostrado...
Na idade passei do meio
Mais que meio decepcionado,
De tanto ver tantos meios
E nenhum ter me sobrado...
Quem quer andar meio certo
É meio assim o resultado...
Vivo meio de esperança
Que o meio será encontrado,
Mas não aqui neste meio
No meio do outro lado,
Por ser lá o meio eterno
É um meio para cada lado,
Quero ter Deus nesse meio
Pois meio tenho rezado...
Vou chegar lá nesse meio
Mais que meio desconfiado,
Lá sendo meio igual aqui
O inteiro está contagiado...



(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia
é bacharel em Ciências Contábeis,
pós-graduado em Arteterapia, músico,
compositor, escritor, poeta e membro
da Academia Passo-Fundense de Letras.
E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone
(54) 991696942)

Identificando Talentos: Um Projeto ambicioso

DILSE PICCIN CORTEZE

No ano de 2016, nascia o Projeto Identificando Talentos com o objetivo de proporcionar uma maior aproximação entre a Academia Passo-Fundense de Letras, a APLetras, e as Escolas Públicas Municipais de Ensino Fundamental, no sentido de identificar e capacitar jovens talentos na produção literária.

Para atingir estes objetivos foi necessário desenvolver um amplo trabalho de leitura de mundo, com os alunos, para conhecer e apreciar o ambiente que os rodeia; ler a ampla realidade do entorno através da observação minuciosa das paisagens que vê destacando do seu todo os pormenores que a compõe e apreciando o belo no todo; incentivar leituras diversas oferecendo subsídios para que possam conhecer as várias formas de escrita e os seus autores; oferecer condições para a expressão através das diversas formas: falada, escrita, desenho, corporal, dramatização, canto, música, ...; proporcionar o contato dos alunos com os Acadêmicos da APLetras e outros autores, a fim de conhecer o trabalho e a obra de cada um ampliando a sensibilidade e conhecimento sobre a mesma e também reconhecer melhor a comunidade em que vive.

O trabalho iniciou no mês de fevereiro de 2016, com a volta às aulas. Estabelecemos contato com as direções, coordenações e professores para apresentar os objetivos do Projeto e ver da viabilidade de seus alunos interessados em leitura e escrita a participar. A partir de então as professoras, em contato com seus alunos fizeram uma seleção de alunos que se encaixaram nos objetivos propostos. Feito isso, os nomes foram encaminhados para a APLetras e aí iniciamos a montagem do trabalho que foi realizado na sequência.

Normalmente estas aulas iniciaram no mês de abril com um encontro de duas horas semanais. A cada encontro apre-



(FOTOS: ARQUIVO APLETRAS)

Projeto Cultivando Talentos na 33ª Feira do Livro de Passo Fundo, 2019.

sentamos uma novidade. São convidados escritores, acadêmicos da APLetras e outros que trabalham temas diferentes, no sentido de descobrir e desenvolver as potencialidades de cada um. Os encontros aconteceram nas terças-feiras, das 14 às 16 horas na APLetras.

Por serem diversas a formação dos acadêmicos, o planejamento inicialmente proposto é multidisciplinar e os encontros de múltiplas linguagens, desta forma podemos privilegiar os vários talentos e necessidades existentes no grupo de alunos.

Além de oficina literária os alunos participam de aula de artes, ecologia, terapia de grupo, oratória, História, xadrez, visita guiada, prevenção contra drogas e outras. Sempre após estas aulas os alunos têm a oportunidade de se expressar através da escrita criativa.

Desta maneira os textos e poemas foram sendo produzidos e acumulados até chegar o momento de reunirmos num livro no final do ano.

No primeiro ano, 2016, tivemos inscrição inicial de 53 alunos. Destas, 30 crianças permaneceram até o final do

ano, outros desistiram alegando dificuldade para se deslocar dos bairros onde residiam até o centro, local das aulas.

Durante os encontros, os alunos eram estimulados a produzir de forma criativa, textos de vários gêneros. Os mesmos eram recolhidos, corrigidos e separados para mais tarde fazer parte de um livro, onde os autores eram os próprios alunos. Este livro, sempre bem organizado foi impresso e lançado por ocasião da 30ª Feira do Livro de Passo Fundo, com seção de autógrafos dos alunos-autores e presença dos pais e comunidade em geral.

Na semana seguinte ao lançamento do livro os pequenos escritores tiveram cerimônia solene de formatura na APLetras e condecorados os quatro alunos destaques ao título de Acadêmicos Mirins.

Consideramos o resultado do Projeto, para este primeiro ano, muito positivo. Apesar das dificuldades financeiras para prover gastos com passagens e merenda para os alunos e edição do livro, que foram supridos com doações, ainda assim nos consideramos muito satisfeitos.



Projeto Cultivando Talentos na 32ª Feira do Livro de Passo Fundo, 2018.

No ano de 2017, segundo ano do Projeto, os trabalhos foram ampliados em número de alunos e metodologia. Tivemos a inclusão da Escola de Vida do Hospital São Vicente de Paulo por isso estendemos o Projeto àquelas crianças. Nos deslocávamos até o Hospital para atender um grupo de alunos num trabalho muito gratificante.

Repetimos o mesmo processo de produção literária, edição do 2º livro e lançamento na 31ª Feira do Livro, desta vez com a presença dos alunos da Escola de Vida. Repetiu-se também a formatura na APLetras, os Títulos de Acadêmicos Mirins. Neste ano fomos até o Hospital São Vicente de Paulo para fazer a formatura de seis crianças que por motivo de saúde não puderam estar presentes na cerimônia feita aqui na Academia.

Em 2018, tudo novamente. Desta vez com uma novidade. Foi a inclusão dos trabalhos de pintura dos alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Branca de Neve que participou com trabalhos dos alunos, onde reproduzem obras do famoso pintor Jean Miró o que deixou o livro mais alegre e colorido.

Neste ano o livro saiu mais colorido e também mais caro, mas não tivemos problemas de finanças, pois havíamos ganhado o prêmio FUNCULTURA da Secretaria de Cultura do Município de Passo Fundo. Assim conseguimos pagar o livro, a merenda dos alunos do ano

tudo e também algumas passaginhas para os mais necessitados.

O final de ano repetimos: lançamento com autógrafos na 32ª Feira do Livro, formaturas na Academia de Letras e no Hospital São Vicente de Paulo, premiação Acadêmico Mirim.

2019 foi um ano cheio de trabalhos e produções de um nível surpreendente. Muitos alunos, tanto das EMEF como da Escola de Vida. Fizemos a culminância



Livro Projeto Cultivando Talentos – 2018.

no palco principal da 33ª Feira do Livro de Passo Fundo, onde os alunos tiveram a oportunidade de cantar, declamar, ler seus trabalhos e com isso encantar os pais e público presente. Logo depois se realizou a seção de autógrafos com pessoas curiosas para ver a produção dos pequenos escritores.

Aconteceu mais uma vez, formatura na APLetras e Acadêmico Mirim com casa cheia.

No ano de 2020, estávamos nos preparando para repetir todo o processo e tornar o Projeto ainda mais interessante, mas fomos impedidos pela pandemia a fazer um trabalho como gostaríamos. Nem por isso paramos. Estamos em contato com os adolescentes on-line, sempre provocando discussões, incentivando a leitura, pesquisa e escrita. Eles continuam a mandar belos textos, poemas.

Temos certeza que estamos no caminho certo. Principalmente quando percebemos o crescimento de nossos adolescentes e a grande satisfação de seus pais e professores com o Projeto. Sabemos que o caminho a seguir e este. Desenvolver o intelecto e a autoestima das crianças para então confiar num mundo melhor.

(Dilse Piccin Cortez é professora, coordenadora do Projeto Cultivando Talentos e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Amarelo

JÚLIO PEREZ

Saía eventualmente mais cedo do trabalho. Certo tédio que o aguardava em casa fizera com que adotasse o hábito de caminhar a esmo pela cidade. Por não ser um lugar muito grande, acabava dando voltas aleatórias nas quadras, passando mais de uma vez pelas mesmas ruas. Na confusão do trânsito e do fim do expediente do comércio e das repartições públicas, ninguém dava por isso. Como o rio de Heráclito, aquele mar de gente em constante mutação nunca era o mesmo, exceto por ele. Esse era o fascínio do hábito: as surpresas do imprevisto! Não era raro, pois, que nessas ocasiões cruzasse por alguém interessante, cujo olhar recíproco de interesse, o desviasse da sua rota habitual, levando-o a uma aventura inesperada.

Afinal ele não era tímido. Apenas achava que tinha passado da idade para frequentar determinados lugares para essa finalidade: flertar. Não que suas voltas esporádicas pela cidade tivesse precisamente esse propósito. Apenas não o descartava. Elas representavam,

tros com os amigos se tornavam eventos previsíveis e entediantes. O mesmo podendo se dizer desses locais para o flerte. Não lhe agradava a ideia de que os encontros devessem ocorrer apenas ali, com hora e local marcado. Gostava do imponderável de um encontro “casual”, podemos dizer assim.

Foi numa dessas erráticas deambulações que teve a impressão de ter passado mais de uma vez pela mesma mulher. De estatura mediana, cabelos castanhos encaracolados, aparentando meia idade, usava um blazer amarelo que já uma primeira vez havia-lhe chamado a atenção. Tinha ficado fácil, pois, identificá-la uma segunda vez na multidão e, depois, uma terceira. Teria ela também o hábito de andar a esmo pela cidade após o expediente?

Movido pela curiosidade se aproximou e puxou papo a propósito de nada. Era uma mulher interessante e valia a investida. Mais do que apenas pela mera curiosidade, ela também o havia atraído.

- A gente tem que se cuidar. Esse trânsito está maluco! – arriscou, esperando o sinal fechar para atravessarem a pista.

- É verdade – respondeu ela parecendo não surpresa pela abordagem.

- Sim, a duas quadras.

Nesse momento, já estavam chegando do outro lado da Avenida, quando na direção deles vinha um conhecido, encontrando-os exatamente na esquina da Avenida Brasil com a Fagundes. O vínculo ainda era bastante frágil. Não haviam se apresentado, tampouco declarado o caminho que seguiriam. Entre cumprimentar o conhecido e prestar a atenção nela, na confusão da esquina, com gente vindo de todos os lados, um segundo foi suficiente para a perder. Ela tomou o rumo da Avenida, enquanto ele, após cumprimentar o conhecido, tomou o deste, da Fagundes. Hesitou um momento se devia retroceder, tomar o caminho dela, alcançá-la de novo ou seguir o seu. Percebendo que a havia perdido, não tinha como continuar aparentando naturalidade após essa gafe. Não conseguiria retomar o tom de casualidade. Ademais, a presença do conhecido o inibia. A conquista havia-lhe escapado.

Após o acontecido andou dias a fio pelo mesmo lugar, palmilhando o mesmo roteiro, mais ou menos pela mesma hora em que a havia encontrado. Em vão. Não a encontrou mais.

O verão estava terminando e junto



Qual não foi a surpresa quando numa dessas esporádicas aventuras, notou a presença da mulher do blazer amarelo, do outro lado do bar, fazendo o mesmo que ele: bebendo, não um chope, mas uma água tônica com limão, com os olhos distantes, observando o fluxo do rio de Heráclito.

Haviam se passado semanas daquele primeiro encontro. Ele não tinha certeza se era a mesma pessoa. Mas o casaco amarelo e o fato de ela estar, parecia-lhe, fazendo algo que ele supunha só ele fazia, o deixaram intrigado. Seria mesmo ela? Só havia uma maneira de saber.

- Você de novo?

Um certo espanto no olhar dela, fê-lo por um momento hesitar.

- Desculpe, não estou certo, mas acho que nos conhecemos. Bem... quer dizer, não bem nos conhecemos, quase nos conhecemos. Nos encontramos na rua há algumas semanas.

A situação era bastante difícil. As referências a esse primeiro encontro não ajudavam muito. Entregavam que, embora bastante fugaz, ela havia lhe causado um vívida impressão. Teria ele produzido o mesmo efeito nela para ela lembrar desse episódio?

- Não estou lembrada, desculpe.

- Sim, quem pede desculpas sou eu. Foi um encontro bastante rápido. Estava eu caminhando na rua quando imaginei... posso me sentar? Você está sozinha?

- Sim, pode.

- Bem, como eu estava dizendo: estava

eu caminhando na rua quando imaginei vê-la cruzar por mim mais de uma vez... então bateu-me a curiosidade: será que ela também faz isso?

- Isso? Isso o quê?

Novamente Maurício encontrava-se numa situação difícil. Primeiro porque não tinha certeza se a mulher com quem conversava era efetivamente a mesma daquele encontro. Segundo, porque, mesmo se fosse, ele não tinha certeza se ela praticava a arte da deambulação, vamos dizer assim e, se praticava, provavelmente não gostaria de ver, o que talvez fosse um segredo seu, revelado assim, de chofre, por um estranho, numa mesa de bar. Hesitou por um momento se devia dar andamento à conversa, pois corria o risco de assustá-la ou apenas parecer maluco.

- Desculpe. Estou me adiantando. Talvez devêssemos nos apresentar antes. Posso perguntar seu nome?

- Leticia. E o seu?

- Maurício. Muito prazer.

Na tentativa de desfazer a tensão inicialmente criada, bebericou do chope esquecido entre as mãos. Ela também o fez da água, enquanto o estudava.

- Você vem sempre aqui?

- Não. Apenas de vez em quando. Gosto do lugar, mas não do ambiente, se é que me entende.

- Sim. Eu também. A localização é ótima, já o bar...

- É, deixa a desejar.

- Meio mal frequentado e essa TV... não sei porque a deixam ligada. O som ambiente também não é dos melhores.

- É verdade.

- Mas é o único bar em todo o centro da cidade, voltado para a avenida.

- Sim.

- Tinha o Krep's... mas acabaram fechando.

- Também gostava de ir lá de vez em quando. Fazer happy hour, nem que fosse só comigo mesma.

Sorriu ela, levantando um ponta daquele mistério que a cercava. Maurício percebeu a deixa e sentiu-se encorajado a investigar um pouco mais.

- Então... você falou de happy hour. Também faço os meus. De vez em quando. É bom, né?

- Sim, eu curto. Sobretudo no verão, com essas tardes mais longas.

- Então, a gente tem que arrumar o que fazer. Ir simplesmente para casa após um dia de trabalho pode ser bem chato. É bom sair da rotina.

- Concordo.

- E se você for parar para pensar é o que a gente faz. Do trabalho para casa, de casa para o trabalho. A gente acaba virando um autômato.

Estaria indo rápido demais? Temia que aquela conversa a assustasse, afinal mal se conheciam e talvez ela não fosse a pessoa que ele imaginava. Tudo poderia ser uma fantasia da sua cabeça.

- Desculpe! Eu me empolgo.

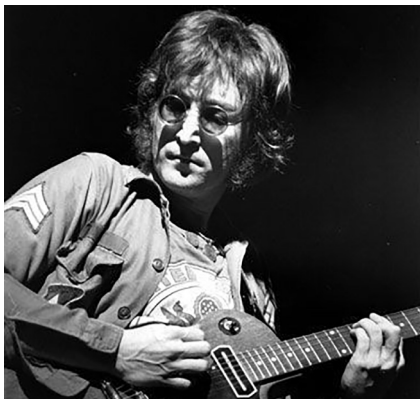




- Percebi.
- Mas me diga, o que você faz?
- Eu? Sou dentista. Trabalho numa clínica aqui em frente. E você?
- Sou servidor público. Da geração que fazer concurso nesse país era o que restava.
- Como assim?
- Anos 80, sabe? Nesse país nada funcionava. Inflação nas alturas, sistema financeiro a mil. Era o que restava. Se você tivesse dinheiro, jogar com a especulação financeira era o canal. Investir numa atividade produtiva, nem pensar, afinal, trabalhar, na época, era coisa pra otário. Se você não tinha, como no meu caso, o negócio era fazer um concurso público. Foi o que fiz.
- Entendo. Que coisa, né?
- Então, primeiro eu fiz para a Caixa Federal. Trabalhei anos ali. Depois fiz para a Justiça Federal. É onde trabalho hoje. Não reclamo. Gosto do que faço. A gente acaba se afeiçoando à cruz.
- Mas você gostaria de ter feito outra coisa?
- Na época eu cursava Filosofia. Naturalmente me tornaria professor, mas com o que ganha um professor, você mal consegue se manter. É lamentável.
- Bem, é verdade. Mas você não acha que fazendo pós você poderia ganhar mais?
- Poderia, mas o fato é que a vida acadêmica também não me agradava. O que eu queria mesmo era escrever. Me pareceu que poderia ter um trabalho qualquer para me manter e escrever nas horas vagas.
- E escreveu?
- Um pouco. No interior essa coisa é muito complicada. As pessoas não têm muito o entendimento do que isso significa.
- E por que não foi embora?
- Casei, tive filhos. Os anos foram passando. Me acomodei.
- Você é casado?

- Separado. E você?
- Também.
- Tem filhos?
- Não – respondeu ela resolutamente.
- Preciso ir.
Maurício teve a sensação que ela escapava de alguma coisa. Talvez a conversa não houvesse a agradado.
- Ah, sim. Mas como a gente se encontra de novo?
- Procure-me no face, Leticia Sampaio. Nos falamos.
Saiu rapidamente como quem fosse atender a uma emergência. Maurício ficou repassando mentalmente a conversa que tiveram para saber onde poderia ter pisado na bola, falado algo que pudesse tê-la desagradado. Mas não encontrava nada que pudesse explicar aquela atitude intempestiva. De qualquer forma tinha o Face dela e uma vaga referência a uma clínica dentária nas proximidades.
Chegando em casa entrou no Face e a encontrou. Poucas referências pessoais. Enviou o convite para amizade, mas os dias foram passando e não teve resposta. Parece que ela usava muito pouco as redes sociais.
O inverno chegou e a prática da deambulação ficou mais difícil. Quando não estava chovendo era ainda possível realizar, mesmo com frio, mas naturalmente que ela não tinha a graça do verão. As pessoas, encolhidas de frio, só queriam saber de chegar em casa e a referência dela, o casaco amarelo, naturalmente de nada adiantava naquele clima.
Andou por algumas clínicas dentárias nas imediações do bar, mas não encontrou referência ao nome dela. Provavelmente ela trabalhava numa dessas clínicas coletivas que não ostentam o nome dos profissionais. Chegou até a fazer uma revisão numa delas, aleatoriamente, para ver se a encontrava, por acaso. Nada!
A primavera deu o ar da graça e os dias começaram a ficar mais longos e

agradáveis. Logo seria possível retomar as caminhadas pela cidade, apreciar as vitrines, observar o gado humano condicionado ao corre-corre da existência. Foi numa dessas ocasiões que ele a encontrou de novo. Ela não estava com o casaco amarelo. Estava com um blazer marron.
- Leticia?
- Sim!
- Maurício. Está lembrado de mim?
A expressão de espanto dela não deixava dúvida. Ela não lembrava.
- Tudo bem. Desculpe! Foi realmente um encontro bastante rápido. Eu enviei um convite no face, mas você não respondeu.
- Desculpe, eu uso muito pouco as redes sociais.
Ela parecia aflita, como querendo fugir de uma abordagem incômoda.
- Podemos nos encontrar de novo?
- Estou um pouco com pressa. Talvez possamos conversar um outro dia.
- Mas você tem um cartão. Estou precisando fazer um tratamento dentário - Maurício tentava uma nova abordagem.
- Ah, sim, desculpe. Deixe ver. Aqui está!
Entregou-lhe finalmente um cartão com seus contatos.
- Agora tenho que ir. Obrigada.
Maurício, atônito, ficou a observá-la se afastar, aflita. Parece que a sua presença não tinha lhe despertado boas lembranças. Hesitou se devia insistir naquele encontro. Mas ela havia lhe parecido tão interessante. Intuíva que havia algo mais aí e quando não fosse por outro motivo, a curiosidade de saber o que era, já seria motivo suficiente para marcar aquela consulta.
Marcou.
No dia aprazado compareceu com relativa antecedência. De fato, era uma dessas clínicas populares tão em voga hoje em dia. As pessoas não tem como custear um dentista particular, com



consultório individual e tudo. Tampouco o dentista tem condições de bancar um consultório nessas condições. A popularização dos atendimentos é inevitável. Caminho que fatalmente ocorrerá com a medicina, dado a proliferação de cursos e a baixa renda da população. Que bom! - pensava Maurício, que tinha pendores sociais.

Finalmente chegou sua vez e vê-la de jaleco branco aumentava a sua beleza.

Novamente, parece, ela não o reconhecia. Maurício hesitou entre um sorriso amistoso, de conhecido e o formal de um mero cliente. Na dúvida, preferiu a neutralidade. Ela o atendeu protocolar. Nada que indicasse que já se conheciam. Ao final, Maurício não se conteve:

- Letícia, desculpe, mas você não me reconheceu?

Um tanto desconcertada, ela fez que não.

- É a terceira vez que conversamos e você não demonstra qualquer emoção.

- Desculpe, senhor. Não sei o que dizer. Por favor! Eu estou no meu local de trabalho – fez ela, parece, incomodada, indicando-lhe a saída.

Sem opção, Maurício arrastou sua carcaça até o balcão, pagou o tratamento e saiu. O que estaria acontecendo?

Os dias se passaram e Maurício resolveu que não havia porque insistir. Talvez ela apenas não tivesse gostado dele.

O verão chegou e as deambulações ganharam frequência semanal. O horário de verão praticamente constringia a isso. Era inevitável, portanto que eles se encontrassem de novo. O blazer amarelo não deixava dúvida. Mas dessa vez Maurício preferiu adotar outra estratégia. Não a abordou. Seguiu-a à distância. Qual não foi sua surpresa quando comprovou: ela também deambulava! Tomado pela emoção, resolveu abordar essa mulher interessante e misteriosa:

- Letícia!

- Sim!

- Não posso acreditar! Você não me reconhece?

- Desculpe! Não.

- Maurício! Nos conhecemos o verão passado. Fui ao seu consultório...

- Desculpe...

Maurício sentia que tocava numa tecla sensível. Por que ela fugia?

- Espere! Não quis amedrontá-la. Podemos conversar?

Tocado por aquele gesto de delicadeza, Maurício sentiu que ela relaxava. O retraimento da expressão desesperada, deu lugar a uma distensão e os olhos, antes assustados, ganharam confiança.

- Vamos sentar aqui, pode ser?

- Prefiro lá dentro.

Entraram no bar, na frente do qual o encontro inesperado tinha ocorrido. Recém aberto, em estilo lancheria americana, era cuidadosamente decorado com motivos relacionados à história do Rock, com mesas fixas e bancos em couro vermelho, dispostas nas laterais, ao longo das paredes decoradas com quadros de Bob Dylan, John Lennon, BB King, Chuck Berry e outros.

- Por que você foge?

Do outro lado um olhar constrangido de quem estava em dúvida se podia confiar naquela pessoa do outro lado da mesa. Maurício sentia isso mas não entendia.

- Como eu disse nos conhecemos no verão passado. Impossível você não lembrar. Por que você me evita?

- Desculpe, não é que eu evito... é que...

- O que é, então? Você precisa confiar... nas pessoas.

Novamente aquele olhar que deixava Maurício arrasado. O que estaria acontecendo? Por que ela não se abria?

- Nos conhecemos mesmo?

- Claro que sim!

- Você precisa entender...

- Entender o quê?

- Eu posso até te conhecer, mas eu

não lembro quem você é. Eu sofro de um distúrbio que me impede de reter memórias. Tem um nome complicado. Foi em decorrência de um acidente que sofri, há coisa de cinco anos. Desde então eu não consigo reter a memória das pessoas que conheço. Apenas daquelas que eu já conhecia. As novas, tenho que anotar o nome, quem são e qual a minha relação com elas. Naturalmente que isso não contribui para meus relacionamentos. Já passei por muitas experiências desagradáveis, como você pode supor. Imagina você acordar na cama de um cara que fosse não sabe quem é e como foi parar ali. Por isso tenho evitado o contato mais íntimo. As pessoas não entendem que não é desamor ou indiferença. É realmente um problema.

Maurício estava atônito. Jamais poderia supor que se tratasse disso. Por outro lado estava aliviado. A resistência dela nada tinha a ver com ele.

- Acontece que às vezes eu gosto de andar pela cidade e às vezes pinta o flerte. É inevitável. Fica, no entanto, difícil explicar que para ter continuidade tenho que anotar os dados da pessoa. Foi isso provavelmente que aconteceu conosco. Não me leve a mal. Eu simplesmente não lembro. Você não imagina como isso é torturante para mim.

Maurício, depois de ouvir aquela história e de descobrir naquela mulher o mesmo hábito que ele considerava uma excentricidade exclusivamente sua, a qual nunca teve vontade de dividir com ninguém, naquele momento, só conseguia pensar numa coisa: será que ela iria anotar seu dados?

Eu vim, eu vi e eu conquistei – *Veni Vidi Vici*

OSVANDRÉ LECH

A frase título desse texto eternizou a expressão utilizada pelo líder político e militar romano Júlio César ao informar ao Senado a vitória do seu exército sobre Farnaces II, o rei de Ponto, e pode ser também empregada para descrever a impressionante história de vida de Marco Stefani.

Nascido durante a Segunda Grande Guerra Mundial, Marco Stefani é um representante nato da geração “baby boomer”, pois “partindo do nada” teve foco no trabalho em busca de prosperidade, perseguiu a realização pessoal, valorizou a família e teve vários filhos, buscou a estabilidade financeira e participou do progresso da sua comunidade.

O autor desta bem elaborada autobiografia viveu de perto a intolerância política instalada em Santa Maria nos sombrios anos da Guerra, o que fez a família se mudar para Passo Fundo, e a seguir se restabeleceu de grave quadro de doença pulmonar. Iniciou a vida, literalmente, “do nada”. Porém, a família estava munida de valores morais e espirituais e de entusiasmo para trabalhar e vencer. E isto representou “tudo”!

Foi no bairro Boqueirão que Marco Stefani viveu a infância, a adolescência e o início da vida adulta. As memórias daquele bairro são também as minhas, pois a família Lech viveu a cerca de 200 metros de distância da “esquina dos Stefani”- Avenida Brasil e Rua Mascarenhas. Foi no Armazém Stefani que comprávamos “no caderno”, uma forma de crédito de pagar todas as compras no final do mês ao receber o salário. A confiança de “fio de bigode” ainda existia no mundo comercial naquela época.

As duas colinas do Boqueirão onde se localizam o Gaúcho e o IE, os barrancos criados pela terraplenagem da Avenida Brasil, o casario antigo, o hotel dos Plátanos, a biquinha das lavadeiras, o plantio de trigo nos canteiros e os personagens do bairro – o inspetor Serafim Lemos de Mello, o açougueiro Jovino

(FOTOS: ARQUIVO IHPE)



Av Brasil esquina com Mascarenhas. Ao lado da igreja São Vicente ficava o Posto e o Armazém dos Stefani.



Avenida Brasil, esquina com a Diogo de Oliveira, o Posto Esso Tassi e o bebedouro para cavalos no canteiro. A churrascaria Gobbi permanece sem modificações arquitetônicas.



Girelli, o criador de mulas Dom Felipe, o bar com “snooker” da família Scolari, a sombra do gigantesco pé de “ariticum” da família Muller, os escoteiros do IE e do Conceição e as moças bonitas das famílias tradicionais. Tudo isto está pulsátil neste livro e trás memórias do local mais seguro das nossas vidas – a infância.

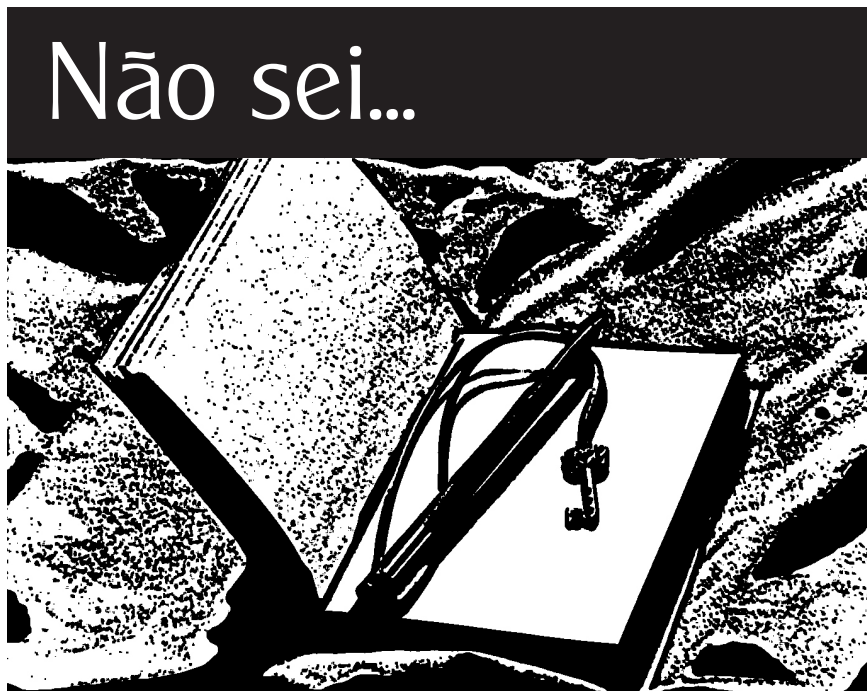
Trabalhando desde a primeira infância, já que não existia o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Marco aprendeu um pouco de tudo. Foi gaioteiro, cavaleiro, bodegueiro no Armazém Stefani, frentista no Posto Shell Stefani, motorista de caminhão, mecânico, piloto de aeronave, lojista e depois proprietário da maior rede de óticas do estado, empresário na produção de armação para óculos com distribuição nacional, líder empresarial no setor do mercado varejista, líder comunitário ao presidir o Clube dos Diretores Lojistas (CDL), o Sport Clube Gaúcho e a Associação Comercial Industrial de Serviços e Agropecuária de Passo Fundo (ACISA). Percorreu todo esse longo, complexo, tortuoso caminho de conquistas profissionais e institucionais sem nunca deixar de lado seus valores morais e espirituais, a humildade e o foco na família e amigos.

Eu vim, eu vi e eu conquistei – Veni Vidi Vici

Olhar para trás e sentir orgulho do caminho percorrido. Esta é a sensação ao finalizar leitura de tão inspiradora história de vida e de conquistas contínuas.

Na infância e adolescência Marco Stefani “plantou árvores” aprendendo vários ofícios. Na vida adulta, ele e Maria Elisa tiveram filhos que hoje fazem crescer o próprio negócio, e nesta fase atual da vida, ainda cheio de energia e disposto a compartilhar seu aprendizado com os demais, escreve este livro com emoção e idealismo. A expressão consagrada pelo escritor cubano José Martí – plantar árvores, ter filho e escrever um livro - é vivida por Marco Stefani de forma plena.

(Osvandré Lech é médico, escritor e bibliófilo. Vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Medicina e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



TÂNIA DU BOIS, *In memoriam*

Primero o essencial, determinar o que é importante para nós. Temos obrigações e responsabilidades, o que nos faz pensar antes de agir e responder. Por vezes, dizemos “não sei” por medo de errar. É limitante dizer “não sei” para o novo. Não é perfeito, nem equilibrado quanto às expectativas. Basta continuar tentando acertar.

Errar é humano e pode ser corrigido; também, temos disponibilidade para aprender errando, o que provoca menos danos no viver. Estamos convencidos de que o novo provoca a sensação de prazer e felicidade, através do conhecimento. Que, para Lúcio Lins, “A verdade / Do Ser / É estar / Sendo”.

Ao longo da vida fazemos escolhas certas e erradas, que marcam nosso dia a dia e carregamos sempre a vontade de acertar. No entanto, temos de desvendar como usar a expressão “não sei” para o nosso bem estar.

Fujo da complexidade do “não sei”, através de leituras; aceito a margem de erro como aprendizagem e para evitar decisões instantâneas ao estabelecer meus limites.

Esta atitude é suficiente para não me deixar envolver com a ansiedade do “não sei” e encontrar respostas para alcançar minhas metas. Como em Lúcio Lins, “... dos meus / nada sei / salvo o talvez / tenham ido / nos barcos de antes...”.

Na Feira do Livro de Passo Fundo, em

2017, crianças com câncer apresentaram seus textos e poesias; surpreendidas pela descoberta de que a morte pode ser real, por vontade própria, procuraram outro caminho para expressar seus sentimentos. Determinadas a viver um dia de cada vez, pensaram em se revelar por inteiro em suas aquisições individuais, não usando o caminho mais curto: “não sei”. Lúcio Lins expressa, “... triste daquele / que se contenta / só com a paisagem / emoldurada na janela...”.

Aquelas crianças, por motivo de força maior, convivem diariamente com questões repletas de angústia e sofrimento: não sabem se o tratamento dará resultado; não sabem até quando suportarão tamanha dor. Procuram saltar as dúvidas se fortalecendo com a arte de escrever, usando a imaginação como recarga emocional, com que fortalecem suas autoestimas. Convivem com o “não sei”, diariamente, mas o transformam em alavanca para alcançar novos patamares, resultados e a esperança de continuar a ver o Sol raiar. Lúcio retrata, “... navegar / é livre pensar/ pelas águas...”.

Quando encontramos equilíbrio no processo de aceitação da realidade, a tendência é compartilhar a vida estabelecendo parcerias promissoras, mesmo sem termos certeza do amanhã. Nas palavras de Lins, “... meu peito é porto / (sou partida) / coração que não se basta / ancorado à vida...”.

(Tânia Du Bois, escritora passo-fundense, vítima da COVID 19.)

Bona Garcia

WELCI NASCIMENTO

Bona Garcia. Era assim que ele gostava de ser chamado.

Mescla de italiano do lado materno e do espanhol do lado paterno. O nome João Carlos ficava por conta da sua origem passo-fundense.

Conheci Bona Garcia no ano de 1979. Ele acabava de chegar do exílio forçado (Chile, Argentina, Argélia e França) pelo regime militar, reinante no Brasil desde o ano de 1964.

Nesse ano de 1979, eu desempenhava a função de Secretário Municipal de Educação e Cultura de Passo Fundo, convidado que fui pelo então prefeito, Dr. Firmino da Silva Duro, eleito vice-prefeito com o empresário Wolmar Antônio Salton.

Numa manhã daquele ano, recebi a visita de Bona Garcia. Dizia ele à minha assessora, que se encontrava na antessala do meu gabinete, que desejava falar comigo. Ele não me conhecia e eu também não o conhecia.

Entrando, logo disse quem era e passou a contar, ligeiramente, sua trajetória de vida. Nesse instante, houve, entre nós, uma empatia. Disse ele: “Preciso trabalhar. Estou de volta à minha terra natal com a esposa, também passo-fundense, dois filhos nascidos no exterior. Só dispomos de uma casa alugada e chegamos no Brasil só com a mala e as roupas do corpo.” Logo que ele saiu, fui até o gabinete do prefeito para contar o fato. Sensibilizado, o Dr. Firmino, que era médico, o chamou para assessorá-lo em seu gabinete.

Bona Garcia sabia ouvir. Era uma das suas qualidades. Atendia com educação a todas as pessoas que desejavam chegar até a presença do Prefeito para tratar de problemas, bem como de empresários que desejavam contribuir com o desenvolvimento de Passo Fundo, como o Dr. Fragomeni, que tinha um projeto ecológico para a cidade.

Não durou muito o trabalho de Bona Garcia junto ao gabinete do Prefeito. Acontece que o comando da Secretaria Municipal de Obras ficou vago com a saída do secretário por razões pessoais. O Prefeito não titubeou. Convidou



João Carlos Bona Garcia, Clair Lisboa Nascimento e Welci Nascimento.

Bona Garcia para assumir a Secretaria de Obras. O cargo caiu como uma luva para Bona. Era o que ele mais queria. Trabalhar com o povo. Logo veio a “Operação Bairro”, onde as lideranças davam opiniões ao prefeito e seu secretariado em relação aos problemas e soluções viáveis. Nasceu o Projeto Jabuticabal, um projeto habitacional onde as residências eram levantadas pelos próprios moradores em regime de mutirão.

Bona Garcia se tornava uma pessoa popular pelo trabalho que fazia em cooperação com os moradores, ajudando-os a serem agentes de transformação de suas próprias realidades. Ele encontrou moradores vivendo mal no lugar que hoje chamamos de Vila Ipiranga. Tratou logo de abrigá-los.

Ao natural, ele foi lembrado na Convenção Municipal do PMDB para concorrer ao cargo de prefeito de Passo Fundo. Era o ano de 1982. As pesquisas realizadas nas esquinas da cidade pela juventude indicavam Bona Garcia como provável vencedor. Ele, pobre, concorria contra grupos economicamente muito fortes. A sua campanha ia muito bem até que, num certo dia, os jornais e as emissoras de rádio e televisão (TV Umbu) estampavam manchetes como: “Bona Garcia é terrorista!”. Até que fossem explicadas as razões de sua vida política, já era tarde. Foi derrotado, como Pedro Simon.

Parecia que tudo estava perdido para Bona Garcia. Mas não. Ele transferiu residência para Porto Alegre e, ali, coordenou a implantação de um projeto do Deputado Federal Hermes Zanete, reorganizando as lideranças de oposição em torno da formulação de boas ideias para traçar rumos à Assembleia Nacio-

nal Constituinte de 1988.

Bona Garcia, com seu gesto democrático, conquista a simpatia das lideranças políticas da época. Ele passou a transitar nas notícias da imprensa da capital gaúcha.

Pedro Simon venceu as eleições ao Governo Estadual e convidou Bona Garcia para assumir a subchefia da Casa Civil. No Cargo, Bona Garcia conquistou a simpatia dos prefeitos do Rio Grande do Sul e facilitou a governança do estado. Nessa época, Bona lançou o livro “Verás que Um Filho Teu Não Foge à Luta”. Nele, Bona descreve sua trajetória política desde sua luta no campo estudantil em Passo Fundo, passando pelas prisões, exílio e a volta ao Brasil.

O PMDB de Passo Fundo, que ele ajudou a projetar, não o apoiava explicitamente. Ciúmes? Não sei.

Bona Garcia, que nunca negou seu passado político, pelo contrário, enalteceu, foi convidado a exercer uma das secretarias mais cobiçadas pela classe política: a chefia da Casa Civil do Governo Estadual no Palácio Piratini. Foi uma posse solene.

Bona Garcia tinha conquistado a simpatia da imprensa de Porto Alegre pela sua forma democrática de tratar com todos, correligionários ou adversários políticos.

Bona Garcia, depois de ter vencido os horrores da ditadura, foi derrubado por um vírus invisível aos olhos humanos (faleceu vítima da Covid 19, no dia 12 de março de 2021, em Porto Alegre). Morreu longe de sua terra natal que não o reconheceu como merecia.

(Welci Nascimento é historiador, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

A Era Vargas

ALBERTO A. REBONATTO

A era Vargas foi fundamental para balizar nossas estruturas econômica e social. Getúlio Vargas pautou seus governos por uma acentuada política nacionalista em todos os segmentos da economia. Na siderurgia, por exemplo, nasceram, em 1941, a Companhia Siderúrgica Nacional, e, em 1942, a Companhia Vale do Rio Doce; na área petrolífera, foi criado, em 1944, o Conselho Nacional do Petróleo, que foi o marco inicial para o surgimento da Petrobrás, em 1953; no setor hidrelétrico, a CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), em 1945; no ramo automotivo, a Fábrica Nacional de Motores, em 1943; na agricultura, os principais destaques ficaram com a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil (CREAI), em 1936; o Instituto do Açúcar e do Alcool, em 1933; e o Instituto Brasileiro do Café, em 1952.

Getúlio Vargas também se preocupou em dotar o Brasil de instrumentos e leis mais coerentes com os novos tempos. Entre outros mecanismos, criou, em 1938, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para melhor acompanhar a situação do País e, em 1932, a Justiça Eleitoral, para organizar o sistema eletivo nacional.

Os trabalhadores, sua grande preocupação, não foram esquecidos e, em primeiro de maio de 1943, editou a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), uma decorrência da recém-criada Justiça do Trabalho (1939). A CLT, com seus 922 artigos, fundamentou tanto o Direito do Trabalho como o Direito Processual do Trabalho. As normas, que vigem até os dias atuais, regulam, por exemplo, a duração da jornada de trabalho, o salário mínimo, as férias anuais, a proteção ao trabalho da mulher e do menor, a previdência social e a organização dos trabalhadores em sindicatos, além de outras situações recorrentes nas relações trabalhistas. Antes, já havia sido assegurada a todos os trabalhadores a garantia de sobrevivência na velhice, com os Institutos



de Aposentadoria e Pensões. Assim é que, em 1933, foi oficializado o IAPM (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos); em 1934, o IAPB (dos bancários) e o IAPC (dos Comerciantes); em 1936, o IAPI (dos Industriários); e, assim, sucessivamente, para as demais categorias de trabalhadores. Todos os institutos foram extintos em 1966, substituídos pelo INSS.

O setor bancário também sofreu modificações, de modo especial, o Banco do Brasil que era a principal instituição financeira nacional, e teve atuação e importância ampliadas com as novas funções que lhe outorgou o governo Vargas.

A necessidade da transformação aconteceu porque, no final da década de 1920 e início da de 1930, o País atravessava uma situação difícil, agravada pela política econômica desastrosa do governo de Washington Luiz e pela quebra da bolsa de Nova York, em 1929. O Banco do Brasil não ficou imune à situação. A ação firme do Governo Provisório foi fundamental para restituir credibilidade e confiança à principal instituição bancária do País. Com o fortalecimento da empresa e o restabelecimento da confiança, o Banco do Brasil passou a assumir efetivamente as funções de verdadeiro Banco Central.

Convém lembrar que o Banco Central do Brasil só seria criado em 31/12/1964, pela Lei 4.595. Até lá, suas funções eram exercidas pelo Banco do Brasil.

Ainda na era Vargas, foi fundado, em 20 de junho de 1952, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econô-

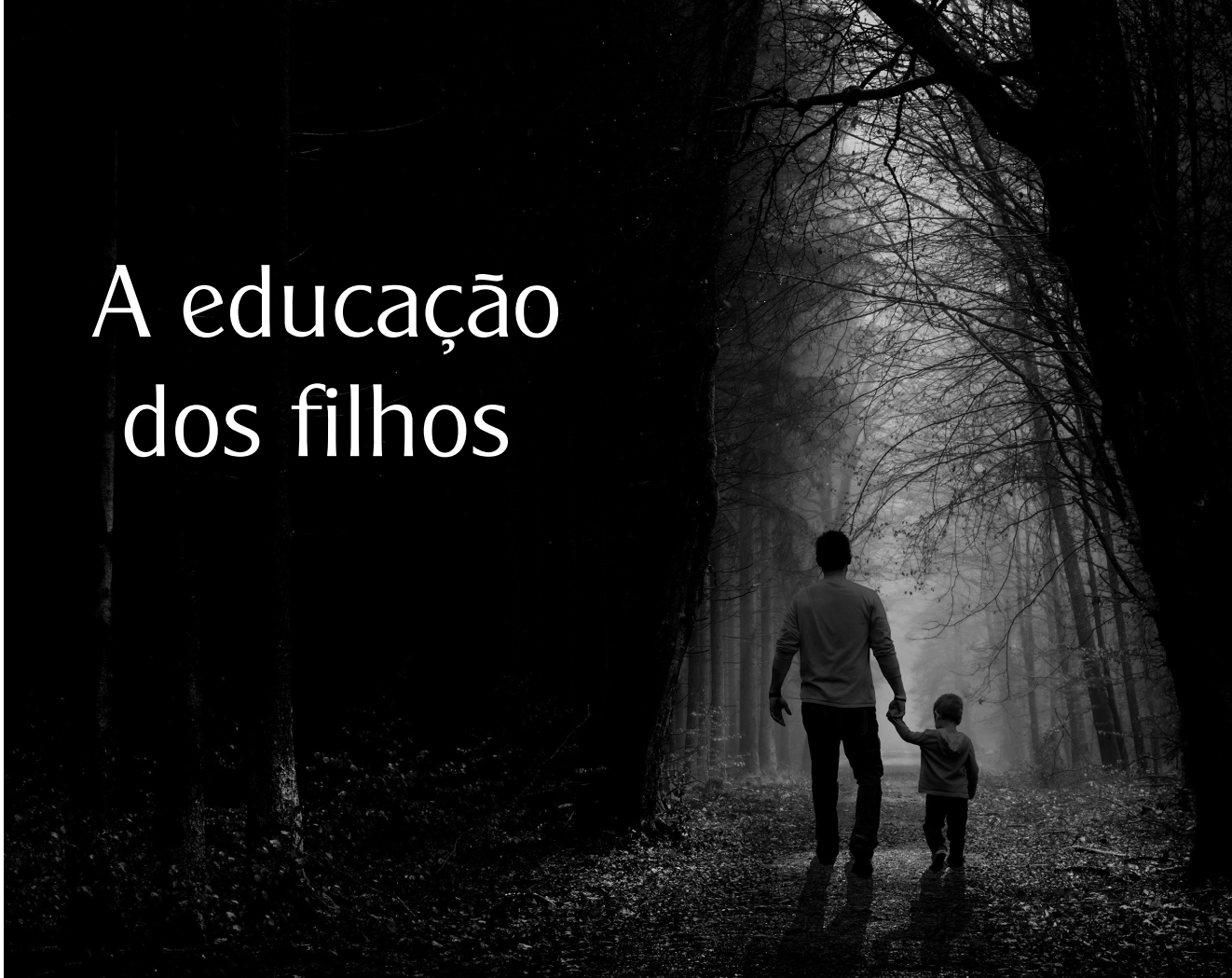
mico e Social), como banco de fomento.

Para incentivar as exportações e controlar o comércio exterior, em 29 de dezembro de 1953, foi instituída a CA-CEX (Carteira de Comércio Exterior), entregue, também, ao Banco do Brasil.

Como consequência dos prejuízos advindos da crise do café, quando se registraram até queimadas de estoques do produto para tentar viabilizar o preço, o Governo começou a incentivar outros setores agrícolas, como o da cana de açúcar, criando o Instituto do Açúcar e do Alcool, em 1933. Mas, foi com a CREAI (Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil), em 1936, que foi oportunizada a verdadeira revolução na produção agrícola nacional. Até aquele evento, os produtores eram compelidos a contratar empréstimos de curto prazo na rede privada, com altas taxas de juros, o que dificultava e encarecia o produto final. Com o advento da CREAI, foram oferecidos créditos a prazos longos e taxas atraentes. Com a introdução da nova política, o País se tornou autossuficiente em alguns alimentos que antes eram importados e a nossa agricultura, que era rudimentar e de subsistência, subiu de patamar e passou a uma agricultura de resultados e o País, que importava, começou a exportar, constituindo a base para o Brasil se tornar, algumas décadas depois, um dos maiores produtores e exportadores de grãos do mundo.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A educação dos filhos



WELCI NASCIMENTO

Por vezes, quase todos os pais têm dificuldades muito grandes na convivência com os filhos. Muitos pais, os que podem, têm livros e revistas sobre educação e psicologia. Mas, nenhum deles dá a fórmula mágica. Embora queiramos ser um pai ou uma mãe moderna, agora já somos bisavós, pensamos ou dizemos: “no meu tempo não era assim... a gente obedecia aos pais... nunca os contradisse... mas agora tudo está mudando. Alguns dizem – “não entendemos mais nada”.

– “Às vezes ficamos escandalizados ao vermos a liberdade de expressão de nossos filhos, o modo de se vestir e de se comportar”, disse-me um casal, certa ocasião, no tempo em havia reunião de famílias em pequenos grupos, lá pelas décadas de 1970/80. As ordens dos pais, muitas vezes, são consideradas “quadradas” e nem sempre, obedecidas. Alguns pais lamentam: - Nossos filhos estudam tanto, aprendem tanta coisa que nós não aprendemos.

Mas, “um filho sábio, ama a disciplina”, diz o livro dos Provérbios. Ele também diz: “corrige teu filho, enquanto

há esperança, mas não te enfureças, até fazê-lo perecer”.

Pois é, a vida nos ensina que é dever dos pais ensinar os filhos, pouco a pouco, sobretudo, pelo exemplo. É salutar ter com eles um diálogo amigável, permitindo, a ambos as partes a superação das distâncias da idade.

Existem pessoas que, por nada, fazem uma tempestade num copo d’água. Outras enfrentam as maiores dificuldades com seguranças e maturidade. Entre estes dois polos, está a agressividade.

Certa feita eu tive a oportunidade de ler um artigo relacionado a agressividade que dizia: “a agressividade, comum aos homens e animais é o impulso biológico de ataque e defesa, é uma força interior necessária à vida, que poderá tornar-se construtiva ou destrutiva, dependendo do tratamento que lhe for dado”.

É bom pensarmos que desde os primeiros dias de vida da criança, ela começa a revelar sua agressividade. Percebe o leitor como ou porque a criança chora, porque algo lhe desagradou, ou quando está com fome, sente dor. Se não for dada a ela atenção em suas manifestações, o choro vai tomando forma de agressão negativa. Quando nós pais usamos uma educação altamente

repressora, proibitiva, em tudo favorece, para que a energia vital da criança seja externada de forma negativa.

Os jovens são um problema, mesmo? Alguns estudiosos do assunto tentam explicar o fenômeno da delinquência juvenil, como resultado da miséria e da pobreza. Tal problema também acontece nas classes abastadas, onde o jovem estuda em boas escolas e têm dinheiro?

Não esqueçamos que a vida “moderna” vem preparando a vida dos adolescentes para o que diz a mídia. Poucas coisas boas saem dali. Não podemos negar que a vida “moderna” vem procurando separar os filhos dos pais. Isso um dia vai acontecer, certamente, mas os filhos bem formados saberão enfrentar a vida, lá fora.

Trabalho, prazeres, brigas, separação poderão ser elementos que podem fazer com que o jovem cresça sem esperança de quem poderia guiar. E se desvia. No entanto, mesmo tendo pais ótimos, as influências recebidas, fora do lar podem levar o jovem a trocar os valores adquiridos em casa, por valores aprendidos na rua.

(Welci Nascimento é pedagogo, historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Tempos sequer imagináveis

PIA ELENA ZANCANARO BOROWSKI

A vida se torna extremamente difícil diante de um inimigo invisível, que instaura a tragédia sem dó nem piedade.

Covid 19, Inimigo implacável, que com tal ferocidade acomete a humanidade, tragando vidas, dilacerando famílias, amigos...perpetuando o medo, o pavor diante do horror.

Tem exatamente um ano, que retornávamos de um passeio na casa de nosso filho em Uberlândia, MG. Minha mãe, com 85 anos (grupo de risco!!!), estava conosco e não esqueço a tensão vivida até chegar ao destino. Aliás, acho que jamais esquecerei da insegurança, esse sentimento de impotência que assola nossas "certezas" do viver.

Já em casa, Pandemia!!! Lockdown! Sirenes! Vida social abortada. Trabalho suspenso. Encontros familiares interrompidos. Palavra de ordem: álcool em gel!

Pânico instalado. Sintomas, específicos da covid 19, sentidos, dia após dia. Enclausurados, seguíamos, com nossos assombros, conferindo dúvidas e decisões. Concluímos que a mudança para o campo nos traria mais proteção até que a vida voltasse ao "normal". Doce ilusão.

Desde criança sempre gostei de estar em meio à natureza, mas em outras condições. Minha vida pulsava na cidade. Diversos afazeres mobilizavam-me: Família, casa, amigos, (as) colegas, meu trabalho com a Terceira Idade há 26 anos. O CREJUTI (Clube Recreativo Juvenil Terceira Idade) e suas Oficinas, encontros, projetos, eventos junto à Academia Passo-Fundense de Letras, preenchiam meus dias. Era uma pessoa ocupada! Tudo estava no seu devido lugar e era bom que fosse assim! Doce ilusão!

Desesperados com a situação, rumamos para o campo com a ideia de aqui permanecer, enquanto o pesadelo persistisse. Não foi fácil, considerando a nova adaptação. Embora tendo plena consciência desse privilégio, assumir desafio de mudar, desapegar, ficar distante dos seus, foi dolorido.

Daqui, enfrentamos a notícia de

(FOTOS: P. E. Z. BOROWSKI)



contaminação por covid19 de nossos filho e nora (grávida) de seis meses. Foi aterrador!

Daqui, sintonizados nas notícias, fomos nos dando conta da dureza desse contexto de guerra, onde a desgraça de toda ordem pode imperar.

Em processo de adaptação à nova morada, tivemos que nos reinventar. Através de novos afazeres como: plantar, cultivar, cuidar, colher... fomos usufruindo dessa nova atividade, que tanto satisfação nos dá pela troca de boas energias, beleza de cores, formas, aromas...

Nesse paraíso, como dizem muitos amigos, o tempo tem outra velocidade. Não é voraz e proporciona paz. Ouve-se o barulho do silêncio e com ele a

reflexão diária, perfeita oração.

Observando as coxilhas, a admiração corre solta com a produção agrícola e seu verde de muitos matizes, que agora anuncia a colheita. Sentimento de gratidão pela diversidade e frescor das matas nativas; do imenso alagado, que reflete a lua em noites de luar. Gratidão ao meu pai pelas imensas figueiras plantadas há quarenta anos, que produzem uma sombra mágica, acolhendo encontros memoráveis. Momento de querer registrar tudo para poder dizer: me ajuda a olhar!!!

Aqui, a poesia se faz presente o tempo todo. Está no ar, no pastoreio das ovelhas, no canto dos pássaros, nas jabuticabeiras em flor.

"E o campo se fez casa
Para o canto dos cardeais.
Você ainda não sabe
O que cabe nessa paz..."
(César Passarinho)

Há um ano estamos e continuamos aqui. Desolados com a pandemia que avança vorazmente e encontra apoio nas atitudes irresponsáveis, incompetentes, desumanas.

Faz-se urgente dar ouvido aos apelos dos profissionais de saúde nos seus mais diversos segmentos. Faz-se urgente ter a noção de coletividade. Essa é a reverência necessária e nosso compromisso solidário.

Que a esperança não nos abandone. A esperança do verbo esperar: almejar, sonhar, agir, buscar.

(Pia Elena Zancanaro Borowski é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Todos os Direitos Humanos são Iguais

CARLOS ALCEU MACHADO

O advento de um mundo no qual os seres humanos, libertados do temor e da miséria, desfrutam das liberdades de expressão e de crença, é a aspiração mais elevada do homem - aspiração essa que se converteu em algo mais do que um sonho no dia 10 de dezembro de 1948, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos continua sendo uma poderosa norma. Ela, sozinha, não logrou pôr fim à opressão humana. Mas é um guia, uma promessa, um objetivo. Sua aprovação assinalou o fim da ideia segundo a qual a “soberania do Estado” impedia a análise rigorosa, a partir do Exterior, das violações dos direitos humanos que eram cometidas no interior de um Estado. A Declaração também contribuiu para estabelecer o princípio de que todos os direitos humanos são universais e individuais: devem ser desfrutados por todas as pessoas, em todos os momentos, e nenhum conjunto de direitos pode ser desfrutado à custa de outros direitos.

Pedra angular do sistema de direitos humanos das Nações Unidas, a Declaração Universal estabeleceu os direitos civis, culturais, econômicos, políticos e

sociais que continuam sendo vitais para o bem-estar de todas as pessoas. Em um preâmbulo e trinta artigos, a Declaração proclamou direitos humanos “iguais e inalienáveis”, que existem devido à dignidade intrínseca do ser humano e por isso não podem ser anulados por governos ou leis.

A maior parte desses direitos foi codificada em tratados internacionais incorporados às constituições e às leis de muitos países. Todavia, as normas de direitos humanos das Nações Unidas e os mecanismos para sua aplicação descuidaram-se dos direitos econômicos, sociais e culturais em favor dos direitos civis e políticos.

Partiu-se da suposição de que os direitos civis e políticos podem ser definidos pelas leis e seu respeito imposto pelos tribunais sem um custo excessivo, já que exigem em grande medida que o Estado se abstenha de interferir na vida dos cidadãos. Afirma-se que os direitos econômicos, sociais e culturais não podem ser invocados em tribunais de justiça, nem ser aplicados por juízes, embora os especialistas em direitos humanos questionem cada vez mais esse argumento.

Mas os direitos humanos não estão hierarquizados. A Declaração Universal considera o estar livre do medo e o estar livre da necessidade como dois lados de uma mesma moeda. As pessoas não

podem avançar em seus direitos econômicos, sociais e culturais sem espaço político e liberdade civil para fazê-lo. E as violações dos direitos civis e políticos nada acrescentam ao desenvolvimento econômico de um Estado.

Portanto, a importância da Declaração Universal reside também no reconhecimento de uma concepção de dignidade humana que englobe os direitos econômicos, sociais e culturais. Esses direitos - à segurança social, ao trabalho, ao desfrute de tempo livre, a um nível de vida adequado, à educação e à vida cultural - reivindicam um conceito de justiça distributiva e a intervenção dos Estados e das Nações Unidas para garantir que assim seja.

Quando se proclama que todos os povos e nações devem esforçar-se para promover o respeito a esses direitos e liberdades, está se impondo um dever tanto aos indivíduos como às instituições. Por isso, não deixa de ser revelador que o preâmbulo da Declaração Universal afirme a necessidade de protegê-los, para que o homem não seja compelido ao supremo recurso da rebelião contra a tirania e a opressão, afirmação que continua a ser uma contundente negação da legitimidade dos regimes opressivos.

(Carlos Alceu Machado é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A produção brasileira de alimentos, com sustentabilidade

ELMAR LUIZ FLOSS &
MARCOS FAVA NEVES

Introdução

Além do desafio de se produzir cada vez mais alimentos, de se oferecer produtos de melhor qualidade ao consumidor, de se obter rentabilidade à propriedade rural e competitividade no mercado internacional, o agronegócio requer a sustentabilidade sob pontos de vista econômico, social e ambiental. É o desafio de se produzir cada vez mais, de forma melhor, sem que isso custe a destruição ou a contaminação dos recursos ambientais como o solo, a água, a fauna e a flora.

A produção sustentável, também é um diferencial cada vez maior, na ampliação e da busca de novos mercados para os produtos agrícolas brasileiros,

de origem vegetal e animal. Há grandes disponibilidades de recursos no mundo para investimentos em projetos que tenham o viés da sustentabilidade.

Evolução da produção brasileira e grãos alimentícios

No período de 1976 a 2019, a população brasileira cresceu de 110,1 milhões de habitantes para 210,2 milhões de habitantes (+90,8%), em apenas 43 anos. Verifica-se uma tendência de queda na taxa demográfica nos últimos anos, especialmente, a partir de 1994, com o aumento de renda da população, determinado pelo controle da inflação a partir da implantação do Plano Real, que promoveu aumentos significativos no poder aquisitivo da classe trabalhadora.

A produção total dos 12 principais grãos alimentícios no Brasil (soja, milho, trigo, arroz, feijão, sorgo, amendoim,

aveia branca, centeio, cevada, canola e girassol), cresceu no Brasil, de 48,3 milhões de toneladas (M t), em 1976/77, para 58,4 M t em 1985/86 (+20,9%), 75,9 M t em 1995/96 (+ 57,1%), 130,1 M t em 2005/06 (+ 169,4%), 186,6 M t na safra 2015/16 (+ 286,3%), de 242,1 M t na safra 2018/19 (+ 401,27%), e, 272 M t, estimada para a safra 2020/21 (+ 463,1%), em relação à safra 1976/77.

Considerando a evolução da produção brasileira de grãos alimentícios e o crescimento da população, obtém-se a produção per capita de grãos. A evolução foi de 480 kg/per capita/ano, em 1976; para 709,62 kg/per capita/ano em 2005 (+47,8%); para 912,79 kg/per capita/ano, em 2015 (+ 90,2%) e, para 1.161,1 kg/per capita/ano, na safra 2018/19 (+141,9%). Um crescimento linear de 17,6 kg/per capita/ano (Floss,

(FOTO: ARQUIVO E.L.FLOSS)



2020). Isso significa, que além de atender adequadamente as necessidades da população brasileira, sobram excedentes, cujos recordes a cada ano, garantem divisas substanciais que financiam o desenvolvimento do Brasil.

O agronegócio brasileiro representa, 24% de toda a riqueza (PIB). Praticamente 50% da frota nacional de caminhões transportam produtos relacionados ao agronegócio, seja de insumos, máquinas e equipamentos, seja de produtos vegetais e animais e produtos industrializados. O agronegócio é um dos principais empregadores de mão de obra, especializada ou não, estimado em 16 milhões de trabalhadores, contribuindo para a redução do desemprego no país (37 % de todos os empregos). E, mais de 50% desses empregos estão no meio urbano, pois as atividades agregadas do Agronegócio, são muito mais urbanas do que rurais.

As divisas crescentes obtidas pela exportação de produtos agrícolas, vegetais e animais, geram empregos, renda, tributos e divisas que financiam o desenvolvimento de várias regiões brasileiras. Os dez principais produtos geradores de divisas são a soja e derivados, carnes, produtos florestais, cereais e derivados, complexo sucroalcooleiro, café, fibras e produtos têxteis, fumos e derivados e sucos. O crescimento do pensamento integrado de cadeias produtivas é fortemente acompanhado pelo crescimento do agro e da produção de alimentos no Brasil, que nestas 3 décadas salta de uma exportação de cerca de US\$ 5 a 10 bilhões por ano para US\$ 100,81 bilhões em 2020. Foi a segunda maior já constatada pela série histórica, perdendo apenas para 2018, e equivale a um crescimento de 4,1% se comparado com 2019. O setor participou de 48% de tudo que o Brasil comercializou externamente. Já as importações consolidadas foram de US\$ 13,05 bilhões (-5,2%), deixando a balança comercial do agronegócio com um superávit de US\$ 87,76 bilhões, o qual compensou o déficit dos demais setores na ordem de US\$ 36,87 bilhões.

Dados consolidados do Ministério da Economia revelam que nos últimos 10 anos, o agronegócio brasileiro foi responsável pela exportação de aproximadamente US\$ 1 trilhão, proporcionando um superávit de US\$ 800 bilhões à balança comercial nacional. Ou seja, o que garante a entrada de renda no Brasil é nitidamente a exportação de alimentos.

Já o VBP (Valor Bruto de Produção) na década atingiu R\$ 7,4 trilhões, 95% a mais, em valores reais, que o constatado na década anterior. O VBP de 2020 atingiu R\$ 871,3 bilhões, valor recorde da série histórica realizada desde 1989, e 17% superior ao de 2019, de acordo com informações do MAPA. Isso representa um VBP gerado pelo Agronegócio de 72,6 bilhões/mês ou 2,42 bilhões/dia ou 100,8 milhões/hora. O ministério projeta que o VBP de 2021 deverá atingir R\$ 959 bilhões, crescendo 10,1% ante 2020.

A produção com sustentabilidade

Mesmo reconhecendo não ser possível “fazer omelete sem quebrar os ovos”, há a necessidade de uma gestão cada vez melhor do ambiente. Não se pode esquecer que, até o ano de 2050, a produção mundial de alimentos deverá aumentar em, aproximadamente, 60% para atender à demanda do crescimento demográfico estimado. Visto que, na maioria dos países, não existem mais fronteiras agrícolas, esse aumento na produção está na dependência do aumento da produtividade, animal e vegetal, em cada unidade de produção. E, a segurança alimentar no mundo, dependerá principalmente do Brasil, como o maior exportador de alimentos.

O Brasil, possivelmente, seja o país produtor de alimentos com maior cuidado quanto à questão ambiental, pois: a) temos uma legislação ambiental (Código Florestal) das mais rígidas do mundo; b) a maior área de vegetação nativa preservada; c) a maior área no mundo conduzida sob sistema de semeadura direta na palha (aproximadamente 35 milhões de ha), o maior projeto mundial de sequestro de carbono; d) a maior participação dentre todos os países da energia renovável; e) a principal cultura, a soja, que requer a maior quantidade de nitrogênio para produzir uma tonelada de grãos, em média até 85% vem da fixação biológica; f) a crescente adoção do sistema de integração lavoura-pecuária-floresta – ILPF (já representa 2% do território nacional); g) a crescente adoção da adubação e correção de solos a taxas variadas, reduzindo custos e evitando contaminação ambiental; h) o uso crescente de pulverizadores com corte de secção, evitando a aplicação de herbicidas, fungicidas e inseticidas duplamente; e, i) maior adoção das modernas tecnologias de manejos das culturas, aumentando a produtividade por unidade de área, que significa a



poupança de recursos naturais (solos e água), máquinas e equipamentos e, também, diesel (menor emissão de gás carbônico).

Mais recentemente, o conceito de ESG (environmental, social and governance) aparece, um novo conjunto de pontuações ambientais, sociais e de governança, dando aos profissionais de investimento, analistas e corporações uma visão do desempenho das empresas nestes quesitos. Consideramos o ESG como uma evolução do 3P, sendo que dois são praticamente iguais: o P do planet e do environmental, o P do people e S do social. Onde houve evolução em termos de sofisticação foi no P do profit, que evolui para um conceito mais amplo de G – governance ou governança, que significa ações muito mais estruturantes. O lucro inclusive é uma consequência de boa governança.

Relatórios ESG viraram febre no setor agro e de alimentos, e as empresas passam a disponibilizar de maneira transparente e clara suas atividades inseridas nesses critérios em prol da governança, ambiente e sociedade,



abrindo caminho para possíveis investimentos. Tais informações servem para mitigação de riscos, com foco em resultados no longo prazo. Surge na Bolsa Brasileira a carteira Índice de Carbono Eficiente (ICO2) com financiamento nesta direção. São impressionantes os resultados que vêm sendo atingidos em processos de abertura de capital (I.P.O.) por empresas do setor, atraindo muitos investidores internacionais dentro de sofisticados indicadores de ESG. Isto cria uma oportunidade bilionária.

Na área ambiental, o pagamento por serviços ambientais é lei no Brasil, promovendo o desenvolvimento sustentável através da remuneração pelo bem preservado. Esse pagamento poderá ser realizado em diferentes formatos como via monetária, prestação de serviços, compensações ou por meio de títulos. Os chamados títulos verdes poderão render financiamento de R\$ 700 bilhões à agricultura brasileira até 2030, segundo projetado pela Climate Bonds Initiative, ONG britânica que certifica as organizações para emitirem esses papéis.

Preservação da vegetação natural

Com a realização do Cadastro Ambiental Rural (CAR), de forma digitalizada, obteve-se um diagnóstico preciso da ocupação das terras do imenso território nacional. A análise do CAR, realizado pela Embrapa Territorial (Embrapa Tropical, 2020), permite concluir, que a exploração rural do Brasil ocupa apenas 50,1% do território e a área destinada à preservação da vegetação nativa nos imóveis rurais representa um quarto do território nacional.

Dos 850 milhões de hectares do Brasil, a preservação nas propriedades rurais é de 218 milhões de hectares, o equivalente a 10 países europeus (Embrapa Tropical, 2020). Segundo o mesmo estudo, o total de áreas protegidas (unidades de conservação integral e áreas indígenas), totaliza 206 milhões de hectares (24,2%) do Brasil. Somente as áreas indígenas, totalizam 13,8% do território nacional (117,3 milhões de ha). A somas das áreas protegidas e as preservadas nas propriedades rurais totaliza 423 milhões de hectares (49,8% do total), equivalente a 28 países europeus. O mesmo estudo da Embrapa Territorial (2020) mostra que, ao somar-se as áreas protegidas por lei, as preservadas nos imóveis rurais e a vegetação nativa das terras devolutas e militares e dos imóveis rurais ainda não registrados no CAR em 2018, chega-se a um total de 632 milhões de hectares (63,2% do território brasileiro), o equivalente a 43 países e 5 territórios europeus.

Significa, que o Brasil usa apenas 36,8% do território para produção vegetal e animal, enquanto os Estados Unidos usam 66% na produção agrícola e preservam apenas 34% de seu território. Nos países europeus a área preservada é menor que 20%.

As 12 principais culturas produtores de grãos alimentícios, ocupam na safra 2020/21, aproximadamente 68 milhões de ha, ou seja, aproximadamente 8% do território brasileiro.

Implantação do sistema plantio direto

A implementação do sistema plantio direto (SPD), na palha, a partir das décadas de 1970-1980, foi decisiva na redução drástica da erosão do solo, na melhoria das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, na melhoria da qualidade das águas, na redução da necessidade de máquinas/equipamentos/mão de obra, e, na economia com

diesel (aproximadamente 43 litros/há/ano), graxas e lubrificantes. A erosão empobrecia o solo e causava o assoreamento de rios, açudes, barragens e estradas. Nos anos 1970, as mobilizações do solo (aração profunda, grade de destorroamento, grade de nivelamento, semeadura, gradilha, capinadeira dirigida) provocavam uma perda de até 150 toneladas de solo fértil por ha/ano, a perda da camada superficial do solo, a mais fértil, onde se concentram o cálcio, os nutrientes e a matéria orgânica.

O SPD, contribui com o “sequestro de carbono” no solo, pois reduz a emissão de gás carbônico. Para melhorar a qualidade do SPD há necessidade de uma produção anual de 9 a 12 t ha-1 de palha, especialmente através do cultivo entre a colheita e a nova semeadura da soja e milho, considerando o índice pluviométrico e a temperatura. Para exemplificar, uma produção de 10 t ha-1 ano-1 de palha seca (milho, soja, trigo, aveia, braquiárias e outras) contém cerca de 5 t de carbono. Como um kg de carbono equivale a 3,67 kg de CO₂, isso representa cerca de 18 t de CO₂ fixado por ha ano-1. Assim, em apenas em um ha de lavoura, a palha fixa, em carbono, o equivalente à liberação de CO₂ na combustão de aproximadamente 8 mil litros de gasolina pelos automóveis, pois a combustão de cada litro de gasolina libera 2,34 kg de CO₂, na atmosfera. Portanto, esses 18 t de CO₂ fixado, representa o equivalente a combustão de 7.692,3 litros de gasolina. Se a eficiência do carro for de 12 km por litro de gasolina, esse sequestro de carbono é equivalente ao gás carbônico liberado 92 mil km rodados (Floss; Floss., 2020). Essa matéria orgânica é parcialmente degradada pelos microrganismos do solo. Por isso, para aumentar em 1% a matéria orgânica do solo, há necessidade de um manejo conservacionista do solo por 10 anos.

O solo é o maior patrimônio do produtor rural, e não as benfeitorias, as máquinas e equipamentos ou as tecnologias de manejo utilizadas. Portanto, os maiores investimentos devem ser realizados na melhoria do mesmo, na busca de produtividade, rentabilidade e sustentabilidade. A capacidade produtiva da planta depende de um adequado crescimento de raízes, pois a eficiência de absorção de água e nutrientes, é uma relação direta entre o volume de raízes em contato com o volume de solo. O aprofundamento do sistema

radicular, também minimiza os efeitos de veranicos.

A melhoria do sistema plantio direto (SPD), a “agricultura conservacionista por excelência”, ocorre mediante a melhoria contínua das propriedades físicas (aumento da permeabilidade e maior armazenamento de água e ar no solo); das propriedades químicas (correção do pH a 6,0-6,5, aumento do teor de matéria orgânica, saturação de bases próxima de 80%, neutralização do alumínio tóxico e elevação dos teores de cálcio); e, das propriedades biológicas do solo (aumento de microrganismos fixadores de nitrogênio como *Bradyrhizobium*, *Azospirillum* e *Pseudomonas*, liberadores de fósforo pelas Micorrizas e *Baccillus*, sulfobactérias e microrganismos de controle biológico de patógenos, pragas e nematóides). O desafio é manter o solo coberto no intervalo entre uma cultura econômica e outra com um consórcio de culturas de cobertura ou adubos verdes. Além da redução da erosão, aumento da infiltração de água, desenvolvimento de bioporos, reciclagem de nutrientes, aumento da matéria orgânica, há a liberação de diferentes exsudatos radiculares que estimulam o desenvolvimento de diferentes microrganismos benéficos no solo e a supressão de alguns patógenos.

O Brasil é líder mundial na agricultura ABC (agricultura de baixo carbono). Inclui-se a ILPF (integração-lavoura-pecuária-floresta), já executada em aproximadamente 16 milhões de ha. As culturas e as florestas equilibram a fixação e liberação de gás carbônico no sistema. A produção de carne de carbono zero.

Uso racional de agroquímicos

Há a necessidade permanente de uma maior eficiência no controle fitossanitário, no controle de plantas daninhas, pragas e moléstias na cultura, para reduzir significativamente, as perdas no potencial de rendimento. O grande desafio é a resistência crescente de plantas daninhas aos herbicidas, o aparecimento de novas pragas e da perda rápida da eficiência de controle de patógenos pelos fungicidas disponíveis.

O Brasil é predominantemente tropical, e essa condição climática favorece o aparecimento de pragas e patógenos, que não ocorrem em países de clima temperado, especialmente, com períodos de neve. A sanidade das culturas já não depende somente do uso de produtos químicos, mas, de sistemas integrados

de controle, que envolve a rotação de culturas, rotação de cultivares na mesma área, a rotação de cultivares com diferentes eventos biotecnológicos, a rotação de princípios ativos de herbicidas, inseticidas e fungicidas, do uso de sementes de qualidade, da qualidade da semeadura, da nutrição equilibrada (macro e micronutrientes), do controle biológico e do uso de indutores de defesas (“vacinas”). É crescente a combinação dos melhores inseticidas e fungicidas, com o uso de produtos biológicos, para controle de pragas e patógenos, bem como o uso de indutores de defesas (fosfitos, ácido salicílico, aminoácidos tirosina e fenilalanina, dentre outros). O controle biológico atende ao desafio do aumento crescente dos rendimentos e com a qualidade dos grãos produzidos.

Há 50 anos atrás ocorriam grandes perdas de rendimento ocorriam devido a pragas (especialmente, lagartas, pulgões, percevejos), moléstias e plantas daninhas mesmo com a calagem e a adoção adequado do SPD. Na década de 1970, o controle de lagartas e percevejos em soja, por exemplo, necessitava de até seis aplicações de inseticidas altamente tóxicos, principalmente por estarem na forma de pó. Eram aplicados até 20-25 kg de inseticida por ha e hoje, o uso de aproximadamente 100-300 mL ha⁻¹.

Atualmente, são usados produtos mais eficientes, em menores doses e menos tóxicos, com menor contaminação ambiental e humana, integrando-se a resistência genética, o manejo cultural e a utilização de herbicidas, fungicidas e inseticidas. Há necessidade de agilizar o registro de novas moléculas, mais eficientes e menos tóxicas ao homem, a busca da resistência genética, a rotação de culturas e de cultivares, a melhoria na eficiência de aplicação, a mistura com protetores, a nutrição equilibrada, o controle biológico e o uso de indutores de defesas.

Uso de biocombustíveis

O Brasil tem tradição no uso dos biocombustíveis desde o programa Proálcool, que nos anos 70 tinha como objetivo substituir o petróleo importado pelo etanol produzido dentro do país. E o programa de biocombustíveis vindos da cana acabaram sendo grandes contribuidores da questão ambiental do Brasil, pois as emissões do etanol são sensivelmente menores que as do seu combustível concorrente, e também se conseguiu com a co-geração de energia

via queima de bagaço gerar também eletricidade renovável. Da frota de automóveis do Brasil hoje o etanol consegue ter mais que 40% de participação, e também no biodiesel feito à partir de produtos agrícolas e pecuários (especialmente, o óleo de soja), vem crescendo sua participação e já ocupa mais de 10% do total de diesel usado.

Destaca-se também o RenovaBio, um dos programas mais modernos de descarbonização existentes que irá ampliar a presença de combustíveis renováveis na matriz brasileira. Além do RenovaBio, os investimentos na produção de etanol à partir do milho vem crescendo no Brasil, o que possibilita também modelos de agricultura circular com a utilização do subproduto do processamento de milho como componente de ração animal e utilizar os esterco da produção como fertilizantes para o milho e a cana.

Aumento da produção com dois a três cultivos por área

As condições climáticas que ocorrem no Brasil, permitem a realização de 2, até 3, safras por ano na mesma área. No Sul do Brasil, com clima temperado, são cultivadas as culturas de inverno (trigo, aveia, cevada, centeio, triticale, canola, forrageiras e outras) e em sucessão, no verão, a soja, milho, arroz, feijão, dentre outras.

Nas regiões quentes a sucessão soja/milho (culturas que representam 90% do total de grãos alimentícios produzidos), bem como as sucessões soja/algodão e soja/feijão, na mesma estação de crescimento. Essa sucessão somente foi possível graças ao desenvolvimento de novos cultivares, de soja e milho, de ciclo curto e com altos potenciais de rendimento.

Essa possibilidade de sucessão cultural, representa o aumento da renda da propriedade, dos municípios, estados e país. Também, representa poupança de terras, pois obtém-se maior produção na mesma área. Esse aumento significativo da produção de soja e milho, alavancou a produção brasileira de carne de frango (o segundo exportador mundial) e de carne suína (quarto exportador mundial).

Adoção da Agricultura de precisão

Vivemos a fase da agricultura de precisão, também chamada agricultura digital, agricultura 4.0, a nanotecnologia na agricultura. Não se trata apenas da utilização de GPS em máquinas e

equipamentos agrícolas, mas também da conjugação dos maiores avanços da informática, da engenharia mecânica, eletrônica, comunicação (nanotecnologia eletrônica), mas também da biologia molecular, fisiologia vegetal e nutrição de plantas (nanotecnologia biológica), proporcionando-se condições mais adequadas para o melhor desenvolvimento das culturas, fazendo-o de forma rentável e sustentável. A amostragem de solo georreferenciada é um avanço extraordinário no diagnóstico das condições de solo, a sua correção e adubação a taxa variada, o piloto automático, a pulverização dirigida, o corte seções na semeadura e pulverizações, o diagnóstico do desenvolvimento da cultura e a identificação de deficiências nutricionais e a presença de pragas, patógenos e plantas daninhas.

A agricultura futura terá cada vez mais tecnologia digitalizada embarcada, aumentando os custos das máquinas e equipamentos. Por isso, o “uber” chegará no meio rural. As empresas, não apenas comercializando os agroquímicos, corretivos e fertilizantes, mas, já fazendo a aplicação dos mesmos na lavoura. Essa mudança, também atende as cada vez mais rígidas leis ambientais, determinadas pela exigência do mercado consumidor, de alimentos com menos resíduos, a rastreabilidade e a redução da contaminação do ar, águas e solos.

Diante dos custos cada vez mais elevados de corretivos e fertilizantes, os cuidados com a contaminação ambiental, e, considerando a busca de maior produtividade com rentabilidade, é imperiosa a aplicação a taxas variadas. Para o diagnóstico será cada vez mais importante a amostragem de solo georreferenciada, a conjugação de mapas de fertilidade e mapas de colheita, o uso de drones e do uso de imagens via satélite.

Consideração finais

O recurso gerado pela agricultura e produção de alimentos motivou a criação de cidades pujantes com o crescimento do comércio, dos serviços e também da indústria, gerando empregos e interiorizando o desenvolvimento. Um interessante processo que reduziu o êxodo rural em direção às periferias dos grandes centros urbanos e o processo de favelização decorrente e criou nestas cidades menores uma vida melhor, com mais alternativas sociais, culturais e de diversão. Jovens não mais estão indo embora e sim construindo suas vidas



nestas “agro cidades”.

Muitos são os casos destas “agro cidades” no Brasil, e aqui destaca-se uma como exemplo, Quirinópolis, no estado de Goiás. Na comparação de dados de dez anos onde houve forte desenvolvimento da agricultura e industrialização de produtos. Recortando-se os anos de 2000 a 2010, a população cresceu de 35 para 45 mil pessoas, os empregos de 4 mil para 10 mil, o salário médio de R\$ 400 para R\$ 1.400, a renda per capita de R\$ 6 mil para R\$ 14 mil, a arrecadação de impostos ao Estado salta de R\$ 8 milhões para R\$ 22 milhões, o número de veículos vai de 8 mil para 19 mil, entre outros. Mas um dos indicadores mais interessantes é o número de empresas, que vai de 650 para 3.100, mostrando a grande criação de oportunidades às pessoas nos diversos setores da economia.

Outro processo interessante que se observa nos últimos 10 anos principalmente é que a agricultura, por sua pujança, virou moda entre os jovens brasileiros, que seguem desenvolvendo inovações e startups para o setor e muitos filhos que foram estudar nas cidades maiores hoje voltam para ajudar as famílias na moderna gestão disponível ao setor, que envolve monitoramento aéreo, sensoramento, big data, aplicação localizada de produtos que permite administrar as áreas produtivas não mais por hectare, mas por metro quadrado, com muito mais eficiência e reduzindo desperdícios.

Nestes 30 anos foi notório o benefício que o agro trouxe ao Brasil, alcançando 50% das exportações do país e gerando aproximadamente 1/3 do PIB, 1/3 dos empregos e cerca de 1/3 da arrecadação, a depender do recorte que foi dado para ver quais setores entraram na conta do agronegócio.

O desafio de sustentabilidade colocado ao Brasil para os próximos 30 anos é grande, mas factível com a entrada destes investimentos internacionais. Para manter o crescimento da oferta

equilibrada com o crescimento mundial da demanda, será necessário o uso em 2030 de uma área cerca de 15 a 20 milhões de hectares maior que a atualmente usada (80 milhões de hectares) para a produção de grãos e outras lavouras no Brasil (excetuando-se a pecuária). A boa notícia é que com uma pecuária cada vez mais tecnificada, produzindo mais em menos área, estes 20 milhões de hectares podem ser captados dos 160 milhões de hectares hoje usados em pastagens. E ainda assim o Brasil usará menos de 10% de seu território, que é de pouco mais de 850 milhões de hectares, para a agricultura. Um aumento de área de cultivo, sem desmatamento.

A incorporação dos princípios do ESG ao já consolidado pensamento em cadeias produtivas era a tração que faltava para a promoção do desenvolvimento sustentável. O desafio ao Brasil é continuar avançando de forma veloz e sustentável na eficiência de seu agronegócio para ajudar no abastecimento da crescente população mundial com hábitos cada vez mais urbanos e permitir, com esta produtividade e eficiência, um maior controle dos preços mundiais das principais commodities alimentares e a consequente redução da fome mundial.

Para concluir a criatividade da sociedade será principalmente no S do ESG. Como este crescimento do agro e da produção de alimentos pode ser acompanhado da geração de mais inclusão, da criação de oportunidades às pessoas e desenvolvimento social é onde novas soluções devem emergir, num mundo cada vez mais digital, de home-office e automação. Nas próximas 3 décadas o desafio principal será o de pensar nas pessoas.

Referências consultadas

- COMEXTAT/MDCI. Exportações brasileiras de produtos agrícolas. Disponível em: www.mdci.com.br. Acesso em: 28 de agosto de 2020.
- CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento de safra brasileira de grãos, 1977-2021. Brasília: Conab, 1977-2021. Disponível em: www.conab.gov.br. Acesso em: 16 de março de 2021.
- EMBRAPA TERRITORIAL. Síntese ocupação e uso das terras no Brasil. Disponível em: www.embrapa.br/Car/Síntese. Acesso em: 19 de maio de 2020.
- FLOSS, E.L. Produção de alimentos – a nobre missão da agricultura. Passo Fundo/Aldeia Sul/ Editora Berthier, 2020.
- FLOSS, E.L.; FLOSS, L.G. Fatores e processos essenciais para altos rendimentos de soja. Informações Agronômicas. Piracicaba: NPCT, n.5, março de 2020. p.1-19.

(Elmar Luiz Floss é Prof. Dr. do Instituto Inicia – Passo Fundo, RS e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Marcos Fava Neves é Prof. Dr. da Faculdade de Administração /USP e da Fundação Getúlio Vargas,

Gatinha pode,



vaquinha e porquinha não!

IVALDINO TASCA

Fiquei observando (confesso, não devia, mas a cena se tornou irresistível, afinal, quando um instante transcendente – como relâmpago – ocorre em nossa frente devemos admirá-lo) o ronronar do jovem casal no campus da UPF.

No fundo, no fundo não fui intruso, já estava escorado numa árvore falando com alguém especial ao telefone quando os dois pararam para amassos sem se importarem ou se darem conta da minha presença.

Aliás, numa hora dessas os toques entre um homem e uma mulher têm o mágico poder transportá-los para uma nova dimensão, bem longe da terra.

- Amo você minha gata, sem você não sou nada, diz aquele olhar apalermado que toma conta do homem quando a paixão/tesão contamina corpo, mente e alma.

Em seguida tascou beijo de alterar a pressão arterial, a pulsação, a adrenalina e a ação dos hormônios. Eu, as árvores, o campus da UPF evaporamos para eles naquele momento. O que tem mais força de nos levar ao espaço sideral do que essa coisa denominada paixão/tesão,

que faz o corpo entrar em parafuso e produz algo parecido com o encontro de duas cataratas do Iguaçu?

- Também amo você meu gato fofo, você é tudo pra mim, responde um olhar típico de quem levita ao observar algo do outro mundo ou, simplesmente, de quem também apalermou. Quando a mão do jovem mancebo ousou buscar outras paragens a menina falou: “aqui não, gato” (a moça tinha recato). E seguiram sem notarem minha presença.

Foram em frente na base do “dois em um” como as antigas embalagens em lata de marmelada Cica e minha cabeça passa a ruminar, sem propósito claro, as expressões gata e gato. Sabia, com meus botões, que surgiria algo novo entre os meus pensamentos porque fui repetindo gata, gatinha gatona e gato, gatinho, gatão.

Quando o gato apaixonado e a gata apaixonada esfumaram do meu campo de visão dei-me conta de como os preconceitos abundam a vida cotidiana mesmo quando pretendemos estar – a modernidade boçal exige – no território do politicamente correto.

Estarrecedor: há preconceito em tudo e com tudo, inclusive com os animais e até na hora do namoro.

Fico imaginando qual teria sido minha

reação e se o moço apalermado pela força sensualidade tivesse dito: “amo você minha porca”. E se ela, no mesmo estado, respondesse: “também amo você meu porco fofo”.

Sentiram o efeito?

Porca, porquinha, porcona & porco, porquinho, porcão!

Choveram estalos sem fim a respeito de possíveis diálogos amorosos em casais tangenciando o cio que tão somente reafirmam a questão do preconceito com os bichos: minha cadela & meu cachorro, minha égua & meu cavalo, minha mula & meu burro, minha pata & meu pato, minha galinha & meu galo.

Imaginem a repercussão de um diálogo de enamorados, na hora dos gutigutis, dos frufirus: te adoro minha vaca adorada!

E como ficaria o clima romântico entre o garoto com olhar de peixe morto de tanta paixão correndo pelas veias e a menina roçando as nuvens pela energia produzida por hormônios ferventes falassem: adoro você minha cadelinha e ouvisse como agrado um te adoro cachorrão.

Talvez o “minha galinha” fique entre os piores de todos, embora galo – caçoete de uma sociedade machista? – já soasse como elogio ao jovem mancebo.

Fico perplexo com as coisas que vamos construindo e repetindo sem análise profunda a respeito do que corre ao lado. Para agradar minha namorada, minha amante, meu caso, minha noiva ou minha esposa usar o substantivo comum gata (gatinha ou gatona) e ao lado colocar alguns adjetivos é positivo, é de bom gosto, é carinhoso, é fofo, é delicado e acaba fazendo a “gata” se derreter.

E o que uma gata, na vida real, pode fazer pela gente, além de arranhar, exigir veterinário e ração de qualidade e, quando não está dormindo, correr atrás de um camundongo?

Agora, se um homem dirigir seu olhar apalermado pela descarga de adrenalina e impulsionado pela paixão/tesão no olho da namorada, amante, caso, noiva ou esposa e utilizar, com voz melodiosa e quente o substantivo comum vaca (vaquinha, vacona) na tentativa agradá-la não existirá adjetivo que possa consertar o estrago que isso vai produzir no amor próprio da mulher!

Chamar “gata” com suavidade produz

sorrisos inebriantes, faz brotar beicinhos sedutores, inunda o rosto de luz, predis põem o corpo para toques sutis e aplaina o caminho para indescritíveis momentos de nhenhênhs, de gutigutis; agora chamar de vaca, mesmo com um tom de voz denotando suavidade, significa desencadear um tsunami de ódio virulento e atrair para a cabeça sapatos, cabo de vassoura, chinelos gritos insanos.

Mas que coisa mais esquisita, hein?

Vaca não deve entrar no diálogo do homem que transborda sua paixão para a mulher amada, mas tem bicho mais útil para a humanidade do que a fêmea do touro que nos garante leite, iogurte, quatrocentos tipos de queijo, requeijão, manteiga, nata, carne em forma de costela, picanha, maminha, sapato, casaco, tapetes, cosméticos, sabão, botão?

E a questão da porca, fêmea do porco, que também dá contribuição ímpar para nossa vida rotineira e que nos passa uma imagem de conotação extremamente negativa até quando falamos docemente no diminutivo: porquinha.

Afinal, quais são nossos critérios?

Quem consegue entender o delineamento dado pela carga energética negativa embutida nas palavras talvez explique essas injustiças que cometemos com parcela expressiva da bicharada nos momentos de carinho entre um homem e uma mulher.

É um terreno pantanoso tentar inovar nesse quesito.

Enquanto o ambiente tem esse viés com animais tidos como domésticos, uteis às nossas vidas é extremamente oportuno deixar ainda muito mais longe de nosso vocabulário os animais fora da nossa rotina quando estivermos ronronando no ouvido de uma gata ou vice-versa. Assim, apenas para os inimigos usar termos de potencial altamente explosivo como piranha, girafa, cascavel, jacaré, hiena...

(Ivaldino Tasca é jornalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O escravo

Semeiei pétalas de rosas
sobre o mimo do teu rastro,
soprei com carinho o pó
no cristal do teu sapato.
Lambi meus lábios ressecos
pra ser água em tua sede,
fiel a teus ideais
fiz dos meus, meus inimigos
e plantei noites insones
pra imuniza-la ao perigo...

Reguei sombras no deserto
pra protege-la ao relento,
andejei com braços férreos
transladando o teu trono.
Nos momentos infortúnios
fui o bobo em tua corte,
na arena de teus silêncios
me fiz palhaço pra ti
ousando a vã esperança
de poder vê-la sorrir...

Me penitenciei em teu lugar...
flagelei a alma e a carne
pagando por teus pecados,
fui condenado, excomungado
sem hesitar nem temer
voluntário e indolente
só pra não vê-la sofrer...

Fui teu escudo de guerra...!
Lanças rasgaram meu peito
pra ser minha a tua dor,
meu sangue esvaiu-se rubro
pra ser tinta em tua pena,
chorei pelas tuas magoas
lágrimas sinceras e puras
sentindo o sal da tristeza
e o asco frio da amargura...!

Refuguei a minha vida
pra poder viver a tua
deslumbrado em teu encanto
de indefinível candura...
Dispersei minhas quimeras
pra rondar os teus anseios,
extraviei sonhos que tive
pra poder reunir os teus,
por você erreí, pequei
neguei as leis e a Deus...

Como súdito e escravo
me ajoelhei frente à você
e rastejei a teus pés
sem permissão pra chorar,
implorando o perdão
por você sempre negado
por te amar em silêncio
no mais sublime pecado...

Me apresentei sem esquiva
a mão carrasca do tempo
pra morrer em teu lugar...
E morri... certamente
por teu mais lindo capricho,
que eu buscasse lá no céu
a cintilante estrela
sem brilho perto de ti
mas que tu sonhava em te-la...

Mas... renasci ao teu chamado
pra atender outro capricho...
ser novamente só teu
de alma doce e esguia
te-la por prenda, por musa
e eterniza-la em poesia....

(Luis Lopes de Souza é poeta e membro
da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O infausto dogma do “tratamento precoce” da Covid-19

HUGO R. K. LISBOA

Nestes tempos trágicos da pandemia da Covid-19 temos visto reações inusitadas das pessoas. A crescente mortalidade, sem paralelo na história da humanidade, causada pelo coronavírus levou a posições extremadas. Na luta contra esse inimigo, buscaram-se medicações que pudessem frear seu desenvolvimento. Nas ciências básicas encontraram-se drogas que impediam a replicação do vírus e, como já eram usadas para outras enfermidades há tempo e serem baratas, passaram a ser usadas como uma panaceia para tratar a Covid-19. Essas constituem o “tratamento precoce” e incluem cloroquina, ivermectina, vitaminas e outros “adereços” que são acrescentados ou retirados sem uma explicação convincente. Com o passar do tempo, o louvável esforço de combater a pandemia, tornou-se um dogma em parte da classe médica brasileira. Os “precocistas” advertem que é um crime não tomar. Na defesa dessa posição artigos pagos

foram publicados nos maiores jornais nacionais, outdoors são colocados nas ruas na defesa incondicional do tratamento precoce.

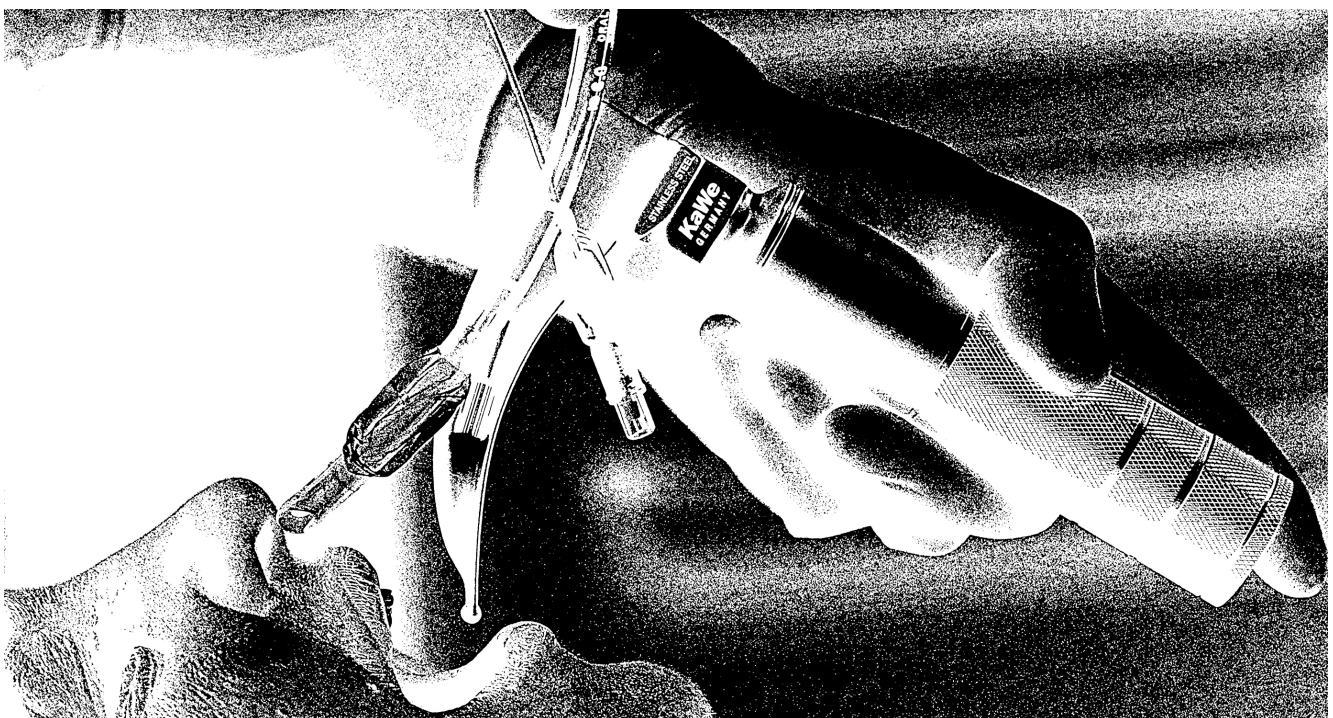
Recentemente, o Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (Cremers) teve que sair em defesa dos associados visto que uma banca de advogados estaria coagindo médicos para prescrição desses medicamentos. Nunca teve tal pressão para o uso de um tratamento na história da medicina brasileira. Paralelamente a um aumento de 500% na venda de componentes do “kit”, verificou-se um aumento na mortalidade. Nunca tivemos tantos óbitos. Não há mais vagas em hospitais, UTIs e cemitérios. Não há equipamentos ou equipes médicas para tratar a avalanche de pacientes. A mortalidade avança sobre pessoas jovens consideradas anteriormente de menor risco. Visto isso de uma maneira global, parece que esse tratamento piorou e 340.000 mortes são testemunhas desse equívoco.

O mantra intoxicante do “tratamento precoce” brasileiro impede que se levantem os olhos para ver o que está

ocorrendo no mundo. A vacinação em Israel fez com que taxa de infecções por Covid-19 diminuísse 95,8% entre as pessoas que receberam ambas as doses da vacina. Dessa forma, é necessário que a nossa classe se una em torno do que vem funcionando no mundo. Esse esforço é ainda mais importante já que o governo brasileiro tomou posições equivocadas na condução da pandemia e, até agora em abril de 2021, continua dando informações contraditórias. Foi uma atuação péssima, uma vergonha.

A união da medicina brasileira deve ser para pressionar pelo uso de máscaras, higiene das mãos e afastamento social. Pela vacinação em massa, pela compra das vacinas, pelo pedido de empréstimo para quem comprou a mais. É fundamenta emitir um SOS e fazer um mea culpa. Não é possível continuar com essa mortandade vendo tantas pessoas falecendo, dia após dia, sem precisar.

(Hugo R. K. Lisboa é MD, PhD, endocrinologista, professor de Medicina da IMED e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



As virtudes femininas, a Psicologia Positiva e o bem-estar na pandemia



MARILISE BROCKSTEDT LECH

O dia é das Mulheres porém, tratarei, aqui, não sobre seus encantos e versatilidade mas, sim, sobre o seu lado feminino que caracteriza-se pela capacidade de empatia e cuidado. Isso se faz necessário, pois a atual pandemia está colocando a teste a nossa consciência humana e a nossa saúde emocional, enquanto vivenciamos situações jamais imaginadas.

Diante das incertezas e das limitações de trabalho e lazer impostas a todos nesse momento, cabe a nós girarmos o caleidoscópio do nosso olhar e identificarmos as possibilidades de melhorarmos nossos pensamentos e ações, a partir de uma visão mais ampla, coletiva e positiva, exercendo nossas virtudes e forças de caráter.

É sobre isso que trata a ciência da Psicologia Positiva, que ora estou me especializando. Busca investir no desenvolvimento de uma nova perspectiva centrada nas emoções positivas, nas potencialidades, no bom relacionamento consigo mesmo, com os outros e com o mundo (nessa ordem), favorecendo o bem-estar e a autorrealização.

Tal como refere Martin Seligman, o “pai” da Psicologia Positiva, necessitamos, constantemente, aperfeiçoar as virtudes da sabedoria, da coragem, do humanismo, da justiça, da temperança e da transcendência. Fazemos isso quando refletimos sobre nossos comportamentos e estamos de coração aberto para evoluir, a partir dos relacionamentos e, em especial, quando nos deparamos com situações difíceis.

Diante da impossibilidade de visitarmos familiares e amigos, de participarmos de encontros e festas, de viajarmos, nos resta ficar em casa, façamos isto trabalhando de forma remota e/ou aproveitando da melhor forma o nosso tempo livre. E, ao fazermos isto, vale usar a criatividade, afinal, a imaginação não foi cancelada e a verdadeira sensação de bem-estar e liberdade está mais ligada à nossa mente do que ao nosso ambiente externo.

O bem-estar também pode ser conquistado enquanto lemos, aprendemos, escrevemos, nos comunicamos por meio das tecnologias, nos exercitamos, cuidamos das plantas, brincamos com os animais e junto à natureza, mas, acima de tudo, quando amamos e cuidamos das pessoas que estão à nossa volta, em

especial das que estão mais fragilizadas, mesmo que façamos isso, à distância. O esforço que fazemos ao ajudar e a sensação de coletividade, é o que nos torna mais fortes e mais humanos.

É tempo de educarmos o nosso olhar para encontrarmos uma visão mais positiva, focada mais no aumento da saúde e na prevenção das doenças. É tempo de usarmos máscaras, as quais, felizmente, não escondem o sorriso do rosto e nem os pedidos de ajuda expressados pelos olhos, e podem nos proteger de males ainda maiores. É tempo de nos ressignificarmos!

As virtudes femininas do cuidado e da empatia que são reforçadas, historicamente, pela capacidade de gerar vidas, também podem ser próprias dos homens. Assim como o vírus da COVID-19 não distingue gênero ao nos contaminar, homens e mulheres devem ser “contaminados” pelas virtudes femininas. Assim... cuidemos uns aos outros!

A todos... Feliz dia do Feminino!

(Marilise Brockstedt Lech é Psicóloga, Educadora Física, Doutora em Educação e membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)

Meu novo vizinho e filosofia

SUELI GHELEN FROSI

Temos um vizinho novo. Trata-se de um rapaz alto e saudável, que chega ao final da tarde e sai bem cedinho. Presumo que seja um trabalhador como qualquer outro, todavia, sua morada é inusitada por estar em um terreno baldio onde existe um telhado e, embaixo dele, algumas caixas de papelão. É ali que o vizinho dorme e onde guarda suas coisas. Sua condição de vida e invisibilidade lembram-me de outro caso bem emblemático.

Uma professora de filosofia conta sobre uma aula frequentada por adolescentes em uma escola pública. Os estudantes foram chegando e fizeram companhia a um grupo uniformizado

fazendo limpeza na sala. Alguns minutos depois, a ausência da professora foi sentida e as reclamações pelo atraso foram inevitáveis.

Em meio à estranheza pelo atraso alguém falou: “O que é filosofia?” Os alunos perceberam então que a professora integrava o grupo uniformizado. O episódio resultou em uma aula inusitada, cheia de significado, pois perceberam a condição de invisibilidade do grupo que limpava.

Os alunos entenderam, após uma conversa, que a filosofia propõe-se a ver o mundo à nossa volta, com atenção, com senso crítico e com o intuito de compreender as raízes da experiência humana.

Duvido que alguém tenha saído daquela sala sem ter sido profundamente afetado. Certamente aquela menina

tinha a impressão de que a filosofia fosse algo abstrato, fruto de conceitos que, através da história da filosofia diferentes pensadores elaboraram para entender os valores, a natureza, a beleza, o homem, cada um à sua maneira.

Entenderam que esses filósofos tinham a característica de questionar o mundo considerando as teias das nossas relações cada vez mais complexas. A necessidade de nos inquietarmos é cada vez maior, por isso ampliaram os questionamentos chegando a mais significados. Os alunos compreenderam a invisibilidade como uma questão forte que precisa ser visitada.

(Sueli Ghelen Frosi é escritora, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Escola de Pais do Brasil.)



Os malabaristas

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA

A tendência é de que este número de “malabaristas” aumente. São malabaristas reais, frutos de uma sociedade de mercado.

Eles já fazem parte do nosso cotidiano. Estão diariamente nas principais esquinas de Passo Fundo aproveitando o tempo do sinal vermelho para oferecer o seu show. Fazem malabarismos, engolem fogo, equilibram bolinhas, jogam cones para o alto e os acolhem nos braços com rara habilidade, equilibram-se em pernas de paus, vestidos com roupas coloridas. Agora, apareceu até um solista de violino, em uma de nossas artérias mais movimentadas de nossa cidade Passo Fundo, RS.

Verdadeiros palhaços das ruas: Os malabaristas do sinal vermelho.

João Bosco e seu filho Francisco retrataram com rara inspiração estes personagens do nosso dia a dia em uma canção composta em 2003: “Penso nos malabaristas do sinal vermelho/Que nos vidros dos carros/Descobrem quem são/ Uns, justiceiros, reclamam o seu quinhão/Outros pagam com a vida sua



porção/ Todos são excluídos na grande cidade”.

Depois do rápido espetáculo, que precisa ser ajustado ao tempo do sinal vermelho, eles passam entre os carros para colher o “pagamento” pelo que ofereceram. São movimentos rápidos, cronometrados e arriscados. É a busca pela sobrevivência no modelo capitalista neoliberal. E, aí, como diz a letra da canção – nos vidros dos carros, descobrem quem são – isto é, os verdadeiros

mendigos contemporâneos.

“Como não aplaudir e encher o rosto de encanto ao ver um espetáculo de marionetes? Como não se prender na confusa tentativa de compreender como pode, um boneco, fazer tantos movimentos e com uma dinâmica que parece dar vida ao mesmo?” (Elias Foschesatto)

(José Ernani de Almeida é professor de história e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Como não morrer por dentro!?

SUELI GHELEN FROSI

Sempre percebemos quando estamos agonizando por dentro. O vazio existencial não depende de grandes acontecimentos, mas ele surge do nada.

A aridez interna dá-nos conta de que algo não vai bem com relação ao trabalho de constante crescimento a que nos submetemos, cômicos de que estamos incompletos, inconclusos. Sentimos que devemos dar continuidade à evolução da nossa alma, mas, de tempos em tempos, duvidamos de que tenhamos energia e condições para isso.

Sinto que a velocidade que usamos por acompanhar o que acontece está criando uma situação de ansiedade, quando nossa atenção é chamada ao mesmo tempo para tantos interesses.

A incapacidade de digerirmos com vagar – como deve ser –, leva-nos à precipitação em tirarmos conclusões sem sabedoria, eivadas de preconceito e carentes de embasamento.

Quando entro em estado de agonia da alma valho-me da literatura. Nenhum livro caiu voluntariamente no meu colo para ser lido, por óbvio. A caça ao que ler é fruto da minha vontade solitária, é, antes de tudo, um cuidado comigo mesma, necessitada de me aquietar e

preencher o compromisso pessoal de não morrer por dentro. O processo de regeneração interior é silencioso e gradual. Um livro carrega-nos para fora, para vermos o mundo com amplitude.

“A literatura ao longo de sua trajetória vem provando que uma de suas funções primordiais é a humanização do ser, que transforma a vida através da linguagem. Porém, a literatura só exercerá completamente sua função se tiver um comprometimento social”. (Laércio Fernandes dos Santos)

(Sueli Ghelen Frosi é escritora, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Escola de Pais do Brasil.)

Tiradentes: mito ou herói?

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA

O momento que vivemos no país, em que são acionadas disputas diárias em torno da história e da memória, é preciso entender que tanto as memórias quanto os esquecimentos merecem ser considerados não como verdades absolutas, mas em suas possibilidades de interpretação.

A Inconfidência Mineira, por exemplo, e seu mártir Tiradentes, ainda hoje causam polêmicas. A conspiração dos mineiros foi, basicamente, um movimento de oligarcas, no interesse da oligarquia, sendo o nome do povo invocado apenas como justificativa.

Tiradentes foi um entusiástico e temerário propagandista da rebelião. Mas não há dúvida de que seu papel na trama foi, e sempre seria menor. Ainda assim, e por isso mesmo, era o bode expiatório ideal – e a Coroa o escolheu para servir de exemplo, papel que ele cumpriu com altivez espantosa.

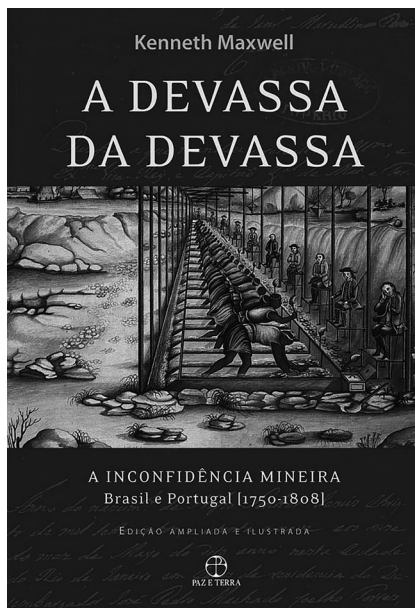
A relevância de Tiradentes deriva de sua força simbólica que o transformou em herói nacional. As cenas de sua morte, esquartejamento de seu corpo, a exibição da cabeça, passaram a ser evocadas com muita emoção e horror nos bancos escolares.

Foi um longo processo de construção de um mito que tem sua própria história. Durante todo o período colonial ele foi visto como criminoso, por ter cometido crime de lesa-majestade.

Mesmo depois da independência Tiradentes incomodava, pois os conspiradores tinham pouca simpatia pela forma monárquica de governo. Mais. Os dois imperadores eram descendentes de Dona Maria, que o condenou à morte.

Quando da proclamação da República, esta não possuía nenhuma figura capaz de sintetizar e sustentar simbolicamente o novo regime. Fora um verdadeiro golpe militar, que precisava de legitimação. Era urgente uma figura heroica capaz de congregar diferenças, de unificar a nação e conferir legitimidade popular à República.

Eis que então é retirado do limbo da história, Tiradentes. O 21 de abril passou a ser feriado e Tiradentes foi cada vez



mais retratado com traços semelhantes às imagens mais divulgadas de Cristo, tornado uma figura cívico-religiosa. O Brasil ganhou seu Cristo cívico!!

A figura do condenado ao enforcamento, com a corda no pescoço, tornou-se o grande símbolo da redenção do país. Até barba colocaram no morto.

O máximo que Tiradentes poder-se-

-ia permitir era um discreto bigode. Estudos contemporâneos, apresentam um Tiradentes bem mudado: sem barba, sem liderança e sem glória, como revela K. Maxwell, autor de A Devassa da Devassa, o melhor livro sobre o tema.

Como simples alferes – o equivalente a tenente, hoje – dificilmente lideraria a alta hierarquia militar, padres e desembargadores.

A verdade é que o enfoque excessivo sobre a figura de Tiradentes – herói, mito, bode expiatório? – acabou deixando de lado o real significado histórico da Inc. Mineira de 1789, um conflito entre grupos econômicos da colônia e do reino.

Os defensores da Escola Sem Partido devem estar indignados. Como ousa contestar um herói e um mito da nação? A função da história é esta. Desconstruir tradições, reconstruir trajetórias, questionar fatos consumados e discursos prontos.

(José Ernani de Almeida é professor de história e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O poema das mil e uma traduções



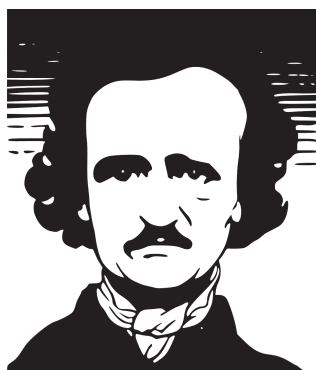
GILBERTO R. CUNHA

Talvez, você, assim como eu, um dia tenha sido apresentado ao magistral poema O Corvo, de Edgar Allan Poe, mas não tenha tido a curiosidade para saber quem fora o tradutor daqueles versos para o nosso idioma pátrio. Há versões do poema de Poe para o português assinadas por Machado de Assis (1883), Emílio de Menezes (1917), Fernando Pessoa (1924), Gondim da Fonseca (1928), Milton Amado (1943), Benedicto Lopes (1956), Alexei Bueno (1980) e Jorge Wanderley (1997); além de paródias e peças em cordel. Nossos problemas para perceber as sutilezas das diferenças nessas traduções acabaram por obra e graça do poeta escritor e tradutor Ivo Barroso, que reuniu e comentou as versões portuguesas e francesas (Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé e Didier Lemaire) do poema magno de Poe no livro “O Corvo” e suas traduções (4ª edição aumentada, pela SESI-SP editora, 2018).

Edgar Allan Poe (1809-1849) teve a vida marcada pela miséria, a desgraça e o alcoolismo; como resumem as suas biografias. E, embora o próprio Poe, no ensaio A filosofia da composição, tente nos convencer que O Corvo foi um poema escrito racionalmente, fruto de uma fórmula que se começa a escrita do fim para o começo, Ivo Barroso considera isso pouco crível, pois, se tal fosse, por qual razão o próprio autor não a teria utilizado outras vezes. Afinal, como

frisou Poe, “um poema só o é quando emociona”. E para emoção não existe fórmula pronta. Só o talento inato seria capaz de criar o refrão obsessivo que se traduz na expressão-chave “nothing more/nevermore” que no português viraria o sonoro “nada mais/nunca mais”. E, criar um corvo falante que quando interrogado responde com o costumeiro “Nunca mais”.

Vamos começar pelo The Raven, original de 1845, apresentando apenas a primeira estrofe e suas traduções mais conhecidas, compiladas do livro de Ivo Barroso. Assim escreveu Edgar Allan



Poe (eis uma boa oportunidade para testar o seu inglês do século XIX): Once upon a midnigt dreary, while I pondered, weak and weary,/ Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,/ While I nodded, nearly napping, suddenly, there came a tapping,/ As of some one gently

rapping, rapping at my chamber door./ “Tis some visitor”, I muttered, “tapping at my chamber door - / Only this, and nothing more”. (...)

Machado de Assis, em 1883, contaminado pelos vezos parnasianos da época não conseguiu fazer o seu melhor e tropeçou na métrica do original: Em certo dia, à hora, à hora/ Da meia-noite que apavora,/ Eu, caíndo de sono e exausto de fadiga,/ Ao pé de muita lauda antiga,/ De uma velha doutrina, agora morta,/ Ia pensando, quando ouvi à porta/ Do meu quarto um soar devagarinho,/ E disse estas palavras tais:/ “E alguém que me bate à porta

de mansinho;/ Há de ser isso e nada mais”. (...)

E Fernando Pessoa, quem, admitese, pela genialidade e ser bilingue, aglutinaria todas as credenciais para alcançar a tradução ideal, também não conseguiu, em 1924, ao exagerar no uso de gerúndios e pretéritos: Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,/ Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,/ E já quase adormecia, ouvi o que parecia/ O som de alguém que batia levemente a meus umbrais./ “Uma visita”, eu me disse, “esta batendo a meus umbrais./ É só isto, e nada mais”. (...)

Carlos Heitor Cony, em capítulo que assina no livro “O Corvo” e suas traduções, compartilha com Ivo Barroso a preferência pela tradução de Milton Amado, de 1943, que se destaca tanto do ponto de vista de técnica de tradução como de fidelidade interna ao poema. Pode ser encontrada em Poesia e prosa (Obras completas) de Edgar Allan Poe, editora Globo, de Porto Alegre, 1943. Espero que você tenha sido apresentado ao Corvo por intermédio dessa tradução: Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e sombria,/ a ler doutrinas de outro tempo em curiosísimos manuais,/ e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,/ tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar./ “E alguém – fiquei a murmurar – que bate à porta, devagar; / sim, é só isso e nada mais”. (...)

Não conhecia O Corvo? Ou quer saber mais sobre “O Corvo” e suas traduções? Então compre e leia o livro do Ivo Barroso.

(Gilberto R. Cunha, presidente da Academia Passofundense de Letras, gestão 2020-2022.)



Av. Brasil Oeste, 792 - CEP 99010-001 - Passo Fundo - RS